

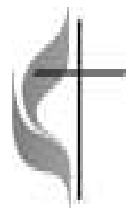
O MELHOR DO

Recriar

a Escola Dominical



O MELHOR DO
Recriar
a Escola Dominical



Igreja Metodista
2ª Edição – Eletrônica
CONEC - Coordenação Nacional de Educação Cristã

EXPEDIENTE DA PRIMEIRA EDIÇÃO

**Coordenação Nacional de Ação Docente
da Igreja Metodista**

Ano 2001

Coordenador Nacional de Ação Docente:

Stanley da Silva Moraes

Coordenadora para Escola Dominical:

Izilda Castro Neves

Coordenadora de redação:

Têca Greathouse

Conselho Editorial:

Izilda Castro Neves, Léia Alves de Souza,

Samuel Fernandes, Têca Greathouse e

William de Melo

Projeto Gráfico e Editoração:

Click Comunicação

Revisão:

Cristina Paixão Lopes

Hideilde Brito Torres

Ilustrações e Ilustração da capa:

João Marcos

Arte da Capa:

Click Comunicação

EXPEDIENTE DA EDIÇÃO ELETRÔNICA

PUBLICAÇÃO

Coordenação Nacional de Educação Cristã - CONEC da Igreja Metodista

Ano 2010

Título do Volume:

O Melhor do Recriar 1

Número do Volume: 1

Impresso Eletrônico

IGREJA METODISTA

João Carlos Lopes (Bispo Presidente)

SECRETARIA EXECUTIVA PARA VIDA E MISSÃO

Joana D'Arc Meireles

COORDENAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ - CONEC

Coordenadora: Renilda Martins Garcia

Bispo Assessor: Josué Adam Lazier

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL - DNED

Coordenadora: Andreia Fernandes Oliveira

Bispo Assessor: Josué Adam Lazier

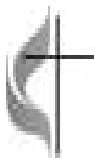
ORGANIZADORAS DESTA PUBLICAÇÃO

Renilda Martins Garcia

Hideilde Brito Torres

REVISÃO

Hideilde Brito Torres



Sede Nacional da Igreja Metodista:
Av. Piassanguaba, 3043 • Planalto Paulista
São Paulo/ SP • 04060-004
conec@metodista.org.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA	
A Missão da Igreja e a Escola Dominical	9
Identificação da aprendizagem	10
Planejando a organização e o funcionamento da Escola Dominical	12
Avaliando a Escola Dominical e sua literatura	14
Repensando a abertura e o encerramento da Escola Dominical	15
Conhecendo e compreendendo	16
O Juvenil e a Escola Dominical	19
A Escola Dominical pode e deve ser uma experiência prazerosa	21
Preparando os estudos para a classe de Escola Dominical	22
Roteiro para o planejamento de um estudo	23
O uso dos meios de comunicação na educação cristã	24
Fazendo um mural para sua igreja	25
Como ensinar a Bíblia	26
O estudo bíblico deve ser dinâmico e participativo	29
O livro é um companheiro importante por toda a vida	30
Julho vem aí! É tempo de Escola Bíblica de Férias	31
Incentivando a participação da criança na vida da Igreja	32
Ensinando as crianças a respeitar as pessoas de todas as raças, etnias e culturas	32
Falando do Natal para as crianças	33
DATAS ESPECIAIS E ATIVIDADES	
Datas comemorativas	39
Juvenis celebram a Páscoa com as crianças	40
Jesus está vivo!	41
Comemorando a Páscoa com alegria	42
A Esperança da Vida	43
Poesia	44
Sugestões para a comemoração do Dia das Mães	45
Uma dramatização para Pentecostes	47
Pentecostes	49
Natureza – Maravilhoso presente de Deus	50
Dia do Amigo e da Amiga	51
Poesias	52
Um relógio para o/a Amigo/a	52
Festa do Papai	53
Cartão para o Dia dos Pais	56
Recursos ainda pouco explorados na Escola Dominical	57
Jovens relembram a história da Escola Dominical	58
Tenho Esperança	59
Conhecendo a Escola Dominical	60
3º Domingo de Setembro: Dia da Escola Dominical	60
Direitos da criança na comunidade de fé	61
A vocês, professoras e professores, com carinho	61
Os três queriam ser rei	62
Bonecos de cabo de vassoura	63
Dia de Ação de Graças	64
Celebrando o Advento	65

Preparando a Igreja para viver o Advento e o Natal	69
Celebração de Natal	70
Compartilhando a alegria do Natal	72
Jesus, o melhor amigo	73
Vamos anunciar o Natal?	73
O festival de Natal vai começar	74
Natal! Festa para quem?	75
Fazendo arte	76
A constante transformação da vida	77
Uma paráfrase do Natal	78
A finalidade do Natal	78
LITURGIA	
Calendário	81
Você conhece os símbolos da Páscoa?	83
Celebrando a Páscoa	85
Celebração da Ressurreição: Quando Jesus vive em nós!	90
Celebração de Páscoa	92
Celebrando a família no Dia das Mães	93
Celebrando O Dia das Mães	95
Crianças celebram o Pentecostes	97
Onde está o Reino de Deus?	98
Uma Árvore chamada Escola Dominical	100
Duas celebrações para o Dia da Escola Dominical	102
Celebrando a alegria de ensinar	105
Símbolos Natalinos	107
O Natal está chegando. É tempo de Advento	110
Natal: esperança, alegria, paz e amor	111
Advento e Natal, tempo de repartir	114
Celebramos o Deus que escolhe estar entre nós	117
Natal: a nova lei do amor	119
Celebração de Natal: O que eu posso ofertar!?	122
REFLEXÕES	
Professores e professoras, fundamentais no processo de aprendizagem	127
Recriar a Escola Dominical do novo milênio	128
Ensinar?! Aprender?!	129
A Escola Dominical e a formação espiritual do/da metodista	131
A mensagem da Páscoa	133
Na Páscoa, sentimos saudades: celebramos o Cristo ressurreto	133
Conhecendo melhor a questão indígena	134
Semana dos Povos Indígenas	136
A família está em crise?	138
Unidade Cristã	140
Festa das Semanas ou Pentecostes	141
A Terra, nossa casa	142
Humano sim, pelo caminho das aprendizagens	143
Relembrar, Refletir e Recriar	144
Sexualidade e Afetividade	145
Dia da Pessoa Idosa	146
O idoso, a família e a comunidade	149
Dia da criança	151
Dia do Professor/a	152
Eleições municipais, e daí?	153
Racismo	154
O sagrado se fez gente	156
O futuro chegou!	157

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

“O Melhor do Recriar” é uma seleção do que de melhor foi publicado nos cinco anos do nosso Boletim Recriar. Ele contém orientações pedagógicas, atividades e datas especiais, liturgias para as principais datas do calendário litúrgico e reflexões. É uma coleção de materiais indispensáveis para professores, professoras, coordenadores, superintendentes de Escolas Dominicais, pastores e pastoras e para todos aqueles/as comprometidos/as com a educação cristã.

“O Melhor do Recriar” é também fruto do anseio dos professores e professoras das Escolas Dominicais espalhadas pelo país. Em novembro de 1996 foi lançado o número “zero” do Boletim Recriar. Naquela ocasião o bispo honorário, Nelson Luiz Campos Leite, escrevia: “A Escola Dominical exerce papel de grande influência na vida de seus alunos e alunas, especialmente na formação das crianças, juvenis e jovens. Neste processo de ensino, utilizamos, além da Bíblia, vários recursos: revistas, oração, métodos e meios didáticos, instrumentos tecnológicos e outros. Todavia, o mais importante deles é a figura do professor e da professora.”

Dezesseis edições do boletim já foram publicadas com contribuições vindas de todos os cantos do Brasil. Porém, muitos professores e professoras não puderam colecioná-los. Daí, a nossa decisão em editar esta coleção. Nossa esperança é alcançar, com ela, um número ainda maior de pessoas.

“Para que a tua confiança esteja no Senhor, quero dar-te hoje a instrução”. Que “O Melhor do Recriar” seja um instrumento especial para que a educação cristã torne-se, cada vez mais, o “melhor” da Escola Dominical. São Paulo, abril de 2001.

Stanley da Silva Moraes
COORDENADOR NACIONAL DE AÇÃO DOCENTE
IGREJA METODISTA

APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (Lm 3.21) não apenas nos momentos de dificuldade, mas também para comemorar, celebrar e nos alegrar. A memória é algo muito especial, dado por Deus às pessoas. Como é bom lembrar as antigas experiências, os relatos e vivências na igreja, liturgias, canções que nos levam a bons momentos com Deus... Por tudo isso, disponibilizamos, eletronicamente, todo o conteúdo do livro “O Melhor do Recriar a Escola Dominical.”

Este livro é uma importante ferramenta para a Escola Dominical, bem como para os diversos segmentos da vida da Igreja pela diversidade de material educativo que o compõe.

Agora por meio do nosso site, poderemos ter acesso a esta obra, sempre revisitando-a e utilizando-a. Nossa esperança em Cristo, sempre viva e atual, nos leva a acreditar que esse recurso é muito importante para a Educação Cristã na Igreja Metodista, mas principalmente na Igreja local, por seu conteúdo didático pedagógico. E, além disso, sabemos que, foi elaborado com muito amor e carinho por diversos escritores e escritoras para este fim.

“A graça de Deus se manifestou salvadora a todas as pessoas, educando-nos” (Tt 2.11-14). Por isso, cremos no ministério da Educação Cristã para fortalecer nosso compromisso com Deus, ensinar-nos a obedecer aos Seus mandamentos, a viver de modo integral, bem como a experimentar a variedade de experiências na perspectiva do Reino de Deus. Assim, o livro “Melhor do Recriar a Escola Dominical” oferece conteúdo para a vivência e para a prática cristã daqueles/as que exercem a missão de educar.

Com carinho e estima,

Renilda Martins Garcia
COORDENADORA NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ - CONEC

Andreia Fernandes Oliveira
COORDENADORA DEPARTAMENTO NACIONAL DA ESCOLA DOMINICAL

Josué Adam Lazier
BISPO ASSESSOR DA CONEC



ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

A Missão da Igreja e a Escola Dominical

A missão da Igreja é anunciar o evangelho. Para realizar sua missão, a Igreja deve desenvolver a formação de seus membros, para que possam anunciar a palavra e servir a Deus na promoção de Seu Reino.

A Escola Dominical é um dos meios através do qual a Igreja cumpre sua tarefa educativa. E a importância desta função determina a grande motivação para que se continue fazendo com que a Escola Dominical seja uma ESCOLA VIVA.

A ESCOLA DOMINICAL E A COORDENAÇÃO

O papel da Coordenação da Escola Dominical

A Coordenação da Escola Dominical elabora seu programa de ação com base nas orientações do Plano Nacional da Igreja Metodista.

É preciso ter bem claro

- Qual o objetivo da Escola Dominical?
- Como desenvolver uma Escola Dominical permanente para todas as idades?
- Como programar as atividades da Escola Dominical?
- Como relacionar as atividades e conteúdos da Escola Dominical com os outros ministérios?

- Como realizar a formação das professoras e dos professores da Escola Dominical?
- Avaliar permanentemente as atividades.

São tarefas da Coordenação da Escola Dominical

a) Elaborar com a participação da equipe de coordenação, professores/as, e representantes das classes, o planejamento da Escola Dominical.

b) Organizar a prática da Escola Dominical:

- abertura
- estudo
- encerramento
- relatórios
- avisos
- reuniões da coordenação
- reuniões com as professoras e os professores

c) Estabelecer contato com o pastor ou pastora para verificar o entrosamento com a pastoral da igreja:

- conteúdo
- visitas
- recursos
- revistas

d) Cuidar da formação das professoras e dos professores:

- permanente crescimento na Palavra de Deus, na opção por Jesus Cristo e no serviço ao próximo

- encontro regular para oração em grupo (persistência)
- planejar o processo de formação continuada
- formação da biblioteca
- troca de experiências
- outros

e) Participar dos encontros ministeriais da igreja.

f) Participar da Coordenação Local de Ação Missionária para integração.

g) Avaliação das atividades, sempre à luz do planejamento elaborado e das necessidades de renovação.

Izilda de Castro, 3ª RE

Identificação da aprendizagem

Quando se fala em aprendizagem, costuma-se mencionar atividades cognitivas, tais como pensamentos, linguagem, atenção e raciocínio. Os/as professores/as, quando preparam suas aulas, preocupam-se com a organização lógica e a coerência do material que irão apresentar aos alunos/as, de modo que possam compreender bem o que será ensinado. Procura-se respeitar o grau de desenvolvimento intelectual do/a aluno/a e não exigir dele/a algo que esteja acima de sua capacidade de compreensão, de concentração, do seu nível de linguagem.

Não há dúvida de que essas preocupações são essenciais para quem pretende ensinar bem. Este breve texto pretende, no entanto, chamar a atenção para outros aspectos ligados ao processo ensino-aprendizagem e que nem sempre têm tido o destaque merecido. Refiro-me aos aspectos afetivos presentes em toda relação entre professor/a e aluno/a. Especialmente, o processo de aprendizagem conhecido como identificação, no qual esses aspectos desempenham um papel fundamental. Esse processo foi descrito por Freud e é apontado pela psicanálise como um importante fator no desenvolvimento do ser humano, particularmente, no estabelecimento de sua identidade.

O papel que a identificação desempenha na aprendizagem humana pode ser observado claramente logo nos primeiros anos de vida, quando os modelos de aprendizagem mais importantes ainda estão no ambiente familiar. A criança pequena geral-

mente quer ser como o papai ou a mamãe. Muitas vezes, a menina coloca os seus pequenos pés nos sapatos da mamãe, põe também o seu vestido, pendura uma bolsa no ombro e aparece diante dos adultos toda satisfeita! Com o menino é semelhante. Ele veste as roupas do pai, pega suas ferramentas ou pasta e começa a andar pela casa como se tivesse sérios compromissos!

O que essas crianças estão demonstrando? Ora, nada mais, nada menos do que o desejo de ser como o papai ou a mamãe; isto é, de crescer, de ser adultos/as. Mas, podemos perguntar: o que move a criança a querer ser como seus pais? Embora essa questão seja complexa, sabemos que um dos elementos básicos para o desejo de aprendizagem (querer ser como adulto) é o afeto. Ou seja, a criança admira e ama os pais. Por isso, quer ser como eles. Às vezes, tem também inveja e ciúmes dos pais, o que pode ser também um fator que impulsiona o desejo de crescer. De qualquer maneira, seja por amor, ciúme ou competição, o fato de os pais, aos olhos da criança, serem figuras admiráveis é que desperta nela o desejo de ser como eles.

Outro momento privilegiado para se observar o importante papel da identificação na aprendizagem é durante a adolescência. Vemos os/as adolescentes imitando os seus ídolos esportivos ou artistas, procurando vestir-se e comportar-se como eles. São também muito identificados/as com seu grupo de amigos, de tal modo que a maneira de vestir, falar e

pensar torna-os/as muito semelhantes, gerando, com frequência, conflitos com os pais. Sabemos que a adolescência é a transição da infância para a vida adulta e o momento no qual o processo da identidade é completado.

Verificamos também, que tais como a criança, as pessoas com as quais os/as adolescentes procuram se identificar são as que são importantes para eles/as, os/as amigos/as, seus ídolos. Uma vez mais verificamos o lugar essencial do vínculo afetivo.

Mesmo na vida adulta, embora de maneira mais atenuada, o processo de identificação ainda exerce o poder estimulador da aprendizagem. Quando ouvimos uma conferência na qual percebemos um grande conhecimento, sabedoria ou humildade do/a autor/a ou quando tomamos conhecimento da vida de um/a grande cientista ou missionário/a, que nos desperta admiração, somos internamente estimulados/as a crescer e nos aperfeiçoar.

E o que provoca isso em nós, são muito mais os sentimentos de admiração e reconhecimento que a pessoa do/a outro/a nos desperta do que o conteúdo puramente intelectual de suas idéias ou experiências, ou a forma didaticamente ordenada com que nos foram apresentadas.

Um esclarecimento importante acerca da identificação é que ela não se trata apenas de um processo de imitação. A identificação, embora contenha elementos de imitação, especialmente em suas fases iniciais, vai muito além disto. Admirar o/a outro/a e querer ser como ele/a não é

simplesmente copiá-lo/a, mas tomá-lo/a como inspiração e referência na construção da nossa própria identidade. Muitas pessoas de talento começaram imitando alguém que apreciavam e, a partir dessa base, acrescentaram elementos próprios que lhes conferiram singularidade e originalidade.

A identificação é um processo de elaboração e síntese interior muito diferente do mascaramento da própria personalidade. Ao contrário, a identificação é o processo de construção de si mesmo/a, por meio de uma interação afetiva, criativa e singular com as pessoas que, por alguma razão, destacamos das outras.

Não podemos pensar também que a identificação é um processo plenamente consciente. Muitas de nossas identificações são inconscientes. Não nos damos conta de que as estamos fazendo e elas se incorporam ao nosso modo de ser sem que tomemos consciência.

EDUCAÇÃO CRISTÃ E IDENTIFICAÇÃO

Sem nos esquecermos de que o “Espírito de Deus sopra onde quer”, podemos supor que o processo de Educação Cristã não é diferente de outros processos de aprendizagem. E, se existe diferença, esta talvez deva ser buscada nos processos de identificação.

O que faz com que um/a professor/a de ED seja um/a bom/boa professor/a? O que faz com que um/a pastor/a seja um/a bom/boa pastor/a? O preparo didático, acadêmico, cultural? Não há dúvida de que esses são aspectos importantes. Mas há um outro aspecto no qual as capacidades intelectuais precisam se integrar. É a própria pessoa do/a mestre/a. Precisamos de professores/as e pastores/as admiráveis. Precisamos de mestres/as que façam com que prestemos atenção ao que ensinam porque seu modo de ser, suas atitudes nos encham de admiração e respeito, servindo como estímulo e desafio para a nossa própria formação e aperfeiçoamento. Na vida secular, nos lembramos de nossos/as mestres/as muito mais pelas

atitudes que tinham para conosco, para com a própria vida e para com sua tarefa de ensinar, do que pelo conteúdo programático que nos ensinaram.

Assim, somos capazes de nos recordar do/a professor/a de Ciências devido à sua dedicação e entusiasmo e não tanto porque nos recordamos dos pontos da matéria. Lembramos do/a professor/a de Português devido ao seu bom-humor e seu amor à literatura. Muitas pessoas decidiram suas carreiras profissionais a partir do contato com mestres que lhes causavam admiração pela competência no seu ramo de conhecimento e pelas atitudes que tinham. Outras pessoas adquiriram atitudes preconceituosas para com algum ramo do conhecimento porque tiveram professores/as incompetentes ou inábeis.

Quando pensamos na Igreja ou na Educação Cristã, em que estamos pensando? Que atitudes ou valores queremos transmitir? Se queremos transmitir a fé em Cristo, precisamos de professores/as e pastores/as que, mais do que discorrer sobre a fé, possam vivê-la de tal modo que causem admiração e despertem no íntimo das pessoas o desejo de ser como eles/as. Se queremos transmitir o amor ao próximo, necessitamos de mestres/as que nos assombrem com sua capacidade de amar a ponto de nos sentirmos pessoalmente desafiados/as a superar o nosso egoísmo. Se queremos desenvolver a reverência a Deus, precisamos de pessoas capazes de uma atitude de devoção e respeito ao Senhor de modo a nos causar espanto ante a nossa própria indiferença para com o Sagrado.

Nas camadas mais profundas de nossa mente, estamos muito mais atentos/as a quem e como a pessoa é do que ao que ela ensina. A identificação é um processo de aprendizagem que fixa atitudes, e não somente conceitos intelectuais. Por isso, é da maior importância o modo como o/a professor/a trata a sua matéria, os/as alunos/as e sua postura diante das várias questões que lhe são colocadas no dia-a-dia (cumprimento do que foi proposto, seriedade e responsabilidade, respeito aos/as alunos/as...).

Não é de grande utilidade para o/a aluno/a ficar com a cabeça cheia de conceitos (muitas vezes mais confusos e descontextualizados) se ele/a não desenvolveu atitudes pessoais que lhe possibilitem pôr em prática o que está aprendendo. É por isso que muitas vezes a tentativa de ensinar fracassa. Se não estivermos atentos/as ao desenvolvimento de outros aspectos do aprendizado, especialmente aqueles que envolvem o papel da afetividade, tais como a formação de atitudes e o conseqüente desenvolvimento de posturas, o ensino que proporcionamos estará muito empobrecido. Ocorre no entanto, que os processos de identificação estão associados ao que a pessoa é e não necessariamente ao que ela ensina.

Nesse sentido, o/a bom/boa professor/a é quem procura se desenvolver como pessoa de tal modo que desperta no/a aluno/a o desejo de crescer. Isso não significa, evidentemente, que precisamos ser muito desenvolvidos/as em todas as áreas de nossa vida. A identificação, na maioria das vezes, é parcial. Uma pessoa pode ter vários aspectos dos quais não gostamos. Isso não impede de apreciarmos algum aspecto de sua personalidade ou do seu trabalho, com o qual procuramos nos identificar.

Podemos afirmar que, se quisermos dar um bom ensino cristão, precisamos de professores/as exemplares, tanto na sua maneira de tratar os temas em estudo, como também aos/as alunos/as e, mais ainda, exemplares em suas atitudes e modo de viver. Exemplar não é sinônimo de perfeição. Ao contrário, exemplar é a pessoa capaz de admitir e reconhecer seus erros e limitações e, por isso, tem uma atitude permanente de aprendizagem. Assim, não precisa refugiar-se em um falso saber que o/a afasta emocionalmente dos/as outros/as, impedindo assim os mais fecundos processos de aprendizagem e crescimento.

*Almir Linhares de Faria
Igreja Metodista Central em
Campinas, 5ª RE*

Planejando a organização e o funcionamento da Escola Dominical

- Você já parou para refletir sobre a importância da Escola Dominical?
- Já considerou os objetivos do ensino secular e do ensino religioso?
- Já pensou nos resultados práticos do ensino religioso na vida das pessoas?

A ESCOLA DOMINICAL E A IGREJA LOCAL

A Igreja Metodista no Brasil dá grande ênfase à Educação, tanto no aspecto secular quanto cristão. Existem inúmeras escolas metodistas. No campo teológico, existem os seminários regionais e a Faculdade de Teologia, que preparam pastores, pastoras, leigos e leigas para o serviço ministerial.

E a Igreja local? Como ela participa do ensino religioso? Certamente, um dos mais fortes meios é a Escola Dominical, nossa querida e importante agência de ensino, testemunho e convívio em comunidade de fé.

O QUE É A ESCOLA DOMINICAL?

A Escola Dominical é a organização da igreja local que reúne pessoas de todas as idades, membros ou não, para a Educação Cristã (Cânones da Igreja Metodista, 1971, art. 45). Então, sendo a finalidade da Escola Dominical a educação cristã, é preciso conhecer o conceito de educação cristã da nossa igreja.

“A educação cristã é processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé, e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num compromisso com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras”. (Plano para a Vida e Missão)

A tarefa da Escola Dominical, como agência de educação cristã é, portanto, ministerial. Esse ministério é muito necessário e, por isso, deve ser exercido com muita responsabilidade, dedicação e planejamento, visando a edificar a igreja e sinalizar o reino de Deus, pela comunhão e crescimento do amor e da justiça.

Levar o ensino e a educação cristã de qualidade ao maior número de pessoas possível é um desafio que pode ser respondido de diversas formas, considerando-se as necessidades, as lideranças e, principalmente, o contexto da igreja local. Entretanto, uma necessidade é comum a todas as igrejas: a boa coordenação do Ministério do Ensino. Uma coordenação capaz de estimular o processo de planejamento, orientar o desenvolvimento dos trabalhos, avaliar, delegar, motivar as ações e servir de ligação entre os envolvidos.

PLANEJAMENTO

O sucesso de qualquer trabalho ou ação depende de um bom planejamento. O trabalho da Escola Dominical não é diferente.

É preciso planejar todos os passos detalhadamente e de forma participativa, envolvendo pastores e pastoras, professores e professoras, alunos e alunas, numa ação coerente com os princípios de uma igreja ministerial, como é a nossa Igreja Metodista.

Para se fazer o planejamento da Escola Dominical, é preciso definir objetivos e metas.

DEFININDO OBJETIVOS E METAS PARA O ANO

O/a superintendente, coordenador ou coordenadora do Ministério de Ensino precisa refletir sobre o que pretende com seu trabalho, aonde quer chegar. Essa reflexão deve ser feita na humildade e reconhecimento de que a missão é de Deus. É ele quem nos capacita para a realização da sua obra; os planos e os propósitos são dele. Por isso, importa que reconheçamos o seu senhorio; que nos coloquemos em suas mãos e peçamos orientação e inspiração.

As reflexões sobre os objetivos e as metas da Escola Dominical devem envolver, como já dissemos anteriormente, o pastor e a pastora da Igreja, a equipe da Escola Dominical e os representantes das várias classes de alunos. As metas e os objetivos fixados devem corresponder à real necessidade da igreja local e ser compartilhados com todos. O número de objetivos a ser estabelecido não tem importância. O que importa, de verdade, é que expresse a tomada de decisão frente à situação real da Escola Dominical.

Para ajudar no processo de definição desses objetivos, distribua um pequeno questionário contendo perguntas que levem as pessoas a dizer o que pensam da Escola Dominical e como ela deverá ser ou funcionar. De posse das respostas e levando em consideração o potencial da sua igreja e da sua comunidade, faça uma reunião com toda a equipe para estabelecer os objetivos a ser atingidos e as prioridades de ação.

As metas são mais quantitativas. Trata-se de fixar, em número ou porcentagem, o que se pretende. Ex.: aumentar em 50% os alunos da Escola Dominical, ou ainda, atingir o alvo de 200 alunos matriculados, etc.

PLANEJANDO O TRABALHO DA ESCOLA DOMINICAL NO DECORRER DO ANO

Com o objetivo de planejar todo o trabalho da Escola Dominical de sua igreja para o ano, faça, no mês de fevereiro, uma reunião com toda a equipe envolvida no ministério de ensino.

a) Organizando a reunião

- Marque um horário que seja conveniente para a maioria das pessoas envolvidas.
- Convoque a reunião dizendo o que vai ser tratado: planejamento da Escola Dominical.
- Determine a hora de início e término.
- Faça a abertura com uma pequena devocional, orando ou pedindo a alguém que ore pelo encontro e pedindo a direção de Deus para as decisões que serão tomadas.
- Fale agora do objetivo (do moti-

vo) da reunião e encaminhe a pauta. Ex.: *Assuntos para a reunião (pauta)*

1. Apresentação das revistas da Escola Dominical
2. Planejamento das atividades do ano:
 - a) Celebrações (com todas as classes). Ex.: família, Páscoa, Natal, etc.
 - b) Capacitação de professores e professoras de Escola Dominical.
 - c) Identificação e organização de recursos humanos e materiais.
3. Outros: pensar, discutir e/ou elaborar formas criativas para a abertura e o encerramento da Escola Dominical, etc.

- A partir daí, coordene as trocas de idéias, dando oportunidade para que todos emitam suas opiniões;
- Antes de encerrar a reunião, leia para todos o que foi planejado, verifique se está claro e se todos concordam com o que foi feito;
- Encerre a reunião com um breve momento de intercessão pelos professores e professoras, agradecendo a Deus pelos seus dons e pelo grande privilégio de poder participar neste ministério.

b) Fazendo o Planejamento

(adaptado da Revista Fé & Nexo – subsídios para liderança, nº 1, 1ª RE)

- Faça um levantamento das necessidades do grupo com o qual está trabalhando (neste caso, alunos e alunas da Escola Dominical).
- Liste as atividades que poderão ser feitas para atender a essas necessidades e responda as seguintes perguntas:
O que vamos fazer? Dar nome à

atividade que pode ser feita.

Por quê? Respondendo a esta pergunta será estabelecida a razão da realização da atividade.

Para quê? Com esta pergunta se estabelece o objetivo, o que se quer alcançar com a atividade, quais os resultados esperados.

Como? Estabelecer as estratégias que precisam ser adotadas para realizar a atividade. Listar os recursos humanos e os materiais necessários. Detalhar a realização da atividade.

Quando? O tempo necessário para o desenvolvimento da atividade.

Quanto? O orçamento, o valor em dinheiro necessário para cada etapa da atividade e como consegui-lo.

Realização das atividades

É a execução do que foi decidido no planejamento.

Coordenação

É o acompanhamento do desenvolvimento das atividades, correções necessárias, apoio e incentivo aos grupos de professores, professoras, alunos e alunas.

Avaliação

É um processo importantíssimo. Deve ser feito não só no final, mas em alguns momentos no decorrer do desenvolvimento das atividades. Com a avaliação, percebe-se os pontos positivos que deverão ser reforçados e os pontos negativos que precisam ser eliminados ou revistos.

E, finalmente, volta-se a pergunta “para quê?”, a fim de se constatar se todos os objetivos foram alcançados com as atividades.

SUGESTÃO DE FORMULÁRIO PARA RESUMO DO PLANEJAMENTO

O QUÊ? Tarefa	POR QUÊ?	PARA QUÊ?	COMO?	QUANDO? datas e horários	QUANTO?	AVALIAÇÃO

Avaliando a Escola Dominical e sua literatura

O Dia da Escola Dominical é celebrado no terceiro domingo de setembro. Nessa data, nada melhor do que fazer uma avaliação da nossa querida Escola e sua literatura.

COMO É A ESCOLA DOMINICAL DA SUA IGREJA?

a) Parte administrativa

1. Professores/as e alunos/as recebem suas revistas com regularidade (na data certa)?

2. O horário da escola satisfaz? É respeitado? Há tempo suficiente para o estudo da lição?

3. O quadro de professores/as está completo? Há professor/a substituto/a?

4. Os/as professores/as recebem apoio para desenvolver seu trabalho?

5. Há uma pequena biblioteca de livros ou material de consulta?

6. Exemplos das revistas, do Expositor Cristão, da Voz Missionária ou de outro periódico metodista são arquivados para consulta?

b) A secretaria

1. As presenças dos/as alunos/as nas classes são registradas?

2. Os/as visitantes e novos/as alunos/as são bem recebidos/as?

3. O livro de chamada está atualizado, com o número de alunos/as, nomes completos e outras informações?

c) Parte financeira

1. A Escola Dominical tem orçamento? Esse orçamento faz parte do planejamento global do Concílio Local?

2. Tem recurso financeiro suficiente para adquirir as revistas para os/as professores/as e alunos/as?

d) Outros recursos disponíveis

1. As salas têm quadros-de-giz ou lugar para colocar cartazes e material visual?

2. De que outros materiais vocês dispõem?

e) Funcionamento da Escola Dominical

1. A abertura e o encerramento da Escola são integrados com o estudo das lições? Levam em consideração o calendário cristão?

2. Tem havido momentos especiais (concursos, gincanas) na Escola Dominical? Trouxeram resultados positivos, negativos ou contraditórios?

3. A Escola Dominical promove a integração de seus membros (reconhecimento dos aniversariantes e visitantes, visita a enfermos, momentos de fraternidade, anúncio de festas e formaturas dos/as alunos/as)?

4. As datas especiais do calendário litúrgico são observadas? Quais? Como?

5. Que sugestões você daria para

melhorar a celebração dessas datas?

f) Caráter evangelizante da ED

1. Os/as alunos/as são incentivados/as a testemunhar e compartilhar sua fé com as demais pessoas?

2. Os/as alunos/as convidam outras pessoas para participar? Os/as convidados/as são bem recebidos/as?

3. A Escola Dominical mantém alguma classe em pontos de avanço evangelístico?

4. Existe trabalho especial para os pais e familiares das crianças que participam da Escola Dominical, de escolas bíblicas de férias ou classe em pontos de avanço evangelístico?

g) Parte pedagógica

1. Os professores/as recebem capacitação? Há orientação para o uso das revistas e material didático?

2. Há reunião de professores/as para planejamento e avaliação?

h) Parte espiritual

1. Os/as professores/as da Escola Dominical reconhecem sua tarefa como parte do seu testemunho cristão?

2. A Escola Dominical oferece algum apoio espiritual aos/as professores/as?

3. Os/as professores/as buscam apoio espiritual para desempenhar suas tarefas? Qual? Como?

Repensando a abertura e o encerramento da Escola Dominical

Dependendo do que cada igreja local pretende com sua Escola Dominical, ela fará a abertura e o encerramento deste ou daquele modo. É bom, portanto, que se tenha muita clareza sobre os objetivos desses momentos. Conversem sobre o assunto; falem com o pastor ou pastora; definam juntos o porquê desses dois momentos da Escola Dominical e façam com que eles sejam mais significativos quanto for possível.

Use sua criatividade e planeje tudo com antecedência

Aqui vão algumas considerações:

As aberturas devem preparar os presentes para os trabalhos da Escola Dominical.

Pessoas da igreja ou da comunidade podem ser convidadas para fazer uma reflexão ou para tratar de temas de interesse e necessidade.

Os momentos de encerramento da Escola Dominical devem ser aproveitados para dar a toda a igreja uma síntese do que foi aprendido nas classes.

Não deixe que o tempo dedicado aos estudos, debates e troca de idéias sobre a lição seja sacrificado pela abertura ou encerramento da Escola Dominical. Os estudos são a razão de ser da Escola Dominical e merecem ser respeitados no que diz respeito ao tempo dedicado a eles.

Pense numa forma especial de fazer o controle de frequência dos alunos e alunas da Escola Dominical.

Exemplo:

Faça um quadro para sua igreja e nele coloque um crachá com o nome

de cada aluno da Escola Dominical. Arrume-os no quadro em ordem alfabética e peça aos alunos para retirá-los e usá-los no período da aula. Assim, durante a classe, só permanecerão no quadro os crachás dos alunos e alunas ausentes e você poderá registrar seus nomes.

Você pode variar essa forma de registro nas diversas classes ou criar outras, principalmente nas classes de crianças. Aqui vão outras idéias:

Peça a cada criança que traga uma flor natural na próxima aula. Antes que elas cheguem, arranje um vaso com água e coloque no centro da sala. Deixe que cada criança, ao chegar, coloque sua flor no vaso para enfeitar o ambiente. Depois, faça comentários de reconhecimento: 'Que linda está nossa sala com essas flores! Mas o que a faz mais alegre e bonita é a presença de vocês!'

Obs.: É bom que o professor ou a professora tenha flores reservadas para alguma criança que, por acaso, não leve a sua. Confira as flores e diga às crianças quantas elas são naquele domingo.

Providencie algumas balas e/ou bombons. Cole em cada doce o nome de um de seus alunos ou alunas. Ponha tudo num prato e peça que cada criança encontre seu nome ao chegar. Os doces que sobrarem no prato indicam os alunos e alunas ausentes. Registre seus nomes. Mande as balas e/ou bombons restantes para os ausentes, com um bilhete, dizendo o quanto eles e elas fizeram falta na classe da Escola Dominical.

Conhecendo e compreendendo

O professor e a professora devem conhecer a cada aluno e aluna individualmente. Também é de suma importância que conheçam as características comuns a determinada faixa etária.

Não se pode ensinar de maneira correta se não se sabe em que fase do desenvolvimento os alunos e alunas se encontram e quais as características comuns a essa fase.

O professor e a professora precisam estudar, com muito cuidado e atenção, as características e necessidades típicas da faixa de idade para a qual irão ensinar. Porém, não devem esquecer os casos em que o aluno ou a aluna pode não ter um desenvolvimento psicológico correspondente à sua idade cronológica. Isso é fundamental para nós, que exercemos o ministério da Educação Cristã em nossas igrejas.

As informações aqui contidas dão idéia, ainda que resumidamente, das características comuns a cada faixa do crescimento e do desenvolvimento humano, fornecendo também as implicações delas decorrentes para o ensino. Estude essas relações, dando especial atenção ao grupo para o qual você irá ensinar.

Lembre-se de que todas as listas apresentadas são generalizações (em especial, na categoria “adultos”, que engloba todo o resto da vida da pessoa). Não se deve presumir que todos/as se comportem da mesma maneira ou que tenham um desenvolvimento sincronizado. Seria simplificar demais. Use essas listas como guias para o ensino, mas dê prioridade ao indivíduo.

BERÇÁRIO

Características

Físicas: Crescimento rápido, ati-

vidade, cansaço rápido, sentidos do gosto e do tato ávidos de estímulo.

Mentais: Aprendizado rápido a partir das coisas que o/a circundam; usam os cinco sentidos para aprender; têm imagem viva; vocabulário limitado, mas em crescimento; período curto de atenção.

Sociais: Egocêntricos/as, confiantes, amorosos/as e carentes de amor, cheios/as de medo, raiva e frustrações, felizes, brincam sozinhos/as, pouco sentimento de grupo.

Espirituais: Vêm a Deus como real e vivo, oram com facilidade, amam a Deus sem dificuldades, são imitadores/as, podem imaginar Jesus como um grande amigo, a Bíblia representa algo especial.

Implicações

- Necessidade de liberdade para mudar de atividade durante a aula.
- Fornecer material que possa ser sentido e manuseado. Deixar que olhem, sintam e toquem.
- Utilizar histórias que estimulem a “participação”. Ilustrar com figuras e objetos que possam segurar e “completar”.
- Usar métodos variados e breves.
- Ensinar a compartilhar, a amar e a confiar em Deus, no/a professor/a e nos outros/as.
- Oferecer oportunidades para a livre expressão.
- Tornar agradável o tempo passado na Escola Dominical.
- Ensinar a orar, a cantar, a adorar. Repetir versículos bíblicos fáceis de compreender.
- Atender a todos/as individualmente.
- Falar em voz baixa e ser calmo/a. Evitar barulho e confusão.
- Incluir, sempre que possível, um professor do sexo masculino.
- Desenvolver tanto programações

que requeiram atividade muscular como atividades tranquilas.

- Evitar o uso de símbolos nos cânticos e nas histórias, deixando-os/as livres para descobrir Deus.

CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS*

A criança de 2 a 4 anos adquire suas primeiras impressões sobre Deus e Jesus a partir de experiências, emoções e interação entre pais, professores e alunos. O exemplo de vida, as atitudes e valores da liderança, seu comprometimento e constância podem construir a base para a aprendizagem religiosa.

Mesmo que a criança não compreenda idéias abstratas sobre um Deus invisível, a experiência de alegria e de gratidão perante um mundo bonito e ordeiro comunica que Deus é amor e que podemos contar com ele. Os adultos que amam e cuidam da criança transmitem, por meio de seus atos, que Deus é como um pai ou uma mãe que cuida e ama seus filhos e suas filhas; que Deus é alguém a quem podemos amar e servir.

Para a criança pequena, Jesus é amigo tão presente hoje como no passado, que ajuda nas horas tristes e difíceis. Mesmo que todos os seus ensinamentos não sejam compreendidos, a criança pode apreciar suas histórias – tiradas da vida cotidiana e bem objetivas – que mostram que Deus nos ama, cuida de nós, ajuda-nos a crescer e exige respostas.

Numa atmosfera de amor e perdão, a criança aprende que erros acontecem, que essas experiências negativas podem servir para resolver problemas.

A participação em grupo no canto, na oração, na história e na brincadeira ajuda a criança a sentir que pertence à Igreja, um grupo especial que ama a Deus.

Usando palavras da criança, a oração é introduzida como uma conversa que acontece com Deus a qualquer momento. Orações de gratidão devem ser espontâneas, refletindo a situação. O louvor surge como expressão de alegria e maravilha.

As várias atividades que visam ao desenvolvimento total da criança ajudam a construir os conceitos: “eu sou amado”, “também posso amar”, “eu sou alguém”, “tenho capacidade de crescer, participar e contribuir para um mundo melhor”. Confiança, estabilidade e dependência em relação aos outros constroem a base da fé em Deus.

Em resumo, os frutos do Espírito – amor, alegria, paz, paciência, ternura, bondade, humildade, fidelidade, domínio próprio (Gl 5.22) – são características do ensino religioso e devem ser parte de nossas vidas, se vamos compartilhar nossa fé com as crianças.

Em Semente de Mostarda – vivenciando a Bíblia com crianças de 2 a 4 anos*, temos organizada a aula na seguinte seqüência, sempre lembrando do equilíbrio entre atividades movimentadas e tranquilas:

Criar um ambiente utilizando um objeto, um jogo, uma música, um passeio simulado ou uma experiência concreta relacionada com a vida, o conhecimento da criança pequena e o tema do dia.

O primeiro momento pode criar interesse, curiosidade, alegria e bem-estar que, por sua vez, levam a criança a querer participar de músicas, movimentos e outras experiências em grupo.

A história pode ser contada de muitas maneiras: utilizando-se recursos visuais, perguntas, movimentos, cantos, bonecos e brincadeiras, entre outros. Deve-se levar em conta que a criança pequena tem vocabulário limitado, é facilmente distraída e a duração do seu interesse é curta.

Uma pequena reflexão é possível, desde que as perguntas sejam simples e que se dê oportunidade para expressões espontâneas.

A expressão em partes plásticas ajuda a frisar verdades bíblicas e espirituais. A criança sente alegria e a sensação de vitória quando consegue produzir alguma coisa concreta. Ela

sente mais liberdade num ambiente em que pode escolher, descobrir e criar. Por isso, deve-se evitar moldes e modelos. Deve-se escolher materiais e experiências adequadas para seu desenvolvimento tanto físico quanto em termos de socialização. Ver, tocar, manipular, ouvir... Tudo o que ajuda a criança a construir e criar pode ser um recurso para levá-la a sentir a bondade de Deus e a ser agradecida.

Celebrar é compartilhar coisas vividas ou sentidas na aula. É celebrar o Deus da vida e agradecer pela comunidade cristã, que valoriza a todos e na qual todos cuidam uns dos outros. É desafiar a criança a participar do Reino de amor e partilha.

Conversando com professores, professoras, pais, mães, avós e avós, as seguintes atitudes foram destacadas como importantes no contato com a criança pequena: paciência, movimento, firmeza, bondade, alegria, espiritualidade, novidade, criatividade, repetição, tranquilidade, equilíbrio, humildade e amor, muito amor.

*Phyllis Reily

in *Semente de mostarda: orientação do trabalho de educação cristã com crianças de 2 a 4 anos.*

BEM-TE-VI JARDIM (5 E 6 ANOS)

Características

Físicas: crescimento rápido, desenvolvimento muscular, falta de boa coordenação, habilidade em certos jogos, agressividade, brincalhões, cansam-se com facilidade.

Mentais: curiosidade, período curto de atenção, imaginação rica, vocabulário limitado, praticidade (tomam tudo ao pé da letra), muita fantasia.

Sociais: egocêntricos/as, amistosos/as, imitadores/as, querem aprovação.

Emocionais: medo, excitação.

Implicações

- Tirar tempo para atividades físicas, dar-lhes alguma responsabilidade, variar o período das aulas.

- Responder com atenção às perguntas.

- Promover jogos que usem a ima-

ginação: ser claro/a, empregar palavras que eles/as conheçam; raciocinar com eles/as; exemplificar com histórias e auxílios audiovisuais.

- Ensiná-los/as a compartilhar; ser amigo/a, dar bom exemplo, demonstrar amor.

- Ensinar o amor de Deus, orientá-los/as em suas formas de expressão.

BEM-TE-VI I (7 A 9 ANOS)

Características

Físicas: ativos/as, crescimento irregular, abandono da primeira infância, querem “fazer”.

Mentais: período curto de atenção, levam tudo ao pé-da-letra, pensam de maneira concreta, imaginativos/as, raciocínio crédulo, interesse pelas necessidades físicas, observadores/as.

Emocionais: felizes, excitáveis, impacientes, simpáticos/as, precisam de segurança.

Sociais: amáveis com os/as companheiros/as da mesma idade e com o sexo oposto, egoístas, gostam de ajudar, necessitam de livre expressão, preferem atividades individuais.

Implicações

- Promover muitas atividades, oferecer oportunidades para a livre expressão.

- Variar os procedimentos.

- Ser claro/a e preciso/a, permitir que usem a imaginação, mas levá-los/as a distinguir o real do irreal, raciocinar com eles/as, usar auxílios audiovisuais.

- Divertir-se com a classe e ensinar com paciência.

- Ensinar a confiança em Deus, incentivar a solidariedade.

- Agrupá-los/as, ensinar a compartilhar, promover tarefas que dêem a oportunidade de colaboração, orientar a livre expressão.

BEM-TE-VI 2 (10 A 12 ANOS)

Características

Físicas: energéticos/as e ativos/as; crescimento físico lento, exceto os músculos; resistentes, vagueadores/as.

Mentais: poder de concentração e

raciocínio; fazem muitas perguntas; têm boa memória; gostam de colecionar e investigar; adoram histórias.

Sociais: organizam-se em grupos “clubes”; egoístas e impacientes; têm consciência do que é justo; culto aos heróis; menos tímidos/as; gostam de competir.

Emocionais: têm menos temores, mas gostam de experimentá-los de modo vicário; irritadiços/as; sentimentos mistos, são contra manifestações de afeição, raramente ciumentosos/as, tendência ao ódio forte; divertem-se com tudo, gostam de piadas.

Implicações

- Promover atividades ao ar livre.
- Raciocinar com eles/as e orientá-los/as em algum interesse especial.
- Encorajar o sentimento de “grupo”, por meio de tarefas para toda a classe; ensiná-los/as a escolher as boas ações e relações.
- Ser um guia e não um/a ditador/a; fazer com que se sintam queridos/as.
- Ensinar a dar valor à habilidade dos/as outros/as.
- Ajudá-los/as a aprender a controlar o gênio.
- Rir com eles/as na hora certa.

JUVENIS (12 A 14 ANOS)

Características

Físicas: mudanças e crescimento (meninas mais rapidamente), problemas com a pele e com a aparência, mudança de voz, consciência do sexo, um tanto desajeitados/as.

Mentais: capacidade de raciocinar e de inquirir; fazem escolhas; a memória melhora, “sonham” acordados/as; autoconsciência; julgamentos rápidos; ansiosos/as por respostas, mas aparentam indiferença.

Emocionais: instáveis, mal-humorados/as, inconstantes, solitários/as, ânsia de liberdade, incompreendidos/as, rebeldes, fracos/as.

Sociais: auge da idade da “turma”, desejo de aprovação social, laços de companheirismo, gostam de çaoar.

Implicações

- Atividades físicas como parte do currículo.
- Ajudá-los/as a compreender a si

mesmos/as por meio das lições, mostrar a visão cristã sobre os fatos da vida.

- Discussões em classe, enfatizando o cuidado que se deve ter nas opiniões, valores expostos e aceitos.
- Alternar o exercício mecânico da memória com a retenção de conceitos, colocar metas diante deles.
- Professor precisa ter compreensão e firmeza. A orientação deve ser feita com tato para que seja aceita.

JUVENIS (15 A 17 ANOS)

Características

Físicas: mudança de adolescência, saindo da fase desajeitada, maturação, dois extremos, muito sono e grande atividade.

Mentais: ativos/as e inquiridores/as, raciocínio, argumentação, debate, lembram-se de idéias, criativos/as, idealistas, independentes, dúvidas frequentes, querem testar.

Emocionais: românticos, saudáveis, emocionalmente instáveis.

Sociais: atração pelo sexo oposto, problemas de namoro, querem ajuda, não gostam de “sermões”, rebelam-se contra a autoridade, imitadores/as; às vezes, andam em rodinhas.

JOVENS

Características

Físicas: estão atingindo a idade adulta; a energia aumenta; época de grandes realizações.

Mentais: a capacidade de raciocínio está totalmente desenvolvida; época de grandes decisões e compromissos; independência intelectual, grande aprendizado; criatividade.

Emocionais: aproximam-se da maturidade e mais da estabilidade; estimativas animadas, menos medo e preocupações; interessados/as em sexo, amor e casamento.

Sociais: ampliam e aprofundam suas relações; procuram companheiro/a para a vida, alguns já estão casados; paternidade e maternidade, responsabilidade.

Espirituais: capazes de grande crescimento espiritual; estabelecem padrões de vida; época de provas.

Implicações

Atividade: oportunidade para servir.

Responsabilidades de adulto: apreciam discussões e sabem tirar proveito delas; têm princípios para tomar decisões (desafie-os/as a descobrir o plano de Deus para suas vidas); amplitude e profundidade no estudo bíblico. Muita responsabilidade, instrução religiosa sobre o lar e o relacionamento familiar.

Oportunidades variadas para associações: encontrar e fazer novas amizades, classes de jovens casados/as; responsabilidades com a paternidade, a maternidade e compreensão. Encorajar a tomada de decisões quanto aos princípios bíblicos; levá-los/as a almejar uma vida espiritual abundante. Necessitam de fé firme e da prática da Palavra, necessitam de uma visão cristã da vida e do mundo.

ADULTOS

Características

A idade adulta é, sob todos os aspectos, a idade da maturidade, a época de mais completa manifestação da vida, o tempo de grande produtividade, o apogeu e a queda do vigor físico.

Podem continuar aprendendo.

Época em que se manifesta a maior capacidade de discernimento, responsabilidades.

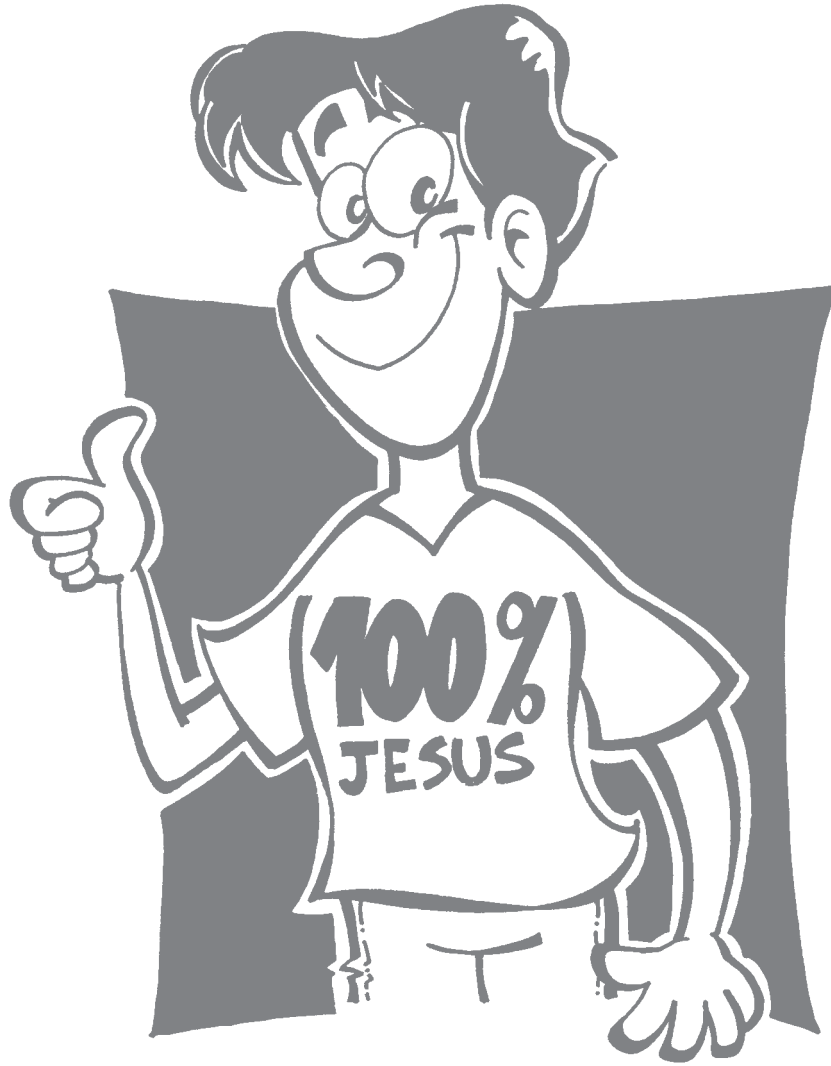
Amizades estáveis, grande ambição e força de vontade.

Implicações

A classe pode ficar sob a inteira responsabilidade dos/as alunos/as (metas de aprendizado e atividades).

Necessitam de firme estudo bíblico. As Escrituras são um guia para os princípios da vida, valores e prioridades.

Precisam de oportunidades para estabelecer serviços cristãos significativos e responsáveis.



O Juvenil e a Escola Dominical

Se você é uma daquelas pessoas que acreditam que juvenil não precisa de uma classe especial na Escola Dominical e que ele pode aprender as lições bíblicas juntamente com os jovens, espero que este material possa servir como argumentação contrária.

Para tanto, é necessário conhecermos as características espirituais do/a juvenil, que nesta fase sofre com os momentos de crise e de grandes decisões, tanto na área espiritual quanto nas demais áreas de sua vida.

1. O SURGIMENTO DE DÚVIDAS

Na infância, memorizamos conceitos bíblicos e doutrinas desacompanhados de uma reflexão pessoal crítica. Esta reflexão começa a ocorrer na adolescência. O que contribui para que o adolescente desenvolva convicções próprias e enraíze cada vez mais a sua fé em Deus. Nesta fase também, na escola secular, surgem assuntos que levam os juvenis a grandes questionamentos.

Suas principais dúvidas são:

- salvação (O que é, como sou salvo, confissão de pecados, perdão);
- criação/evolução (Bíblia X conceitos científicos);
- a Oração (será que Deus ouve nossas orações?);
- a Pessoa de Deus (Seus atributos e sua imagem);
- a Igreja e a Palavra de Deus (como caminhos para o juvenil crer em Deus e crescer na fé).

Estes são assuntos que basicamente devem ser vistos e revisados

nas aulas da Escola Dominical. O/A juvenil não estão interessados em lições complexas ou doutrinárias, buscam apenas entender a base bíblica e as razões para crescer na fé.

Outra preocupação que devemos ter é a de que os juvenis necessitam de lições altamente exemplificadas que os situem nos dias atuais. Toda a história do povo de Deus, seus testemunhos de fé e coragem de servir a um Deus vivo têm de ser narradas e depois contextualizadas. Temos de focar sempre a realidade dos/as adolescentes, seus problemas, dúvidas e lutas diante de um mundo que os/as atrai e influencia.

2. UMA CRENÇA POR CONVICÇÃO PRÓPRIA

O/A adolescente não mais aceita as afirmações por imposição. Agora há necessidade de explicações mais profundas, com argumentos e exemplos.

O/A professor/a não deve ser radical. Deve ser comunicativo para transmitir e compartilhar com muita segurança os conceitos bíblicos. Para que isto ocorra, o/a professor/a da classe de juvenis tem de gastar muito tempo em estudo bíblico, ter paciência, temor no Senhor e coerência de vida.

3. EM BUSCA DE UM IDEAL

Como já vimos, o/a adolescente está à procura de um modelo para seguir. Começará com os pais, parentes e amigos/as. Seja quem for, o/a professor/a tem de mostrar a pessoa de Jesus Cristo como exemplo ideal de vida a ser imitado.

Temos de incentivar seu relacionamento e comunhão com o Senhor.

Temos de levá-lo/a a um conhecimento mais íntimo e real com o Senhor Jesus Cristo. Estas experiências marcarão toda a sua vida.

4. SUA ATITUDE RADICAL

Quando o/a juvenil crê, após investigação consciente e convicção

pessoal, ele/a crê para valer. Fica radical não no sentido extremista, mas no sentido de raiz, de profundidade. Quando ele crê verdadeiramente, entrega-se ao Senhor Jesus total e corajosamente, testemunhando. Mas, se ele não crê verdadeiramente, passará a mero espectador, passivo e impessoal.

O perigo é ele/a assumir uma postura contrária, crendo em conceitos da sociedade, crendo em modismo como “punks”, tribos ou gangs.

5. SEU POSITIVISMO OU OTIMISMO

Grande parte dos assuntos trazidos especificamente para os /as adolescentes em palestras, estudos, cursos, etc. tem buscado sempre os temas negativos como as drogas, o sexo no namoro ou antes do casamento, gravidez na adolescência, crises nos relacionamentos familiares, etc. Não negamos a necessidade de trabalharmos esses assuntos, no entanto, os juvenis de nossas igrejas necessitam muito mais da visão de um mundo melhor. Como disse Jesus, “... eu vim para que tenham vida em abundância.”

É necessário que enfoquemos muito mais as boas razões de buscarmos uma vida em Jesus, a alegria, a felicidade e os benefícios de seguirmos os mandamentos de Deus, de andarmos nos seus estatutos e de nos santificarmos.

O juvenil aprecia o belo, o bonito. Ele está em busca da justiça, em busca de lutar pela ecologia para salvar a natureza; ele sonha com uma humanidade cheia de vida. Não podemos, portanto, massacrar nossos juvenis com tantos temas pesados que mostrem apenas um lado do mundo, mas levá-lo a conhecer, também, as formas cristãs de sermos felizes, de sermos úteis ao próximo; enfim, de sermos uma luz num mundo de trevas.

O MOMENTO CERTO

A criancinha no ventre materno está numa situação de conforto e a-

conchego. De repente é obrigada a sair deste mundo e entrar num outro completamente diferente, cheio de perigos. A adolescência é assim também. Na infância a criança brinca, fantasia; de uma hora para outra a vida a empurra para o mundo dos adultos. Isto é um choque, um impacto para o juvenil. É como se estivesse nascendo de novo. Por isso ele é muito sensível, sente-se desprotegido emocionalmente e os seus problemas não solucionados poderão tornar-se “marcas” para toda a sua vida.

Conheço igrejas que abriram duas classes para juvenis: uma de 12 a 14 anos e outra de 15 a 17 anos. Com isso elas procuravam atingir ainda mais as suas peculiaridades. Dos 12 aos 14 anos ocorre a fase das mudanças físicas e das crises emocionais. A segunda fase, dos 15 aos 17 anos, é o momento das decisões pessoais e da auto-aceitação.

Tenhamos a visão de que a fase do juvenil é uma grande oportunidade, talvez a última, para formarmos uma vida baseada no Senhor, com um viver integrado em todos os seus aspectos. Tenhamos coragem para investir no adolescente da nossa igreja, preparando-o para a vida.

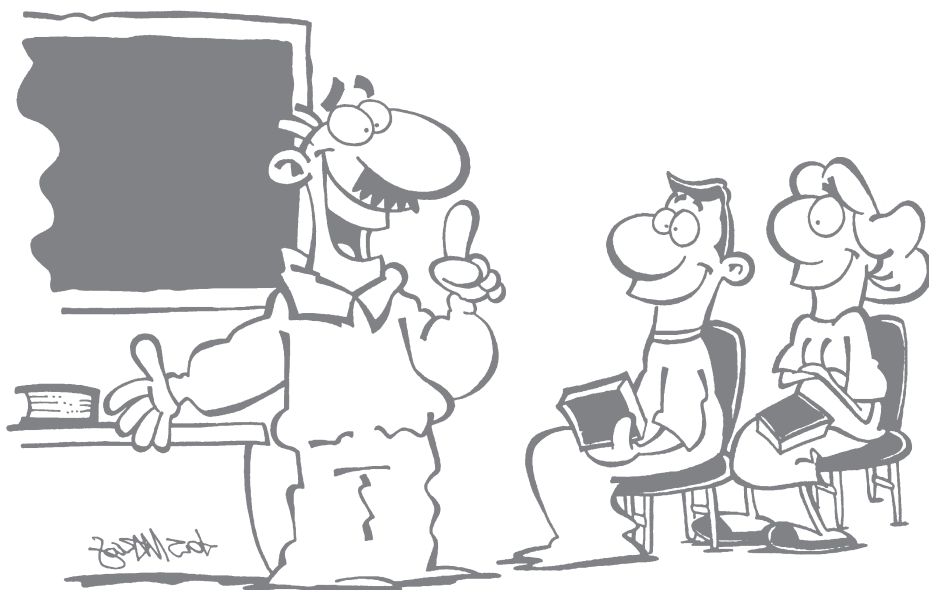
Gosto muito de trabalhar em diversos ministérios da igreja, porém quando vejo tantos adolescentes carentes de conhecerem o amor e a verdadeira vida em Jesus, rendo-me ao Senhor para orar e trabalhar por eles. Por isso, há muitos anos tenho sido conselheira ou professora dos juvenis.

A Igreja Metodista, por intermédio da Escola Dominical, tem em suas mãos o grande desafio de olhar e investir em uma classe especial, com professores que se dediquem realmente aos juvenis e que façam dessa fase da vida um verdadeiro campo de sementeira.

Vale a pena!

Marilaine B. M. Ramos, 3ª RE

A Escola Dominical pode e deve ser uma experiência prazerosa



Ao longo da minha vida, desenvolvi um grande amor pela Escola Dominical. Em suas classes, aprendi sobre a Bíblia, desenvolvi talentos, aprendi a falar em público e descobri o quanto eu gosto de lecionar.

Tentando repartir alguns conhecimentos acumulados ao longo do tempo, enumerei algumas considerações práticas sobre a arte de lecionar para adultos.

1. Ministre a lição com prazer e paixão. Prepare exatamente a aula a que você gostaria de assistir.

2. Verifique se o vocabulário usado poderá ser entendido pelos alunos/as das classes. Ele deve ser o mais simples possível, para que todos entendam as lições.

3. Não tenha medo de usar ilustrações, comparações com circunstâncias típicas da vida.

4. Faça esquemas, resumindo o texto e realçando seus aspectos fundamentais.

5. Utilize o quadro-de-giz para anotar o esquema da aula e seus elementos básicos, buscando, assim, a visualização geral do tema.

6. Programe a aula para o prazo médio de 45 minutos. Não ultrapasse o tempo de uma hora, pois isso provoca desatenção dos/as alunos/as e dispersão do tema pelas repetições.

7. A explanação prévia do tema deve ser feita, no máximo, em 15 minutos. O tempo restante deve servir para a participação dos/as alunos/as da classe. Nessa fase, o professor/a deve se manifestar apenas para esclarecer e fortalecer a ênfase e o entendimento do tema.

Em síntese, ressaltando o estilo de cada professor/a, o ato de lecionar na Escola Dominical é idêntico ao dos cursos comuns. Os métodos devem ser semelhantes, não podendo a aula – momento dinâmico de estudo (que admite posições divergentes, contrárias, linhas de raciocínio e condições pessoais variadas) – ser confundida com um sermão, cuja natureza da mensagem é ser dirigida e unilateral.

Não se esqueça:

Lecionar é um ato de serviço e humildade, que deve ser feito com amor.

José Geraldo Ribeiro do Vale, 4ª RE

Preparando os estudos para a classe de Escola Dominical

Para exercer o ministério da Escola Dominical de forma bem positiva, o melhor caminho é usar um pouco de tempo para estudo e planejamento.

Querida/o professora/o,

A classe da Escola Dominical sabe quando um estudo foi preparado e sente-se valorizada quando percebe que você a ama e que tem prazer em estar com ela. Essas dicas muito lhe ajudarão:

tenha motivação: desperte o interesse para o assunto a ser estudado por meio de dinâmicas de grupos, jogos, cartazes, perguntas, cânticos, etc.

seja breve: não prolongue demasiadamente o estudo, para não correr o risco de colher desinteresse.

seja objetivo/a: tenha clareza do que quer alcançar com o estudo.

movimente-se: promova diálogo, participação do grupo e troca de experiências.

fale com clareza: sua classe precisa entender o que está sendo dito e você só saberá que linguagem usar se conhecer o grupo e suas limitações.

estimule a prática: o grupo vibra quando coloca em prática, de alguma forma, o que aprendeu.

Planejamento do estudo para a Escola Dominical

Domingo: Dia Mês Ano.....

Título do estudo:

Textos bíblicos:

Idéias principais:

Objetivos:

Abertura:

Desenvolvimento do estudo

Introdução do tema:

Atividades de estudo do tema:

Reação:

Conclusão:

Roteiro para o planejamento de um estudo

O planejamento de um estudo deve conter quatro componentes essenciais:

- Definição do que vai ser ensinado.
- Determinação dos objetivos.
- Seleção das atividades a ser desenvolvidas.
- Identificação dos recursos necessários.

Todo plano tem começo, meio e fim. Há muitas atividades que se pode realizar para iniciar, desenvolver e concluir um estudo. Com isso em mente, planeje-o passo a passo.

TÍTULO

Coloque o título do estudo proposto pela revista da ED.

MATERIAL BÍBLICO

Leia e estude os textos indicados.

IDÉIAS PRINCIPAIS

Selecione os principais conceitos que o estudo propõe. Lembre-se de que as idéias principais e os objetivos de cada estudo devem ser adequados à idade de seus alunos e alunas.

OBJETIVOS

Definir os objetivos do estudo é determinar, de forma clara e específica, o que se espera aprender.

ABERTURA

A abertura deve ser breve (cinco minutos no máximo); é o momento em que você acolhe e promove a integração do grupo e desperta a curiosidade sobre o tema do estudo.

INTRODUÇÃO DO TEMA

Significa passar noções básicas sobre os conceitos que serão desenvolvidos no estudo. Dê tempo para que o grupo explore o assunto que vai ser focado.

ATIVIDADES E RECURSOS

A atividade é o que você vai fazer dentro da classe para aplicar e comunicar os conceitos que você quer passar.

Atividades verbais

Palestras, discussões, sermões, histórias, leituras e tantos outros em que, primordialmente, se está falando ou ouvindo.

Atividades visuais

Vídeos, exposições, teatro, estimulando o sentido da visão.

Atividades simuladas

Essas atividades são um passo além do simplesmente ouvir e ver. Simular é atuar como se a situação fosse real, representando, dramatizando, pesquisando, elaborando... Nessa categoria, podemos incluir todas as experiências que colocam alunos/as e

professores/as na posição de explorar seus próprios sentimentos, problemas e questões.

Experiências diretas

São as atividades em que alunos/as, professores/as estão diretamente envolvidas/os em situações concretas, vivenciando os “conceitos” de forma real: visitas, mutirões, preparo de um trabalho, tarefas as mais variadas.

Recursos

Compreendem tudo que é utilizado para realizar o estudo:

- quadro de giz (lousa), giz
- lápis, caneta e papel
- transparências
- slides, filmes
- vídeos, gravuras

REAÇÃO

O grupo deve ser motivado a se expressar de maneira mais significativa e a reagir de forma criativa diante do que aprendeu.

CONCLUSÃO

O encerramento do estudo deve ser realizado criativamente, e também planejado, a fim de que o grupo sinta que o assunto foi desenvolvido de forma seqüenciada e que as atividades contribuíram para que se chegasse a uma conclusão.

O uso dos meios de comunicação na educação cristã

Neste texto, vamos falar sobre como dois meios de comunicação de simples acesso: o microfone (ou sistema de som) e o mural podem ser agentes eficazes na comunicação.

Veja na página seguinte como fazer um bonito mural para sua igreja! Coloque nele os materiais da Igreja Metodista e outros que a sua comunidade local recebe todos os meses.

MICROFONE/SISTEMA DE SOM

É importante como instrumento pedagógico, mas algumas regras devem ser observadas:

- Evitar a “ditadura” do microfone ou seja, aquela postura de que só é possível realizar o programa se e quando o sistema de som estiver funcionando.
- Treinar operadores. Eles também são participantes do programa. Portanto, devem evitar “tumulto” ou “programa próprio”, desvinculado do todo.
- Trabalhar no anonimato, o que quer dizer que os deslocamentos só devem ser feitos quando houver necessidade.
- Preparação antecipada (antes do programa; não improvisar com o equipamento).

- Cuidar para que o som seja agradável (não é o volume alto que comunica).
- Cuidar do visual do equipamento (evitar fios e cabos por toda parte).
- Orientar a liderança que usa frequentemente o microfone quanto à postura que deve ser adotada.

MURAL

a) Tipos de mural

- Fixo ou flexível (que se pode deslocar para diferentes espaços), de madeira ou de cortiça.
- Papel pardo, manilha, 40 quilos, corrugado, isopor ou cortiça.

b) Material necessário para preparar um mural

- Máquina de escrever ou computador
- Pincel atômico
- Papéis variados, coloridos
- Letras e fotos (ou ilustrações) para a montagem

c) Utilização na educação cristã

- Eventos especiais da comunidade
- Datas do calendário litúrgico
- Temas de relevância

d) Características de um bom mural

- Equilíbrio na forma e conteúdo
- Textos breves
- Temas vibrantes e ilustrações chamativas

e) Montagem

- Coleta de material (com prazo

para encerramento)

- Redação e revisão
- Montagem e diagramação
- Textos datilografados, digitados ou, se pequenos, manuscritos em boa letra. Indicar sempre o autor(a) ou a fonte (se retirado de algum lugar).
- Para títulos, há recursos de letras decalcáveis (tipo “Letraset”) ou recortes de jornais, revistas (letras, palavras ou frases recortadas).
- Fotos e ilustrações (de preferência produzidas por artistas da comunidade ou recortadas, indicando sempre a autoria e a fonte).

f) Diagramação

- Usar papéis e tintas de cores variadas; a combinação adequada de cores dará destaque ao conjunto.
- Usar muitas ilustrações e fotos, distribuindo equilibradamente.
- Para destacar um texto, escrever com letras maiores; usar letras de outra cor; colocar friso colorido em volta; colocar dentro de “sombra”.
- O título do mural deve ser colocado na parte central ou superior à esquerda.

g) Assuntos

- Os temas abordados podem ser sociais, políticos, do calendário litúrgico ou de eventos. Porém, devem ter relevância para a comunidade de fé.
- Pode-se utilizar as cores do calendário litúrgico. A cor do Pentecostes, por exemplo, é vermelha.

Os meios de comunicação utilizados nas igrejas estão divididos, geralmente, em três categorias, de acordo com a facilidade de acesso, levando-se em conta a diversidade das comunidades espalhadas pelo Brasil.

Magali Cunha, 1ª RE

Simples acesso	Médio acesso	Difícil ou Especial acesso
Microfone/sistema de som	Retroprojektor	Rádio comercial
Mural	Projektor de slides	Tv
Impressos	Vídeo-cassete	Grande imprensa
Boletim	Jornal periódico próprio	Outdoor
Caderno/livreto	Jornal periódico comunitário	Internet
Folheto	Tele-contato	
Folder		
Cartaz	Rádio comunitário (rádio ou sistema de autofalantes)	
	Computador	

Fazendo um mural para sua igreja

Pentecostes

Para Meditar

O que é?

Símbolos

Para Meditar

Como foi escrita?

Dia da Bíblia

Como ensinar a Bíblia

CONHECENDO A BÍBLIA

Pode parecer elementar, mas se queremos ensinar a Bíblia, não é suficiente já ter lido a mesma diversas vezes, muito menos fazer uma leitura rápida dos textos indicados pela lição da Escola Dominical. Tampouco saber onde está o versículo “Jesus chorou” nos ajudará muito na tarefa de ensinar a Bíblia. A quantidade de informação é importante, mas não é sinônimo de garantia e habilitação para o ensino da Palavra de Deus.

Um exemplo que damos são os escribas, que eram capazes de repetir de memória todos os livros da lei judaica (Gênesis a Deuteronômio). No entanto, eram incapazes de discernir o verdadeiro sentido da Palavra de Deus – a Bíblia. “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

Para ensinar a Palavra de Deus, são necessários alguns elementos fundamentais que nos ajudam a dar profundidade e relevância ao ensino. Neste breve estudo, veremos o que consideramos o básico.

SUA ORIGEM DIVINA

Conforme creram os Pais da Igreja, é de nossa tradição a afirmação de que a Bíblia é a Palavra de Deus. Aliás, esta é a afirmação da própria Bíblia. Jesus afirmou sobre sua Palavra e Ensino, que esses eram os fundamentos sobre os quais se edifica uma casa (vida) com solidez (Mt 7.24-27). Pedro afirmou



que Jesus era o que tinha as “Palavras de Vida Eterna” (Jo 6.68). Mas foi Paulo, o apóstolo, quem afirmou ser as Escrituras inspiradas por Deus (2Tm 3.16), assim como Pedro explicou o que significava essa inspiração divina da Bíblia, quando disse: “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens (santos) falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

Finalmente, João Wesley, nos seus 25 artigos de religião, base doutrinária do Metodismo Histórico, afirma no artigo 5º: “Entende-se por Santas Escrituras os livros canônicos do Antigo e Novo Testamento, de cuja autoridade nunca se duvidou na Igreja”. Afirma ainda que nada pode ser exigido dos cristãos metodistas como

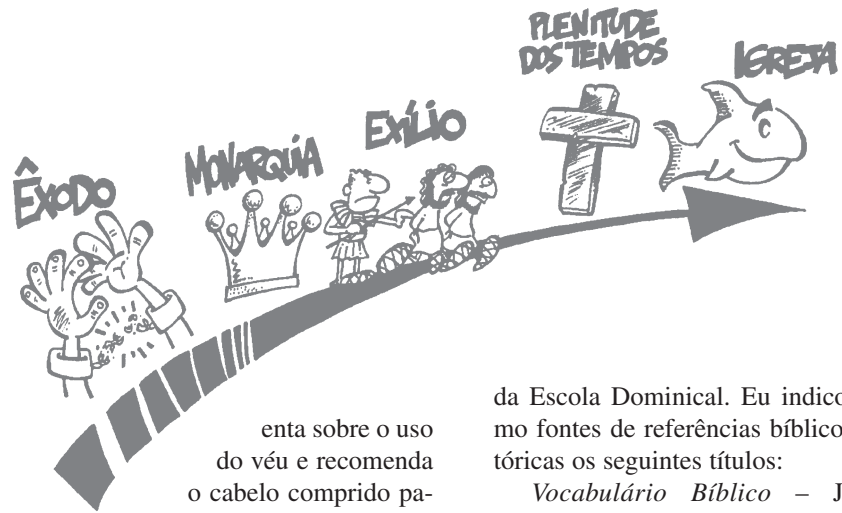
artigo de fé ou como necessário para salvação, que não se encontre na Bíblia e nem por ela se possa provar.

Assim, como bispo e pastor, entendo que quem não crê na inspiração divina da Bíblia não está credenciado a ensinar em uma Escola Dominical Metodista.

Finalmente, para ensinar a Bíblia é necessário orar muito, pedindo que o Senhor, que inspirou o autor, nos dê entendimento do que lemos.

SEU MUNDO HISTORICAMENTE DISTANTE: PEDE UM ESTUDO CRÍTICO DO TEXTO

A Bíblia reúne relatos e ensinamentos de um mundo muito diferente do nos-



so: a vida econômica, a organização da sociedade, a vida política, a cultura e a religião têm elementos diversificados que precisam ser entendidos em seu tempo, para que a vida do texto se comunique com a nossa vida. Isso indica que, nós, crendo ser a Bíblia a Palavra de Deus, não somos fundamentalistas que tentam aplicar todas as situações da vida da Bíblia a nossa vida hoje, sem discernir nela o que é contextual e o que é fundamental e permanente.

Penso que acabo de causar alguma confusão para alguns. Afinal, a Bíblia é ou não é inspirada por Deus? Sim. Só que a lição inspirada está emoldurada em circunstâncias humanas, inerentes aos escritores bíblicos e ao mundo e momento histórico que eles descrevem.

Vejam um exemplo que nos ajuda a entender essa aparente contradição. Em Números 21.4-9, a murmuração do povo contra Moisés e contra Deus fez surgir serpentes abrasadoras e venenosas, e muitos estavam morrendo como consequência disso. O povo, arrependido, apela a Moisés, confessando seu pecado, e pede sua intercessão.

Moisés ora a Deus, que manda ser feita uma serpente de bronze. Toda pessoa picada pelas serpentes deveria olhar para a serpente de bronze hasteada sobre o acampamento, e assim ficaria curada. A libertação e a cura deram-se pelo uso de uma imagem de serpente, artifício usado por Deus para que recordassem o resultado de sua murmuração. Esta foi uma experiência circunstancial e inédita. A prática fundamentalista seria se dali para a frente, os judeus praticassem o culto à serpente carregando para sempre uma serpente de bronze e o recomendassem aos seus filhos, como prática religiosa para cura de picadas de serpentes e outros males.

No Novo Testamento temos outro exemplo, que é a recomendação de 1 Coríntios 11.2-16, em que Paulo ori-

enta sobre o uso do véu e recomenda o cabelo comprido para as mulheres, dizendo que este lhe valeria de mantilha ou véu. Tal recomendação é feita somente à Igreja em Corinto.

Por quê? Não lhes parece que, se fosse fundamental à fé, Paulo recomendaria o mesmo a todas as igrejas em suas cartas? Por que o fez somente à igreja em Corinto? A razão é histórica, brota da existência, principalmente em Corinto, do culto a Afrodite, deusa do amor e do sexo. Nesse culto, ministravam prostitutas sagradas, mulheres que usavam roupas sumárias e cabelos curtos, praticavam a prostituição, com oráculos proferidos em êxtases e orações. Ora, era necessário que as mulheres cristãs, frequentes à igreja e às orações, se diferenciassem dessas outras profetisas oraculares dos cultos pagãos, como o de Afrodite.

Fundamentalismo seria exigir hoje o véu ou proibir o corte de cabelos, quando o quadro histórico, religioso e cultural já não é o mesmo. Em função disso, necessitamos algumas medidas práticas para estudar e ensinar a Bíblia.

CONHEÇA O QUE FOR POSSÍVEL DO TEXTO E DO AMBIENTE HISTÓRICO-SOCIAL

Como já ficou evidente no item anterior, nós devemos procurar conhecer melhor o ambiente do texto. Muitos dicionários bíblicos nos ajudam nesse objetivo. Se você não tem recursos para comprar, estimule seu/sua pastor/a e a sua Escola Dominical a organizar uma biblioteca básica, que forneça instrumento informativo ao seu trabalho como professor/a

da Escola Dominical. Eu indico como fontes de referências bíblico-históricas os seguintes títulos:

Vocabulário Bíblico – J. J. Allmen, Aste, São Paulo

A vida diária nos tempos de Jesus. Henri Daniel Rops, Edições Vida Nova, São Paulo

Dicionário Enciclopédico da Bíblia, Van Den Born, Editora Vozes, Petrópolis

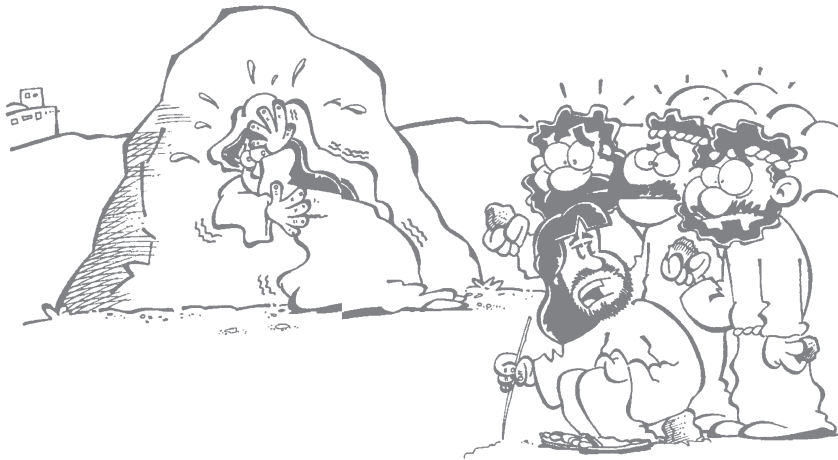
O Mundo do Novo Testamento. H. E. Dana, Juerp

Os Partidos Religiosos Hebraicos da Época Neo-Testamentária. Kurt Schubert, Editora Paulinas, São Paulo

Atenção! Muito cuidado com livros de lições bíblicas já prontas. Eles vêm acompanhados da aplicação doutrinária do autor, salvo se o autor for de nossa Igreja Metodista. Não sendo, muito cuidado, pois você pode levar seus alunos a aceitar princípios doutrinários não metodistas, como por exemplo: o batismo bíblico é somente por imersão, batismo de criança é anti-bíblico e outras doutrinas estranhas a nós.

CONHEÇA O LIVRO DA BÍBLIA DE ONDE VOCÊ EXTRAIU A PASSAGEM QUE VAI SER ENSINADA

Isso significa que não basta ler só a passagem indicada na lição. É importante ler o capítulo todo e, se possível, ler o livro inteiro. Sei que se for um profeta isso pode ser mais difícil, mas, pelo menos, leia os capítulos anterior e posterior. A razão é que, além de o trecho selecionado estar inserido em um texto com um determinado contexto histórico, ele tem também um contexto literário-temático, que a leitura do capítulo nos ajuda a entender melhor.



PERGUNTAS A FAZER AO TEXTO:

Onde ocorreu esse fato?

O lugar geográfico nos relaciona com um contexto determinado histórica e culturalmente, como já enfatizamos.

Quando aconteceu isso?

Eis aí a questão histórica presente. Situar o ocorrido dentro da história de Israel, dentro do reinado de Davi, ou dentro do ministério de Jesus, é decisivo para o entendimento da lição bíblica.

Quem são os personagens mencionados no texto?

Compreender a trama do texto e o papel sócio-econômico e religioso dos personagens nos permite discernir mais claramente o que está em jogo no texto. Os conflitos entre os personagens bíblicos são melhor compreendidos quando entendemos o papel social dos mesmos. Com isso, entendemos de que lado Deus está e o que a vida do texto ensina a nossa vida.

Que aconteceu nessa história e qual a participação de cada personagem?

Trata-se de reconstruir as tensões de vida do texto, traçando então o inevitável paralelo com a sua vida e com a vida dos seus alunos e alunas.

Quais as palavras-chave do relato?

Aqui reconhecemos que as palavras têm uma força muito grande. Deus nos fala pelo diálogo entre os personagens. Um exemplo bíblico muito forte é o relato da cura do cego em João 9. Há toda uma incompreensão em torno do milagre praticado por Jesus: os discípulos têm um entendimento, a família do cego tem

outro, os vizinhos, outro, os fariseus, o pior entendimento. Mas o cego faz uma afirmação: “Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo” (Jo 9.25). Buscar no vocabulário, usando expressões já presentes em outros textos e que são básicas para a fé cristã, é alimentar-se das afirmações e experiências com Deus dos personagens do texto. Isso é vital para quem ministra a Palavra de Deus.

Que lições estão sendo ensinadas?

Trata-se de fazer um levantamento das lições ensinadas, seja pelo comportamento dos personagens, seja por meio dos diálogos ou dos ensinamentos e conselhos contidos em um texto discursivo, como as cartas de Paulo, por exemplo.

Como tornar essa lição algo real na minha vida e na vida de meus alunos e alunas?

Aqui, trata-se do confronto. A Bíblia não é um livro neutro, sem exigências. Como diz o autor de Hebreus, em

4.12-13: “Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante do que qualquer espada de dois gumes e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifestada na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”. Nem o/a professor/a, nem os/as alunos/as podem permanecer impassíveis diante das lições contidas nos textos recomendados para leitura. Para isso, ore antes de ler a Bíblia, ore por seus alunos e alunas. Peça a Deus a sabedoria e a unção do seu Espírito na sua nobre tarefa de ensinar a Bíblia. Certamente, Deus fará frutificar o seu ministério. Mas não se esqueça: ore e estude muito, com seriedade o texto, pois acima de tudo, trata-se da Palavra de Deus.

*Paulo Lockmann,
Bispo da 1ª Região Eclesiástica*



O estudo bíblico deve ser dinâmico e participativo

ESTUDO BÍBLICO PARTICIPATIVO 1

Tema: *O Reino de Deus e sua presença na Igreja e no mundo*
(Jo 15.19; 17.14-16 e Ef 1.19-23)

1) Apresente o texto de forma rápida e sucinta, orientando a que o aprofundamento seja feito nos pequenos grupos.

2) Escreva em uma folha de papel algumas afirmações numeradas:

- Não existe Igreja fora do mundo.
- O mundo é o alvo do amor de Deus.
- Os cristãos não participam do mundo.
- A Igreja e o mundo vivem sob a soberania de Cristo.
- Não existe conflito entre a Igreja e o mundo.
- A Igreja não tem sido sinal concreto do Reino de Deus.
- O Reino de Deus está sendo implantado.
- O Reino de Deus já alcançou sua plenitude.

3) Cada participante, à luz do textos bíblicos, se deverá posicionar com relação a cada uma das oito frases acima, dizendo se está de acordo com ela, contra ou se tanto faz.

4) Dividir os participantes em pequenos grupos, nos quais discutirão suas posições. Cada pequeno grupo

deverá, ao final da atividade, apresentar uma só folha de consenso (opinião do grupo).

5) Reúna o grupo novamente para a avaliação dos resultados. Quando houver divergência, cada pequeno grupo deve justificar sua posição.

6) Comentar primeiro as questões que representam o consenso do grande grupo.

Obs.: Este método proporciona várias formas de leitura dos textos. O importante não é todos concordarem em tudo, mas discutirem o tema e exporem o que pensam.

Caso o/s texto/s escolhido/s seja/m outro/s, preparar as afirmações observando o seguinte: algumas absolutamente corretas, algumas absolutamente incorretas e algumas de duplo sentido.

ESTUDO BÍBLICO PARTICIPATIVO 2

Tema: *Salmos 1*

1) Leia ou peça a alguém para ler o primeiro capítulo de Salmos e, antes da leitura, avise ao grupo que todos devem anotar cinco idéias que considerem principais no texto (frases curtas).

2) Depois que todos tiverem anotado suas idéias, divida o grupo em grupos menores. A partir das idéias individuais, cada grupo deve discutir e chegar a um consenso, ou seja, anotar numa folha cinco idéias do grupo (15 minutos).

3) Reúna todos novamente. Cada grupo deve apresentar o resultado da discussão.

4) Anote no quadro-de-giz ou em um papel as idéias de cada grupo, que devem ser valorizadas e comentadas uma a uma. As idéias só deverão ser corrigidas se houver grave desvio doutrinário.

5) A partir da avaliação das idéias dos grupos menores (o que pode ser feito em mais de um encontro), oriente o grupo para a obtenção de uma lista de consenso, chegando assim às cinco idéias principais do texto (síntese).

Obs.: Tanto no grupo inicial quanto nos pequenos grupos, estimule a discussão sobre as idéias anotadas.

Antônio Maurílio Guimarães, 4ª RE

O livro é um companheiro importante por toda a vida

Em nosso calendário metodista, o mês de junho é dedicado à literatura. Nós, que temos em um livro, a Bíblia, nosso guia de fé, reconhecemos o valor da leitura na formação de todas as pessoas, especialmente das crianças.

Os livros de literatura ajudam muito mais no desenvolvimento de atitudes do que na aquisição de conhecimentos e habilidades. Por meio da boa leitura, imaginamos uma série de situações e aprendemos a agir de maneira correta. Também conhecemos outros povos, culturas e lugares, sendo capazes de compreendê-los e reconhecê-los mais tarde.

No caso da literatura infantil, a criança pode satisfazer suas necessidades básicas de segurança material, emocional, espiritual e intelectual. Isso acontece pela apresentação de situações que valorizam os bons sentimentos, a amizade entre irmãos e amigos, a solidariedade humana, e também as atitudes corajosas, pois os personagens vivem, lutam, sofrem, superam perigos e ameaças, conquistam, amam e vibram como quem lê.

PARA QUE SERVE A BOA LITERATURA?

Para compreender melhor as pessoas e o mundo que as cerca.

Para se adquirir conhecimentos sobre coisas que estão distantes no tempo e no espaço.

Para ampliar e enriquecer experiências.

Para entender os problemas alheios e, assim, melhor compreender a si mesmo.

Para cultivar sentimentos altruísticos.

Para se desenvolver o gosto estético.

Para se divertir.

Para resolver problemas.

COMO MOTIVAR AS CRIANÇAS A LER?

Ler para elas – o primeiro contato da criança com a leitura se dá, geralmente, por meio de histórias ouvidas. É aí que começa a motivação para a leitura. Entre a fase das histórias puramente ouvidas e a das histórias lidas, há uma intermediária, na qual a criança folheia livros, decora pequenos textos, relaciona ilustrações e símbolos com as palavras. É quando ela percebe que os livros podem alegrar e divertir.

Dar o exemplo, lendo e demonstrando interesse pela leitura.

Possibilitar à criança, desde cedo, o contato com os livros, que devem ser apropriados a sua idade, interesse e nível de desenvolvimento.

Providenciar um local tranqüilo para que a criança possa ler quando precisar ou sentir vontade.

Ajudar na organização de uma pequena biblioteca.

Facilitar o acesso aos livros. A criança que tem dificuldade para encontrar livros naturalmente lerá muito pouco e não desenvolverá uma atitude positiva com relação à leitura.

Enriquecer as experiências da criança com passeios, conversas, viagens. Não basta que a criança leia. É preciso que ela leia e entenda. A simples ida ao armazém, quando bem orientada, poderá proporcionar à criança uma série de vivências úteis e interessantes.

PERGUNTAS QUE AJUDAM A ESCOLHER BONS LIVROS PARA CRIANÇAS E JUVENIS

Conteúdo:

O tema é interessante?
Evita lições de moral?
Que valores apresenta?

Como trata os conceitos:

Relação pessoa-natureza
Relação homem-mulher
Relação adulto-criança
Sociedade
Indivíduo

Enredo:

O livro apresenta uma boa história?
Tem cenas de ação e suspense?
É isento de preconceitos?
É bem desenvolvido?

Personagens:

São verdadeiros, autênticos?
Pode-se reconhecer seus defeitos e qualidades?
Apresentam sinais de crescimento e desenvolvimento de caráter?

Estilo:

É apropriado ao assunto?
Apresenta a história com clareza e simplicidade?
O vocabulário é apropriado?
Há senso de humor, beleza e fantasia?

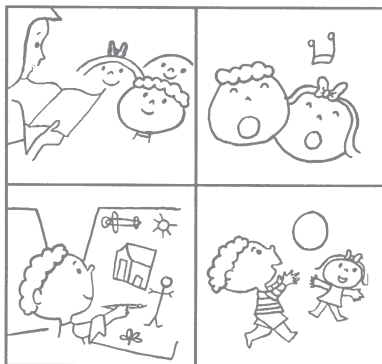
Formato:

A aparência do livro é atraente?
As ilustrações valorizam a história?
As letras são legíveis e apropriadas para o nível dos/as leitores/as?

Julho vem aí! É tempo de Escola Bíblica de Férias

Em julho, temos a grande oportunidade de realizar uma proveitosa Escola Bíblica de Férias (EBF) com as crianças, que tanto merecem.

1) EBF – funciona nas férias, período em que as crianças estão totalmente livres e com grande disposição para atividades criativas e diferentes. A duração de uma EBF varia. Seis dias seria o tempo ideal.



2) Local – pode acontecer na própria igreja, em um salão social, grupo escolar ou pequeno clube, podendo, inclusive, ser realizada ao ar livre.

3) Crianças – podem ser agrupadas em classes, de acordo com a idade. Ex.: 4 e 5 anos, 6 e 7 anos, 8 e 9 anos, e 10 e 11 anos. As crianças podem ser da própria igreja, do bairro ou integrantes de um grupo específico, por exemplo, crianças de um orfanato ou de uma creche.

4) Programa – deverá conter histórias, cânticos, atividades criativas, recreação, entre outras possibilidades. A ênfase pode ser dada de acordo com as necessidades mais urgentes do grupo de crianças que irá partici-

par.

5) Planejamento – é importante e necessário. É preciso saber quantas pessoas irão trabalhar com você para, então, estipular o número de crianças



que poderão se matricular.

6) Colaboradores/as:

Pastor/a: deve dar todo o apoio necessário ao trabalho, visitando e falando às crianças durante a EBF.

Coordenador/a: deve orientar o trabalho, organizar os programas de abertura e encerramento da EBF, providenciar o material para os professores e professoras, bem como instruir quanto ao uso. Deve também planejar, se possível, uma reunião com os pais e as mães das crianças. Deve cuidar das finanças (material, lanches, lembranças) e fazer uma avaliação diária com os professores e professoras.

Professoras/as: precisam conhecer todo o programa; preparar diariamente as lições; e saber, mesmo que pouco, como são as crianças, como aprendem, como se deve dar uma aula...

Auxiliares: devem ajudar nas atividades, no lanche, nas brincadeiras. Na ausência do professor ou professora,



Incentivando a participação da criança na vida da Igreja

A criança é parte importante do trabalho da igreja. Sua presença nas classes de nossas Escolas Dominicais representa a certeza de um mundo melhor e mais cristão. Sua fé, espontaneidade e desejo de aprender nos contagiam e inspiram.

1. Incentive a participação das crianças no planejamento e realização dos cultos.
2. Inclua os pedidos de oração das crianças nos momentos de intercessão.
3. Ouça o que as crianças têm para falar.
4. Procure conhecer as crianças identificando seus nomes. Isso estabelece uma relação mais pessoal com elas.

5. Inclua o nome das crianças toda vez que enviar convite, correspondência ou mencionar a família delas. Isso fará com que elas se sintam parte da igreja.

6. Incentive as crianças a criar, com os adultos, liturgias diferentes e que incluam orações escritas por elas próprias.

7. Dramatize lições bíblicas e/ou os sermões com a participação das crianças.

8. Aceite que nem tudo dá sempre certo quando envolve a participação das crianças.

9. Prepare as crianças para interpretar “o trabalho missionário da igreja” para a congregação.

10. Deixe que elas usem sua criatividade e imaginação.

11. Promova o intercâmbio de informações, experiências e recursos entre crianças de igrejas do mesmo distrito, das diferentes regiões, das diferentes cidades.

12. Incentive as crianças a dar testemunhos por meio de sua história de fé.

13. Lembre aos adultos que a criança pode ver Deus no sorriso e no carinho da congregação.

14. Faça da sala de aula um lugar agradável. Ansiedade, medo, curiosidade e insegurança são alguns dos sentimentos da criança quando ela é nova na Igreja ou na Escola Dominical. Lembre-se sempre disso e tente ajudá-la.

Têca Greathouse

Ensinando as crianças a respeitar as pessoas de todas as raças, etnias e culturas

Datas para ser lembradas com as crianças

Dia Nacional dos Direitos Humanos: 10/12

Dia Nacional de Combate à AIDS: 1/12

Dia Nacional do Combate ao Racismo: 20/11

Como podemos ajudar as crianças a desenvolver o respeito e a admiração pelas pessoas dos vários grupos raciais, étnicos e culturais? Aqui es-

tão algumas sugestões:

Fale do valor e da importância das pessoas de cada grupo étnico e racial, destacando o positivo de suas culturas e a necessidade de nos relacionar com elas para conhecê-las e nos deixar conhecer.

Convide pessoas de diferentes raças e/ou culturas para falar em sua classe.

Incentive uma linguagem inclusiva e atitudes que não permitam discriminação de qualquer espécie.

Promova oficinas que abordem as artes, levando as crianças a conhecer e valorizar as diferentes expressões culturais dos grupos, seja por meio da

música, da dança, da dramatização, do folclore ou dos alimentos.

Examine e corrija, se preciso, sua própria atitude para com as pessoas, grupos, etnias e/ou culturas diferentes da sua.

Lembre-se, seu exemplo é o melhor método de ensino!

Promova uma reflexão sobre o texto de Gl 3.28-29: “Não pode haver judeu nem grego, nem escravo, nem liberto; nem homem, nem mulher, porque todos somos um em Cristo Jesus.”

Têca Greathouse

Falando do Natal para as crianças

1) O QUE PENSAM

Você sabe o que vai na cabeça das crianças bem pequenas de dois, três e quatro aninhos?

Para essas crianças, tudo é muito concreto. A mente delas ainda não consegue entender as coisas abstratas. Ou seja, essas crianças, de fato, só entendem o que conseguem pegar, ver, sentir e, de preferência, provar/experimentar.

Sendo assim, como pode uma criança pequena conhecer a Deus?

2) COISAS ABSTRATAS, SENTIMENTOS E FÉ

A criança sente e conhece por experiência, mais rápido do que através de palavras. Por isso devemos falar sobre Deus (passar as idéias e conceitos!), mas principalmente permitir que ela viva esta experiência.

A criança pode ouvir e repetir facilmente a palavra “amor”, mas quando lhe ensinamos, por exemplo, que Deus é amor, seu entendimento dependerá de sua experiência de amor,

porque a palavra amor é abstrata (é coisa que não se pega, cheira, etc.) A primeira experiência de amor de uma criança é na família. O amor que recebe e compartilha com cada membro desta família e a segurança que sente no seu lar vai ajudá-la a compreender o Deus que é amor.

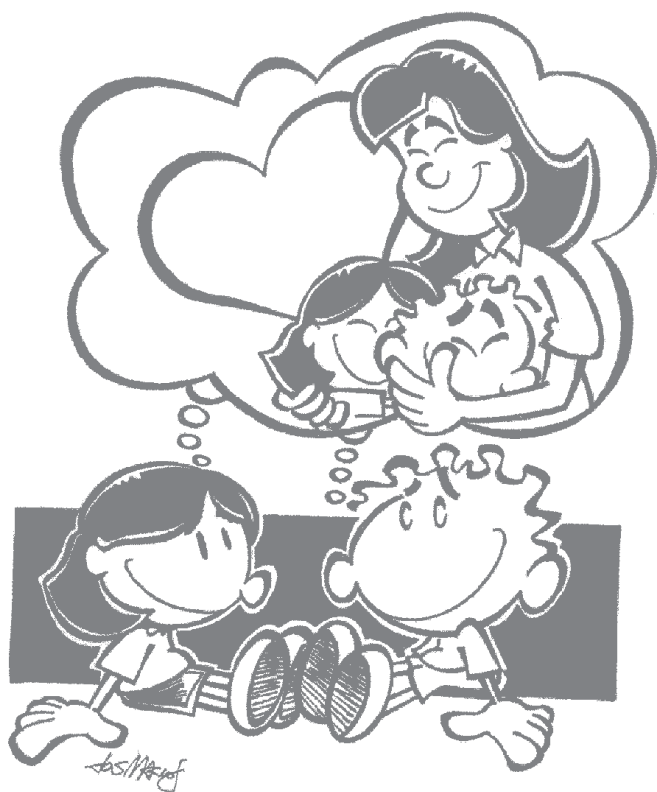
Precisamos ter sempre em mente as características da idade com a qual trabalhamos, para podermos adequar o que precisamos ensinar àquilo que a criança tem condição de aprender.

3) VISANDO UM FIM PROVEITOSO

Para desenvolver um bom trabalho, o primeiro passo é conhecer as crianças com as quais se trabalha e as primeiras perguntas são: Qual a faixa etária? Quais as características e interesses das crianças nesta idade? No caso das crianças de até 4 anos, não se esqueça de que, além de permitir que as crianças vivam concretamente suas experiências, você precisa ser breve, pois elas têm pouco poder de concentração, cansando-se facilmente.

Quando não nos atemos a estas questões, gastamos tempo falando, cantando e contando histórias para nossas crianças e elas acabam aproveitando/aprendendo muito pouco.

Precisamos nos preparar e fazer o melhor para Deus e por nossas crianças. É preciso conhecer as características e interesses de cada idade e desen-



volver um trabalho apropriado. Caso contrário, nosso trabalho será em vão.

4) ENSINANDO SOBRE O NATAL

Se perguntarmos às crianças de até quatro anos “O que é o Natal?” o que será que elas vão responder?

Para umas, Natal é tempo de Papai Noel e presentes, tempo de lojas enfeitadas: para outras, é a árvore de Natal, sinos, cartões. Por aí vemos que o Natal é tudo que elas vêem, pegam e sentem. As definições são relacionadas com o concreto! Claro, algumas crianças, por freqüentarem a igreja desde bebês, até podem responder que é o nascimento de Jesus. Mas, geralmente estão repetindo apenas o que ouviram de um e outro adulto.

Nossa preocupação deve ser a de verificar se nós, que ensinamos, temos sido sensíveis e sensatos em nossa tarefa de educação cristã, e, conseqüentemente, nos questionar: as crianças têm conseguido absorver a mensagem bíblica e cristã do Natal? Precisamos tornar esta mensagem mais bonita e bem mais concreta que a figura do Papai Noel, dos presentes...

Será que nós, educadores, temos conseguido, além de contar a história do Natal, permitir que as crianças vivam a experiência do Natal?

5) TRABALHANDO A IDÉIA DO NATAL

Os enfeites

A criança pequena gosta de enfeites de um modo geral. Vamos aproveitar bem este seu interesse. Comece conversando com ela sobre os enfeites do Natal: bolas, sinos, árvores, etc.

Vamos deixar as crianças contarem o que estão vendo. “O que é isto? E isto?” – Vamos perguntando. Você pode ir anotando em folha grande o que elas forem respondendo (as crianças pequenas gostam que a gente escreva o que elas dizem!).

Depois, pendure a folha no quadro ou mural para que outras pessoas leiam. Convide também as mães e papais.

É hora de fazer uma outra pergunta às crianças: “Por que a gente enfeita tudo no Natal?”

Vamos conversar: Vocês sabiam que a mamãe, o papai, a vovó e todos da família também enfeitaram tudo quando vocês iam nascer? Façam comparações. Comparem o nascimento de Jesus com o nascimento delas (mas devagar, bem devagar, passo a passo).

Primeiro peça fotos de quando elas nasceram. Monte um painel com as fotos e solicite aos pais que contem como enfeitaram tudo para esperar o filhinho ou a filhinha querida que ia nascer.

Uma ou mais mães podem ir à sala contar como foi o nascimento do filho ou filha e, de preferência, até mostrar alguns presentes que a criança ganhou nesta ocasião. As crianças podem trazer para a sala presentes que ganharam quando nasceram. Monte uma pequena exposição.

Prepare tudo com antecedência

1) Faça uma pequena reunião com os pais para que eles compreendam

o seu trabalho e possam colaborar. Peça-lhes para contarem várias vezes para a criança como foi a época de seu nascimento. Lembre aos pais que se atenham apenas aos bons momentos, se, por acaso, o nascimento tiver envolvido algum drama.

2) Mande bilhetes aos pais lembrando o que você quer que as crianças tragam para as aulas.

3) Convide outras pessoas para visitar a sala das crianças.

Quando tudo estiver pronto, será hora de fazer uma festinha de aniversário com as crianças, com bolo, bolas e muitos enfeites. Deixe que as crianças participem da confecção dos enfeites. Por exemplo:

1) Confeccionando uma árvore de Natal;

2) Ajudando a preparar o bolo, que poderá ter um motivo natalino;

3) Ajudando a enrolar docinhos...

Os “parabéns” serão para todo mundo; afinal, o dia de aniversário tem a ver com o dia em que nasceu e isto precisa ser bem reforçado. As crianças poderão entender melhor a festa que fazemos no aniversário de Jesus se viverem bem toda esta fase. A cabecinha delas estará pronta para entender que:



1) Se todos da minha família ficaram contentes com meu nascimento, com a família de Jesus também foi assim;

2) Se eu faço festa todo ano no meu aniversário, vou fazer festa para Jesus também;

3) Se eu ganhei presentes quando nasci, o bebê Jesus ganhou também. Se todos me visitaram, Jesus foi visitado também.

Agora, sim, depois de tudo isto bem vivido e explorado com as crianças, você pode contar a história de Jesus para elas. Enfatize Maria com Jesus na barriga andando de burrinho, a chegada na estrebaria e a estrela que brilhou para enfeitar a estrebaria, o bercinho de palha, as visitas... elas viveram tudo isto, portanto podem entender como se Jesus fosse um bebê como elas mesmas. Aproveite, então, para dizer que Jesus é filho de Deus, e que Deus nos deu Jesus de presente.

6) TRABALHANDO COM AS CRIANÇAS

Lembre-se de que as crianças pequenas já sabem fazer muitas coisas; e como elas gostam de ajudar! É muito importante que as crianças tenham

oportunidade de participar. Elas aprendem a curtir muito mais aquilo que ajudam a fazer e construir, do que o que ganham pronto. Temos observado professores de crianças de dois e três anos que dão tudo prontinho para as crianças. Isto não é bom, não é pedagógico. Comece a pensar bem nisto e... mãos à obra.

Bolas de Natal – Para as crianças pequenas, as bolinhas não devem ser compradas e sim feitas por elas. Recorte bolas de todo tamanho em papel cartão ou cartolina e deixe que elas enfeitem com desenhos, colagem de papel brilhante ou mesmo purpurina. Depois, fure no alto, passe um cordão e enfeite a árvore da sala. Você pode incrementar com fios prateados e luzes que piscam.

Recorte também sinos, botas, estrelas e proceda da mesma forma que fez com as bolas. A árvore vai ficar linda!

Sinos e estrelas em tamanho grande podem ser enfeitados pelas crianças colando bolinhas de papel crepom amassado, pintando ou mesmo desenhando. Cole nas paredes e nas portas os trabalhos das crianças. Mande alguns para casa e enfeite outros lugares da igreja.

Asas de Anjos. Prepare asinhas de anjos com cartolina forte ou papelão, enfeite com as crianças e deixe-as brincar de anjinhos.

Bandinha de Natal. Dê sininhos e guizos para elas tocarem enquanto cantam as músicas de Natal. Fazer chocalhos é muito fácil e você pode fazê-los com as crianças, usando latinhas ou potes de danoninho.

Docinhos e biscoitos. Para a festa de aniversário você pode fazer ou comprar doces e biscoitos em forma de estrelas, árvores, botas, sinos.

Deixe as crianças, pelo menos, colocarem os enfeites finais no bolo, como jujubas e granulado. Não leve bolo pronto para a sala. Lembre-se, quanto mais as crianças participarem, concretizando os detalhes, melhores oportunidades terão para fixar a mensagem. Dá mais trabalho, mas é muito mais produtivo... Bom trabalho!

Baseado no texto de Zélia Zerbinato



DATAS ESPECIAIS

ATIVIDADES

Datas comemorativas

Datas importantes para as Igrejas cristãs e algumas especiais para a Igreja Metodista

Dia do/a Pastor/a: 1º de janeiro
Dia Mundial da Paz: 1º de janeiro
Dia Mundial de Oração: 1º de março
Dia da morte de João Wesley: 2 de março
Dia Internacional da Mulher: 8 de março
**Dia da Confederação da Sociedade
Metodista de Mulheres:** 12 de março
Dia da Mocidade: 19 de março
Páscoa:..... abril
Dia do Índio: 19 de abril
**Dia da Faculdade de Teologia
e Dia do Seminarista:**..... 21 de abril
Dia do Trabalhador:..... 1º de maio
Dia das Mães: segundo domingo de maio
**Dia da Experiência Religiosa
de João Wesley:** 24 de maio
**Dia Nacional da
Oferta Missionária:** terceiro domingo de maio
Dia de Pentecostes: 1º de junho
Dia do Expositor Cristão: 7 de junho
Dia do Meio-ambiente: 5 de junho
Corpus Christi: junho / variável
Dia do Nascimento de João Wesley: 27 de junho
**Dia das Sociedades
Metodistas de Mulheres:** 5 de junho
Dia do/a leigo/a: 14 de junho
Dia do amigo: 20 de julho

Dia do Lavrador:..... 25 de julho
Dia dos Pais:segundo domingo de agosto
**Semana de Oração
pela Pátria:**1ª semana de setembro
**Dia da Autonomia da Igreja
Metodista no Brasil:**2 de setembro
Dia do Juvenil:17 de setembro
Dia da Escola Dominical:3º domingo setembro
Dia da Voz Missionária:18 de setembro
Dia da Terceira Idade:27 de setembro
Dia das Crianças:12 de outubro
Dia dos Professores/as:15 de outubro
Dia Mundial da Temperança:25 de outubro
Dia da Reforma:31 de outubro
**Dia do/a Pastor/a
Aposentado/a:**segundo domingo de novembro
**Dia das Sociedades
Metodistas de Homens:**.....19 de novembro
**Dia Nacional da
Consciência Negra:**20 de novembro
Dia de Ação de Graças: ..última quinta-feira de novembro
**Dia Internacional
de Combate à AIDS:**1º de dezembro
Dia da Bíblia:8 de dezembro
**Dia Universal dos
Direitos Humanos:**10 de dezembro
Natal:25 de dezembro

Juvenis celebram a Páscoa com as crianças

Desenvolva esta atividade com os juvenis. Eles devem se envolver com as crianças e celebrar a Páscoa com a alegria e a reflexão que ela inspira.

Uma das características marcantes do/da juvenil é o idealismo e a sensibilidade.

Notamos essas qualidades em suas atitudes desinteressadas e altruístas. O amor, a amizade, a admiração, a dedicação e a verdade são desejados por eles, quando oferecidos com sinceridade.

O espírito crítico do qual é possuidor ajuda o juvenil a tomar consciência dos fatos, aguçando-lhe o senso de justiça e tornando-o um reformador.

Essas tantas qualidades dos juvenis deveriam ser aproveitadas de maneira

mais positiva pela Igreja que, além de colaborar para o crescimento espiritual da juventude, estaria também contribuindo para sua própria renovação.

É nesse espírito que sugerimos a atividade abaixo:

- Incentive os juvenis a comunicar a alegria da Páscoa com crianças de alguma creche ou da Escola Dominical, organizando a seguinte brincadeira:

- Combinar previamente com a direção da creche ou da classe de Escola Dominical.

- Comprar balas em formato de ovinhos ou ovinhos de chocolate.

- Em local escolhido – de preferência ao ar livre, num lugar em que haja grama, plantas, pedras e árvores – esconder os ovinhos.

- Entregar a cada criança um saquinho (caixinha ou cestinha). Explicar que devem procurar os ovinhos escondidos e colocá-los nos saquinhos.

- Ao ouvir o sinal, todas as crianças devem sair a procurá-los.

- Terminada a procura, reúna as crianças para averiguar quem achou o maior número de ovinhos.

- Todos os ovinhos são recolhidos e, em nova distribuição, cada criança receberá igual número dos mesmos.

Conclua a brincadeira e reflita com as crianças. Pergunte como elas se sentiram nos diversos momentos. Foi melhor quando uns tinham mais que os outros? Como se sentiram ao repartir com os outros o que tinham? Por que devemos repartir o que temos?

MENSAGEM DE PÁSCOA

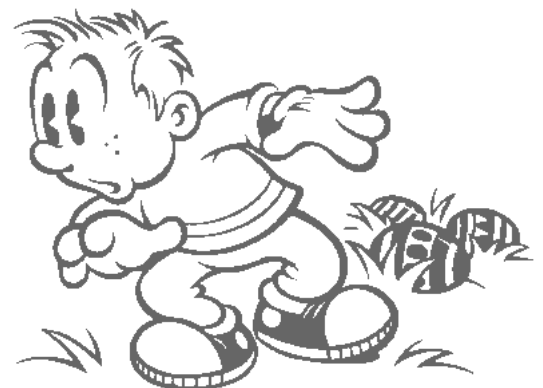
Zenilda Navarro Oliveira

Do embrião à flor;
Caulos, folhas e frutos,
Terminado o ciclo, cansaço e dor.
Murcha e ressequida
Morte da flor.

Da estrela de Belém – o filho;
parábolas, discípulos,
coisas de amor.
Terminado o ciclo,
A cruz – morte e dor!

Como homem foi ferido,
machucado,
sangrou.
Olhou a multidão
perplexo
e chorou!

Como Deus, previu a mesquinhez
do mundo.
Das flores ressequidas, retirou se-
mentes.
E para salvar homens e mulheres
Ressuscitou!





Jesus está vivo!

Lição para o Domingo de Páscoa



Material bíblico

Mateus 28.1-10; Marcos 15.1-8; Lucas 24.1-12; João 20.1-10 – A ressurreição de Jesus.

Para decorar

“E eis que estou convosco todos os dias.” (Mateus 28.20)

Comunicação na aula

Dizer: Hoje vamos imaginar que somos o povo que viveu junto de Jesus há muitos anos. Vamos ver se podemos nos sentir como o povo se sentiu naquela ocasião. Vamos fazer isso usando mímica. Vocês sabem o que é mímica? É imitar uma outra pessoa ou coisa, fazendo o que ela faz ou sente (fazer uma experiência com mímica, as crianças imitando seus gestos). Assim, imitamos os gestos de alguém. Também podemos imitar os sentimentos de alguém. Vamos pensar em

alguma coisa muito alegre: um passeio, uma coisa gostosa, uma brincadeira divertida. Mostre com seu rosto e seu corpo, a alegria que você sente (fazer a mesma coisa com a palavra “tristeza”).

Assim que as crianças entenderem bem o que quer dizer “mímica”, pode-se estabelecer as regras do jogo:

1. Na hora determinada, todos vão andando pela sala, bem à vontade, sem conversar, sem tocar ou esbarrar em outra pessoa.

2. No sinal indicado (o “plin” de um triângulo ou a batida de dois cocos, ou outro sinal combinado) todos param, ficando como “estátuas”, justamente na posição em que se encontravam na hora do sinal.

Experimentar para ver se todos entenderam as instruções. Pode-se sugerir um movimento enquanto eles andam. Ex: Vocês estão na praia... o

sol está muito quente... (sinal de praia). Andando de novo, vocês estão no centro da cidade... há muita gente andando depressa... não podem atrasar o serviço... têm que tomar um ônibus... (sinal). (Criar situações bem dentro da realidade do seu grupo de crianças). Depois de cada parada, as crianças podem observar a cena criada. Verifique o sentimento surgido. Todos estão seguindo as regras?

Dizer: Agora, vamos juntos reviver aquela última semana quando Jesus estava na terra. Vamos imaginar que nós somos as pessoas que conheciam Jesus naquele tempo, há muitos e muitos anos, em Jerusalém. Escutem com muita atenção o que vou falar, e ao mesmo tempo procurem imaginar a cena e sentir o que os amigos de Jesus sentiram. Vamos andar em nosso próprio ritmo, como andamos geralmente.

1. É Domingo de Ramos. Podemos ver Jesus chegando de longe. Ele vem montado num burrinho. Estamos muito alegres. Jesus é o rei prometido. Jesus nos ensinou tantas coisas boas... ele ajudou muitas pessoas... Jesus vai ser nosso rei. Comemoramos a sua entrada na cidade. Vamos pular e dançar com alegria. Vamos pegar alguns ramos e estender no caminho. Vamos sacudir alguns ramos no ar. Hosana... Aleluia... Bem-vindo o nosso rei! (sinal de parar). Observemos essa cena de alegria.

2.(Andando de novo) Os inimigos de Jesus procuravam uma forma de



acabar com ele. Não o queriam como rei. Então o pegaram e levaram preso. Isso fez seus amigos ficarem muito tristes. Imaginem Jesus, o rei preso! Ele não fez mal a ninguém... só andou fazendo o bem! E mais tristes todos

ficaram quando puseram Jesus na cruz. Jesus, o grande mestre, aquele que seria o rei, estava morto. Como todos ficaram tristes, mas tristes mesmo! (sinal). Observar a cena.

3. Temos medo, muito medo. É melhor, por enquanto, nos reunir em pequenos grupos, em lugares escondidos, para conversar em voz baixa. Estamos com muito medo dos escribas e fariseus. Sentimos uma profunda tristeza e desespero (sinal). Observar.

4. (Andando). No terceiro dia depois da morte de Jesus, três mulheres chamadas Maria, bem cedo de manhã, foram ao túmulo para colocar perfumes em seu corpo... Mas, quando chegaram, que surpresa! A pedra estava fora do lugar, e o túmulo vazio. Elas ficaram surpreendidas. Perguntaram onde tinham colocado Jesus. Imaginem a sua alegria quando chegou a resposta: “Jesus está vivo. Ele não está mais aqui. Ele ressuscitou”. Elas correram à cidade, para contar aos outros. Nós ouvimos a boa notícia. Como ficamos alegres! Deus nos ama. Ele fez com que o nosso rei vivesse

para sempre! Corremos pela estrada para contar a todos! “Jesus está vivo! Ele ressuscitou! Ele estará sempre conosco” (sinal). Observar a cena.

As crianças sentam em roda, e conversam sobre a experiência da mímica. Foi fácil ou difícil imaginar estar em outro lugar, há muitos e muitos anos? Como é que Jesus pode estar conosco hoje? Se escolhermos Jesus como rei de nossa vida, temos que fazer o que ele ensinou, isto é, amar e servir aos outros.

Dividir as crianças em grupos de duas ou três, para pensar em alguma coisa que podem fazer para mostrar que Jesus está vivo e é o rei de nossa vida. (Dar tempo para que elas pensem em algumas maneiras de mostrar amor e serviço). Deixar que cada grupo apresente, com mímica, a ação escolhida. Avaliar juntos a experiência. Enfatizar que Jesus está vivo em nós quando seguimos os seus mandamentos. Terminar com oração pelas crianças.

*Adaptada da revista
'Ensino Eficiente'*

Comemorando a Páscoa com alegria

“Eu estou com vocês todos os dias” (Mateus 28.20)

Esta história foi preparada para ser contada a crianças de 7 a 9 anos.

“Você sabe o que quer dizer Páscoa? Páscoa quer dizer “passagem”. Era uma festa importante para o povo da Bíblia e ainda é hoje. É comemorada em família, com comidas especiais, lembrando um acontecimento especial: a saída de uma terra estrangeira para uma nova terra, na qual todos viveriam em liberdade, isto é, fazendo as coisas que gostavam, e não as que os outros queriam que fossem feitas. A família de Jesus também comemorava a festa da Páscoa.

Um dia, quando Jesus já estava bem grande e ensinava as pessoas a

respeito de Deus, foi até uma cidade chamada Jerusalém, em que ficava o Templo, a igreja mais bonita da época, para comemorar a Páscoa.

Algumas pessoas não gostavam de Jesus porque ele defendia os mais pobres, os doentes e os fracos. E essas pessoas orgulhosas e sem amor aos outros prenderam Jesus e fizeram seu julgamento. Resolveram que ele seria pregado numa cruz e que ficaria lá até morrer.

Jesus foi morto por causa das coisas que falava e fazia.

Mas, na manhã do Domingo de Páscoa, uma coisa diferente aconteceu: quando algumas de suas amigas foram procurá-lo no túmulo, não encontraram o seu corpo ali. Ele

tinha ressuscitado, quer dizer, tinha vivido novamente.

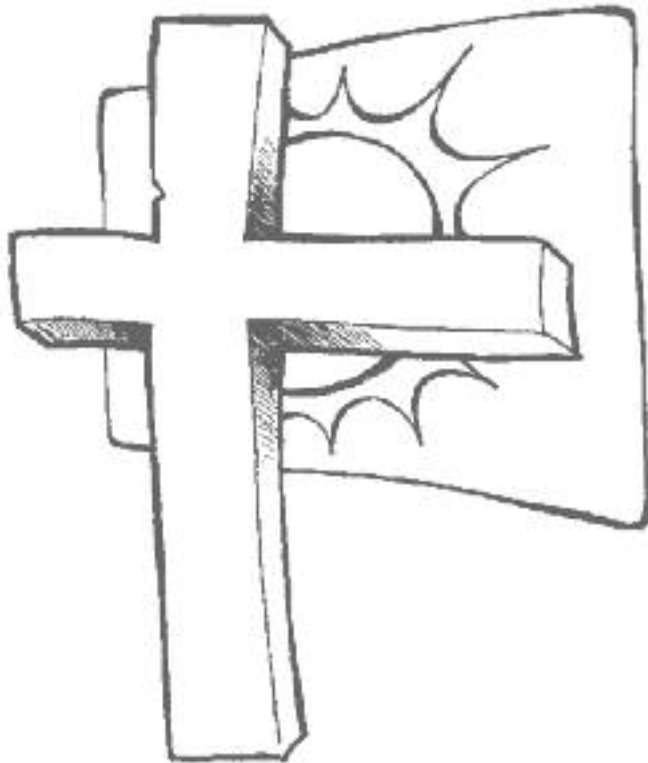
Os amigos de Jesus no passado tiveram a certeza de que ele continuava vivo. Por isso, passaram a comemorar a Páscoa como o dia da ressurreição, da nova vida de Jesus e dos seus amigos.

Nossas famílias comemoram a Páscoa, nos dias de hoje, como o dia em que Jesus ressuscitou, procurando sentir sua presença e sua companhia com aqueles que o amam e o seguem. É uma alegria saber que Jesus está vivo nos corações e nas mentes de todas as pessoas que o amam e seguem.

*Retirado da revista Bem-te-vi,
2º semestre de 1980*

A Esperança da Vida

Sugestões para Quaresma e Páscoa



Prepare esta dramatização com a classe de juvenis e apresente a toda a igreja.

1. Reúna o grupo de juvenis e verifique se conhecem as músicas do Programa. Caso não as conheçam, ainda há tempo de aprendê-las!

2. Verifique o material necessário para os cenários.

Quadro 1

Uma esteira, um ou mais potes (ou jarra de barro) e uma rede.

Quadro 2

A sala de uma residência, como as que comumente se vê em nossos dias. Também providencie um jornal e um jogo, que pode ser dama ou dominó.

Quadro 3

Coloque uma cruz bem grande, à frente de um desenho de um sol. Veja o exemplo no desenho desta página

3. Utilize um tecido de cor escura ou listrado para as vestimentas dos discípulos. Passe-o por cima de um ombro, com algumas dobras pre-

gadas por cima do outro, e descendo pela frente e por trás. Pode-se colocar, por cima dos ombros, um tecido de cor diferente, caindo como uma espécie de capa. Na cabeça, coloque um turbante e nos pés, sandálias de couro entrelaçado.

Outras sugestões:

Os juvenis que vão representar os personagens devem utilizar a sua linguagem própria do dia-a-dia. Os diálogos devem ser bem espontâneos.

Uma opção para o Quadro 2 seria a seguinte:

Ao invés do Juvenil 1 ler as notícias no jornal, coloque um rádio, ou uma caixa imitando um rádio sobre a mesa. O juvenil finge ligar o rádio e uma voz escondida dá algumas notícias de guerra, miséria, brigas, tristezas...

QUADRO 1

Cenário:

Interior de uma casa de Israel.

Personagens:

Cinco discípulos de Jesus (quatro discípulos entram na sala).

Discípulo 1: Vocês viram só? Eu nem posso acreditar...

Discípulo 2: (Joga-se desanimadamente sobre a esteira, no chão, de bruços)

Discípulo 3: Mas, como é que isso pôde acontecer?

Discípulo 4: Eu não suporto tanta humilhação!

Todos: (cantam ou recitam)
Que tristeza profunda
Não temos a quem chamar
A única luz do mundo
agora apagada está.

(Entra o discípulo 5, afobado, e fecha rapidamente a porta).

Discípulo 5: Consegui escapar!
Muita gente estava atrás de mim e me ridicularizavam. Não sei quem lhes contou que eu era um discípulo de Jesus.

Discípulo 2: (senta-se na esteira, e coloca a cabeça entre as pernas)

Discípulo 5: É pessoal! Nós estamos sozinhos. O que é que a gente vai fazer agora?

Todos: (entreolham-se, desanimadamente e cantam)

Sozinhos por entre os povos,
cercados de zombaria.
O mestre nunca existiu!
Confirma a maioria.
Vazio que dá na alma.
O Cristo acabou na cruz
E toda promessa de paz
Morreu com o próprio Jesus.

(a luz do palco se apaga e encerra-se o quadro)

QUADRO 2

Cenário:

Sala de uma residência, nos dias de hoje

Personagens:

Três juvenis (Um juvenil lê o jornal do dia/ouve as notícias do rádio, enquanto os outros dois jogam dominó, dama ou outro jogo de mesa)

Juvenil 1: Ei! Vejam só esta notícia (lê uma manchete sobre alguma violência ou guerra entre nações). É incrível! Será que as pessoas não vão deixar nunca de odiar as outras?

Juvenil 2 (interrompendo o jogo): Sei lá... A gente tem aprendido muita coisa interessante lá na igreja. Mas na prática, tudo se

torna mais difícil. Olha só o meu caso: a turma do colégio me considera um boboca quando dou minhas opiniões sobre algum assunto. Para o pessoal, religião não tem o menor significado...

Juvenil 3: Será que vale a pena a gente ficar se preocupando tanto em amar o próximo?

Juvenil 1 (interrompendo, pensativo): É mesmo... Será que vale a pena a gente falar de paz, de amor e harmonia?

Juvenil 3 (desanimadamente):

Acho que o melhor mesmo é a gente entrar “na onda” da turma... Cada qual que se preocupe consigo mesmo...

Juvenil 2: E pelo jeito, a gente está como que “andando contra a correnteza”.

(a luz se apaga. Encerra-se o quadro)

QUADRO 3

Cenário:

Uma grande cruz, com um desenho do sol, ao fundo. Um foco de luz bem forte, iluminando a cruz.

Personagens:

Todos os discípulos e os juvenis das cenas anteriores.

Voz: Minha gente, acabou-se a tristeza, Jesus ressuscitou! Eu vi o túmulo vazio!

Cântico: Aleluia (U. Cantoni e F. Parsonage)

Jesus Cristo está vivo,
exultem de alegria!
É a ressurreição!
Jesus vive pra sempre,
vive eternamente!
Povos de norte a sul cantai!

(Os personagens aproximam-se lentamente ao centro do palco, de costas para o público e de frente para o cenário. Somente o foco de luz ilumina o cenário)

Voz: Vejam só! Não há mais motivo para tristeza, nem desânimo.

Lembrem-se do que o próprio Jesus falou: “No mundo vocês vão sofrer; mas tenham coragem e venci o mundo”.

Cântico: “Meu Redentor vive”
(Cancioneiro Nova Canção, p. 54).

(No final do cântico, os personagens dão-se as mãos, estendendo-as para o alto)

Voz: A ressurreição de Cristo é vitória e salvação. É o começo do seu reino, é a nova criação. Nasceu o sol da esperança! Feliz é aquele que pode confiar nisto!

(As luzes do palco se acendem, e os personagens voltam-se para a congregação e cantam)

Cântico: “A nova canção do cancionero” (A nova canção, p. 47)

Pode-se terminar o programa com uma oração, ou afirmação de fé (Credo Apostólico) e também um hino de Páscoa conhecido por todos.

Poesia

JESUS RESSUSCITOU

S. P. Kalley

Jesus ressuscitou!
Há grande exultação!
Pois para todos conquistou
Eterna salvação!
Jesus ressuscitou!
É finda a grande dor!
Na morte preso não ficou
Ergueu-se vencedor!
Jesus ressuscitou!
A nova é bem veraz;
E a todos nós assegurou
Perdão e graça e paz.
Jesus ressuscitou!
Vencida a morte está!
Aqueles que na cruz salvou

Sugestões para a comemoração do Dia das Mães

DRAMATIZAÇÃO

A Flor do Amor

Diante de todos, é colocado um quadro grande de flanela (flanelógrafo) no qual será armada a “flor do amor”: o miolo é feito em papel dourado e as pétalas em papel vermelho. Em cada uma, é escrito o que representa: amor, obediência, respeito, ajuda, carinho. Todas as crianças participam. Algumas falam à frente e as demais, em seus lugares, cantam as músicas indicadas.

1. Diálogo entre duas crianças:

A: Eu hoje quero encontrar um presente de valor. Para à mamãe ofertar, mostrando-lhe meu amor. Não sei o que escolher. Dinheiro? Não tenho não! O que devo oferecer? Você tem uma sugestão (dirigindo-se à outra criança)?

B: Existe um lindo presente, que qualquer um pode dar. Não se compra, nem se vende e toda mãe quer ganhar (Indicando o quadro onde será formada a flor). Preste aqui muita atenção ao que vamos lhe mostrar. E terá uma sugestão para um presente sem par.

A: (indagando) Flor? Rosa? Cravo? Qual?

B: (respondendo) Ela se chama Flor do Amor!

(Colocar no quadro de flanela, em cima, um cartão com essas palavras: Flor do Amor. Em

seguida, as crianças, trazendo o miolo e as pétalas, chegam e falam o seu versinho, uma de cada vez. Após cada versinho, todas as crianças cantam as músicas indicadas.)

1ª criança: (traz o miolo e coloca-o no centro do quadro) O miolo dourado que enfeita a flor tem o seu nome: chama-se amor.

Cântico: Todas as crianças cantam, com a melodia de ‘Muitos anos atrás’:

O amor é o começo,
O amor é o fim...
Com amor pode haver
Esta flor no seu jardim!

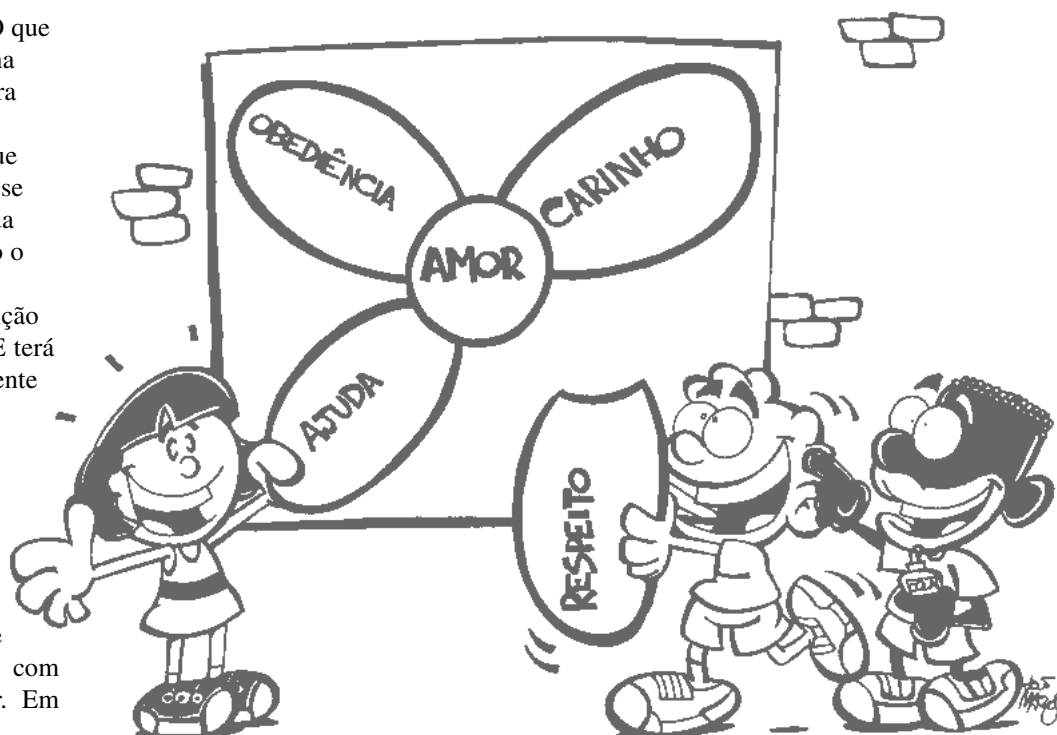
(Cânticos de Natal, p. 11. Cantar duas vezes, seguindo a música)

2ª criança (Pétala Obediência.

Coloca no quadro): Para a flor do amor formar é preciso obedecer. Assim o meu, o seu lar muito feliz há de ser!

Cântico: ‘Todos os dias, mamãe farei’

3ª Pétala: (Respeito. Uma criança a coloca no quadro e diz o versinho): À mamãe e aos mais velhos nós devemos respeitar. Sigamos os seus conselhos e paz haverá no lar!



Cântico pelo grupo todo: ‘Prometo respeitar’ (Música de ‘Eu quero trabalhar’)

Prometo respeitar (3 vezes)
Sempre você, mamãe!

4ª criança (Pétala Ajuda. Coloca no quadro): A mamãe está cansada, cansada de trabalhar. É nosso dever de filhos alegremente ajudar.

Todos cantam: melodia de ‘Eis-me aqui’.

As minhas mãos tão pequeninas
Eis, ó mamãe, pra te ajudar!
Mesmo criança, eu desejo em nossa casa cooperar.
Eis-me aqui, ó mamãe, minhas mãos pra te ajudar!
Com amor, ó mamãe, servindo no lar.

5ª criança (Pétala Carinho. Coloca no quadro): Mamãe gosta de carinho, carinhos vamos lhe dar!
Cada um no seu cantinho, boas maneiras usar!

Cântico: ‘Todos os dias, mamãe farei’ (a essa altura, a flor já estará completa no quadro)

Dirigente: Aí está a sugestão de um ótimo presente que os filhos (crianças ou adultos) podem oferecer à mamãe no dia de hoje, e em todos os dias do ano. Vamos pensar em fazer isso, enquanto ouvimos as crianças cantar.

Todas as crianças, de pé, cantam:

Flor do amor, flor diferente,
Que devemos cultivar,
Plantando sua semente,
Cada dia em nosso lar!
Sim, esta flor! Sim, a flor do amor!
Sim, esta flor! Traz bênçãos do Senhor!
Com alegria nós cantamos
Ao bom Deus nosso louvor;
Com carinho ofertamos
Pra mamãe a flor do amor!
(Música do Hino nº 146 do Hinário Evangélico)

Complementando o programa, as

crianças podem fazer cartões decorados na frente com a flor do amor (recorte e colagem), com a seguinte mensagem dentro:

Mamãe
Neste seu festivo dia,
Ofereço-lhe esta flor.
Mostrando com alegria
Gratidão e o meu amor!
Saudação à mamãe

Música de Ciranda

(*Maria Dinorah*)

Vamos todos bem contentes,
vamos todos cantar,
muitos mimos e presentes
À mãezinha ofertar!

A mãezinha é tão bondosa,
que cuidados tem por nós!
Seja para festejá-la
Neste dia a nossa voz!

Mamãezinha, te saudamos
com ternura e devoção!
És o bem maior que existe
para o nosso coração!

UMA ORAÇÃO:

(LEITURA CORAL)

Grupo 1: Senhor, vós que sois a luz do mundo,

Grupo 2: Vinde iluminar as mães!

Todos: Vinde, Senhor!

Grupo 1: Senhor, vós que sois o sal da terra,

Grupo 2: Vinde preservar as mães!

Todos: Vinde, Senhor!

Grupo 1: Senhor, vós que sois o caminho das almas,

Grupo 2: Vinde guiar as mães!

Todos: Vinde, Senhor!

Grupo 1: Senhor, vós que sois a verdade das inteligências,

Grupo 2: Vinde ensinar às mães!

Todos: Vinde, Senhor!

Grupo 1: Senhor, vós que sois a vida dos corações,

Grupo 2: Vinde vivificar as mães!

Todos: Vinde, Senhor!

O MELHOR PRESENTE

(LEITURA CORAL)

Para crianças de 6 a 8 anos

(Um grupo de crianças. Uma faz as perguntas e as outras respondem)

1ª criança: Qual é o melhor presente que eu posso dar à mamãe?

Todas: Ser-lhe obediente. E em casa ajudar.

1ª criança: Qual é uma coisa bonita que a ela devo dizer?

Todas: Eu te amo, mamãe querida. E quero te agradecer!

1ª criança: Neste dia festivo, qual é minha oração?

Todas: Papai do céu, abençoa a mamãe do coração!

Cântico: ‘Todos os dias, mamãe farei’ (ou outro conhecido)

O MENINO DOENTE

(LEITURA CORAL)

Baseado no poema de Manuel Bandeira

Grupo A: O menino está doente, está com febre delirando...

Grupo B: Mamãe está a seu lado.

Grupo C: Afaga-lhe a cabeça.

Grupo A: Coloca-lhe o termômetro.

Solo (menina): Será que a febre passou?

Grupo B: Prepara o seu remédio.

Solo (menina): Toma, filhinho! É para sarar. Não é ruim, não! Olha, mamãe vai provar!

Grupo A: O menino está inquieto. Sente-se mal. Não pode dormir.

Grupo B: Mamãe canta baixinho... (As meninas cantarolam em boca “chiusa” uma canção de ninar)

Grupo C: A febre passou...

Grupo A: O menino dormiu...

Todos: A mamãe sorriu...

Grupo B: (canta baixinho a mesma canção de ninar, cada vez mais baixinho)

Uma dramatização para Pentecostes

Pentecostes é uma festa judaico-israelita, adotada posteriormente pelos cristãos. No Antigo Testamento (AT), ela faz parte das três principais festas do calendário anual (Êx 23.14-17). É interessante perceber que, no AT, essa festa possui dois nomes: Festa da Colheita e Festa das Semanas (Êx 34.22). Esses nomes contam um pouco da história e razão da festa anual. O nome “colheita” indica que era realizada durante a colheita de trigo. O nome “semanas” tem sua razão de ser na posição da festa no calendário anual, isto é, cinquenta dias após a celebração da Páscoa. O nome “pentecostes” vem da tradução grega que dominou a festa a partir da expressão “cinquenta dias depois”.

PENTECOSTES

Uma dramatização baseada em Atos dos Apóstolos

Elenco

- Um grupo de 11 interlocutores, formado por jovens, juvenis, crianças e adultos. Os interlocutores 1 e 5 podem ser crianças.
- Narrador
- Pedro

Cenário

- O narrador coloca-se atrás do púlpito.
- Os interlocutores devem posicionar-se de forma que sejam facilitadas a visão e audição das pessoas no local da apresentação.

- O personagem Pedro deverá assentar-se em meio à congregação, para dar a impressão de se constituir o povo do passado.

Vestimentas

- A cor litúrgica para o Pentecostes é o vermelho.
- Para os interlocutores, camisetas ou blusas vermelhas ou ainda estolas confeccionadas com fitas vermelhas e largas.
- Pedro deve usar uma vestimenta característica dos templos bíblicos.

Ornamentação e comunicação visual

- Utilize, para a ornamentação do



ambiente, pipas confeccionadas pela Classe dos Juvenis.

Preparo

Seria interessante se os interlocutores memorizassem as suas falas.

Obs.: Faça adaptações do programa de acordo com a situação de sua igreja.

MOMENTO I

Narrador: Trago-vos saudações, escritas há quase 2000 anos por Lucas, o médico, mas poderosamente vivas, a todos os que se congregam em nossa igreja _____ no dia de Pentecostes. (Lê Atos 1.1-2)

Interlocutor 1: (em pé) Por favor, quem foi Teófilo? Nunca ouvi falar dele.

Interlocutor 2: Poderia ter sido um alto funcionário que utilizava um nome secreto. Naquele tempo, era perigoso ser cristão.

Interlocutor 3: O nome Teófilo significa “amigo de Deus”. Poderia ser, quem sabe, qualquer cristão, até mesmo cada um de nós aqui presente hoje.

Narrador: Lê Atos 2.1-4

Interlocutor 1: Espere um pouco. O que é Pentecostes?

Interlocutor 2: Pentecostes quer dizer ‘cinquenta dias depois’. Tem a sua história na festa hebraica, festa das Semanas, da Colheita ou, ainda, o Dia dos Primeiros Frutos, quando as pessoas levavam ao templo os primeiros frutos da colheita.

(Alguns juvenis apresentam no altar amostras de cereais, frutas, plantas, flores e pães)

Interlocutor 3: Após a ressurreição de Jesus, quando foi comemorada a Festa das Semanas ou Pentecostes, os seguidores sentiram-se fortalecidos pelo Espírito Santo para a sua grande missão.

Interlocutor 4: Foi um dia de regozijo!

Todo o grupo (em pé)
Nós estamos alegres,
Porque sentimos o poder do Pai!
Porque temos comunhão em Cristo!
Porque recebemos o conforto e orientação do Espírito Santo!

Pela paz em seguir a Jesus!

Pela certeza da ressurreição.

Pentecostes é alegria, alegria!

Narrador: Lê Atos 2.5-8, 11-13

Interlocutor 5: Pensaram que os discípulos estavam bêbados?

Interlocutor 6: O que pensaria você se, de repente, todos começassem a falar em línguas diferentes e ainda entendessem uns aos outros?

Interlocutor 7: Mas não era somente a diferença de línguas. Os discípulos, cheios de entusiasmo, espalharam alegria por todo o lugar.

Todo o grupo: Eles sentiram força, alegria, coragem, ajuda, esperança! Na Páscoa, temos a vitória da vida sobre a morte. No Pentecostes, há vitória da força sobre a fraqueza e o desânimo.

MOMENTO II

Narrador: Então, Pedro se levantou, e em voz bem alta, começou a falar à multidão.

Pedro: (em pé – Lê Atos 2.14b-16; 2.22-24; 2.36)

Interlocutor 8: Pedro foi transformado. Ele era tímido. Agora, fala com autoridade e poder.

Interlocutor 9: Pedro chama Jesus de “Senhor”, o nome acima de todos os outros nomes.

Interlocutor 10: Parece que Pedro está mostrando que todos nós crucificamos a Jesus Cristo.

Narrador: (Lê Atos 2.37)

Pedro: (Lê Atos 2.38-39)

Narrador: (Lê Atos 2.40a)

Pedro: (Lê Atos 2.40b)

Narrador: (Lê Atos 2.41-47) E assim, Pedro nos diz neste dia de Pentecostes, em nossa igreja de _____ no dia _____, o que cada um de nós pode fazer em resposta ao chamado de Jesus Cristo. Vamos, em um momento

de confissão, apresentar a Deus as nossas limitações e fraquezas (pausa de um minuto).

MOMENTO III

Narrador: O iniciador do Metodismo, João Wesley, referiu-se ao acontecimento do dia de Pentecostes, narrado em Atos 2, como o momento em que o Senhor estava “moldando a argila”, simbolizando a educação e o preparo para servir e anunciar o Evangelho.

Canto: Prece

Interlocutor 11: Mas isso foi no passado. Será que ainda hoje o Espírito é a fonte de poder e coragem?

Narrador: Jesus prometeu: ‘Mas o Auxiliador, o Espírito Santo, que o Pai vai mandar em meu nome, vai ensinar todas as coisas a vocês, e fazer com que se lembrem de tudo o que falei’ (João 14.26).

Interlocutor 8: Isso significa que Deus está ainda hoje ao nosso lado, agindo em nossos corações, ensinando-nos a amar, perdoar e servir.

Narrador: Sim, nós não podemos fazê-lo sozinhos. O Espírito Santo, que esteve com o povo da Igreja Primitiva, está conosco hoje. Esse Espírito auxiliador se fez presente no Dia de Pentecostes, como um vento soprando em cada vida. E até hoje ele sopra.

Todos: (participantes e Congregação) Sentimos força, alegria, coragem, ajuda, esperança.

Momento para compartilhar

Narrador: E vocês? Qual tem sido a sua experiência? Em apenas uma frase, conte como o Espírito Santo lhe ensina a viver (Reserve não mais do que 10 minutos para esse momento).

Canto: A Pipa

*Rev. Tércio Machado Siqueira
Faculdade de Teologia*

Pentecostes

As atividades abaixo sugeridas poderão ser utilizadas nas aberturas de Escola Dominical, durante o período do Pentecostes.

1ª atividade – Toda a comunidade reflete sobre o significado do Pentecostes na vida do povo cristão. Deve-se trazer à luz as experiências vividas pela Igreja Primitiva e, em seguida, desafiar a igreja a viver o Pentecostes hoje.

Peça a duas ou mais pessoas para dramatizar para a comunidade as diferenças entre a Igreja Primitiva e a atual, destacando enfaticamente essas diferenças, para que a igreja seja despertada para seu compromisso como comunidade de fé no Deus Trino.

2ª atividade – Proponha à comunidade que esteja em jejum e oração quando for para o templo no domingo. No início da Escola Dominical, alguém reflete com a comunidade sobre a importância de se viver a experiência de fé em Cristo. É interessante que a mensagem seja ilustrada com os símbolos da Igreja: a Bíblia, a cruz e a chama (símbolo do povo metodista), elementos da Ceia e do batismo, entre outros. Convide algumas crianças para entrar com esses símbolos ao início da Escola Dominical.

O/a dirigente sugere que cada departamento (ou classe) prepare uma atividade para ser apresentada nesse período de Pentecostes. Faça uma escala.

O departamento infantil poderá apresentar uma pequena cantata, en-

focando a experiência da criança com Cristo e sua Igreja.

Os juvenis poderão preparar uma dramatização, enfocando a vivência do adolescente como cristão no mundo atual. Poderá ser a experiência vivida na escola ou com os colegas de bairro, com a família, finalizando com uma reflexão sobre a experiência.

Os jovens poderão recolher informações sobre essas experiências vividas por várias comunidades (não só metodistas), com fotografias, depoimentos e ilustrações. A montagem de um mural servirá para que essas experiências sejam partilhadas com todos.

Os adultos poderão elaborar uma dinâmica e vivenciá-la com a comunidade. Alguém convida alguns irmãos e irmãs para ir até a frente. Cada um receberá uma fita de tecido, que servirá para formar uma corrente. Assim, todos estarão interligados, simbolizando a união do povo cristão para vivenciar o Evangelho de Cristo.

No último domingo de Pentecostes, o pastor ou a pastora deverá refletir sobre a experiência vivida pelos apóstolos após a morte e ressurreição de Cristo e o surgimento da Igreja. Deverá também desafiar a igreja a vivenciar diariamente o Pentecostes. Esse momento deve ser encerrado com cântico e louvor.

*Dalva Rachel C. Nascimento,
Maria Helena C. M. Toledo,
3ª Região*

Natureza – Maravilhoso presente de Deus

05 de junho – Dia do Meio-Ambiente



50

A natureza é um maravilhoso presente de Deus para todos nós, homens, mulheres e crianças. Nossa vida depende dela que, por graça divina, nos dá o ar que respiramos, a água e o alimento que nutrem nosso corpo. Então, preservar a fonte de nossa vida é dever e responsabilidade de cada um, como indivíduo, e de todos, como comunidade de filhos e filhas de Deus, herdeiros e herdeiras desse maravilhoso bem.

VAMOS PRESERVAR A NATUREZA

É preciso assumir a responsabilidade que temos com a preservação da natureza, de forma concreta e prática, desenvolvendo ações que gerem resultados positivos imediatos, a médio e longo prazo. Em primeiro lugar, é necessário ter consciência de que a destruição do meio-ambiente está acontecendo de forma acelerada e alarmante, e que os seres humanos são os maiores responsáveis. Inverter essa situação só será possível se

começarmos a agir imediatamente.

Portanto, o desenvolvimento de um trabalho de educação ambiental em nossas igrejas locais é muito importante. A comemoração do Dia do Meio-Ambiente, 5 de junho, é uma ótima oportunidade para dar início a esse trabalho educativo, envolvendo as crianças, os juvenis, os jovens e os adultos das classes da nossa Escola Dominical.

1. Identifique que tipo de problemas ambientais existem em sua comunidade. Motive adultos e jovens a refletir sobre o assunto e a manifestar às autoridades locais sua preocupação.

2. Promova uma semana de “Educação Ambiental”, envolvendo toda a igreja, para fazer estudos e reflexões sobre temas como: conservação das plantas, espécies animais em extinção, poluição, lixo, importância da reciclagem, uso abusivo de produtos químicos, conservação da água, preservação do solo e os problemas ambientais e de saúde decorrentes desses fatores.

3. Desenvolva campanhas e projetos diferenciados a curto, médio e longo prazo para cada classe. Exemplo:

- Projeto de coleta de material reciclável (lata, garrafas, papel) para doação a entidades beneficentes.
- Campanha “Jogue o lixo no lixo” para educação sobre a coleta de lixo em casa e na Igreja.
- Confecção artesanal de cestas e depósitos de lixo para distribuição às

famílias da igreja, utilizando sucata e outros materiais como latas, baldes, sacos plásticos, garrafas de refrigerantes.

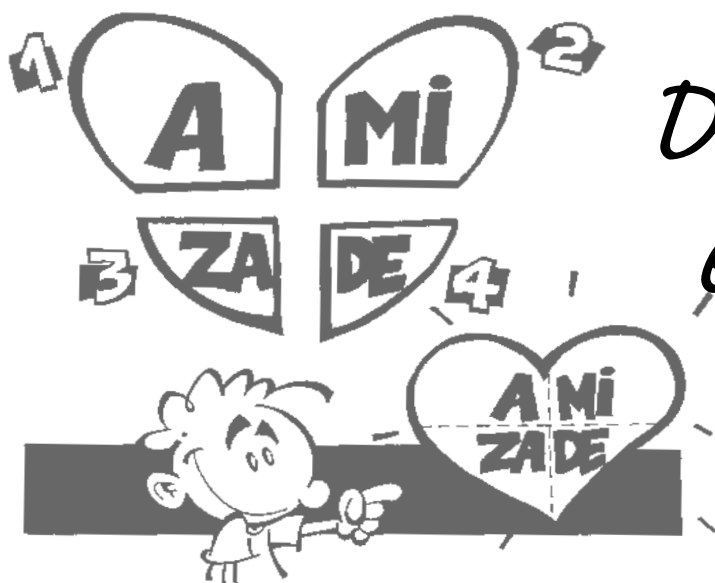
- Orientação às crianças para fazer canteiros de plantas e flores nos locais disponíveis na igreja. Plantar vasos para enfeitar as salas.
- Elaboração de cartazes e audiovisuais que possam ser espalhados pelas dependências da igreja, contendo mensagens e reflexões sobre a importância da preservação do meio-ambiente.

Teca Greathouse, 4ª RE

MUNDO IMUNDO

Cláudio Moraes, 2ª RE

Mundo significa limpeza
Tudo muito bem arrumado
Foi assim no princípio
Logo que foi criado.
O contrário de mundo é imundo
É desordem e sujeira
Pode ser material:
Pó, lixo e feiúra
Pode ser moral:
Corrupção, egoísmo, degradação
A imundície está no mundo
Fazendo-o imundo.
Limpar o mundo é obra de Deus
E ao homem compete ajudar
Evitando toda a poluição
Purificando o físico e o espírito
A matéria e o coração.
Refazer o mundo do Criador
Que o criou com muito amor.
Fazer de novo mundo limpo
Retirar toda a imundície:
Recriar o Reino de Deus!



Dia do Amigo e da Amiga

Dia 20 de Julho

Esta celebração é uma oportunidade para percebermos o valor da amizade e como Jesus nos ajuda a olhar a amizade e os/as amigos/as.

VAMOS PENSAR SOBRE A AMIZADE

Dinâmica:

- escolha o texto mais adequado para cada faixa etária.

Para crianças:

- escolher uma das poesias sugeridas.
- aproveitar os recursos pedagógicos e visuais das lições.
- cada classe deve criar um símbolo (algo com figuras, palavras ou gestos) para dividir com as outras classes, no partilhar posterior, quando todas as classes se encontrarem.
- no final deve ser previsto um encontro de todas as classes de estudo.

Para as classes de juvenis, jovens e adultos:

- o texto bíblico pode ser lido na Bíblia.
- pode-se fazer comparações de traduções bíblicas diferentes.
- levantar perguntas simples sobre o texto bíblico para motivar a descoberta de novidades, que te-

nam a ver com a amizade, nos textos ou poesias sugeridas.

Por exemplo:

- 1) Quais as pessoas que aparecem no texto?
- 2) Onde ocorreu o fato?
- 3) Qual o conflito que enfrentaram?
- 4) Como foi encontrada a solução para o conflito?

ORIENTAÇÃO PARA UMA CAÇA AO TESOURO

- numa cartolina desenhe um coração grande.
- recorte o coração e divida-o em várias partes (como um quebra-cabeça), reservando uma parte para cada classe.
- cada parte do coração deve conter uma letra ou sílaba da palavra AMIZADE.
- cada classe, sem identificar, recebe um pedaço do coração com a orientação de escrever nele, após o estudo, uma palavra que sintetize o tema estudado neste dia.
- no final da Escola Dominical todas as classes se reúnem e montam o coração (quebra-cabeça), que formará no verso a palavra AMIZADE, que representará a chave para abrir o tesouro.
- a amizade deve então ser refle-

tida como a chave para abrir o coração de cada pessoa, ajudando-as a tornarem-se cada vez mais amigas umas das outras.

- o “tesouro” ou a “surpresa” é a contribuição de cada classe.

Observação:

- 1) É importante que a equipe responsável pela Escola Dominical se reúna previamente para planejar o estudo e as atividades desse dia.
- 2) Planeje também uma avaliação do trabalho realizado:
 - a) O grupo percebeu a contribuição de cada classe?
 - b) Houve a participação de todos/as?
 - c) O grupo compartilhou?
 - d) Como a equipe da Escola Dominical se sentiu com o trabalho realizado?
- 3) É também muito importante incentivar os participantes a realizar ações concretas após o estudo. Que tal incentivá-los a escrever cartas ou mensagens, para amigos e amigas distantes com os/as quais não têm contato há muito tempo, ou planejar uma visita a alguém que não encontramos com frequência e a quem temos amizade?

Horizontalina Mello Canfield e Genilma Boehler

Poesias

para o Dia do amigo e da amiga

MARTA E MARIA

O/a amigo/a é aquele que se visita, conversa, faz coisas juntos/as (Lc10.38-42)

Jesus um dia visitou a casa de Marta e Maria. A casa tinha um quintal e flores bem coloridas. A cortina era bem alegre nas janelas da casa florida.

Jesus entrou dentro da casa e sentou pra descansar. Marta foi para a cozinha. Maria veio conversar.

Marta foi buscar a água e preparar o jantar. Maria queria aprender e não parou de perguntar.

Marta cortou as verduras e botou pra cozinhar. A Maria queria saber o que Jesus tinha pra contar.

A Marta ficou zangada: “Maria, vem me ajudar! Pára com essa conversa e vem fazer o jantar!”

Jesus então falou pra Marta com uma voz boa de amigo: “Marta, deixa o jantar pra lá. Vem cá. Vamos conversar. Você também é importante. Venha participar!”

E os três conversaram muito e os três fizeram o jantar. É bom fazer as duas coisas: o serviço e conversar!

OLHA A CAMA DESCENDO!

O/a amigo/a ajuda a transpor os obstáculos (Lc 5.17-26)

O homem estava doente e queria ver Jesus. Mas era muito difícil. Onde Jesus estava tinha sempre muita gente: homem, mulher e criança, de um lado e do outro também. E o homem quase desistiu de querer ir ver Jesus.

Mas os amigos falaram: “Que é isso? Não desiste não. Nós vamos te ajudar. Vamos arrumar um jeito. Com Jesus você vai se encontrar...”

Arrumaram um cama, amarraram umas cordas, subiram no alto da casa, tiraram um pedaço da telha e desceram o amigo que não podia andar segurando bem firme na corda.

E gritaram bem alto assim: “Jesus olha o nosso amigo! O que ele mais quer na vida é se encontrar com você. Desculpe esse jeito maluco, mas o amigo vai descer!”

Jesus ficou muito feliz. Que encontro diferente! Um homem vem pelo telhado no meio de tanta gente... Jesus conversou com o homem que queria tanto andar. Com tanta vontade e bons amigos, fica mais fácil sarar!

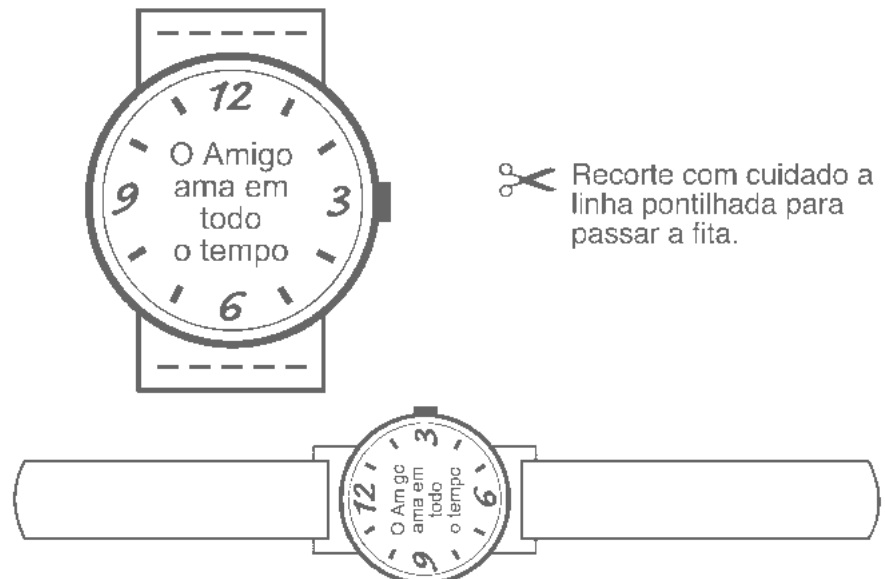
Um relógio para o/a Amigo/a

Faça um marcador de livros para dar a um amigo/a. Incentive os/as participantes a criarem seus próprios modelos de relógio. O desenho ao lado é apenas uma idéia. Depois é só distribuir para estas pessoas tão especiais: os amigos e amigas.

Você vai precisar de: cartolina, fita colorida, tesoura e lápis de cor.

Reproduza o desenho ao lado, pinte como desejar e recorte. Passe a fita nos cortes indicados pela linha tracejada e o marcador está pronto.

O texto bíblico é de Provérbios 17.17a.



Festa do Papai



Neste dia prepare a sua Escola Dominical para um momento de reconhecimento e gratidão aos pais. Lembre-se dos alunos e das alunas órfãos/órfãs, bem como de pais separados (geralmente os pais são ausentes). Para ajudá-los/as nesta comemoração, aqui estão algumas sugestões.

DRAMATIZAÇÃO: CORAÇÃO DE PAI

(Nancy Tims)

Esse é um cara muito legal (coloca o rosto).
Quando preciso dele, não tira o corpo fora (coloca o corpo).
Está sempre pronto para me dar uma mãozinha (coloca o braço direito).
Gosta de me abraçar (coloca o braço esquerdo).
Brinca comigo... é um bom pé de bola (coloca a perna direita).
Ele me leva para passear... mas, se fico doente, me leva depressa ao médico (coloca a perna esquerda).
Uma pessoa assim, tão especial, só podia ter um coração de PAI (coloca o coração, no qual está escrito a palavra PAI)

Como fazer:

Afixar num quadro uma folha de

papel pardo, na qual estará desenhado de leve o contorno de um corpo. Acrescentar as partes do corpo à medida que as crianças falam o texto acima.

O título ou Viva meu Papai pode ser colocado ao final. Prepare uma porção de rolinhos de fita gomada prontos para colocar atrás das figuras no momento em que as crianças as apresentarem. Um adulto deve fazer isso, reforçando, em voz audível, o que a criança falou.

ORAÇÃO DOS PAIS

Pai nosso,
Ensina-nos a ser pais como Tu és.
A conhecer nossos limites e valores,
Para que na sociedade que tanto nos cobra,
Possamos saber dar e receber amor.

Pai nosso,
Santifica nosso ser com Tua graça.
Onde há sinais de violência contra os filhos:
Sejamos voz que protesta, mãos que ampam,
Exemplo que corrija os desvios.

Pai nosso,
Ajuda-nos a provar o pão de cada dia
Nessa época em que cada dia é imprevisível.

A sermos serenos o bastante para crer
E ativos o bastante para agir.

Pai nosso,
Que o Teu reino se manifeste em nosso lar.

De tal forma que sejamos livres do mal.

E da tentação de nosso agir e pensar,
movidos por egoísmo,
Para que nossos filhos nos chamem "Pai"

Como nessa oração chamamos a Ti...
em amor. Amém.

SAUDAÇÃO AO PAPAI

*(música de "ciranda, cirandinha" -
extraído da revista metodista
"Nós e as crianças", julho de 1971)*

Vamos todos, bem contentes,
Vamos todos a cantar.
Muitos mimos e presentes
Ao paizinho ofertar.

O paizinho é tão bondoso
Que cuidados tem por nós.
Seja para festejá-lo
Nesse dia a nossa voz.

Papaizinho te saudamos
Com ternura e emoção.
És o bem maior que existe
Para o nosso coração.

Eunice A. Moreira de Freitas, 4ª RE

Prepare

As crianças participarão vestidas ou trazendo alguma coisa que caracterize as profissões que representam.

Criança 1

Hoje é dia do papai,
o grande batalhador
que com o suor do seu rosto
sustenta a casa com amor.

Ao papai, no seu belo dia,
Queremos homenagear.
Não sabemos fazê-lo como devia,
Mas mesmo assim vamos tentar.
E ao papai homenageando
Neste dia com amor,
A todos vamos mostrando
Profissões de muito valor.

Criança 2 – Médico

Perto ou longe ele vai
O seu cuidado levar.
Bom médico é o papai.
A todos quer ele curar.

Tenho orgulho de ser filho
De tão bom profissional.
Crescendo quero tentar
Ser tão bom e tão leal.
(Coloca-se de um lado e todas as outras farão o mesmo.)

Criança 3 – Gari

É simples o seu trabalho
Mas de mui grande valor.
Trabalha duro o meu pai
Ele tem muito labor.

É tão grande o seu esforço
Apesar de sua idade.
A vassoura a empunhar
Varre as ruas da cidade.

Criança 4 – Pastor

Nem sei se é profissão
A que papai executa.
É nobre a sua missão
É grande a sua labuta.

Um dia ouviu o chamado
De Jesus pra ser pastor.
Tornou-se, então, um enviado
Um mensageiro do amor.

Criança 5 – Professor

O meu pai é professor.
Que bonita profissão
Se cumprida com fervor
Com carinho e dedicação.
Ser professor é ser pai
Dos seus e de outros filhos.
Ensinando ele vai
Com amor e muito brilho.

Criança 6 – Lavrador

O trabalhador é importante
Não só pelo seu salário,
Mas pelo bem que ele faz
Ele é muito necessário.
A terra o papai lavrando
Todo dia sem parar
Os frutos vai ele colhendo
Que vão nos alimentar.

Criança 7 – Padeiro

Sai bem cedo pra labuta
De todo dia, incansável!
É bem grande a sua luta
E seu esforço, louvável!

O meu papai é padeiro
Digo com o maior orgulho.
Com esforço verdadeiro
Ganha o sustento dos filhos.

Criança 8 – Construtor

Meu papai é construtor
De grande responsabilidade.
Missão difícil, sim, senhor,
Pois constrói nossa cidade.

Se não for bem cuidadoso
E usar bom material,
Seu prédio, embora bonito,
Não fica nada legal.

Se não trabalhar com amor
Honestidade e dedicação
Corre o risco o construtor
De ver seu prédio no chão!

Criança 9 – Comerciante

Ser um bom comerciante
Não é tão fácil assim.
Trabalha bem meu papai
É um orgulho para mim.

Todos, sem exceção,
Na sua loja têm vez
Pois cada freguês é um amigo
E cada amigo é um freguês.

Criança 10 – Porteiro

Corre riscos o meu papai,
Lidando com muita gente.
Ainda bem cedo ele sai
É homem muito valente.

O meu papai é porteiro.
Trabalha com muito ardor
Pra sustentar a família
A quem ele tem amor.

Criança 11 – Pedreiro

Tijolo sobre tijolo
Empunhando uma colher.
Trabalha pra sustentar
Seu filho e sua mulher.
Ninguém consegue impedir
Meu papai de lutar,
De seu caminho seguir,
Procurando nos alegrar.

Criança 12 – Encerramento

Jesus Cristo valorizou
No mundo todo trabalho.
A todos nós ele amou
Por amor se sacrificou.

Não escolher profissão
Por status ou por dinheiro
É segredo sempre à mão,
De felicidade o ano inteiro.

A profissão tem valor.
Trabalha honestamente,
Com alegria e vigor,
Servindo humildemente.

Criança 13

Ao papai, sem hesitação,
Nós devemos respeitar,
Seja qual for a profissão
Que usa para nos sustentar.

O papai que é responsável,
Que trabalha com amor,
Receba nossa homenagem.
E a Deus nosso louvor!

DIA DOS PAIS

(música: HE – 146
letra: Eunice A. Noreira de Freitas)

Hoje é o dia do papai
Ao bom Deus o meu louvor
Do papai que é tão legal
Sê ó Deus o protetor.

*Ao papai querido
Quero muito bem
A Deus nosso pai
Louvores dou também.*

Carinho quero ofertar
Ao papai com todo ardor
Nesse dia especial
Demonstrando o meu amor.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO PAI

Jogral

- Leitor 1 e 2:** Todo pai tem o direito de ser respeitado.
- Leitor 2:** Jovem ou idoso, pai deve ser amado e aceito
- Leitor 3:** Mesmo quando
- Todos:** não é herói, nem tão forte, nem tão sábio, nem tão certo.
- Leitor 2:** Todo pai tem o direito de se emocionar.
- Leitor 1:** Nada de ser durão: pai, também, pode chorar.
- Leitor 3:** Pai tem o direito
- Todos:** de pedir perdão, de errar e acertar, de se assumir e corrigir, de se expressar.
- Leitor 1:** Todo pai tem o direito de dar amor,
- Todos:** De abraçar, beijar, não só ralar.
- Leitor 2:** Pai tem o direito de abrir os braços e o sorriso.
- Leitor 3:** Pai tem o direito de brincar.
- Leitor 2:** Pai tem o direito de estar presente, mesmo quando não esteja perto.
- Leitor 3:** Todo pai tem o direito de ser divertido e alegre. Mesmo quando os deveres são muitos.
- Leitor 1:** Ser livre como criança, rolar no chão.
- Todos:** Todo pai tem o direito de ter um coração.

BÊNÇÃO PARA O DIA DOS PAIS

Hideide Brito Torres, 4ª RE

Que Deus Pai te ilumine o caminho,
Te ajude na difícil e importante tarefa de ser pai.
Que Ele te faça simples como a criança,
Sábio como o ancião,
Forte como o soldado,
Sensível como o artista.
Que teus filhos te honrem perante a cidade,
E se orgulhem de teu exemplo e dedicação,
Possam eles ser pais e mães no futuro,
À imagem e semelhança de Deus.
Amém

PAPAI

(música de “Vinde meninos”)

Hoje é um dia muito feliz
Ao meu papai eu quero saudar
Pedindo a Deus para abençoar
Todos no nosso lar.

*Que alegria! Quando em casa estou
Vendo todos juntos trabalhar.
Graças a Deus porque ele nos dá
Papai, mamãe e um lar.*

RETRATO DE PAI

Coro Falado – Autor desconhecido

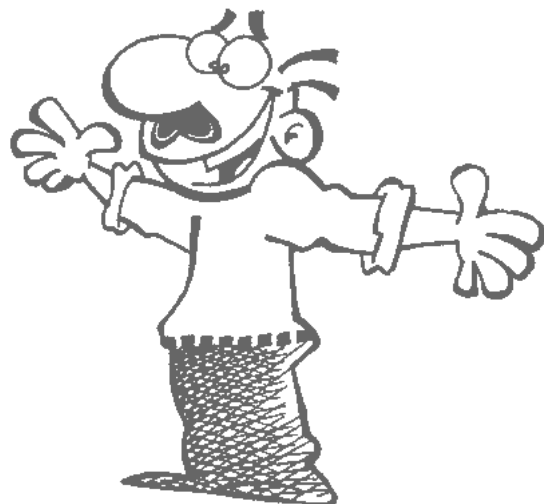
Todos: Retrato de pai, retrato de homem, retrato de homem que raciocina...

- Voz 1: Retrato de pai, retrato de homem...
- Voz 2: De homem que é força, que é proteção!
- Voz 3: Retrato de pai, retrato de homem
- Voz 4: De homem família, de homem amor
- Voz 5: Em luta de teto ou relento
- Voz 1: Em luta de fome ou pão
- Voz 2: Em luta de vida ou morte
- Todos: Ele é meu pai**
- Voz 3: Retrato de pai, retrato de homem, de homem que pensa e raciocina.

- Voz 4: Retrato de pai, retrato de homem
- Vozes 1 e 5: de homem que é força, que é proteção
- Voz 2: Retrato de pai, retrato de homem,
- Todos: de homem família, de homem amor**
- Voz 3: fim do mês:
- Voz 4: paga a escola,
- Voz 5: paga o aluguel,
- Voz 1: compra os alimentos,
- Voz 2: agasalhos,
- Todos: E mais, muito mais!**
- Voz masculina: (casado) Foi-se o ordenado!
- Voz 3: E cansado
- Voz 4: Estafado
- Todos: Chega meu pai!**
- Voz 5: Por tudo isso papai querido,
- Voz 1: que fazer para ajudá-lo?
- Voz 2: Estudando?
- Voz 3: Trabalhando?
- Todos: Poderemos recompensá-lo?**

Voz masculina: (forte e pausadamente) Não se preocupem meus filhos, em recompensa me dar. Deus fez os pais assim mesmo, PARA CADA VEZ MAIS AMAR!

Todos: (bem alto) **Retrato de pai, retrato de homem, de homem família...**(mais baixo) **Retrato de pai, retrato de homem, de homem que é força, que é proteção...** (abaixando sempre) **Retrato de pai, retrato de homem, de homem família...** (devagar) **De homem amor!**



QUANDO TEU FILHO PERGUNTAR... RESPONDERÁS

Extraído da revista *Nós e a criança*

Todos: Quando teu filho perguntar...

Leitor 1: Responderás...

Todos: Responderás que Deus é amor.

Leitor 2: Se teu filho crescer acostumando-se a sentir em Deus um Pai amoroso, e não um tirano, diante de quem não se deve chegar amedrontado, mais tarde ele buscará sempre, pois confiará no amor divino.

Leitores 1 e 3: Quando teu filho perguntar...

Todos: Responderás que Deus é fidelidade.

Leitor 3: Se teu filho crescer acostumando-se a presenciar orações de gratidão por bênçãos recebidas, por respostas maravilhosas a pedidos feitos com fé, mais tarde ele confiará no Deus fiel e o buscará sempre.

Leitores 1 e 2: Quando teu filho perguntar...

Todos: Responderás que Deus é misericórdia.

Leitor 1: Se teu filho crescer acostumando-se a ter em Cristo um amigo bondoso e verdadeiro, mais tarde ele o procurará sempre, pois verá que não existe amigo igual.

Leitores 2 e 3: Quando teu filho perguntar...

Todos: Responderás que Deus precisa dele.

Leitor 2: Se teu filho crescer acostumando-se a sentir que sua vida, seu tempo, seus talentos, seu dinheiro, tudo é necessário ao desenvolvimento do Reino de Deus, bem cedo responderá afirmativamente ao chamado do Espírito Santo.

Leitores 1 e 3: Quando teu filho perguntar...

Todos: Responderás que Deus é o caminho.

Leitor 3: Se teu filho crescer acostumando-se a trilhar o caminho certo, mais tarde ele não se desviará dele.

Todos: Porém, se teu filho não perguntar...

Leitor 1: Não te omitas à tua responsabilidade de pai cristão. Teu filho poderá não traduzir em palavras o que sente. Mas ele vê, ouve e guarda tudo o que se passa ao seu redor.

Leitor 2: Fala-lhe, mostra-lhe, mas, principalmente...

Todos: Prova-lhe com tua vida tudo quanto lhe é ensinado...

Leitor 3: E terás cumprido fielmente a missão maravilhosa de preparar um filho para a vida.

Todos: “Ensina a criança no caminho em que deve andar e, ainda quando for velha, não se desviará dele”.

Cartão para o Dia dos Pais

FIGURA A



FIGURA B

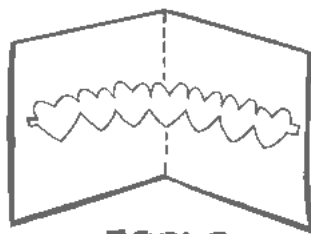
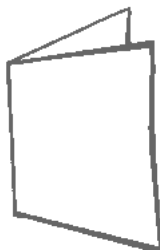


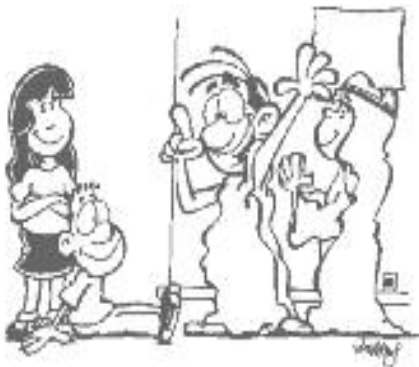
FIGURA C

RECORTAR E DOBRAR OS CORAÇÕES COMO SE FOSSEM UMA SANFONA (FIGURA A) E COLAR DENTRO DE UM CARTÃO (FIGURA B E C).

Rosimeire Mattos Soares, 3ª RE

Recursos ainda pouco explorados na Escola Dominical

Segundo Domingo de Setembro, Dia do/a Juvenil Metodista



Participando de um encontro bi-regional de juvenis (1ª e 4ª RE), ouvimos de Sara, Danielle, Isabel, Raquel, Hellen, Beth, Regiane, Farley e Poliana o que fazem e gostam de fazer em suas igrejas.

Disseram que uma das coisas mais prazerosas é participar da classe de Escola Dominical quando os estudos são realizados com atividades dinâmicas e criativas.

Essa afirmativa nos motivou a abordar o assunto com vocês, dedicadas professoras e professores de juvenis. Ela nos mostra como é importante o preparo e a utilização de métodos participativos para melhorar o aproveitamento das lições. Relembremos uma série de técnicas que podem e devem ser desenvolvidas com sua classe.

EXPRESSÃO CORPORAL

Dramatização

É a representação viva de uma história. Ela permite entender melhor e interiorizar o assunto. O primeiro e mais importante resultado da dramatização é a educação das pessoas que tomam parte dela. O segundo efeito é

o produzido nas pessoas que assistem à representação. A dramatização oferece oportunidades preciosas para a interação, a cooperação, a participação e a aprendizagem dos nossos alunos e alunas.

Uma boa dramatização inclui: poucas palavras, gestos simples, algumas roupas típicas.

Sociodrama

É a representação de uma realidade social. É um retrato curto de como vive o povo, as coisas que acontecem na vida real de nossas comunidades ou bairros (sócio = situação e conflitos sociais; drama = ação dialogada e teatral).

Os diálogos não devem ser disfarçados. Trata-se de representar os fatos como se estivessem acontecendo no momento da própria dramatização. No fim, os participantes devem completar o sociodrama com comentários.

EXPRESSÃO MANUAL

Desenhos

Não se trata de copiar um modelo ou de colorir um desenho pronto, mas de levar os/as alunos/as a criar seus próprios desenhos, expressando o que guardaram da mensagem transmitida. Depois, é claro, expor para que toda a Igreja veja.

Música

A música é instrumento indispensável para a expressão de nossa fé e gratidão a Deus. Música e poesia ficam gravadas facilmente em nossa memória e passam a fazer parte de nossos pensamentos e emoções. A música atinge a todos e deve ser usada com frequência e não apenas nas “ocasiões especiais”.

O/a professor/a que não souber tocar nenhum instrumento pode convidar pessoas que sabem ou se valer do gravador para ensinar música e cantar com seus alunos/as.

Ao escolher as músicas a ser usadas, leve em consideração o tema que será estudado, a idade do grupo, o ritmo, o tempo que vai necessitar para cantá-las ou ensiná-las e, principalmente, o vocabulário, que deve ser simples e de fácil compreensão.

A música na Escola Dominical oferece aprendizado e relaxamento. Por isso, faça da música parte integral de seu trabalho.



Jovens relembram a história da Escola Dominical

No Dia da Escola Dominical, no terceiro domingo de setembro, vamos relembrar com os jovens a história do surgimento dessa escola na Inglaterra, no Brasil e na igreja local. Vamos compartilhar as experiências vividas e refletir sobre a importância da Escola Dominical em nossa vida.

Texto bíblico motivador:

“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.”
(Lamentações 3.21)

1º PASSO

Inicie o estudo fazendo uma pequena introdução sobre a importância da Escola Dominical na vida de nossas igrejas. Destaque o papel do/a educador/a da ED, que oferece aos/as alunos/as, além do conhecimento doutrinário, o preparo para o testemunho e o compromisso com o Evangelho.

2º PASSO

Explique que a classe vai relembrar a história da Escola Dominical. Conte a todos e todas como ela surgiu na Inglaterra e no Brasil.

3º PASSO

Peça aos alunos e alunas para relembrar os fatos mais importantes do início e do desenvolvimento da sua igreja local. Escolha alguém para anotar, em folhas de papel, os fatos relatados pelos alunos e alunas. Pendure as folhas de papel num barbante e coloque num lugar em que todos e todas possam ver.

4º PASSO

Dê alguns minutos para que os alunos e alunas conversem e compartilhem suas experiências pessoais na Escola Dominical (que importância a ED teve e tem em suas vidas).

5º PASSO

Encerre a classe, dedicando alguns minutos para orações de agradecimento a Deus pelas experiências vividas e...

- pela existência da Escola Dominical.
- pela Igreja local.
- pelos professores e professoras.
- pelo trabalho das crianças, dos juvenis, dos jovens e dos adultos.



Tenho Esperança

Dia da Escola Dominical



SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O DIA DA ESCOLA DOMINICAL

Solicite que algumas pessoas escrevam sobre “O que a Escola Dominical tem sido para mim”, alguns dias antes da comemoração do Dia da Escola Dominical. Poderão ser escolhidos um homem, uma mulher, um jovem, um adolescente e uma criança. Eles deverão dar seus testemunhos durante a programação. Caso haja dificuldade de escrever, as pessoas poderão falar, observando-se o tempo designado pela coordenação do programa.

Tenho esperança ...

... de que a Escola Dominical seja espaço tão acolhedor e interessante que nenhum membro da Igreja Metodista deixe de frequentá-la;

... que nossas crianças tenham acomodações adequadas, professores/as que falem sua linguagem e lhes transmitam os valores do reino de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo;

... que as crianças amigas, vizinhas, colegas, as que residem perto da Igreja também sejam convidadas, acolhidas e participem da Escola Dominical;

... que nossos juvenis sejam respeitados em sua fase de transição-/afirmação e aceitos pela comunidade de fé, que procurará saciar-lhes a vontade de obter respostas a seus questionamentos;

... que os jovens se disponham a capacitar-se e, com idéias novas e posições arrojadas, tomem a tocha na liderança da caminhada de fé da Igreja, substituindo os que se acham cansados;

... que homens e mulheres encontrem na Escola Dominical a oportu-

nidade da comunhão, do aperfeiçoamento de seus conhecimentos bíblicos e do compartilhar a vida em ambiente de fé e amor;

... que os/as professores/as tenham chances de capacitação e reciclagem, sejam motivados a coordenar suas classes e vejam reconhecidos os seus esforços;

... que nossa literatura alcance cada vez mais um grau de excelência e, usada por toda a Igreja, seja um elo de união entre os metodistas;

... que os bispos, os pastores, as lideranças da Igreja apoiem incondicionalmente a Escola Dominical e os seus projetos;

... que pais, avós, tios/as, parentes, amigos e vizinhos tomem as mãos dos pequeninos de suas famílias e os levem a conhecer o caminho do qual mais tarde não se desviarão;

... que a Escola Dominical continue sendo uma vertente da Igreja de Cristo que ensina, capacita, ajuda a refletir sobre a vida e, antes de tudo, fundamenta em bases fortes, a fé de cada pessoa que dela participe!

*Zélia Constantino,
1ª RE*

Conhecendo a Escola Dominical



Para comemorar o Dia da Escola Dominical, desenvolva um programa especial que ajude as crianças a refletir sobre sua importância. Aqui estão três sugestões, mas você também pode usar sua criatividade e desenvolver outras idéias.

VISITAS

Os grupos devem escolher visitar uma outra igreja metodista em horário de Escola Dominical. Combinar a visita com antecedência. Apresentar o relatório de visita na aula do domingo seguinte. Pensar numa dinâmica para apresentação: um mapa mostrando onde fica a outra Escola Dominical, um cartaz indicando o que é parecido e o que é diferente, uma música aprendida, alguém da comunidade visitada.

Durante a visita deve ser observa-

do: O que tem de diferente? O que tem de semelhante?

ENTREVISTAS

Organize um roteiro de perguntas com as crianças.

Roteiro 1: Entrevistar diversas pessoas da igreja local: Do que elas gostam? O que poderia ser diferente no bairro?

Roteiro 2: Entrevistar a vizinhança: o que sabe da Escola Dominical: Para que serve? O que é? Atrapalha ou ajuda o bairro?

GINCANA

Organize uma gincana a partir dos elementos da vida da igreja local e da vizinhança. Aqui estão algumas sugestões. Se necessário, desenvolva outras tarefas.

• Entrevistar:

- a professora mais antiga,
- a professora mais nova,
- o aluno mais antigo,
- a aluna mais antiga,
- o aluno mais idoso,
- a aluna mais idosa,
- o aluno mais novo,
- a aluna mais nova.

- Trazer exemplares bem antigos de revistas da ED.
- Trazer um exemplar de cada revista que está sendo usada.
- Trazer fotos antigas da ED.
- Descobrir e cantar os hinos que eram cantados nos primeiros tempos da ED na Igreja.

3º Domingo de Setembro: Dia da Escola Dominical

Montar o móbile conforme o desenho. Enfeitar a classe para o Dia da Escola Dominical.

Faça, com as crianças, um presente para a Escola Dominical

MÓBILE

Material:

- papelão ou cartolina
- arame ou barbante
- tesouras
- lápis de cor/giz de cera

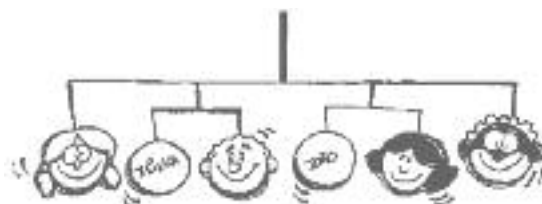
Modo de execução:

O móbile é uma armação móvel, constituída de um grupo de formas (e, se quiser, cores) diferentes, feitas de papelão, cartolina ou outros materiais. Cada parte móvel é presa, uma à outra, por meio de barbante (ou arame), ficando suspensa, mas ligada ao esteio, também móvel, que forma a base.

O móbile é formado de arames pendurados por fios a outro arame (base). As formas são penduradas nas extremidades dos arames com fios (fitas ou barbantes).

Recortar na cartolina círculos (um para cada criança).

Cada criança desenha seu rosto de um lado e escreve o nome do outro lado.



Direitos da criança na comunidade de fé

A criança tem direito a ser pessoa valorizada pelos adultos, pelas famílias, por toda congregação.

A criança tem que ser provida de ambiente acolhedor e sadio para viver e crescer, bem como de oportunidade para se desenvolver na igreja.

A criança tem direito a ter, a partir de seu nascimento, a sua individualidade respeitada pela família e pela comunidade de fé.

A criança, antes mesmo de nascer, tem direito ao amor, cuidados e consideração por parte de toda a comunidade de fé.

A criança excepcional tem direito a especial consideração por parte das lideranças, dos ministérios e de toda a Igreja.

A criança tem direito a fazer parte de uma família apoiada e protegida pela comunidade de fé.

A criança tem direito a ser nutrida na fé e a ser ensinada sobre o que Jesus fez por ela.

A criança tem direito a ser Igreja de Jesus: a participação total na vida da igreja, nos seus sacramentos, ministérios e serviços missionários, sem discriminação de idade, tamanho, escolaridade, raça, cor, sexo ou nacionalidade.

A criança tem direito ao batismo infantil.

A criança tem direito a participar e ser nutrida na fé pelo culto, pelo ensino bíblico (particularmente na Escola Dominical), pela confraternização.

A criança tem o direito a ser educada sobre suas responsabilidades como cidadã, como cristã e como pessoa humana, no cuidado para com toda a comunidade e criação de Deus, sejam pessoas, bichos, plantas, rios ou qualquer outra coisa da natureza.

Prepare um bonito mural para a sua igreja com esta declaração. Ilustre com desenhos ou fotos das crianças da Escola Dominical.

A vocês, professoras e professores, com carinho...

A vocês, professoras e professores, servindo em instituições ou igrejas locais;
a vocês que um dia disseram sim ao chamado de Cristo, tendo no ensino um sacerdócio;
a vocês, comprometidos/as com a vida abundante para todos/as;
a vocês, nosso respeito e nosso carinho!

EIS-ME AQUI

Seja adulto ou criança,
Seja Joana ou José,
Sem tempo, sem hora marcada,
Ele/a vive sua fé.

Vai além da mera "letra",
Tem mais que "boa vontade".
Ensina com sua vida,
É um mestre de verdade.
Deslumbra com seu carinho
É um exemplo para mim,
Sua vida é diferente,
Pois ao Senhor disse: SIM!

Sua resposta ao chamado
Me ajuda a decidir:
Eis-me aqui, Jesus amado.
Eis-me aqui para te servir!

(Romilde Sant'Ana)

SALMO DO BOM PROFESSOR

O Senhor é o meu mestre.
Não me desviarei dos caminhos da sabedoria.
Ele me conduz passo a passo pelos degraus do que eu tenho que aprender.
Ele me prepara uma lição a cada dia e me revela as ricas fontes da instrução.
Ele mostra a cada instante a beleza esplendorosa da Verdade. O mundo é o livro estupendo que Ele escreveu e, uma a uma, Ele vai virando suas páginas diante de mim.
As palavras e as imagens estão gravadas.
Sua voz eterna povoa as palavras e os cenários.
Então eu me encho de júbilo quando o compreendo.
Ele me toma pela mão e me leva ao cume da sabedoria.
E pelos vales e pelos caminhos sombrios, a sua mão me guia e o seu Espírito me fala.
Ainda que a lição seja difícil, não me desespero, pois o Senhor usa de paciência com o seu discípulo, e espera com ternura que eu vença a minha fraqueza, de sorte que, de entre as minhas lágrimas, consigo ler claramente a verdade.

(autor desconhecido)

Os três queriam ser rei

Uma dramatização para época de eleições • Criação Coletiva

SUGESTÕES PARA A APRESENTAÇÃO

Envolva a platéia durante a apresentação dividindo-a em dois grupos com um líder. Um lado representa o apoio ao candidato e o outro a oposição.

Faça, para cada grupo, três cartazes (um para cada candidato) com falas do POVO. Exemplo:

Grupo I:

Ele é bom! Ele é bom!
Nosso Reino prosperou!
O milagre aqui chegou!

Grupo II:

Ele é mau! Ele é mau!
Chega de exploração!
É a vez da população!

O líder deve incentivar o grupo a ler em voz alta suas falas.

Para o candidato das Festas e Riquezas, use bexigas coloridas, chapéus, confetes, serpentinas, io-iôs japoneses etc., que podem ser jogados ou agitados enquanto ele fala.

Para o candidato do Povo, use placas de protesto como as utilizadas em passeatas, com frases como:

“Chega de exploração”

“É a vez do Povo”

“Amparo aos Idosos”

“Mais Educação”

“Reforma agrária já!”

“Pelos Direitos da Mulher”

Esta história foi extraída da série: Teatro bonecos – Teatro gente de Phyllis Reily e Samuel Fernandes.

Personagens:

O Rei

Narrador

Candidato Militar

Candidato do Luxo

Candidato Popular

O povo, que é a própria platéia

Esta peça tem grande efeito quando são utilizados bonecos grandes. Sugere bonecos de cabo de vassoura.

Narrador: [Toca a corneta.]

Senhoras e senhores,
preparai-vos! Pois temos a honra
de receber o nosso Rei!

[*O Rei entra pela platéia ao som de música pomposa.*]

Rei: Povo do meu reino! Os dias estão passando, meu tempo terminando. Estou ficando velho. Já não falo como antes. Não ando bem... Não posso mais cavalgar. Estou preocupado... Não consigo mesmo... mas com meu povo. Não tenho descendentes. Quem me substituirá? Como e onde encontrarei uma pessoa forte, sábia, capacitada, coerente, bondosa, respeitável?

[*Toca a corneta.*]

Narrador: Vejam só que idéia genial! Sua majestade convocou as pessoas do reino para uma prova de potencialidades físicas, intelectuais e filosóficas com o objetivo de escolher o seu substituto. Após a primeira prova, restaram três candidatos que tiveram a chance de governar durante um ano. Agora veremos o que fizeram no final de cada período!

[*Entra o primeiro candidato ao som de uma marcha militar.*]

1º Candidato: Lutei por maior organização no meu reinado. Éramos um povo muito indisciplinado. Precisávamos de mais armas, um exército capacitado, uma força armada mais sólida, controle mais dinâmico, uma vigilância de nossas fronteiras. Os inimigos nos ameaçavam. Vejam só! Quanta melhoria! Reformamos o ensino escolar para torná-

lo mais disciplinado. Preparamos a nossa juventude para enfrentar o futuro com força e ordem. Fizemos, em um ano, o que se faria em dez, graças ao regime. Impus disciplina, respeito e trabalho. Saltamos para o progresso.

Narrador: Tomem nota, vocês aí.

Estão percebendo a situação? Se vocês fossem escolher, qual a sua posição?

Povo: Ele é bom! Ele é bom!

Nós já temos esperança
Conseguimos segurança.

Ele é mau! Ele é mau!

Vossa majestade tenha clemência
Chega de tanta violência.

[*Toca a corneta e entra o segundo candidato ao som de música festiva!*]

2º Candidato: Em um ano fiz do pranto a alegria! Quem chorava, hoje canta noite e dia. O palácio tornou-se um centro de festas, manjares e programas culturais. Meus auxiliares me agradecem as mordomias. Tirei das ruas os vendedores ambulantes que prejudicavam o comércio e sujavam o ambiente. Construí teatros, praças, monumentos. Fui aclamado o Rei mais rico e importante. Minha fama percorreu o mundo todo e a glória do nosso reino se concretizou. Nossa riqueza já comprou os reinados vizinhos. Faria muito mais se meu mandato fosse maior. Renovaria o sistema de impostos, aumentaria as exportações gerando mais empregos. A nossa riqueza e o potencial têm muito que ser explorados!

Narrador: Tomem nota, vocês aí.

Estão percebendo a situação? Se vocês fossem escolher, qual seria a sua posição?

Povo: Ele é bom! Ele é bom!
Nosso reino prosperou!
O milagre aqui chegou!

Ele é mau! Ele é mau!
Chega de exploração!
É a vez da população!

[Toca a corneta, entra o terceiro candidato ao som de música bem popular.]

3º Candidato: O povo unido jamais será vencido! Arroz, feijão, saúde, educação. Companheiros e companheiras. Tenho andado com o povo para sentir suas aflições e necessidades. A repressão só gerou violência. As festas só trouxeram discriminação. Faltou participação. O povo quer justiça e dignidade no viver. Criamos novos empregos, com melhores salários. O ensino partiu do povo e das suas necessidades. Valori-

zamos o trabalho do campo e a terra foi distribuída de forma mais justa. Amparamos as minorias: os marginalizados, as crianças, as mulheres, os jovens. Nosso lema é pão, paz, participação.

Narrador: Tomem nota, vocês aí. Estão percebendo a situação? Se vocês fossem escolher, qual a sua posição?

Povo: Ele é bom! Ele é bom!
Agora temos voz!
O governo somos nós!

Ele é mau! Ele é mau!
Tudo isso é ilusão!
É só sonho do povão!

Narrador: Assim o Rei tornou a chamar os três candidatos. Chegou a hora da decisão.

[Toca a corneta, o Rei chama os três candidatos.]

Rei: Os três candidatos... Favor se apresentarem! A hora de prestar contas chegou. Veremos qual reinado mais agradeu!

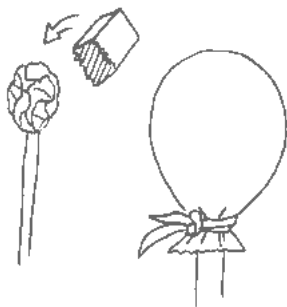
[Voltando-se para o 1º candidato.]
Ele lutou pela ordem e segurança!
Será essa a nossa esperança?!

[Voltando-se para o 2º candidato.]
Ele lutou pela fama e pela glória!
Será que com ele vem a vitória?!

[Voltando-se para o 3º candidato.]
Ele lutou por paz, pão, participação!
De onde vem a salvação?!

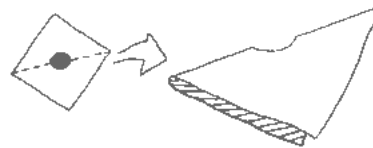
Narrador: Note cada situação! Qual a sua posição?
Se você fosse Rei,
qual a sua decisão?

Bonecos de cabo de vassoura

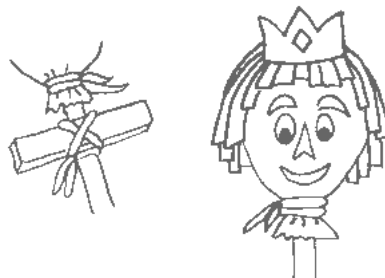


Formar uma bola de jornal numa das extremidades do cabo de vassoura.

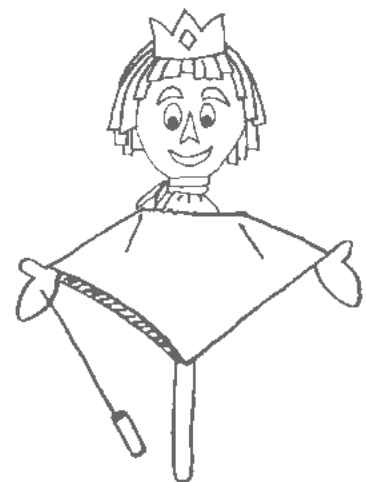
Colocar um saco do tipo usado em supermercados para cobrir a bola de jornal. Amarrar bem firme com barbante.



A roupa pode ser feita com um quadrado de tecido ou crepom, dobrando em triângulo, com um furo no meio.



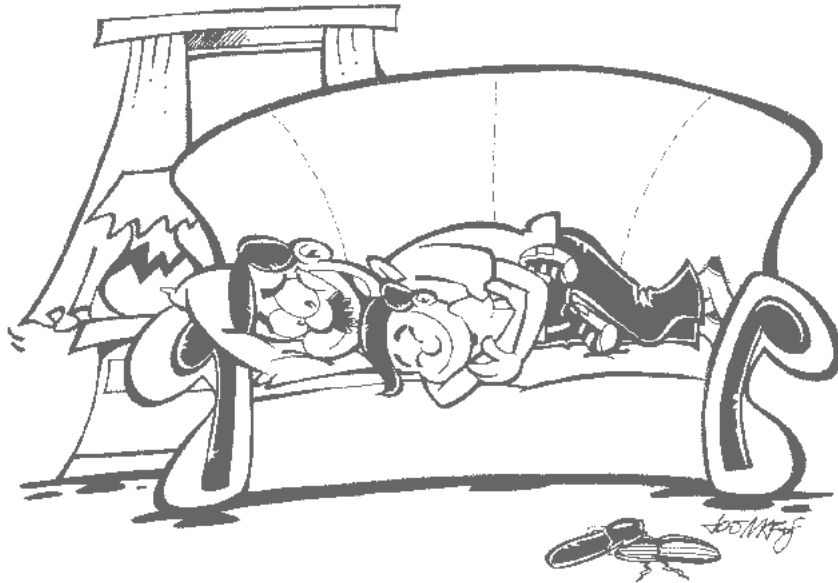
Colocar uma ripinha fina de madeira formando uma cruz, isso servirá como ombros – amarrar. Fazer a fisionomia com papel colorido, ou tinta. Pôr cabelos de lã ou tiras de crepom.



Colocar as mãos e prender com uma vareta fina de bambú ou arame em uma delas para a manipulação.

Estes bonecos são maiores e por terem as mãos articuladas permitem e exigem movimentos mais amplos

Dia de Ação de Graças



64

“Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua misericórdia dura para sempre. Quem saberá contar os poderosos feitos do Senhor; ou anunciar os seus louvores?” (Salmo 106.1-2)

Era uma vez um menininho que todas as tardes esperava o pai chegar do trabalho. Quando ouvia o barulho da chave na fechadura, saía correndo em direção à porta para abraçá-lo. E todas os dias fazia a mesma pergunta:

– O que você trouxe para mim, papai?

Olhando o rosto ansioso do filho, papai sorria, mandava olhar no bolso do paletó, da calça, na pasta... E sempre tinha uma surpresa: um bombom, uma revistinha, um livro, um carrinho...

Certa tarde, papai chegou, recebeu o abraço, esperou a pergunta e, nada! “Será que meu menino está doente?”, pensou o papai, apreensivo. Mas o filho, tomando-lhe a mão, levou-o para o sofá, tirou-lhe os sapatos e disse:

– Deita aí, papai!

E, deitando-se ao seu lado, acrescentou:

– Eu só quero ficar bem juntinho,

porque amo você!

Todos os dias, a toda hora, assediámos nosso Pai Celeste com pedidos de toda sorte, numa ânsia de receber mais e mais dádivas. Será que esse Pai, que nos concede o seu favor através de bênçãos incontáveis, não quer também usufruir do nosso amor e companhia, num aconchego de doces palavras de gratidão?

O salmista nos convida a render graças ao Senhor e nos desafia com uma pergunta: “Quem saberá contar os poderosos feitos do Senhor, ou anunciar os seus louvores?”

Somos mais hábeis em contabilizar as perdas do que os ganhos. Facilmente nos esquecemos das bênçãos – e muitas vezes nem nos damos conta delas! – mas, com a maior facilidade repartimos os problemas e contamos as desgraças.

Certo homem sofreu a catástrofe de uma grande enchente, que quase destruiu sua cidade. Salvou sua vida e a de sua família, mas perdeu todos os seus bens. Com a graça de Deus e muito trabalho, reconstruiu tudo e viveu longos anos felizes. Mas, pelo resto da vida seu maior prazer era contar, de preferência para muitos

ouvintes, a história daquele dia terrível. Quando chegou ao céu, foi-lhe concedido realizar um grande desejo. Imediatamente, pediu:

– Eu gostaria de contar sobre a enchente para um grande auditório!

Logo viu-se transportado para o palco de um estádio lotado de pessoas. Ao tomar o microfone para falar, um anjo sussurrou ao seu ouvido:

– Trouxemos um convidado especial para ouvi-lo. Ele se chama Noé!

Quando nos aproximamos do Pai para agradecer, renova-se em nosso coração a alegria das bênçãos recebidas e sentimos como se estivessem sendo derramadas sobre nós outra vez.

Quando contamos aos outros os “poderosos feitos do Senhor”, reparamos a fé e promovemos nas pessoas o desejo de buscar nele as bênçãos de vida abundante que ele tem para todos que o buscam.

Experimente passar um dia inteiro bem juntinho do Pai, só agradecendo, e seja proclamador da sua bondade, contando ao mundo que “a sua misericórdia dura para sempre”.

*Déa Kerr Affini,
3ª RE*

Celebrando o Advento

Celebrar o Advento pode ser uma experiência única em sua igreja, como o foi em nossa comunidade há alguns anos. Nossa proposta é iniciar as celebrações com um “Festival do Advento”. Para isso, as pessoas da igreja devem ser organizadas em grupos de interesse, para juntas desenvolver as atividades necessárias à realização desse evento. Vamos precisar de:

- Um grupo para preparar a música.
- Outro para preparar o altar e a coroa do Advento.
- Outro para preparar e montar a árvore de Natal.
- Outro para preparar os enfeites da árvore.
- Outro para organizar o jantar comunitário.
- Outro para preparar uma devocional de encerramento do Festival e ornamentar o templo domingo a domingo.

No Festival, há lugar para a participação de todos: crianças, juvenis, jovens e adultos. Assim, é bom formar os grupos com pessoas de várias idades. Para realizar o Festival, não é necessário grande investimento financeiro, e sim, comprometimento de todos. Dividam as tarefas: quem vai cuidar da área de música, conseguir uma árvore de natal e seus enfeites, cuidar da produção de enfeites de massa-pão e do forno, toalhas para o altar e material para a coroa do Advento. Faça uma lista de material para cada área. Será necessário também atribuir a responsabilidade dos acréscimos da ornamentação do templo a cada domingo.

Planeje um jantar comunitário para o encerramento do Festival. Decida qual será o cardápio. Deve ser algo simples, que possa ser preparado por toda a comunidade, sem grandes dificuldades. Solicite a cada família que traga um prato de alimento para o jantar. É necessário fazer com antecedência um lista de participantes do jantar e uma divisão das quantidades e do tipo de comida que cada família deve trazer.

Que tal fazer um jantar à luz de velas e do tipo self-service (cada um serve a si mesmo) com a comida em uma única mesa?

1º PASSO

Forme um grupo de trabalho para coordenar o Festival. Esse grupo terá que se reunir várias vezes antes do Festival, para acertos e verificação do andamento dos preparativos. Lembre-se: é necessário que se prepare com antecedência tudo o que vai acontecer. Converse com seu/sua pastor/a, que vai desempenhar papel importante, dando unidade ao que acontece no período.

PLANEJANDO O FESTIVAL

O “Festival de Advento” deve ser realizado no sábado que antecede o início do período do Advento, que se prolonga por quatro domingos, encerrando-se com o Culto de Natal. Faça uma reunião com o pessoal do Departamento da Escola Dominical

ou do Ministério do Ensino, discutam juntos a proposta e verifiquem as possibilidades.

Nessa reunião, explique com clareza como será organizado o Festival, quais as atividades a ser desenvolvidas e quais os materiais necessários. É preciso definir quem vai coordenar os diferentes grupos no dia do Festival e que tarefas cada grupo vai realizar. Depois de definidos os/as coordenadores/as, cada um/a faz a lista de material de que vai precisar para o seu grupo no dia do Festival. Exemplo:

- Cópias das músicas que serão usadas.
- Material para confecção dos enfeites de massa-pão (conforme receita).
- Toalha para o altar.
- Material para a coroa do advento.
- Árvore de Natal.
- Tudo que for necessário para servir o jantar.

Confeccione cartazes anunciando o Festival pelo menos, dois domingos antes. Use o Boletim da igreja para a divulgação ou faça o aviso para a comunidade em momento apropriado. Convide as pessoas, enfatizando a possibilidade de toda a comunidade participar do jantar, independentemente de sua participação nas atividades.

O GRANDE DIA

No dia do Festival, o grupo de trabalho deve chegar cedo para cuidar dos últimos detalhes. Nesse dia, um local de trabalho para cada grupo já deve ter sido definido e providenciado o material necessário à realização das tarefas dos grupos.

Receba as pessoas com alegria, orientando-as sobre o que vai acontecer durante o encontro. Ofereça as opções de atividades, conduzindo-as até o local apropriado. O ideal é que os grupos trabalhem no período da tarde, até a hora do jantar. Porém, esse horário também deve ser definido pelo grupo de trabalho e de acordo com a realidade de cada igreja. Cada grupo dá início então às suas tarefas.

1. GRUPO DE MÚSICA

Decidam juntos quais músicas serão aprendidas ou lembradas. Seria muito bom que todo o grupo de trabalho aprendesse as músicas antes do Festival.

Tenham as letras e partituras necessárias para todos os participantes do grupo. Um/a organista, tecladista ou alguém que toque violão será de grande ajuda. Durante o aprendizado, criem um clima de descontração e alegria:

isso também ajuda a cantar melhor. Antes de ensinar cada música, leiam juntos a letra, deixando que o grupo faça breves comentários. Aprendam as músicas indicadas na proposta de liturgia para o culto de Natal.

Todos os participantes do Festival deverão aprender, durante a Devocional de encerramento, uma música ensaiada no grupo. Durante os domingos do Advento, ajudem a cantar e a ensinar as novas músicas para a congregação.

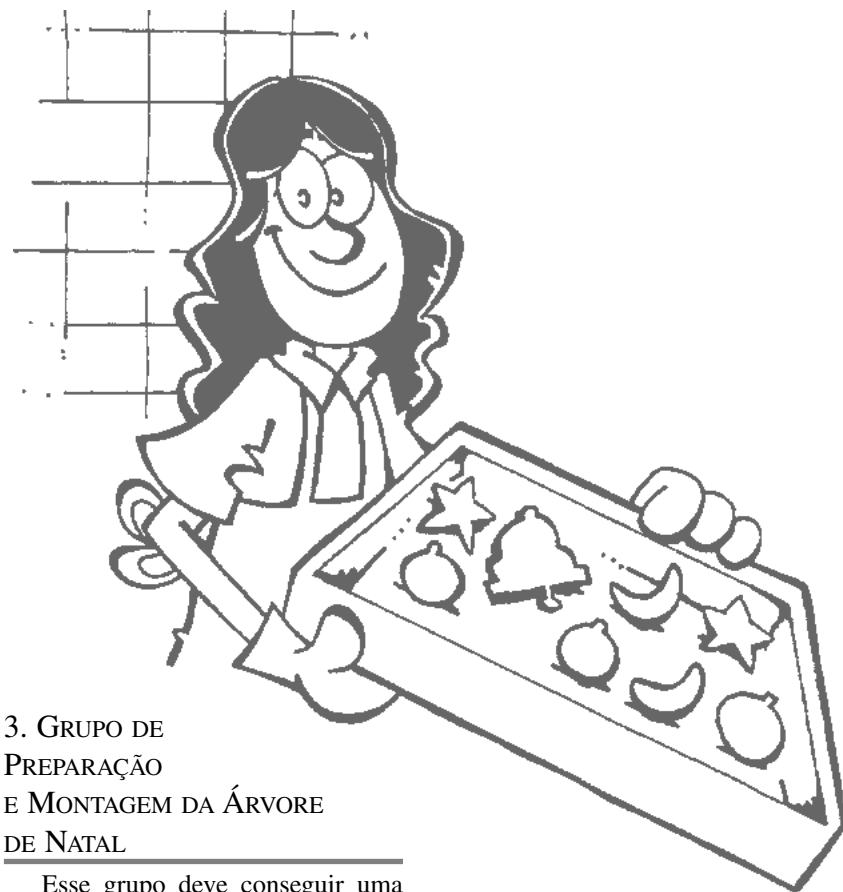
2. GRUPO DE PREPARAÇÃO DO ALTAR E DA COROA DO ADVENTO

Este grupo deverá preparar a Coroa do Advento e arrumar o altar, começando pela troca das toalhas. Se sua comunidade tiver ou desejar, pode usar uma toalha roxa ou mesmo uma faixa de tecido dessa cor para representar o período. Sugerimos que durante o culto de Natal essa toalha seja trocada por uma toalha branca ou amarelo-ouro, para representar o nascimento, a chegada do menino Deus.

O roxo do período nos lembra a angústia do povo no cativeiro e projeta a esperança do Natal, cuja cor é branca. Explique para o grupo a importância desse período, o significado das cores e porque fazemos a coroa do Advento. Lembre a todos que a coroa é um dos poucos símbolos criados pela Igreja Protestante e representa a espera pelo Messias. O círculo representa o amor infinito de Deus. O verde dos ramos aponta a eternidade. As quatro velas vermelhas ou roxas indicam o tempo de espera que diminui até a chegada do Cristo, representado pela vela branca. Nos tempos bíblicos, a púrpura era uma cor difícil de se conseguir e era utilizada somente por pessoas muito importantes.

Depois de trocar a toalha, coloque uma Bíblia aberta em uma passagem significativa, ao centro, sobre a mesa de comunhão. Se desejar, coloque uma fita roxa como marcador de página. A Coroa do Advento deve estar em lugar apropriado.





3. GRUPO DE PREPARAÇÃO E MONTAGEM DA ÁRVORE DE NATAL

Esse grupo deve conseguir uma árvore de Natal simples, natural ou artificial. Se sua igreja já possui uma, verifique com antecedência as suas condições e a necessidade de pequenos reparos. O grupo também poderá criar sua própria árvore, com um galho seco e grande. Pinte-o de verde e deixe a tinta secar. Evite pintá-lo de branco, prateado, dourado ou cobri-lo de algodão para imitar neve (coisa que não é comum em nosso país).

Arranje um vaso grande, terra ou pedras para dar suporte à árvore. Coloque-a no templo, em lugar definitivo, e assim que os enfeites de massa-pão começarem a ficar prontos, o grupo passará a decorá-la.

4. GRUPO DE PREPARAÇÃO DOS ENFEITES DA ÁRVORE DE NATAL

Prepare a massa-pão com a seguinte receita:

Misture numa tigela: 4 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de sal, 1 1/2 xícaras de água e 1 colher de sopa de óleo de cozinha. Por não exigir fervura, essa massa pode ser preparada pelas próprias crianças. Deve ser conservada fechada em saco plástico. Pe-

ças pequenas podem ser assadas, pintadas e impermeabilizadas. Se desejar, pincele com gema de ovo batido antes de assar, para dar mais cor. Nesse caso, não as pinte.

Providencie rolos de macarrão ou garrafas para abrir a massa, arames finos para fazer os ganchos para pendurar, confeitos de bolo – bolinhas coloridas (evite as bolinhas prateadas, algumas tendem a derreter), formas/cortadores de biscoito na forma de estrelas, luas, sinos, bolas (essas formas podem ser compradas em casas de produtos para festas, são bem baratas), gemas de ovo para pincelar, pincéis e barbante ou fita colorida para pendurar.

Modo de fazer:

Abra a massa com o rolo ou garrafa, deixando-a com mais ou menos um centímetro de espessura. Use os cortadores para cortar as figuras. Retire os excessos e coloque um ganchinho na parte superior para poder pendurar. Pincele uma camada fina de gema de ovo e coloque os confeitos como desejar. Retire com cuidado da

mesa, coloque numa forma e leve para assar. Deixe esfriar. Retire da forma e passe fita colorida ou barbante pelo gancho para pendurar.

Depois de prontos, passe os enfeites para que o grupo de ornamentação da árvore possa usá-los.

5. GRUPO DE ORGANIZAÇÃO DO JANTAR

É preciso definir, com antecedência, o local em que será servido o jantar. Organizem mesas e cadeiras, se for possível, para que as pessoas se sentem em grupos. Seria muito bom que os participantes do jantar pudessem ter seus lugares de assento pré-determinados, colocando-se em cada mesa pessoas de famílias diferentes e de diversas idades.

No centro do salão ou local utilizado, improvisem uma grande mesa, cobrindo-a com uma bela toalha e decorando com motivos e cores natalinas (velas, folhas, flores, frutas, pães etc.). Usem sua criatividade. Reservem espaço no centro, para que as famílias possam colocar os alimentos que trouxerem.

Caso seja possível organizar pequenas mesas para os grupos, enfeitadas com os motivos natalinos.

Também é preciso preocupar-se antecipadamente com a preparação de louças, talheres, copos e guardanapos. O grupo deve estar orientado para ajudar na condução do jantar.

6. GRUPO DE PREPARAÇÃO DA DEVOCIONAL DE ENCERRAMENTO E ORNAMENTAÇÃO DO TEMPLO DOMINGO A DOMINGO

Para a devocional

Planejem uma pequena e criativa devocional para o encerramento do Festival, que deverá ser feita minutos antes do jantar. Incluam a participação de pessoas de várias idades, inclusive crianças e adolescentes.

Solicitem ao grupo de música que ensine uma das músicas aprendidas para todos os participantes.

Durante a devocional, separem um momento para mostrar o trabalho dos

grupos e ressaltar a importância de cada parte no sucesso da realização do Festival.

Falem com mais detalhes sobre a importância e significado do Advento, da necessidade de nos preparar para receber o Messias, o 'Deus conosco'. Expressem gratidão a Deus pela alegria que nos une e pela esperança de um tempo melhor.

Para a ornamentação do templo domingo a domingo

Este grupo fica com a responsabilidade de complementar a ornamentação do templo durante os quatro domingos do Advento e para o culto de Natal. No primeiro domingo, além da Coroa do Advento, a árvore de Natal estará enfeitada somente com os ornamentos de massa-pão. No segundo domingo, chamado de domingo da alegria, acrescente bolas vermelhas à árvore. No terceiro domingo, coloque vasos de bico de papagaio (poesentia – flores grandes e vermelhas com folhas também grandes, verdes) nas janelas do templo e um ou dois vasos no altar. No quarto domingo, acrescente bolas de outras cores à árvore.

Finalmente, no culto de Natal, acrescente luzes à árvore. Essas luzes deverão ser acesas no momento apropriado e de acordo com as orientações dadas na proposta da liturgia.

*Samuel e Miriam Fernandes,
São Roque, 3ª RE*



SUGESTÕES DE ATIVIDADES E TEMAS PARA OS CULTOS OU REFLEXÃO PASTORAL DE CADA DOMINGO.

1º domingo

Esperança. De Belém, que quer dizer 'casa do pão', nascerá Jesus, o pão da vida.

2º domingo

Alegria. O encontro de Maria e Isabel. A criança se mexe na barriga da mãe.

3º domingo

Paz. A busca da paz integral, que não significa apenas a falta de guer-

ras, e sim, a plenitude de vida em termos de saúde, harmonia, amor, respeito, moradia...

4º domingo

Amor. O infinito amor de Deus que rompe barreiras e se manifesta entre nós por meio de Jesus, a Luz do mundo.

Sugestão para o quarto domingo

Distribuir pequenas velas para todos os participantes. Acende-se uma vela na vela que representa o nascimento de Jesus na Coroa do Advento. Em seguida, cada um vai

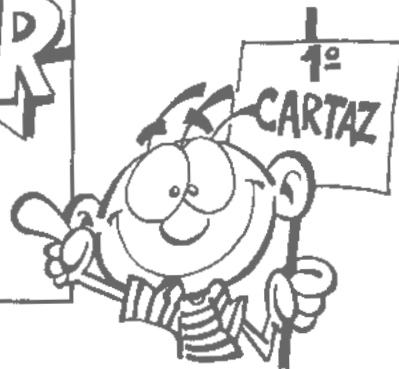
acendendo a vela do outro e as luzes do templo podem ser apagadas. O culto deve ser encerrado com o cântico, nessa ordem, da primeira, terceira e segunda estrofes do hino 398 do HE, 'Vida e Luz'. Ao cantar a segunda estrofe (neste caso, a última), a congregação começa a se retirar, levando no coração o desafio de ser luz no mundo.

Obs.: O cântico 'Brilha Jesus' também pode ser utilizado, com a mesma ênfase.

Preparando a Igreja para viver o Advento e o Natal

- Confeccionar dois cartazes (abaixo, você encontrará duas sugestões).
- Cada um deles deverá conter uma gravura, uma frase e um texto bíblico.
- Deverão ser colocados no mural da Igreja, à entrada do templo e/ou em um lugar bem visível.
- O primeiro deverá ser afixado no 1º Domingo do Advento.
- O segundo deverá ser exposto no dia da celebração do Natal.

A Igreja Cristã tem guardado certas datas durante o ano, como uma lembrança especial de algum acontecimento. Durante o tempo de Natal, lembramos do amor de Deus por intermédio da vida de Jesus. Em alguns calendários, encontramos as palavras: Advento e Natal. As cores litúrgicas desses períodos celebrativos de nossa fé são a roxa, para o Advento, e a branca, para o Natal.



Celebração de Natal

O objetivo desta dramatização é compartilhar e celebrar o verdadeiro significado do Natal



70

A GRATIDÃO

Desenvolvimento do Programa

Cenário: Uma cena da manjedoura, bem moderna e bonita – com manjedoura, menino Jesus, etc.). Perto da manjedoura, quatro pastores deitados, descansando.

Personagens: Narrador, Coro de estrelas um grupo de meninas pequenas de 2 a 5 anos – vestidas de estrelas, 4 pastores, 24 crianças – se necessário, atribuir mais de uma fala para cada criança.

Prelúdio – Oh! Vinde Fiéis! (HE 81 – o coro das “Estrelinhas” pode

tocar triângulos, para acompanhar o órgão).

Narrador: Queridos ouvintes, hoje nós nos reunimos aqui, com muita alegria, para celebrar o aniversário de um grande amigo: Jesus. O aniversário de Jesus é comemorado de muitas maneiras, com muitas festas, muito amor, muita alegria. Vocês sabem como se chama a festa do aniversário de Jesus?

Todos: Festa do Natal!

Narrador: Na festa de aniversário de uma pessoa, a mãe e os amigos gostam de lembrar os aconte-

cimentos de seu nascimento: a preparação, a espera. Então, como Jesus foi preparado e esperado? Jesus foi esperado por um povo inteiro que acreditava em Deus e sabia que ele amava os homens. Nasceu Jesus, nasceria uma nova luz para o mundo: a luz do amor e da verdade. Como foi que tudo aconteceu? Vamos ouvir e assistir uma cena do nascimento de Jesus.

Música: (órgão ou coro) “Vinde cantai! Jesus Nasceu!” – HE 12

Narrador: Já era noite. Alguns pastores tomavam conta de suas ovelhinhas, nas redondezas de Belém. De repente...

Estrelinhas: entram cantando e tocando sininhos.

Música: “Os sinos”

Depois de cantar e fazer uma dancinha, vão para perto da manjedoura.

Pastores acordam assustados e, admirados, olham a cena

Pastor 1: Natã, acorde! Veja que grande luz, que vozes, os sinos...

Pastor 2: Luz de estrela... Vozes... Pode ser um sinal!

Pastor 3: Vamos, amigos, vamos ver o que está acontecendo!

Pastor 4: A Bíblia fala que aparecerá um sinal do céu quando vier o Salvador... Vamos! Vamos a Belém (saem para depois entrarem novamente. Enquanto isso, entram Maria, José e o menino Jesus, que é colocado na manjedoura. O órgão faz um interlúdio.

Narrador: Enquanto isso, numa gruta de Belém, uma linda criança sorri...

Pastores: (Voltando e se aproximando) Vejam! Um menino nasceu!

Pastor 1: Quem são vocês?

José: Eu sou José, da família de Davi.

Maria: Eu sou Maria, de Nazaré.

Este é Jesus, o nosso filho que acaba de nascer... (Maria acena afirmativamente com a cabeça.)

Todos os pastores: (Vão à frente e falam) – Alô minha gente. Uma luz brilhou. É Natal. Jesus nasceu. Vamos comemorar.

Música: “Viva o Nenezinho”

Narrador: Vamos comemorar! Vamos agora festejar o aniversário de Jesus. O que podemos fazer? Ah! Podemos, agora, juntos, dar graças pelas bênçãos que ele veio nos trazer.

Grupo: Entram três crianças, sendo que uma delas traz nas mãos uma vasilha de vidro transparente com água, e cada uma diz uma frase.

Criança 1: (ergue a vasilha com água, e diz:) “Agradecemos a água fresquinha e gostosa,

Criança 2: que molha a terra para ela dar flores e frutos, que mata a

sede dos homens e animais,

Criança 3: que tira manchas e deixa tudo limpinho, que serve até para batizar crianças e mesmo gente grande.”

Colocar no chão, ao lado da manjedoura, a vasilha com água. As crianças ficam de um lado do palco.

Canto: “Do nosso coração”

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 4: (Ergue um aquário e diz:) “Agradecemos os peixes do rio e do mar,

Criança 5: os pequeninos que a gente pode criar em casa, no tanque ou no aquário,

Criança 6: e os grandes que alegram a vida dos pescadores, e servem de alimento para tanta gente.”

Colocar o aquário no chão, ao lado da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos-te louvor.

Porque nos dá todos os peixes.

Graças mil, Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 7: (Ergue uma cestinha de frutas, e diz:) “Agradecemos as frutas deliciosas,

Criança 8: as grandes, como a melancia e o melão,

Criança 9: e as pequeninas, como a pitanga.”

Colocar a cesta no chão, ao lado da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos-te louvor

Porque nos dá as boas frutas,
Graças mil Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 10: (Ergue uma gaiola e diz:) “Agradecemos os passarinhos, que voam felizes, pelo ar,

Criança 11: e pousam nas árvores para cantar.

Criança 12: E nas gaiolas e viveiros enchem de música nossas casas.”

Colocar a gaiola ao lado da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos-te louvor.

Porque nos dá os passarinhos.

Graças mil, Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Crianças 13: (Ergue um feixe de trigo e diz:) “Agradecemos o trigo lourinho, que brota da terra,

Criança 14: e depois vira farinha e a farinha vira pão.

Criança 15: O pão que representa o Corpo de Cristo, para alimentar nossa vida de filhos de Deus!”

Colocar o feixe de trigo perto da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos-te louvor.

Porque nos dá o alimento.

Graças mil, Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 16: (Ergue um ramalhete ou uma cesta de flores e diz:)

“Agradecemos as flores que enchem o mundo de beleza.

Criança 17: Aquelas que gente planta em casa, no jardim ou nos vasos e aquelas que nascem nos campos, sem ninguém plantar.

Criança 18: Aquelas que estão nas praças e nos parques, e as que estão na igreja, casa de Deus, oferecendo a ele o perfume do nosso amor.”

Colocar a cesta ou ramalhete ao lado da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos-te louvor.

Porque nos dá as lindas flores.

Graças mil, Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 19: Segura uma miniatura de uma igreja e diz: “Agradecemos pela nossa igreja, onde:
Criança 20: nos ensinaram que devemos ser amigos de todos;
Criança 21: nos ensinaram que somos filhos de Deus, que somos todos irmãos.

Colocar a miniatura da igreja ao lado da manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos louvor.
 Porque nos dá a nossa igreja.
 Graças mil, Senhor.

Grupo: Entra outro grupo de três crianças.

Criança 22: Segura uma Bíblia e diz: “Agradecemos, mais que tu-

do, este livro, que é a Bíblia, a Palavra de Deus.

Criança 23: Ela nos conta o quanto Deus nos ama.

Criança 24: E ensina que o que mais agrada a Deus é todos se amarem como irmãos. Foi para mostrar isso que Jesus nasceu.”

Colocar a Bíblia ao lado na manjedoura.

Canto: Do nosso coração, cantamos louvor.
 Porque nos dá a nossa Bíblia.
 Graças mil, Senhor.

Narrador: Foi assim que Jesus foi recebido na terra: pelos anjos, pelos pastores e pelos reis. Nasceu numa gruta muito fria, numa noite muito fria, humilde e pobre. Mas todos ficaram tão

contentes que a gruta mais parecia um palácio, cheio de alegria e amor e a noite fria transformou-se na noite mais bonita do ano: a noite de Natal!

Música: Ao órgão, com as “Estrelinhas” tocando os sinos – Como são alegres (HE nº 21).

Narrador: Jesus nasceu! Hoje ele faz aniversário. Ofereça você também a ele o seu presente. A sua gratidão. O seu coração.

Hino Congregacional: HE 7

Oração final

Bênção.

Zildinha Navarro, 4ª RE

Compartilhando a alegria do Natal

Escolham uma instituição assistencial metodista ou grupo atendido pela sua igreja local e preparem um programa especial de Natal para ser compartilhado com essas pessoas.

Realizem uma reunião de planejamento, levando em consideração que o objetivo principal da festa é compartilhar a alegria e esperança trazidas pelo Natal com pessoas que, por diversos motivos, podem estar entristecidas ou passando por necessida-

des. Sendo assim, procurem conhecer o grupo que será visitado, para que a programação seja adequada.

Decidam, de acordo com a instituição ou grupo escolhido, o que vocês levarão para a festa. Presentes? Bolo? Salgados? Refrigerantes? Tudo isso é bom, mas lembrem-se de que o mais importante é que as pessoas sintam que vocês compartilham carinho com elas. Caso vocês optem por levar presentes, procurem saber o

que faria o grupo feliz.

Optem por uma forma adequada de se transmitir a mensagem de Natal. Uma breve mensagem é interessante. Porém, como é dia de festa, também é apropriado selecionar cânticos natalinos que sejam fáceis e conhecidos.

*Adaptação de sugestão do boletim
 Você e o juvenil, ano 10, nº 5,
 setembro e outubro.*

Jesus, o melhor amigo

Material necessário:

Letras recortadas, em número suficiente para formar cinco frases: 'Jesus é o melhor presente'.

Procedimentos:

Contar a história do nascimento de Jesus (Lucas 2.1-7)

Organizar a classe em cinco gru-

pos e entregar a cada grupo um envelope contendo determinado número de letras.

Cada grupo deverá formar as frases 'Jesus é o melhor presente'. As letras estarão misturadas, ou seja, os envelopes não conterão exatamente as letras necessárias para formar a frase. Para que isso aconteça, as crianças

precisarão trocar, pedir e oferecer letras umas às outras.

Após os grupos conseguirem formar as frases, conversar sobre o seu sentido e também sobre a colaboração que foi necessária para o cumprimento da tarefa.

Antônio Maurílio Guimarães, 4ª RE.

Vamos anunciar o Natal?

O sino lança mensagens ao ar. O nascimento de Jesus é a grande mensagem que precisa ser anunciada e comunicada a todos. Além de anúncio, o sino também sinaliza a alegria. No Natal, queremos demonstrar, com os sinos, que estamos felizes com o fato de o Filho de Deus se fazer homem e estar entre nós.

A construção desse móbile é uma atividade simples e pode ser feita pelas crianças. Os móveis poderão servir para enfeitar a classe de Escola Dominical, a casa das crianças ou para presentear alguém.

Ao confeccionar esses enfeites com as crianças, é importante explicar para elas o significado que os sinos têm para o Natal.

Material necessário

Cartolina; papel laminado; cola; bolas de Natal (tamanho médio); copos de iogurte, de plástico ou papel, fio de náilon.

Execução

1. Recortar a cartolina de modo que, unindo-se as pontas 'a' e 'b', seja formado um cone (figura 1).

2. Forrar a cartolina com papel laminado e depois colar suas bordas, formando o cone.

3. Furar a borda do cone, deixando os furinhos a uma distância de uns oito centímetros uns dos outros (figura 2).

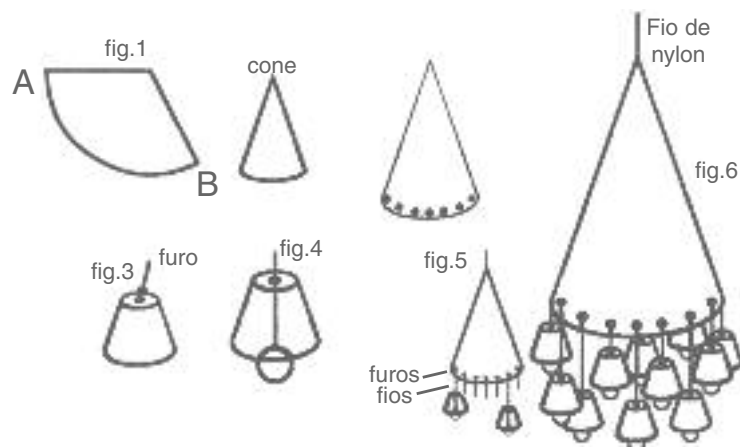
4. Furar o fundo dos copinhos (figura 3).

5. Amarrar cada bola com um fio de náilon, passando-o em seguida pelo buraco no copo. As bolas devem ficar suspensas como pêndulos (figura 4).

6. Amarrar cada fio em um dos furos na borda do cone, deixando os copos em alturas diferentes (figura 5).

7. Prender um fio de náilon na ponta do cone e pendurá-lo no teto, no centro da classe, deixando-o a uma altura visível para as crianças (figura 6).

Nós e as crianças, 1974.



O festival de Natal vai começar

O que é o festival?

Trata-se de uma atividade criativa que, além de preparar as pessoas para a comemoração do nascimento de Cristo, promoverá a confraternização entre os juvenis e seus convidados.

Data

O festival deve ser realizado no mês de dezembro. Pode ser iniciado no primeiro domingo de dezembro e concluído no último domingo que antecede o Natal. Se o dia da semana escolhido for o domingo, as atividades deverão ser feitas no período da tarde.

Grupos de interesse

Os participantes devem ser divididos em grupos que trabalharão, por exemplo, na confecção de coroas do Advento, bolas de natal, velas e sinos (ver sugestões de globos de Natal abaixo). Outros grupos poderão ser organizados, conforme o interesse dos juvenis.

Recreação

Além das atividades nos grupos de interesse, deve-se reservar momentos para que todos, juntos, participem de brincadeiras, jogos de pingue-pongue e outros.

Materiais

Lembrem-se de que é preciso prever alguma quantia em dinheiro para a compra dos materiais que serão utilizados. Esse cálculo deve ser feito de acordo com o número de grupos e participantes.

Voluntários

Solicitem, com antecedência, vo-

luntários/as que se disponham a orientar os grupos de interesse, as brincadeiras e o preparo dos lanches. O ideal é que cada voluntário/a saiba como montar o objeto escolhido pelo grupo de interesse que ele/a irá coordenar.

Exposição

Ao final do festival, uma exposição com os trabalhos deverá ser montada em um lugar privilegiado da igreja.

'Você e o juvenil', 1973

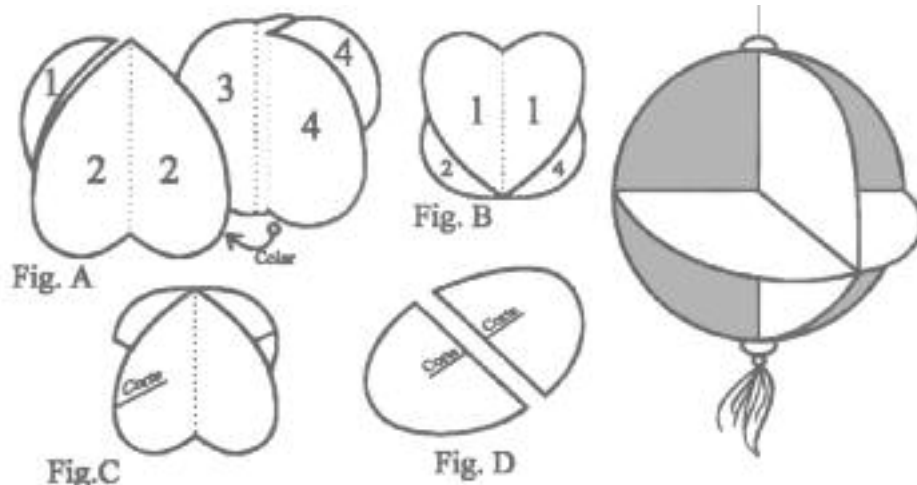
GLOBOS DE PAPEL, COMO FAZER

Material necessário:

Papel laminado, linha e agulha, cola, tesoura.

1. Cortar cinco círculos de papel laminado, no tamanho desejado, cada um de uma cor.
2. Dobrar os círculos ao meio.

3. Colar a metade do círculo 1 à metade do 2, conforme figura 'a'.
4. Colar a metade do círculo 3 à metade do 4, conforme figura 'b'.
5. Unir essas duas formas, o que resultará na figura 'c'.
6. Fazer um corte, até a metade do raio, no meio de duas abas opostas, conforme figura 'd'.
7. Cortar ao meio o círculo que sobrou. Fazer um corte em cada uma dessas duas partes, indo do centro para a parte curva, até a metade do raio, conforme figura 'e'.
8. Encaixar os cortes da figura 'e' nos cortes da figura 'd'.
9. Colocar um fio na parte superior para ser amarrado à árvore. Na parte inferior, coloque franjas de papel laminado cortado em tirinhas.



Natal! Festa para quem?

Quando deixamos Jesus ser o Rei em nossas vidas, começamos a pensar mais em outras pessoas. A própria festa de Natal toma um novo sentido. Veja só alguns exemplos:

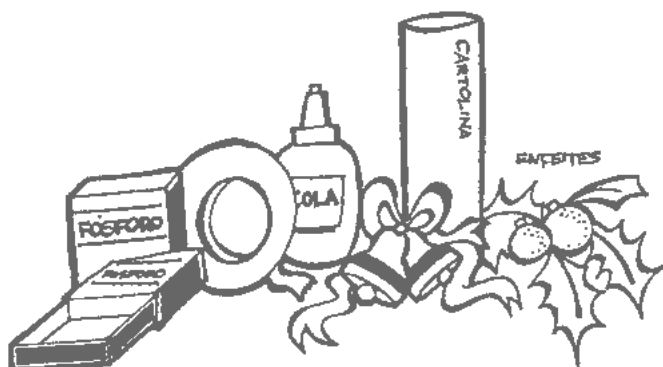
Uma igreja preparou um programa de Natal, não para ser apresentado no templo, mas na praça pública da cidade.

Um grupo ensaiou cantos de Natal e os apresentou na igreja, mas também em hospitais, lares de idosos, orfanatos e na cadeia.

Alguns juvenis prepararam bolachas gostosas, colocando-as em pequenas latas que foram ofertadas aos moradores de um lar para idosos.

Alguns jovens prepararam um teatrinho de fantoches e o apresentaram às crianças em uma favela.

No Natal, vamos buscar não apenas a nossa alegria, mas celebrar a chegada de Jesus entre nós, expressando nosso amor, nosso carinho e nossa solidariedade, de forma bem concreta, às pessoas que estão a nossa volta, onde nos encontramos. Que tal fazer uma caixa de miudezas para presentear algumas dessas pessoas?



CAIXAS DE MIUDEZAS

Material necessário

Caixas de fósforo usadas e vazias, fita estreita de seda, tecido ou barbante colorido, papel cartolina ou colorset de várias cores, cola e enfeites.

Modo de fazer

Junte quatro caixas de fósforos vazias (ou usadas).

Retire a parte interna (depósito dos fósforos) e, no fundo externo, cole um pequeno pedaço de fita estreita de seda colorida ou barbante colorido (que servirá como puxador das gavetas).

Deixe secar. Coloque as partes internas dentro das externas. Depois de coladas, elas devem se parecer com pequenas gavetas.

Corte dois quadrados de cartolina ou papel colorset colorido do tamanho das quatro caixas (figura 2).

Cole-as uma ao lado da outra, conforme figura 1.

Para enfeitar, podem ser colados enfeites natalinos, como pequenos grãos, fitas, laços ou mesmo uma estrela ou símbolo natalino recortado em papel laminado.

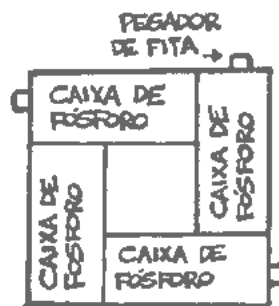


figura 1

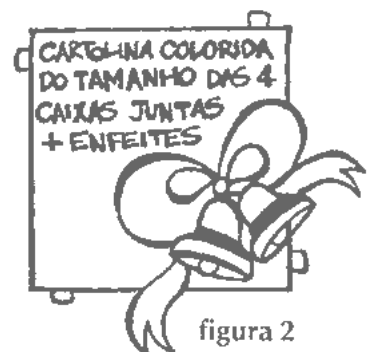
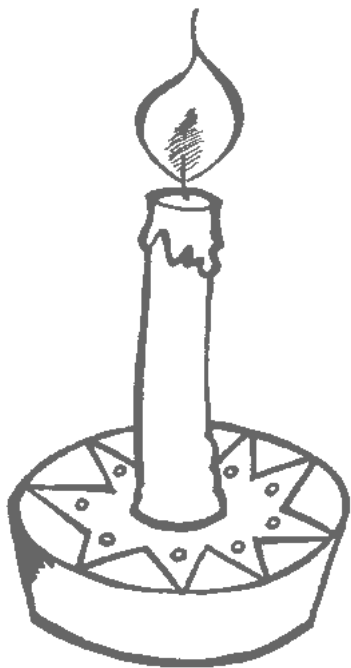


figura 2

Fazendo arte

Todos sabemos que a arte é, para a criança, uma atividade estimulante e muito educativa. Ela desenvolve a sensibilidade, ajuda na coordenação motora, na criatividade, na capacidade de expressão, na disciplina e até mesmo nos relacionamentos da própria criança. Durante o período do Advento, que antecede o Natal, planeje fazer com as crianças da Escola Dominical algumas atividades manuais e criativas. Aqui estão duas sugestões:

SUPORTE PARA VELA NATALINA OU CASTIÇAL



Material necessário: copos descartáveis, pó de gesso, água, velas comuns.

Modo de fazer: faça um mingau



grosso de gesso, mexendo bem à medida que for adicionando o gesso (coloque sempre o gesso na água e não a água no gesso).

Encha cada copo descartável com menos de 2 centímetros de mingau.

Imediatamente, coloque a vela no centro. Deixe endurecer.

Tire a peça de gesso do copo e tente retirar também a vela, até soltá-la da peça, sem quebrá-la.

Leve as peças prontas para que as crianças possam enfeitá-las na classe da Escola Dominical.

Use cola colorida, esmalte ou pingos de tintas.

Depois de secos os suportes, recoloque a vela e deixe que as crianças os levem para presentear familiares ou amigos da família.

PEÇAS DE PRESÉPIO DE BELÉM FEITAS DE ARGILA

As próprias crianças podem fazer, com argila, o bebê Jesus, Maria, José, os pastores, reis e anjos, além dos bichos, como bois e ovelhas. Fazer as peças com antecedência e, quando secas, pintá-las com cores brilhantes e variadas que dão um toque especial às peças (tinta plástica pode ser usada). Depois, essas peças podem ser expostas numa caixa com detalhes especiais, como capim, gravetos para a manjedoura e para o estábulo, cochos para alimentos dos bois...

*Rosane Pontes do Rego Barros
Membro da Equipe de
Ação Docente REMNE*

A constante transformação da vida

Esta atividade foi sugerida há alguns anos, em uma de nossas revistas. O objetivo é mostrar que, na simbologia natalina, tanto a manjedoura quanto a cruz apontam para a vida. A manjedoura recorda a vinda de Jesus, cuja vida iniciou-se em circunstâncias peculiares e foi doada à humanidade desde o início. A cruz vazia lembra a vitória sobre a morte, a garantia de vida eterna a todos os que crêem.

Textos bíblicos sugeridos: Gálatas 6.14, Colossenses 2.13-15, Miquéias 5.2-5.

Material necessário

Peças de cartolina ou outro papel mais espesso, recortadas conforme os modelos.

Uma folha de papel pardo, na qual serão afixados os recortes, conforme os modelos.

Procedimentos

Recortar as peças (repare que aquelas que formam a cruz são as mesmas que, dispostas de outra maneira, resultarão na manjedoura).

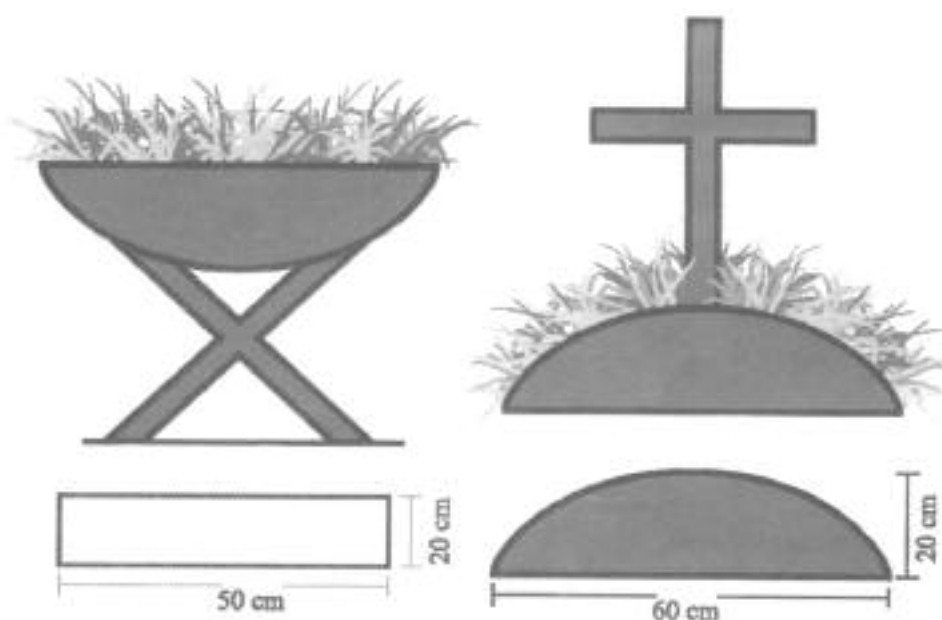
Montar a figura com a cruz e deixá-la, desde o primeiro domingo do Advento, em local bem visível da

classe de Escola Dominical. Não fazer nenhum comentário com a classe.

No último domingo do Advento, com os alunos presentes, apontar a cruz e pedir para que eles montem a manjedoura com as peças. Aí, então, estimular comentários sobre o tema da vida.

Atenção: Para que as peças se soltem com facilidade, não utilize cola. Prefira durex, grampos, percevejos ou outra solução que você achar conveniente.

Antônio Maurílio Guimarães,
4ª RE



Uma paráfrase do Natal

1 Coríntios 13

Esta paráfrase é um recurso que poderá ser apresentado, em forma de jogral, por um grupo da classe de jovens, nas celebrações natalinas.

78

Ainda que eu repetisse a história do Natal e cantasse seus hinos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

Ainda que recebesse numerosos presentes de Natal e cresse na celebração do Natal em meio a dias incertos e tenebrosos, se não tivesse amor, de nada me serviria.

Ainda que distribuísse presentes de Natal e entregasse meu corpo às intempéries do tempo para ministrar aos necessitados, se não tivesse amor, de nada aproveitaria.

Especialmente no Natal, o festival do amor, o amor é paciente e benigno, o amor não é invejoso, o amor não se trata com leviandade, o amor não se ensoberbece.

Embora o Natal traga consigo tentações, o amor não trata com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas alegra-se com o amor de Deus, manifesto em Cristo, o Senhor.

Este maravilhoso amor de Deus, derramado sobre seu mundo, por meio do infante de Belém, faz com que possamos:

tudo sofrer, tudo crer,
tudo esperar, tudo suportar.

O amor jamais acaba.

Ainda que haja pinheirinhos de Natal, estes desaparecerão;

ainda que haja enfeites multicores, estes perecerão;

ainda que haja gritos de alegria de crianças, estes cessarão.

Porque essas coisas são apenas manifestações terrenas das alegrias do Natal.

Quando vier o Natal perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era criança, falava do Natal como criança, pensava no Natal como criança.

Mas quando me tornei adulto, despojei-me de idéias egoístas sobre o Natal.

Porque agora vemos apenas de relance a beleza do Natal.

Mas então, o veremos em toda sua glória.

Agora eu conheço, em parte, o significado desse dia.

Mas então conheceremos o Natal assim como também sou conhecido.

Por hora ficam:

a fé, a esperança, e o amor.

estes três, mas o maior deles é o amor.

Possa esse maravilhoso espírito de amor, o verdadeiro espírito de Natal, iluminar nossos corações neste dia em que Cristo nasceu.

(Texto extraído da revista "Em Marcha" por Zélia dos Santos Constantino, 1ª RE)

A finalidade do Natal

Quando o canto dos anjos já silenciou,
quando a estrela do céu já desapareceu,
quando os reis e príncipes já voltaram para seus lares,
então começa a finalidade do natal:

Achar os perdidos,
animar os abatidos,
alimentar os famintos
libertar os prisioneiros,
reconstruir as nações,
trazer a paz entre os irmãos,
e levar a alegria aos corações.



LITURGIAS

Calendário

Apresentamos a seguir os temas do calendário litúrgico para que você e sua comunidade possam celebrar e lembrar a história da Salvação.

Os períodos e temas são os mesmos para todos os anos, porém, as datas de alguns períodos são variáveis.

EPIFANIA

Celebração mais antiga que a própria festa do Natal. Manifestação de Jesus às pessoas e as mudanças provocadas.

Período: abrange entre 4 a 9 domingos, conforme a data da Páscoa.



Cor litúrgica: usa-se o branco por oito dias e, depois, o amarelo ou roxo, a cor mais alegre de todas as cores, a cor da realeza.

Tema básico: manifestação do Cristo ao mundo como salvador de todas as pessoas.

Símbolos litúrgicos: estrela e coroa dos magos, mãos, peixes.

Leituras: Mt 2. 1-10; Lc 2. 35-38; Lc 2. 8-24; Lc 2. 39-52

QUARESMA

Quarenta dias de preparação para a Páscoa.

Período: da quarta-feira de Cinzas ao domingo de Ramos.

Cor litúrgica: roxo-lilás, cor da expectativa, da saudade, da realeza do Cristo.



Ênfases: jejum, arrependimento, oração, conversão, mudança de vida.

Temas básicos: arrependimento e conversão. Preparação de candidatos à Profissão de Fé.

Símbolos litúrgicos: cinzas, água, cruz, pregos e outros ligados à prática da piedade pessoal e comunitária.

Leituras: Ez 18.32; Jn 3.1-10; Mc 1.14 e 15

PÁSCOA E ASCENSÃO

Celebração da saída do povo do Egito; ressurreição de Cristo.

Período: da quarta-feira Santa (lavapés) até o Pentecostes.



Cores litúrgicas: usa-se o preto na sexta-feira Santa, roxo-lilás no sábado, amarelo (Cristo, o sol nascente) e branco no domingo da Ressurreição.

Tema básico: esperança na ressurreição de toda forma de vida criada por Deus.

Símbolos litúrgicos: túmulo vazio, sol nascente, cruz vazia, borboleta como símbolo de transformação e vida nova.

Leituras: Êx 12; Sl 113 a 118 (cânticos pascais); Mt 26. 17-30; Mt 28. 1-20; Mc 16 1-8; Lc 24. 1-12 Jo 20. 1-18; Atos 1.1-14

PENTECOSTES E TRINDADE



Festa de origem: festa das sete semanas de colheita.

Período: 50 dias após a Ressurreição.

Cor litúrgica: vermelho, cor associada à alegria, ao amor, ao poder (do Espírito)

Temas básicos: Deus Pai, Filho e Espírito Santo manifesto entre nós. Capacitação para missão.

Símbolos litúrgicos: tudo aquilo que lembre o ar, o vento, fogo, pomba.

Leituras: Dt 16. 1-7; At 2. 1ss; At 20. 16; I Co 16. 8

REINO DE DEUS CONSUMAÇÃO

Período: três últimos domingos do calendário.

Cor litúrgica: verde, símbolo de esperança, de união entre o ser humano, a natureza e o criados. Também simboliza a imortalidade.

Temas básicos: reflexões sobre o limite da vida, o destino do mundo e a vida eterna.

Símbolos litúrgicos: balança, cinzas, alfa e ômega, coroa, A-Z.



Leituras: Mt 25. 31-46; I Co 15. 2; II Co 4. 14; Mc 9. 47 e 48; Mt 13.43; Lc 13.29; Mc 12. 19-24; II Tes 3. 1

CRIAÇÃO – PROVIDÊNCIA

Período: do 1º domingo de setembro ao 5º domingo que antecede o Natal.

Cor litúrgica: verde, símbolo de esperança e vida.

Tema básico: ação criadora de Deus e a nossa participação como mulheres e homens nesse processo.

Símbolos litúrgicos: lamparina, velas – a primeira criação de Deus foi a luz –, frutos, terra e tudo o que lembre a ação criadora de Deus.

Primeira questão teológica interessante: qual o princípio da vida?

Leituras: Gn 1.1-2.3; Gn 2.4-16; Sl 104; Is 65. 17-25; Is 43. 1-3; Is 44. 1-5; Rm 8. 18 – 22



ADVENTO

Período preparatório para a celebração do Natal.

Período: do 4º domingo que antecede o Natal ao dia 24 de dezembro.

Cor litúrgica: roxo-lilás – dentre outros sentidos é a cor da temperança, da expectativa.

Tema básico: esperança presente na caminhada do povo de Deus na Bíblia, culminando com o nascimento do Cristo, a nossa Esperança.

Símbolos litúrgicos: a coroa do advento é o mais conhecido. Usa-se também muitas luzes. Quatro velas representando os quatro momentos básicos que antecederam o nascimento de Cristo. Acender uma vela a cada semana.



Leituras: 1ª vela: Is 9.1-7; 2ª vela: Is 11.1; 3ª vela: Lc 1. 76 – 79; 4ª vela: Jo 1.9; 5ª vela: Jo 1.4 – acesa no dia de Natal (centro da coroa).

NATAL

Período: abrange dois domingos: 24 de dezembro a 5 de janeiro.

Cor litúrgica: branco por ser a mistura de todas as cores, síntese de todas as luzes, ou seja, o Cristo que veio para todos.

OBS.: A celebração do Natal atesta a crença da Igreja nas dimensões divina e humana de Jesus.

Tema básico: nascimento do Cristo.



Símbolos litúrgicos: manjedoura, luzes, anjos, crianças, presépios.

Leituras: Mt 1.18-25; Lc 2.1-7; Jo 1.1-14

*Extraído do Cartaz
Agenda Nacional da Igreja
Metodista, produzido pela Área
Geral da Igreja*

Você conhece os símbolos da Páscoa?

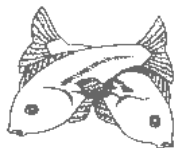
As classes de adultos e jovens poderão confeccionar alguns desses símbolos para serem usados nas celebrações da Páscoa ou nas classes de Escola Dominical, inclusive nas de crianças e juvenis. Os símbolos servem tanto para decoração como para estimular a reflexão sobre o tema.

ABERTURA

No decorrer dos tempos, as pessoas têm usado várias maneiras para expressar o que pensam e sentem, além da palavra falada ou escrita. Uma dessas maneiras são os símbolos.

Eles nos transmitem uma mensagem, nos fazem lembrar uma história (como se fossem fotografias). Assim, olhando para a cruz, por exemplo, lembramos de toda a vida de Jesus e da Igreja Cristã. Da mesma forma, o presépio e a estrela são símbolos que nos fazem lembrar o Natal.

Há muitos outros símbolos no cristianismo. Na Páscoa, podemos usar alguns deles para comunicar a mensagem: “Jesus, nosso Senhor, está vivo”.



O **PEIXE** é o mais antigo símbolo da Era Cristã. As letras que formam a

palavra peixe em grego são as iniciais de uma afirmação muito importante para os cristãos de todas as épocas: “Jesus Cristo, Filho de Deus é nosso Senhor”. O peixe era também usado como senha. Por meio dessa figura, os cristãos se identificavam nos tempos difíceis de perseguição pelos quais passou a igreja.



O **CÍRIO pascal** é uma grande vela em que estão gravadas as letras “Alfa” e “Ômega”. A primeira e a última letra do alfabeto grego mostram que Cristo é o princípio e o fim de tudo (Apocalipse 1.8).



O **OVO** é um símbolo muito antigo. Assim como um pintinho e outros filhotes de aves rompem o ovo que os aprisiona, Cristo rompeu o túmulo e vive para sempre. Um ovo parece uma coisa sem vida, morta, mas esconde dentro de si uma vida nova, assim como o túmulo de Jesus.



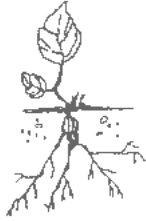
O **TRIGO**, mesmo depois de quebrado, e as uvas, mesmo depois de pisoteadas, não são destruídos. Pelo contrário, são transformados em pão e vinho, os dois alimentos mais importantes para a vida dos judeus no tempo de Jesus. Jesus também, como nos diz o profeta Isaias, foi “quebrado” e “moído”, mas continua a ser a força do seu povo (Isaias 54.5).



O **PELICANO** simboliza o sacrifício de Cristo na cruz. Conta-se que ele fere o próprio peito para alimentar os filhotes com seu sangue.



A **BORBOLETA** surge depois que a lagarta se transforma e rompe o casulo. Essa transformação também nos ajuda a transmitir a mensagem da ressurreição, da nova vida.

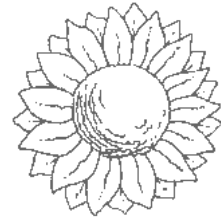


Os **BULBOS SECOS** e as sementes também são utilizados como símbolos da ressurreição. Parecem mortos debaixo da terra, mas renascem como novas plantas e flores.

A **CRUZ** e o túmulo vazios simbolizam a morte sacrificial de Jesus e sua vitória na ressurreição.

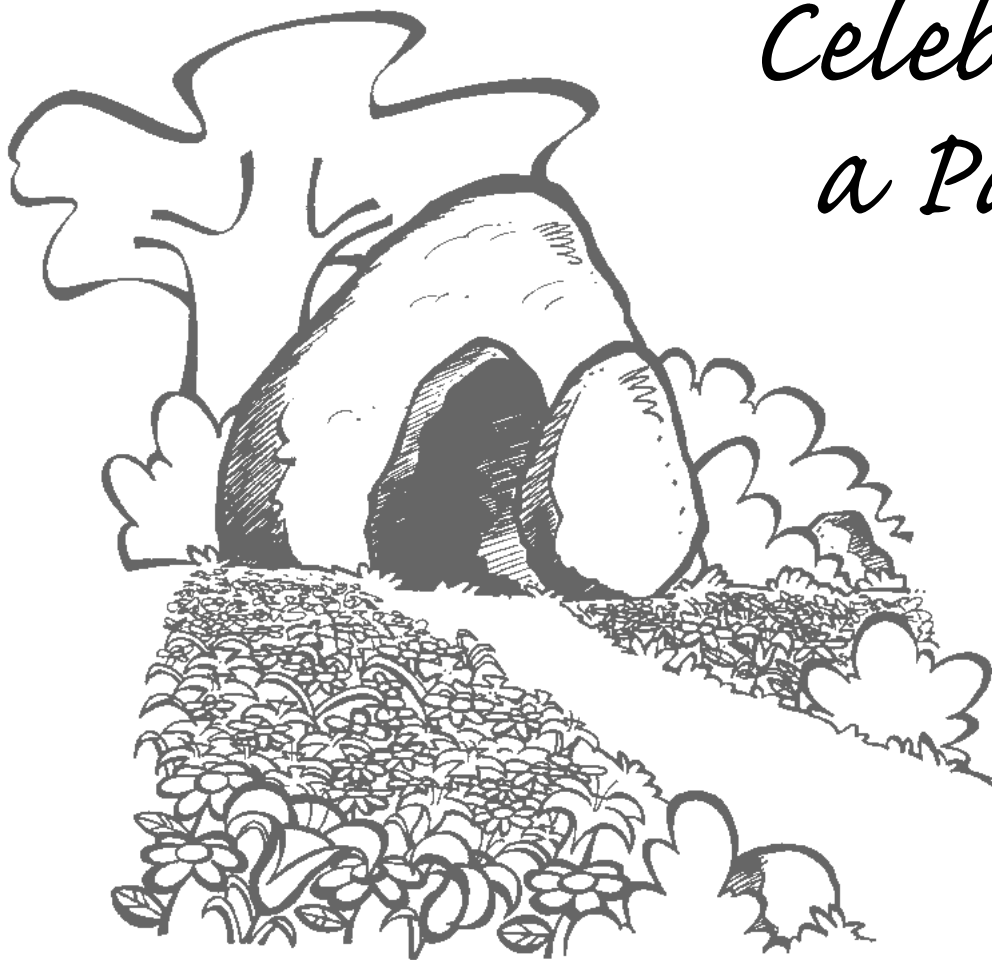


O **GIRASSOL** e outras flores amarelas e brancas expressam o ouro



da realeza de Cristo e a paz por ele conquistada. O girassol tem significado especial, pois como sua corola se volta para o sol, nós devemos nos voltar para o Cristo ressuscitado.

Celebrando a Páscoa



A Páscoa é um dos períodos mais importantes no calendário litúrgico. Por isso é bom motivar toda a igreja para sua celebração. A sugestão que lhe apresentamos aqui foi uma experiência muito bonita e significativa na vida da comunidade de fé da Igreja Metodista Central em Ribeirão Preto. Você pode usar esta sugestão adaptando-a à realidade de sua igreja ou como inspiração para criar e desenvolver uma nova idéia para celebração da Páscoa.

A Igreja Metodista Central em Ribeirão Preto, SP, não tem uma tradição de grande participação em cultos durante a semana, mas decidiu que a semana que antecede o domingo da ressurreição deveria ser comemorada de forma muito especial.

Decidiu-se fazer cultos especiais, iniciando na quarta-feira e terminando no domingo à noite. Para que as pessoas se sentissem estimuladas a participar de todos os cultos, ficou resolvido que a duração de cada culto não excederia uma hora e que cada um contaria com uma dinâmica, uma configuração dos bancos da igreja e uma ornamentação simbólica diferentes.

Esta informação foi divulgada na igreja durante várias semanas, informando as datas, os horários e os títulos escolhidos para cada culto.

Quarta-feira:
“Cantai ao Senhor”

Quinta-feira:
“O Cenáculo”

Sexta-feira:
“Afastando as Pedras”

Domingo pela manhã:
“Celebração da Ressurreição”
(com café da manhã)

Domingo à noite:
“Celebração da Páscoa”

Foram usadas as cores do período litúrgico – o roxo e o azul escuro – e os símbolos que lembram acontecimentos da Páscoa – a cruz, os panos que envolveram o corpo de Cristo sepultado, a pedra que foi removida do túmulo, a bacia de água e a toalha para secar os pés, além dos elementos da ceia.

Cada culto foi cuidadosamente organizado para ser único, ao mesmo tempo, parte de uma proposta unifica-

da, de um processo crescente de reflexão, meditação e edificação.

A experiência transformou a semana da Páscoa numa semana inesquecível e gerou um entrosamento dos vários ministérios e membros da igreja: os grupos de louvor, com a música; as mulheres da igreja, com a produção de pão e carne para a ceia; os jovens, na movimentação dos bancos para a transformação do espaço físico; diversas pessoas, que encarregaram-se das pedras; o Ministério da Família, com a preparação do café da manhã no domingo.

CULTO DA QUARTA-FEIRA

“Cantai ao Senhor”

Proposta litúrgica – Reviver através da música os acontecimentos da semana da Páscoa narrados na Bíblia.

“O Cenáculo”

Proposta litúrgica: Reviver o lavapés e a última ceia de Jesus com seus discípulos.

Dinâmica: O pastor celebrará todo o culto vestido com uma túnica branca. No momento do lavapés, chamará os coordenadores dos ministérios como representantes dos órgãos de serviço da igreja e lavará os seus pés, enxugando-os com uma toalha. No momento da ceia será servido um lanche (carne assada fatiada, pão caseiro, alface e suco de uva) e todos congregarão ao redor da mesa.

Disposição dos bancos: Alguns bancos deverão ser retirados, deixando um espaço maior na frente da igreja, onde será montada uma mesa em forma de U na qual estarão os pratos com pão caseiro, as tigelas com carne, os copos e as jarras de suco. Alguns bancos ficarão nas laterais para o lava-pés.

Ornamentação: Utilizar utensílios de madeira, cerâmica e vidro, objetos bonitos e harmoniosos, para lembrar com maior fidelidade a ceia celebrada por Jesus.

Músicas: Deverão trabalhar o tema da comunhão e serviço.

Preparação Prévia: Pedir a pessoas da igreja para fazer pão caseiro e assar a carne para a ceia.

Ordem do Culto

Na última noite, antes da crucificação, Jesus reuniu seus discípulos para as “últimas instruções” e para prepará-los para o momento decisivo de suas vidas.

1. Somos convidados a nos reunir

- **Leitura:** Marcos: 14.12-17
- **Cântico:** “Estamos aqui, Senhor”
- Oração de gratidão
- Participação especial

2. Diante da presença de Jesus somos confrontados



Dinâmica: Quando as pessoas chegarem à igreja, encontrarão a porta do templo fechada e deverão ficar esperando no átrio. Na hora do início do culto, as portas serão abertas e os jovens (ou grupos de louvor) estarão aguardando no interior do templo, de onde começarão a cantar abanando folhas e colocando panos no caminho, enquanto as pessoas entram e tomam seus lugares.

Disposição dos bancos: A ala central deverá ser alargada para facilitar a movimentação.

Ornamentação: Um pano azul cobrirá a cruz que fica acima do altar. (Este pano deverá ser retirado durante o cântico que diz: “O véu que nos separava já não separa mais”.)

Músicas: Hinos 249, 144, 191 e cânticos de acordo com cada momento da celebração.

Preparação prévia: Os grupos de louvor escolherão e ensaiarão, juntamente com um dos membros do Ministério da Liturgia, as músicas a serem utilizadas.

Ordem do Culto

1. Entrada de Jesus em Jerusalém – Adoração

Música: Hosana! Hosana!

Oração de adoração (Jesus)

2. Jesus no templo – Confissão

- **Texto bíblico:** Mc 11.15-17
- **Palavra do dirigente**
- **Música:** “A começar em mim...”
- **Hino 249** – Confissão e humildade – Leitura comunitária e canto
- **Oração silenciosa**
- **Proclamação do perdão**

3. Jesus ensina no templo – Edificação

- **Palavra do dirigente**
- **Hino 144** – Palavra vivificante

4. Lavapés / Santa Ceia – Comunhão, Serviço

- **Texto bíblico:** João 13.4-6
- **Música:** Lava-pés
- **Texto bíblico:** João 13.12-17
- **Texto bíblico:** Mateus 26.26-29
- **Hino 191** – Ceia eucarística

5. Morte

- **Texto bíblico:** Marcos 15.15, 24-25, 33-39
- Pausa
- **Música:** “Jesus em tua presença...”

6. Ressurreição

- **Texto bíblico:** Lucas 24.1-7
- **Música:** “Desperta! Desperta!”
- **Palavra do dirigente**
- **Música:** “Em Espírito, em verdade”
- **Oração de intercessão**
- **Música:** “Alto preço”

7. Oração final e bênção



- **Leitura:** Mateus 26.21-25
- Oração silenciosa e reflexiva
- **Cântico:** “Se confessarmos...”

3. Após o perdão, louvamos e celebramos

- **Cântico:** Hino 193
- Historização e consagração dos elementos
- Partilha
- Oração

4. O gesto é mais forte que a palavra, somos edificados

- **Cântico:** Hino 393
- Processional simbólico
- Oração da diaconia
- Participação especial

5. Alimentados e fortalecidos, saímos para esperar um novo dia

- **Cântico:** Hino 132
- Oração comum dos cristãos: PAI NOSSO
- **Bênção arañica:** Números 6.22-27

CULTO DA SEXTA-FEIRA

“Afastando pedras”

Proposta litúrgica: Lembrar que o sofrimento e morte de Jesus na cruz, apesar de um momento de tristeza, significa a possibilidade de perdão para os cristãos. Na nossa vida aparecem pedras de tropeço, pedras que fecham o nosso caminho, como a pedra que fechava o túmulo de Jesus. Mas Deus retira estas pedras e as transforma em altar através do seu perdão.

Dinâmica: As pessoas terão dificuldade de entrar no templo. Terão de pular por cima, ou circundar as pedras que estarão na porta central. As leituras bíblicas e os hinos lembrarão a morte de Jesus e chamarão ao nosso arrependimento e conversão. O/A pastor/a iniciará o sermão ao lado da pilha de pedras que

estará barrando a entrada do templo. Lembrará os sentimentos de derrota naquela sexta-feira, os discípulos, as mulheres, e todos que amavam Jesus. Mas esta derrota será transformada em vitória. O/A pastor/a pegará uma pedra da pilha de pedras que estará barrando a entrada do templo e a carregará até a pilha de pedras que estará no altar. Convidará a congregação a fazer o mesmo. Em silêncio, a congregação tomará uma pedra da pilha à porta de entrada e a depositará no altar, simbolizando a entrega de todos seus pecados, seus problemas, suas angústias. O grupo de louvor cantará durante o processional. O culto terminará com toda a congregação ajoelhada no corredor central, em oração.

Disposição dos bancos: Os bancos da igreja serão todos dispostos nas laterais do templo, voltados para dentro, deixando o centro como um longo e largo corredor.

Ornamentação: Uma pilha de pedras de vários tamanhos, na entrada do templo, dificultando a passagem dos fiéis. Na outra extremidade, nos degraus que levam ao altar, uma outra pilha, esta mais organizada e com alguns ramos entremeados. A cruz coberta com um pano azul escuro, o templo à meia luz.



Músicas: hinos 97, 269, cânticos de confissão e consagração.

Preparação prévia: Providenciar pedras de tamanhos variados, em número suficiente para que cada pessoa na congregação possa levar uma até o altar.

Ordem do Culto

1ª Leitura: A Morte

- Lucas 23.44-46
- Hino 97 – Vivificação

2ª Leitura: A Condenação

- João 19.6-7 e 19.14-15
- Hino 269 – A Conversão

3ª Leitura: O Perdão

- Lucas 23.33-34
- Edificação – O Perdão transforma pedras em altar
- Processional – Pedras do caminho em pedras do altar
- Oração de consagração
- Cânticos de adoração
- Bênção

CULTO DO SÁBADO

“Vigia e ora”

Proposta litúrgica: O povo de Deus se reunirá para aguardar, esperançoso, a ressurreição. Nesta espera, o povo vigia e ora. A espera é difícil, mas necessária. Deus tem um tempo certo para cada coisa.

Dinâmica: Momentos variados de oração: em duplas, em trios, em família, uns orando pelos outros.

Ornamentação: O pano azul escuro que cobria a cruz na noite anterior agora se encontrará caído sobre o altar e sobre a Bíblia.

Músicas: Hinos 64, 387, 204 e cânticos de comunhão

Ordem do Culto

- Saudação e acolhida

Estamos reunidos aguardando, orando e intercedendo para que Deus nos ajude neste momento tão difícil de separação do nosso Mestre.

O povo canta sua fé e esperança

- **Cântico:** Hino 64.

O mesmo povo ouve a leitura das Escrituras – Salmo 40

Embora o povo sofra as angústias da morte, está unido em torno do mesmo propósito: a espera pelo novo dia.

- **Cântico:** “Ao orarmos, Senhor”
- Oração em duplas e trios (intercessão uns pelas vidas dos outros)
- Oração de intercessão

O povo que sofre e espera é também um povo que canta buscando inspiração para a vida.

- **Cânticos:** Hinos 387 e 204
- Edificação – Muitas vezes esperar é difícil, mas de vital importância
- Oração pela família
- Intercessão
- Bênção

CULTO DO DOMINGO (MANHÃ)

“Celebração e ressurreição”

Proposta litúrgica: Reunir a comunidade de fé na igreja, às 5 horas da manhã, ainda escuro, para estar em oração ao amanhecer o dia.

Dinâmica: Experimentar o amargo das ervas, representando o pecado (comer agrião), e o doce das frutas, representando a vitória da ressurreição (comer uvas e pedaços de maçã), lembrando a Páscoa judaica (Pessah) e sua transformação na Páscoa cristã.

Disposição dos bancos: Alguns bancos serão retirados da frente para dar espaço a uma mesa onde estarão as ervas, as frutas e os elementos da ceia (pão inteiro).

Ornamentação: Panos brancos, representando os panos que envolveram Jesus no túmulo, estarão espalhados pela mesa do altar e pelo chão, como se tivessem sido

deixados para trás no momento da ressurreição.

Músicas: Hinos 74, 43, 41 e os cânticos: “Perdão, Senhor”, “Glória para Sempre”, “Celebrai a Cristo”.

Preparação prévia: Providenciar agrião, uvas, maçãs, além dos elementos da ceia.

Ordem do Culto

- Saudação e acolhida

1ª Leitura: LUCAS 24.1-4

- **Cântico:** Hino 74
- Orações de Adoração

2ª Leitura: LUCAS 24.13-34

Processional das ervas (O povo, cantando, apanha as ervas e experimenta o “amargo” do pecado e da omissão.)

- **Cântico do Processional:** Perdão, Senhor
- Oração de Confissão

3ª Leitura: MATEUS 28.1-7

- **Cânticos:** Hino 43 e “Glória para sempre”

Processional das frutas (O povo, cantando, apanha e experimenta o doce da vitória e da ressurreição.)

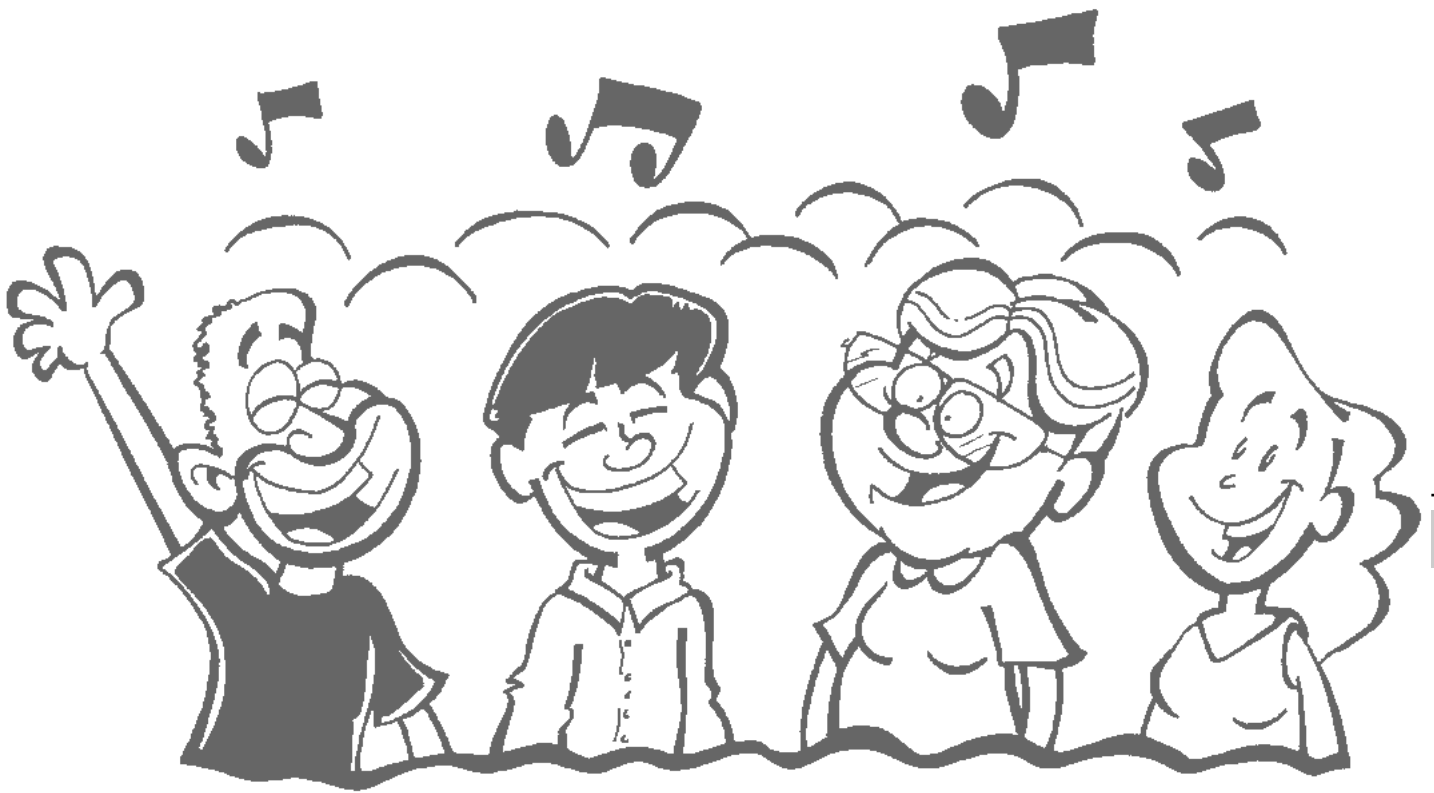
- Oração de louvor
- **Edificação:** O sentindo da ressurreição em nossas vidas.
- Celebração da ceia do Senhor
- **Cânticos:** Hino 41 e “Celebrai a Cristo”
- Oração final
- Bênção apostólica
- Café da manhã comunitário

CULTO DO DOMINGO (NOITE)

“Culto da Vitória”

Proposta litúrgica: Reunir toda a comunidade de fé para uma grande e festiva celebração da Páscoa

Dinâmica: Dar espaço, durante o culto, para que as pessoas testemunhem sobre a sua vivência



nesta série de celebrações da Páscoa (dois ou três testemunhos breves).

Disposição dos bancos: Na posição tradicional

Ornamentação: A mesma do domingo pela manhã.

Músicas: Hinos: 106, 133, 398, 243 e cânticos de louvor e adoração pela ressurreição de Cristo.

Ordem do Culto

- Saudação e Acolhida
- Oração

- **Leitura:** Antífona 53
- **Cânticos:** “As Nações...” e Hino 106

Durante esta semana foram vários os momentos de confissão e contrição, portanto seria impossível, para nós, não retomar nossa confissão a Deus.

- Oração de confissão
- Declaração de perdão:
“... Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...” (Lc 23.34)
- Somos convidados ao louvor
- **Cântico:** Hino 133
- Testemunho

- Cânticos congregacionais
- **Edificação:** Celebração da ceia do Senhor / Intercessão
- Ofertório – Cântico: Hino 398
- **Cântico:** Hino 243
- Oração Final
- Bênção apostólica

*Liturgia elaborada pelo Ministério da Liturgia da Igreja Metodista em Ribeirão Preto, SP;
Célia Luísa, Reily Rocha,
Anderson Salgado Campos e
Elizabete Cristina Costa Campos*

Celebração da Ressurreição: Quando Jesus vive em nós!



Prelúdio

O/a organista poderá executar um arranjo de vários hinos tradicionais da Páscoa.

Momentos de reflexão e lembrança

Dirigente: Por que viemos aqui?

Congregação: Viemos para louvar a Cristo ressurreto!

Dirigente: Como iremos fazê-lo?

Congregação: Aproximando-nos de Cristo; oferecendo-nos a Ele em comprometimento. Nós o louvamos, oramos, confessamos os nossos pecados, a fim de nos tornarmos seus cooperadores e cooperadoras no mundo.

Hino de louvor: HE – 129

Oração (em uníssono)

Senhor Jesus, neste domingo de Páscoa, apesar de não o podermos ver, sentimos que Tu estás bem perto de nós. Ajuda-nos, neste dia, a descobrir, por nós mesmos, que Tu não és apenas um personagem de um livro, mas uma presença bem viva, mais achegada do que os nossos mais íntimos pensamentos. Ajuda-nos, neste dia, a saber que Tu estás vivo, ressurreto, sempre presente, Senhor. Isso te pedimos, por amor do Teu nome. Amém.

Leituras bíblicas (por cinco juvenis)

1ª leitura: Lucas 24.1-12

2ª leitura: João 21.1-14

3ª leitura: João 21.15-19

4ª leitura: Apocalipse 3.21

5ª leitura: Apocalipse 19.16

LITANIA DA PÁSCOA

Dirigente: Ele está vivo!

Congregação: Realmente, Ele está vivo.

Dirigente: Ele veio para dar liberdade aos cativos.

Congregação: Ele nos concedeu a liberdade.

Dirigente: Liberdade!

Congregação: Liberdade do pecado e da morte; liberdade para viver plenamente.

Dirigente: Viver? Qual vida?

Congregação: A vida, uma dádiva divina, motivada pelo amor e sustentada pelo fortalecimento da obra do Espírito Santo, dedicada ao serviço a Deus e ao relacionamento correto, profundo e permanente com o próximo.

Música especial (por um conjunto jovem)

MENSAGEM DA PÁSCOA

Leitor 1: O evangelista Lucas relata a experiência de Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago,

e outras mulheres que, ao levar os perfumes ao túmulo, viram a pedra removida. Ouviram uma voz que dizia: “Por que vocês estão buscando entre os mortos quem está vivo? Ele não está mais aqui, mas ressuscitou. Lembrem-se do que disse a vocês quando estava na Galiléia. O Filho do Homem precisa ser entregue aos pecadores, ser crucificado, e ressuscitar no terceiro dia”. Imediatamente, elas correram a fim de contar o que ouviram aos onze discípulos. Contudo, eles não acreditaram. Somente Pedro se levantou e correu para o túmulo. Abaixou-se e viu somente os lençóis de linho e nada mais. Aí voltou para casa, admirado com o que havia acontecido. Alguns dias depois, o Cristo ressurreto apareceu aos discípulos e perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, você me ama?”. Ao ouvir essa pergunta a ele dirigida, e repetida três vezes, Simão Pedro respondeu: “Sim, o Senhor sabe que o amo”. Após cada repetição dessa resposta, Jesus dizia: “Toma conta de minhas ovelhas”. Daquele momento em diante, o Cristo ressurreto entrou em sua vida, para valer, acompanhando-o no cumprimento do seu discipulado.

Leitor 2

A mesma pergunta que o Cristo res-

sureto fez a Simão Pedro, ele faz a cada um de nós:

Roberto, você me ama?

Daniela, você me ama?

Marcos, você me ama?

Simone, você me ama?

E se quiser, você poderá responder como fez Simão Pedro: “Sim, o Senhor sabe que eu o amo”. Mas, em seguida, Jesus lhe dirá: “Toma conta das minhas ovelhas”.

Leitor 3: A vida e os ensinamentos de Jesus nos revelam quais são as ovelhas a quem somos chamados a cuidar. Podemos relacioná-las como sendo os pobres, presos, enfermos, oprimidos, marginalizados, problemáticos, pecadores, estrangeiros, depreciados, crianças, mulheres, escravos e os que, por alguma razão, levam algum estigma ou marca.

Leitor 5: O autor de Apocalipse nos diz que o Rei, Senhor dos Senhores, vem à porta de cada um de nós e diz: “Escutem. Estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e comerei com ele, e ele comerá comigo”. Se nós abirmos nossos corações a ele, poderemos ter a certeza de sua presença em nossas vidas. Se o aceitarmos como o nosso Salvador e Senhor, iremos proclamar esse fato e viver como salvos e súditos do Salvador, Senhor e Rei.

Cântico: “Amorável Convite”

HE – 39

Jogral: (oito pessoas: 2 juvenis, 2 jovens; 2 adultos; 2 crianças)

Quando Cristo vive em nós

Todos: Disse Jesus...

Leitor/a 5: O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para anunciar as Boas Notícias aos pobres...

Leitores/as 3 e 4: E me mandou anunciar a liberdade aos cativos...

Leitores/as 1 e 2: Dar vista aos cegos...

Leitores/as 6, 7, 8: Pôr em liberdade os que estão sendo maltratados.

Leitor/a 3: Numa ocasião em que os discípulos despediam as mães e seus filhos, a fim de que não causassem aborrecimentos ao mestre, Jesus disse:

Todos: Deixem que as crianças venham a mim! Não atrapalhem, porque o Reino de Deus é dos que são como essas crianças. Lembrem-se disto: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele.

Leitor/a 4: E quando os fariseus o criticaram por estar em companhia dos pecadores, Jesus declarou:

Todos: Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim, os doentes. Eu vim para chamar os pecadores para que mudem de vida, e não as pessoas boas.

Leitor/a 6: Para Jesus, não eram os poderosos e guerreiros que seriam felizes, e sim, os misericordiosos e pacíficos.

Leitores/as 1, 3, 5, 7: Felizes os que tratam os outros com misericórdia – Deus os tratará com misericórdia também!

Leitores/as 2, 4, 6, 8: Felizes os que trabalham pela paz entre os seres humanos – Deus os chamará de filhos e filhas!

Leitor/a 7: O Cristo ressurreto diz a você: “Escute. Estou à porta e bato”. Você vai deixá-lo entrar para comer com você, e acompanhá-lo em sua vida?

Leitor/a 1: O Cristo ressurreto também pergunta: “Você me ama?” e, em seguida, diz: “Tome conta das minhas ovelhas”.

Todos: Se aceitar essa responsabilidade e praticar o bem, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores lhe dirá: “Venham vocês, que são abençoados por meu Pai! Ve-

nam e recebam o Reino que foi preparado por meu Pai, desde a criação do mundo”.

Leitores/as 7 e 8: Pois eu estava com fome e vocês me deram comida, estava com sede e me deram água.

Leitores/as 5 e 6: Era estrangeiro e me receberam em suas casas. Estava nu e me vestiram.

Leitores/as 3 e 4: Estava doente e cuidaram de mim.

Leitor/a 2: Estava na prisão e vocês foram me visitar.

Leitor/a 8: Eu afirmo que, de fato, quando vocês fizeram isso aos mais humildes de meus irmãos, fizeram a mim”.

Todos: E assim fazendo, Jesus Cristo viverá em vocês.

Cântico (por um grupo de crianças)

O cântico poderá ser entoado duas vezes, sendo que, da segunda vez, toda a congregação está convidada a cantar.

MOMENTOS DE DEDICAÇÃO

Dirigente: Este é um momento de alegria, porque rememoramos a ressurreição de Cristo e a certeza da vida eterna. É também um momento de gratidão, porque o Cristo vivo nos dá forças para vencer o pecado e viver o Evangelho. Mas também é um momento de dedicação. O Cristo ressurreto, que chamou a Simão Pedro, João, André, Tiago e tanto outros, e os responsabilizou a ir, ensinar, servir e viver o Evangelho, chama agora também. Convidamos todos vocês a responder, aproximando-se do altar, demonstrando a disposição de serem verdadeiros discípulos do Cristo ressurreto, deixando que, por intermédio de suas ações, Jesus viva em vocês.

Oração de dedicação
Bênção Apostólica

Celebração de Páscoa

Esta celebração busca lembrar a história de Cristo, tendo como base dois hinos do Hinário Evangélico e várias leituras bíblicas. Envolver várias pessoas, de idades diferentes, para fazer as leituras bíblicas e os comentários.

CONTA-ME A VELHA HISTÓRIA

Prelúdio: Hino 2 do HE

Acolhida

Dirigente: Aleluia, Jesus Cristo ressuscitou.

Congregação: Sim, verdadeiramente ressuscitou. Essa memória nos traz esperança.

Leitura bíblica: Salmo 118.1-4

Oração comunitária

Todos: Achegamo-nos a ti, Senhor, com alegria, na certeza de que nos acolhes, ouves e orientas. Nossa alegria está em saber que, por nos amar tanto, Jesus veio entre nós estar. Segue conosco nessa caminhada. Amém.

Cântico: 1ª estrofe e coro do Hino 216 – HE, “A velha história”

Dirigente: Naquela manhã de Páscoa, havia muitas histórias para contar. Histórias para lembrar, do amigo Jesus que a ninguém rejeitava, e que, por onde passava, a vida fazia mudar.

Cântico: 2ª estrofe do Hino 2 – HE, “A história de Cristo”

Leitura bíblica: Lucas 19.1-10

(Esse texto poderá ser lido ou dramatizado. Outra opção é realizar a dramatização de uma música conhecida, que aborde a passagem).

Cântico: 2ª estrofe e coro do Hino 216 – HE, “A velha história”

Leitura bíblica: Colossenses 3.1-4

CONTANDO HISTÓRIAS

Dirigente: Jesus contou muitas histórias. Cada uma delas é uma jóia, que a cada leitura tem um brilho diferente e novo. Ele também viveu histórias bonitas. Quem não se lembra de Jesus e as crianças, Jesus e o cego Bartimeu? São histórias de alegria, consolo e perdão, que nos encorajam a continuar, apesar de tudo. Que história move você? Que história o impulsiona? (Dar oportunidade a uma ou duas pessoas/crianças para compartilhar uma história de que gostem.)

Oração de gratidão por tantas vidas tocadas pelo amor de Deus revelado em Jesus.

Cânticos de louvor e ação de graças

Dirigente: Das histórias que Jesus viveu, a mais importante, porém, fala de sua morte e gloriosa ressurreição.

Cântico: 3ª estrofe do Hino 2 do HE, “A história de Cristo”

Leitura bíblica: João 20.1-9

Reflexão pastoral (opcional)

Cântico: Hino 41 do HE, “A ressurreição de Jesus”

Celebração da Santa Ceia

(Muitas comunidades costumam celebrar a Santa Ceia no segundo ou terceiro domingo do mês. Porém, nada impede que seja celebrada no dia de Páscoa – primeiro domingo).

PARTINDO PARA CONTAR A HISTÓRIA

Dirigente: A história não pode ficar presa neste lugar. Ela precisa ecoar para toda a gente e em todo lugar. Mesmo que haja dificuldades, é preciso repartir, contar a história.

Leitura bíblica: Atos 10.34-43

Cântico: 3ª estrofe do Hino 216 – HE, “A velha História”

Oração final
Bênção

Samuel Fernandes, Igreja Metodista

Celebrando a família no Dia das Mães

Esta sugestão de programa poderá ser utilizada, conjuntamente, no mês de maio por todas as classes de Escola Dominical.

Música suave ao fundo

Dirigente: Faz tanto tempo... e o dia das mães era festejado com flores vermelhas ou brancas na lapela, lágrimas, saudades, poesias tristes, promessas que jamais seriam cumpridas... Mas o tempo passou, nós crescemos e evoluímos. Alguém disse que tudo isso era bobagem, que mãe não é fada nem anjo... que tem mãe que mata filho, que tem filho odiando mãe... E, nas igrejas, alguém disse que homenagear mãe é errado, que essas festas foram esquecidas. Hoje, convidamos vocês, não só para homenagear as mães, mas também para refletir sobre o nosso papel na família e louvar a Deus por isso.

Leitura – Salmo 127.1-2 (feita por uma pessoa jovem)

(Use uma das alternativas propostas abaixo ou crie uma nova. Vá formando uma casa, à medida em que o programa se desenrolar).

Retroprojektor: desenhe cada parte da casa em folha própria e vá sobrepondo até que fique completa.

Quadro vivo: desenhe e recorte a casa em isopor, de forma que as partes se completem. Cole pedaços

de isopor na parte de trás, para que as pessoas possam segurar (pode-se utilizar o papelão de caixas grandes no lugar do isopor).

Flanelógrafo: desenhe cada parte em papel pardo ou cartolina; cole na parte de trás uma flanela ou lixa grossa para fixar e vá montando a figura.

ALICERCE – FÉ

Dirigente: O alicerce é a base do edifício, e a fé é nosso fundamento. No lar, é a pessoa anciã, a idosa, o que traz a memória para a sustentação da família.

(Uma pessoa da igreja fala sobre sua experiência em conhecer Jesus por meio do testemunho de “irmãos” mais velhos. Outra alternativa é trazer o pai, a mãe, o avô ou a avó de uma família em cuja casa o trabalho da igreja tenha sido iniciado).

Hino 205 – HE

CASA – AMOR

Dirigente: O corpo da casa é o abrigo da família. Os pais, perto ou longe, são o porto seguro, objeto de união e amor, abrigando as alegrias e mazelas da família.

Jogral (por crianças ou juvenis)
Adaptação do texto de Sylvia Orthof

Todos: Se as coisas fossem mães.
Se a lua fosse mãe, seria mãe das estrelas.

1. O céu seria sua casa. Casa das estrelas belas.

Todos: Se a terra fosse mãe, seria a mãe das sementes.

1. Pois mãe é tudo que abraça, acha graça e ama a gente.

Todos: Se a chaleira fosse mãe, seria mãe da água fervida.

1. Faria chá e remédio para as doenças da vida.

2. Cada mãe é diferente.

3. Mãe verdadeira ou postiça.

1. Mãe vovó e mãe titia.

2 e 3 Maria, Filó, Francisca.

1. Gertrudes, Malvina, Alice.

Todos: Toda mãe é como eu disse.

2. Dona mamãe ralha e beija.

3. Erra, acerta, arruma a mesa.

1. Cozinha, escreve, trabalha fora.

Todos: Ri, esquece, lembra e chora.

3. Traz remédio e sobremesa.

2. Tem até pai que é “tipo mãe”...

1. Esse então é uma beleza!

2 e 3 Agora, eu que só sou filho que às vezes desobedece, trago meu beijo e carinho,

Todos: pois você, mamãe, merece!

3. PORTA – HOSPITALIDADE

Dirigente: A porta representa a hospitalidade, os amigos e as amigas. Ninguém vive só. São os amigos e as amigas, a vida social e os relacionamentos que nos ajudam a crescer como seres humanos, filhos e filhas do mesmo Pai.

Cântico (alusivo aos visitantes)

Oração

JANELAS – COMUNICAÇÃO/DIÁLOGO

Dirigente: As janelas representam nossa comunicação dentro e fora do lar. Comunicar é fazer-se entender.

Música: (sugerimos “Mil Línguas”, de J. Maraschin. Se não for conhecido da congregação, um grupo de jovens poderá prepará-la).

TELHADO – PROTEÇÃO

Dirigente: Nessa casa, o telhado representa a proteção divina sobre o lar; ela é sentida por meio da oração.

Cântico: “Minha casinha” – Fazendo Festa/Canções para toda hora 1

Oração: Senhor, faze nosso lar feliz. Nós te pedimos que o visites e

escolhas, em toda a terra, crianças como nós, para beijar as faces enrugadas das pessoas idosas. Que as mães e pais solitários encontrem nos amigos e amigas um pouco de carinho. Dá-nos tua proteção. Amém.

JARDIM – ALEGRIA

Dirigente: O jardim é representado pelas crianças, a alegria do lar (se sua opção foi o quadro vivo, nesse momento crianças, vestidas de flores, podem ficar em volta da casa).

Cântico: “O amor repartido” – Fazendo Festa/Canções para toda hora 2

Dirigente: Nossa alegria se expressa em gratidão e louvor. Oportunidade para as ofertas.

Palavra pastoral (Salmo 128).

Celebração: pão doce, bolachas ou balas. Lembrar que cada refeição em que a família se reúne em volta da mesa deve ser “em memória” do grande amor de Deus para com seus filhos e filhas)

Dirigente: Todo dia deveria ser “o dia das famílias”, dia de gratidão e ternura, de comunhão e amor.

Hino 497 – HE

Oração

Bênção

Romilde dos Santos Sant’ana, 5ª RE



Celebrando O Dia das Mães

Realização: Encerramento da Escola Dominical com todas as classes reunidas.

Direção: Coordenador/a do trabalho com crianças ou um/a professor/a da ED que tenha facilidade em conduzir as crianças em culto. Cada classe de crianças poderá ficar responsável por uma parte do programa.

O “programa” reúne sugestões. É necessário que cada grupo faça as adaptações que julgar proveitosas.

As idéias básicas que norteiam as sugestões são:

1. Todos os dias deverão ser “Dias das Mães”.
2. O “Dia das Mães” é basicamente o “Dia da Família”, já que entendemos que “a mãe deve ter família e a família deve ter mãe”.
3. Que a mãe é gente, com direito a sentimentos também negativos.

ROTEIRO DO PROGRAMA

Sugestão

1. As mães, ou as mulheres, deverão ser convidadas a ocupar os primeiros bancos de um lado e as crianças, organizadamente, em classes, do outro lado.
2. Entrada das crianças pela ala central do templo, cantando “Bom é render graças ao Senhor”, ou outro cântico do gênero. Poderão vir segurando alegorias onde se lê Família, Lar, Casa, Mãe, Irmãos, Pai, Avós, Vizinhos.

Dirigente: Venham, filhas e filhos!

Venham, mães e pais! Louvemos ao Senhor pela nossa família.

Louvemos ao Senhor pela Igreja – a família maior à qual pertencemos pelo amor de Jesus Cristo.

Cântico de louvor: (crianças e adultos). Se usar o HE, sugerimos os de nº 125 e 132, ou outros cânticos conhecidos, como “Celebrar” e “Hoje é tempo de louvar a Deus”.

Refrão:

Graças te damos, Senhor...

- pela família à qual pertencemos, a casa onde moramos e as experiências que compartilhamos;
- pelos adultos da família que trabalham e buscam o sustento para todos;
- pelos filhos e filhas que cooperam e ajudam nas tarefas da casa;
- pelo respeito, pelo cuidado, pelo carinho que existe entre os membros da família e também entre os vizinhos;
- por Jesus Cristo, nosso Senhor, que traz paz e união às famílias.

Cântico: (Todos/as) “Amar”

- participação das crianças menores com versinhos e cânticos – sugestões anexas.
- participação das crianças maiores (leitura coral).

“A mãe nossa de cada dia”

(Leitura coral – adaptação de uma poesia de Ruth B. Kuhlmann)

Grupo: Todos os dias, ao acordar, a mãe começa a trabalhar.

Solo A: Mamãe pra lá, mamãe pra cá... E ela a todos atenção dá. E responde sempre aos “por quê?”. Atende logo os pedidos de achar objetos perdidos:

Solo B: Onde está o tênis... da meia o par?

Grupo: A mãe descobre o lugar.

Grupo: Cabeças ou costas doloridas?

Solo C: A mãe trata das feridas.

Grupo: E a toda hora uma queixa

Solo D: Quero brincar, o mano não deixa!

Solo E: Quem quebrou minha boneca? Quem sumiu com a peteca?

Grupo: E os pedidos sem fim aos quais tem de responder “sim”:

Solo A: Está pronta a merenda?

Lavou a blusa de renda?

Solo B: Não sei fazer a lição: Quem foi Napoleão?...

Solo C: Posso ir brincar lá fora?

Solo D: Tenho de tomar banho agora?

Grupo: A mãe precisa ser lavadeira, enfermeira, babá, costureira, professora, cozinheira. A mãe precisa ser companheira...

Solo E: E ainda precisa ser paciente e estar sempre sorridente.

Solo A: E como consegue isto, dando conta do serviço?

Grupo: Respondemos nós nesta rima: Só pela Graça Diviana!...

Cântico (crianças): “Jesus no Lar”
(Música: “Vinde Meninos”, HE – 165, Letra: Osmary Pereira)

Se a família com alegria,
Deixar entrar em casa,
o Senhor,
Entre o pai, a mãe e os filhos
Sempre haverá amor.

Com Jesus, o lar é mais feliz!
Com Jesus, o lar terá mais paz.
Paz que acalma,
Paz que faz bem.
Paz que só ele traz.

As crianças nos fazem lembrar que
“Mãe é gente... faz e sente”

Apresentação como dramatização ou com fantoches; pode ser apenas um fantoche conversando com as

crianças.

Daniel: (Entra falando sozinho, com um papel na mão.) “Mãe é gente... faz e sente” (repete 3 vezes, como se estivesse procurando entender.)

Thiago: (Chegando) O que é isso, Daniel? Falando sozinho?...

Daniel: Estou tentando entender isto aqui: “Mãe é gente... faz e sente”.

Thiago: Tão fácil!... Você não ouviu a leitura das crianças? (Refere-se à “Leitura Coral”, feita antes).

Então, a mãe sabe tudo; responde tudo; ajuda a todos;

Resolve tudo... Mãe faz tudo!

Daniel: Tá bem, faz tudo! Mas... e o “Sente”?

Laura: Claro!... Mãe faz e também “sente”. Mãe sente amor, mãe sente alegria, mãe sente emoção com as coisas dos seus filhos... Ela até chora de emoção!

Helena: É... Mas eu já vi mãe chorar de tristeza...

Daniel: De tristeza? E mãe fica triste?

Helena: Fica, sim... Quando a gente briga em casa, quando desobedece, faz birra ou é chamada na escola porque fez bobagem...

Thiago: É... eu acho que mãe não é um “robô” que só faz tudo. Ela é gente... E sente!...

Laura: É verdade! Mãe sente. Não só coisas boas, mas também tristeza...

Helena: E não é só tristeza, não. Ela sente impaciência, irritação e raiva também!

Thiago: E medo!... Eu já vi minha mãe com muito medo.

Daniel: Ah!... É por isso que diz aqui (mostra o papel) que mãe é gente. Não é fada, nem Mulher Maravilha!

Helena: É isso aí... Mãe é gente. E sente como a gente!

Então, os filhos – grandes e pequenos – devem ter paciência e respeito pelos seus sentimentos...

Thiago: Acho que família é isto: todo mundo é gente que sente. Cada um deve procurar entender o sentimento do outro.

Daniel: Agora eu entendi tudo direitinho...

Todos/as: É... Mãe é gente... faz e sente.

Oração: Agradecendo a Deus por todas as mães e lembrando que a família é sempre esperança para o reino de Deus

Cântico

Pai nosso (Todos de mãos dadas)

Bênção

MANEIRAS CRIATIVAS DE COMEMORAR O DIA DAS MÃES

1. Alvorada para as mães. As crianças se reúnem na igreja, de manhã, saem e param diante das casas, cantando. Deixam mensagens bíblicas dirigidas às mães e famílias ou cartões confeccionados por elas.
2. Fotografar as mães e famílias que frequentam a Escola Dominical. Depois, fazer um mural para expor na Igreja.
3. Famílias são instruídas a fazer um “feriado em casa para a mãe”. Ela, pelo menos neste dia, não precisará se envolver em nada.
4. No momento da intercessão, as mães oram pelos/as filhos/as e os/as filhos/as oram pelas mães e pais.
5. Fazer campanha para que a família compareça ao culto, numa tentativa de envolver os filhos/as afastados.
6. Uma reunião de oração em jejum, antes da Escola Dominical com a participação da família se possível pois, servir um café da manhã.
7. Oferecer uma planta para a mãe mais idosa e um botão de rosa para a mãe mais jovem.
8. Durante a semana do Dia das Mães as crianças poderão confeccionar cartões e escrever mensagens para as mães da comunidade de fé e das crianças que frequentam a Escola Dominical.

Osmary Cardoso Pereira

Crianças celebram o Pentecostes

Esta celebração tornará a abertura da Escola Dominical significativa para a Igreja e envolvente para as crianças.

MATERIAL

Papel crepom vermelho
Bexigas (uma para cada criança)
Uma pomba desenhada e recortada em cartolina branca
Uma vasilha com sal (meio saquinho) e álcool. Deverá ser acesa; o sal ajuda a conservar o fogo.

PREPARO

Arranjar uma mesa com toalha e enfeitá-la com papel crepom vermelho.

Colocar sobre a mesa os símbolos do Espírito Santo: a pomba, o fogo e o vento, que será simbolizado pelas bexigas dadas a cada criança à entrada do local da celebração.

DESENVOLVIMENTO

Entrada: enquanto os símbolos da pomba e do fogo entram em processional, as crianças imitarão o som do vento e agitarão as bexigas.

Leitura 1: Joel 2.28-32.

Leitura 2: Lucas 1.39-41.

Cântico: “Um pequenino se mexeu”
(Cancioneiro Fazendo Festa).

Leitura 3: Lucas 3.21-22.

Oração: “Deus, Espírito doador da vida, Espírito de cura e de consolo, de integridade e de verdade, nós

cremos e confiamos em ti. Espírito que sobrevoaste a criação, vento impetuoso e fogo pentecostal, comprometemo-nos a trabalhar contigo pela renovação de nosso mundo. Amém.”

(Espírito Doador da Vida – Assembléia do CMI, em Camberra)

Leitura 4: Atos 2.1-4.

Cântico: “Pentecostes” (Cancioneiro Fazendo Festa)

Adentrar o templo com as crianças agitando as bexigas, enquanto os adultos cantam músicas conhecidas sobre o Espírito Santo.

Orações espontâneas.

Soltar as bexigas.

Para encerrar, pedir que todos se abracem e desejem paz uns aos outros.

Onde está o Reino de Deus?

PROPOSTA

1. Refletir com sua comunidade sobre os sinais do Reino de Deus em nossas vida e no mundo;
2. Buscar nestes sinais a esperança e o alento para continuar ajudando a implantar o Reino;
3. Motivar a comunidade para ajudar, através de ações concretas, a sinalizar o Reino e modificar situações que o neguem.

Prepare antes

Encontre manchetes de jornais, revistas, boletins, cartazes que mostrem situações, pessoas e instituições que trabalham de forma positiva ou negativa em relação à vida: alimentos, moradia, educação, solidariedade, ação da Igreja, trabalho, saúde, serviço comunitário, ecologia, justiça etc., Apesar da grande quantidade de notícias negativas, procure o máximo que puder de boas notícias. Deixe as folhas de jornais e revistas inteiras, elas serão usadas durante a celebração.

Procure envolver o grupo de louvor de sua comunidade para aprender e ensinar o cântico: “Tempo melhor”.

A poesia de *Felipe Centeno*, Frutos do Reino (texto em cinza), usada nesta liturgia também pode ser cantada.

Conseguir sementes de flores ou legumes, fáceis de cultivar. Colocar dentro de saquinhos para serem distribuídos à comunidade no final da celebração.

LITURGIA

Acolhida

Dirigente: Que o Senhor criador de todas as coisas, que se move no cosmos, nas profundezas do mar, nas florestas, nas alegrias e tristezas do seu povo, esteja conosco na celebração dos frutos do Reino que já estão entre nós e os que ainda virão.

Cântico: “Glória à Trindade” HE – 129 F. Assis, Laudate Deum)

Vós criaturas de Deus Pai
Todos erguei a voz, cantai,
Aleluia! Aleluia!
Tu, sol dourado a refulgir,
Tu, lua em prata a reluzir,
Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Oh! Boa terra mãe que dá
Infundas bênçãos, canta já,
Oh, louvai-o! Aleluia!
Frutos e flores, juntos dai
A glória a Deus, Senhor e Pai.
Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Vós homens sábios e de bem,
A todos proclamai também,
Oh, louvai-o! Aleluia!
Louvor ao Filho, glória ao Pai,
E ao Santo Espírito louvai!
Oh, louvai-o! Oh, louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Confissão e Arrependimento

Leitor 1: Reino de Deus? Isso é coisa do futuro, do que ainda está por vir. Final dos tempos.
[Entram 4 a 6 pessoas lendo em voz alta e ao mesmo tempo as manchetes e notícias negativas. Ao chegar no altar continuam

andando de um lado para o outro lendo as notícias. Após alguns momentos de confusão cada um lê sua manchete para que todos possam entender. Para isso, os demais devem ler os seus textos mais baixo.]

Leitor 1: Eu não disse! Do jeito que as coisas andam o Reino de Deus vai demorar muito para chegar. [Os leitores devem se retirar permanecendo apenas os leitores 2 e 3]

Oração comunitária:

Senhor, por tantas vezes estarmos cegos diante da tua ação, perdoa-nos.
Pela nossa falta de esperança que nos torna acomodados, perdoa-nos. Por não permitirmos que os sonhos de um novo tempo se tornem realidade, perdoa-nos. Pelas sementes do Reino que não plantamos e brotos que podamos, perdoa-nos.
Senhor, pedimos que ouças a nossa oração, na esperança do Reino. Amém.

Leitores 2 e 3:

O Reino de Deus está onde a esperança estiver
Levando sonho, e utopia
Fazendo da terra brotar
Novo dia.

Oração: O/a pastor/a deverá orar e trazer a proclamação de perdão.

Louvor e ação de Graças

Cântico: “Tempo melhor” – Ssproart

*O Reino de Deus é chegado:
é tempo da vida mudar.*



*Apostai tudo aquilo que tendes
nesta nova e importante notícias (2x)*

Sacudindo a poeira dos móveis,
remexendo os porões encardidos,
espalhando a verdade esquecida,
construindo os sonhos perdidos,

Restaurando as vidas feridas,
envolvendo as pessoas sozinhas,
apoiando os tristes cansados,
e instaurando um tempo melhor.

Leitura bíblica: Jesus mostra quem
é o maior no Reino de Deus.
Lucas 9.46-48.

Gesto simbólico: As crianças en-
tram trazendo seus brinquedos
como: pipas, bonecas, carrinhos,
cata-ventos, balões, bichinhos e
depositam no altar como oferta
de alegria.

Oração de louvor e ação de graças
pelas crianças que são a grande
expressão do Reino.
[Enquanto as crianças saem o
grupo de leitores volta para ler as
boas notícias, repetindo o mesmo
esquema das notícias negativas.]

Leitores 4 e 5:

O Reino de Deus está
Onde o amor estiver
Ao repartir, compartilhar
A sua palavra em ação
Transformar

Cântico: Escolher um cântico que
fale de amor e/ou solidariedade.

Reflexão pastoral

Utilizar textos que falem do
Reino e a terceira estrofe do
poema Frutos do Reino, que,
também, deverá ser lida.

Onde estiver a fé
O Reino ali estará
Gerando ação, transformação
Mostrando o caminho da libertação

Intercessão e Dedicção

Dirigente: Durante esta celebração
fomos convidados a refletir sobre
o Reino de Deus e sua presença,
hoje, agora, entre nós.

[O/a pastor/a poderá convidar as
pessoas da comunidade para um
momento de oração silenciosa
para renovação de compromisso
com o Reino de Deus. Dar tempo
suficiente para este momento.
O/a pastor/a poderá orar em
seguida.]

Leitores 1 e 6:

Sempre que alguém orar
Com humildade ao Senhor
Buscando um céu, um ideal
Do Reino de Deus haverá
Um sinal.

[Distribuir as sementes para to-
das as pessoas da comunidade e
encorajá-las a plantar e cuidar da

plantinha. Traçar o paralelo entre
o desenvolvimento da planta e
seus frutos com o desenvolvi-
mento do nosso compromisso
com o Reino de Deus.]

Oração final

Bênção: Que em nossa caminhada
pelo Reino possamos ser nutri-
dos pelo Espírito Santo. Que o
Filho, que é a luz do mundo, nos
dê a coragem para sermos se-
meadores. Que o Pai amoroso
nos abençoe e multiplique os fru-
tos. Amém.

*Samuel Fernandes,
São Roque, 3ª RE*



Uma Árvore chamada Escola Dominical

Celebração para o dia da Escola Dominical – 3º Domingo de Setembro

PREPARE

- uma árvore bem grande, desenhada, recortada ou para flanelógrafo, que será colocada à frente, no momento da meditação.
- flores e frutos para serem fixados na árvore.
- tiras de papel ou cartolina, com palavras em letras grandes, correspondendo a cada flor e a cada fruto.
 - para as flores: amigos, professores, alunos, Bíblia, lições, conhecimento, valorização.
 - para os frutos: alegria, gratidão, esperança, fé, dedicação, amor, crescimento.
- as tiras com as palavras correspondentes poderão ser colocadas no altar, enquanto flores e frutos serão colocados na árvore.
- imprimir o programa, menos a parte da mensagem, que só terá cópias para os dirigentes e responsáveis.
- providenciar as partituras dos cânticos.
- participam crianças, juvenis, jovens e adultos.
- lembranças – pequenas árvores em cartolina verde, com o texto de Jr 17.7-8.

LITURGIA

Acolhida

Dirigente: uma linda árvore começa com uma semente. Estamos aqui hoje, alegres, celebrando a vida da Escola Dominical, porque alguém semeou com a generosida-

de do amor, da dedicação e da fé, na confiança do crescimento que vem de Deus. Por isso, repetimos as palavras do profeta.

Todos: Bendito aquele que confia no Senhor e cuja esperança é o Senhor.

Homens: Porque ele é como a árvore plantada junto às águas.

Mulheres: que estende a suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor,

Todos: mas a sua folha fica verde e no ano da sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.

Cântico: “Cantos pra viver” [Simeio Monteiro, Flávio Irala e Tércio Junker]

Cantos pra viver,
Forças pra cantar.
Espalhar sementes
sobre nosso chão.

Amparar a dor,
Não cortar a flor.
Crer que a primavera

Sempre voltará
Vendo essa gente que dança e ri.
Que não desiste mas vai lutar.
Renascemos pra esperança.
Renascemos pra viver.

Vendo a Jesus que sofreu por nós.
Que fez da morte ressurreição.
Renascemos pra esperança.
Renascemos pra viver.

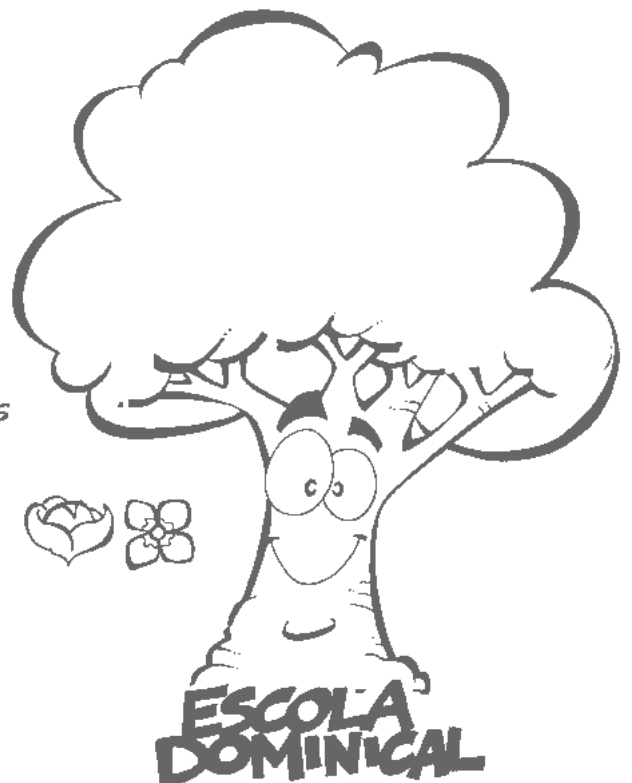
Oração

Todos: Senhor, nós te adoramos e bendizemos o Teu nome com corações alegres e gratos pela Tua fidelidade. Agradecemos-te porque através dos tempos tens despertado homens e mulheres para

• ALGUMAS SUGESTÕES PARA FLORES...



• ... E FRUTOS.



realizar a Tua obra. Louvamos-te pela Escola Dominical, agência de ensino, que tem levado adultos, jovens e crianças ao conhecimento da Palavra de Deus, apontando o caminho da salvação e de uma vida com Cristo. Concede-nos a bênção de aprendermos sempre, crescendo na Graça e no conhecimento de Tua vontade para as nossas vidas. Por Jesus Cristo. Amém.

Música especial: crianças, juvenis ou grupo de louvor.

Meditação

Narrador 1: Celebramos este Dia de Escola Dominical, comparando-a a uma árvore frondosa, cheia de flores e frutos.

[colocar a árvore]

Os semeadores desta linda árvore foram dois: Ana Ball e Roberto Raikes.

[colocar os nomes à esquerda e à direita do tronco]

Narrador 2: Ambos viveram na Inglaterra no século XVIII. Ana era membro de uma Sociedade Metodista. Em 1769 começou uma escola para o ensino religioso que se reunia aos domingos – 14 anos depois, em 1783, no dia 3 de setembro, Roberto iniciou uma escola para alfabetizar crianças que trabalhavam nas fábricas de segunda a sábado, sem ter oportunidade de estudar. Reuniamos em sua casa aos domingos, tirando-os das ruas para 4 a 5 horas de estudo das primeiras letras e para ouvirem histórias bíblicas. Quatro anos depois suas escolas espalhavam-se por toda a Inglaterra.

[no centro, embaixo, colocar o nome Sara Kalley]

Narrador 1: No Brasil a Escola Dominical chegou com a missionária Sara Kalley. Ela veio para o Brasil com o esposo, o médico-

missionário Roberto Kalley, em maio de 1855 e 3 meses depois, no domingo, dia 19 de agosto, começou uma “Classe Dominical” na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

[e sua igreja souber quem começou sua Escola Dominical, coloque também o seu nome, contando um pouco de sua história]

Narrador 2: Mas a nossa árvore não fica perfeita e completa sem flores e frutos. Por isso vamos ver o que essa grande árvore tem produzido.

[crianças, jovens, adultos trarão primeiro as flores e depois os frutos, colocando-os na árvore. A cada flor colocada, outra pessoa leva a palavra correspondente, mostrando-a e falando]

Narrador 1: Assim a nossa árvore coberta de flores e frutos mostra-se em toda a sua beleza, porque foi plantada na confiança de que o crescimento vem de Deus. Flores se tornam frutos, frutos amadurecem distribuindo no solo outras sementes que brotam para se tornar novas, belas e frondosas árvores, espalhando as bênçãos do Reino de Deus. Por isso, apesar de seus anos, nossa Escola Dominical não envelhece “porque caminha junto com seus alunos”.

Narrador 2: façamos juntos a Litania “Escola Dominical”.

Crianças: És a minha escola sempre mui querida, Onde alegre busco santo ensinamento. Ela já faz parte desta minha vida, cheia de esperança e de encantamento.

Juvenis: Nela encontro amigos, onde passo as horas recebendo ensinamentos e conselhos sábios.

Nela vejo moços, velhos e crianças. Todos reunidos como irmãos!

Jovens: É escola simples, que não dá diploma, nem se preocupa em dar promoção, mas os seus ensinamentos são suave aroma que eleva a alma com doce visão.

Mulheres: Ela nos ensina como Deus nos ama, como se interessa pelos filhos seus, através da Bíblia como bondade chama todos quantos queiram vida eterna além.

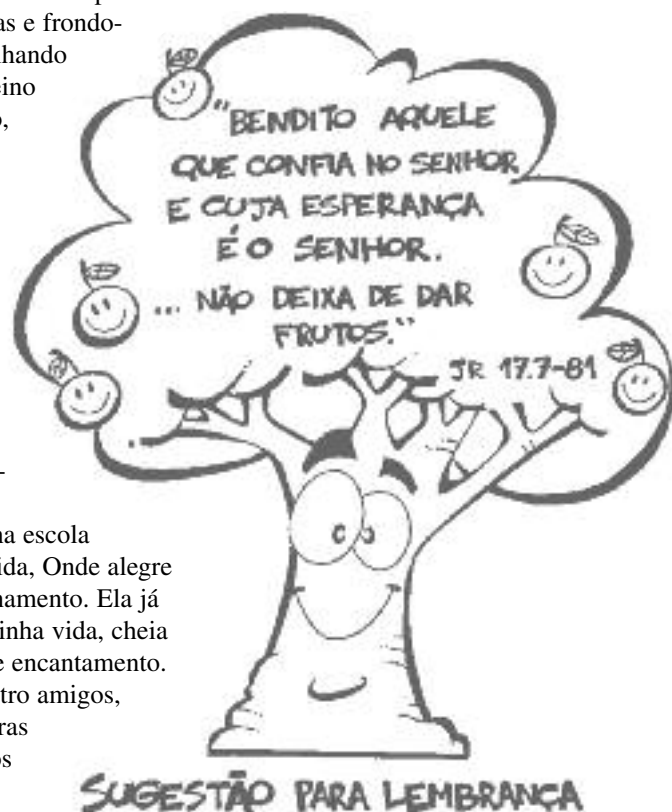
Homens: Grande salvação já foi preparada na pessoa santa do Senhor Jesus. Que deu sua vida pura, imaculada, com a morte infame numa rude cruz!

Todos: Vinde, pois, conosco, nós vos convidamos com imenso gozo, com sincero amor, estudar a Bíblia – esse livro santo – que é o próprio Deus, e seu grande autor!

Oração do Pai Nosso

Bênção

Déa Kerr Affini, 3ª RE



Duas celebrações para o Dia da Escola Dominical

CELEBRAÇÃO I

Para ser feita no culto matutino, na abertura ou encerramento da ED. Preparar uma exposição de fotos na ED na entrada ou em lugar de destaque do templo.

CHAMADO À ADORAÇÃO

Dirigente: Batam palmas de alegria, todos os povos.

Congregação: Cantem louvores a Deus em voz alta!

Cânticos: “Bom estarmos aqui” e “Salmo 96”

Dirigente: Estamos aqui para celebrar o nosso crescimento na vida cristã!

Congregação: Queremos, como Jesus, crescer em sabedoria e graça, diante de Deus e das pessoas.

Jogral:

- Nós, crianças da Escola Dominical, dizemos com alegria:
- Bem-vindos e bem-vindas.
- A vocês, crianças, nossas amigas.
- A vocês, já mais crescidos.
- A vocês, queridos professores e professoras.
- O nosso abraço de carinho e amizade.
- Hoje é o “Dia da Escola Dominical!
- Hoje é o nosso dia!
- Dia de alegria! Dia de gratidão!
Dia de bênçãos! Dia de ações de graça!

- Obrigado, ó Deus, pelas Escolas Dominicais de todo o mundo!
- Obrigado, ó Deus, pela nossa igreja!
- Obrigado, ó Deus, porque aqui estamos!
- Alunos e alunas.
- Professores e professoras.
- Coordenadores/as de ministérios.
- Nós somos os alunos e alunas da Escola Dominical.
- Eu sou rebelde!
- Hoje estou tão cansada!
- Minha garganta está doendo!
- Eu gosto de correr!
- Eu quero falar! Ninguém me ouve!
Eu falo alto!
- Não gosto de ficar sentado!
- Eu tenho vergonha de falar!
- Somos os alunos e alunas da Escola Dominical. Precisamos de professores e professoras que nos amem e nos entendam, que transmitam conhecimentos, que nos preparem para a vida. Mas, acima de tudo, que nos permitam estar mais perto de Deus. Só a professora e o professor amigos nos farão entender o amor de Jesus Cristo e com ele crescer!

Extraído de ‘Ensino eficiente’

Leitura: 2 Pedro 3.18.

Dirigente: O crescimento de cada pessoa aqui presente é importante para todos nós.

Cânticos: “Você tem valor” e “Eu quero te abençoar”.

Oração: (agradecer pela oportunidade de nos reunir na ED).

(Nesse momento, as pessoas são convidadas para ver as fotos).

LEITURAS NO LOCAL DA EXPOSIÇÃO

Ministério da Proclamação: A Escola Dominical é expressão de obediência à ordem de Jesus: “Ide... Pregai... Ensinai...”. Além disso, a Escola Dominical desperta em nós o desejo não só de contribuir, mas também de nos envolvermos na missão da Igreja.

Ministério de Ação Docente: A Bíblia é o livro texto e a biblioteca principal da Escola Dominical. Ao seu lado, deve estar a literatura para explicá-la, atendendo às necessidades e interesses dos/as alunos/as.

(Crianças podem cantar o hino 146 do HE).

Cântico: Escolhido pela pessoa mais idosa da ED.

Ministério do Louvor: A Escola Dominical é uma escola alegre. Cantamos para louvar a Deus, inspirar sentimentos, compartilhar alegrias.

Juvenis: A Escola Dominical nos ensina a viver em comunidade. Juntos estudamos, participamos de celebrações e de campanhas para ajudar o próximo e mostrar o amor de Jesus. Cantamos e oramos como Jesus nos ensinou:

Oração: Pai Nosso

Cântico: “Caminhamos pela luz de Deus”.

(As pessoas voltam para seus lugares e as leituras continuam.)

Ministério da Administração

(Alguém deve segurar um cartaz em que estará escrito com letras bem grandes: R\$ 00,00 = Nada) Quanto custa? Que taxa deve ser paga para matrícula nesta escola? Apenas isto: (mostrar o cartaz) nada! É de graça. Considerando que sua obra expressa o ensinamento do Mestre, a Escola Dominical oferece-nos a oportu-

nidade de conhecer as leis e o amor de Deus, de conviver, cantar e orar juntos, e de ir ao encontro de outras pessoas.

Congregação: A Escola Dominical é uma experiência única. Ela envolve desde os nenês até os vovôs e as vovós, pessoas de todos os graus de escolaridade e posição social. Tem o objetivo de nos ensinar a viver de acordo com as leis de Deus.

Cântico: “Agradeço a ti, Senhor”

Oração: (todos/as de mãos dadas) – Oração feita por um/a professor/a da ED.

Bênção final

Confraternização

(Preparar uma mesa com bolo, frutas, refresco e outras coisas. Convidar a todos/as para a festa do Dia da Escola Dominical)

CELEBRAÇÃO II

CHAMADO À ADORAÇÃO (CRIANÇAS E JUVENIS)

Crianças

Nós, da Escola Dominical
Louvemos ao Senhor!
Bem-vindos e bem-vindas.

Juvenis

Hoje é mais um dia de alegria!
Dia de gratidão, dia de ações de graças!
Cantemos ao Senhor, porque Ele é bom.

Todos/as: Cânticos de Adoração

- Adorai, Adorai, Adorai
- “Vós, criaturas de Deus Pai.”
129 HE

O ANIVERSÁRIO DA ESCOLA DOMINICAL

Dramatização (Grupo de alunos/as de todas as classes)

- 3 crianças
- 2 juvenis
- 2 jovens
- 2 adultos

Cenário: No centro do palco, está o desenho bem grande de uma igreja, feito em cartolina ou mesmo no quadro de giz. Na porta da igreja, está escrito: “Escola

Dominical”. Por trás do desenho ficará uma pessoa, para responder às perguntas dos/as alunos/as.

1ª criança: Dona Escola Dominical, é verdade que hoje é seu aniversário? Se é, gostaríamos de cumprimentá-la. E também queremos agradecer a Deus por sua existência. Queremos entrevistá-la. Pode ser?

(Os/as alunos/as se sentam, e cada um/a pega um papel e lápis, como se fossem tomar nota das respostas).

2ª criança: Gostaríamos que a senhora nos contasse um pouco sobre a sua origem.

Escola Dominical: Pois não. Isso foi há muito tempo. Havia na Inglaterra um jornalista de nome Roberto Raikes. Esse homem era muito sensível e estava bastante preocupado com as crianças que havia em sua cidade. Elas perdiam muito tempo a vagar pelas ruas e aprendiam coisas que não deviam. Então Roberto Raikes resolveu fundar uma escola que se reunisse aos domingos, para ocupar um pouco essas crianças e dar-lhes uma educação melhor, de acordo com suas necessidades. Essa Escola se reunia pela manhã e à tarde. Eu sei que antes, em 1769, uma metodista,

Anna Ball, já havia realmente fundado a Escola Dominical.

1º juvenil: D. Escola Dominical, a senhora me desculpe dizer isso, mas a senhora é bastante idosa. Como, então, as pessoas continuam vindo para assisti-la? Qual é o segredo?

Escola Dominical: Você fez uma pergunta muito boa, meu filho. Realmente, já estou com quase duzentos anos. E sabem qual é o segredo? Eu não me sinto nem um pouquinho velha. Pelo contrário, sinto-me até bem jovem. As pessoas que vêm aprender comigo são de todas as idades. Isso faz com que eu tenha que me preocupar em atender a todo o mundo. Por isso, meu programa tem que ser sempre novo e adequado a cada idade. Não envelheço porque sempre caminho junto com meus alunos.

1º jovem: E a senhora sempre consegue o que quer?

Escola Dominical: Ah, meu jovem! Infelizmente não!

1º jovem: Mas por que não?

Escola Dominical: Existe uma porção de coisas que atrapalham o meu bom funcionamento. Naturalmente, agora não dá para lhes dizer tudo.

2º juvenil: Estamos bastante interes-

sados em saber pelo menos algumas coisas. Pode nos dizer?

Escola Dominical: Está bem. Vocês sabem que vivemos na Escola Dominical como em uma família, não é? Quando, às vezes, nós nos esquecemos disso, então eu não posso ir muito bem. Muitas outras coisas acontecem também. Quando, por exemplo, os professores e professoras não entendem bem sua missão, não procuram conhecer seus alunos e alunas e estudar a lição. Ou quando as pessoas ficam desinteressadas por mim, e ficam em casa dormindo ou vão passear.

2º jovem: A senhor deve ficar bem triste quando essas coisas acontecem, não?

Escola Dominical: Sim. (com a voz mais animada) Mas há tantas coisas boas que compensam! Por exemplo, quando as crianças se reúnem para juntas louvar a Deus. Ou quando, às vezes, procuram aplicar as lições que aprenderam em coisas práticas. Como por exemplo: demonstrando

amor aos outros. Outro dia, fiquei muito contente com uma de minhas escolas. Os professores e professoras estavam interessados em se preparar melhor para seu trabalho, e formaram uma classe para estudar as coisas de que mais precisavam. A pastora da Igreja deu o maior apoio.

2ª criança: Puxa, que bacana!

1º adulto: Qualquer dia voltaremos para a senhora nos contar mais coisas, certo?

3ª criança: Mas, antes de ir, gostaríamos que a senhora soubesse que estamos muito felizes porque a senhora existe.

4ª criança: Temos aprendido tanta coisa boa!...

2ª criança: Histórias da Bíblia, cânticos...

1ª criança: Como amar o nosso próximo...

2º jovem: E, conforme vamos crescendo, vamos aprendendo mais coisas ainda. Damos graças a Deus porque podemos, todos os domingos, vir aprender mais com a senhora.

2º adulto: Em nome de toda a igreja, queremos dar-lhes os parabéns e agradecer por tudo que nos tem dado.

Escola Dominical: Muito obrigado. E vocês me dão licença. Quero cumprimentar o/a Coordenador/a do Ministério da Escola Dominical, os professores e professoras, todos os alunos e alunas. Sem a ajuda de vocês, eu não poderia existir. Espero que possamos caminhar unidos, aprendendo a viver em amor e ampliando nossa vida de relação com Deus, com a Igreja e com o próximo.

Todos/as: Cantam o HE – hino 140 (Os/as alunos/as devem abraçar os/as professores/as, entregando flores ou outra pequena lembrança)

Oração de gratidão (pelos alunos/as, professores/as e todos/as que colaboram com a Escola Dominical)

Bênção: Pastor/a

Celebrando a alegria de ensinar

OBJETIVO

Agradecer a Deus pelas vidas dos/as professores/as que ensinaram e ensinam em nossas Escolas Dominicais e escolas seculares.

Agradecer por aqueles/as que como os profetas no passado, são chamados para ensinar e compartilhar os ensinamentos e a vontade de Deus.

PREPARAÇÃO

- convide o/a professor/a mais antigo/a da comunidade para estar presente e compartilhar;

- convide também uma pessoa que foi aluno/a desse/a professor/a;

- se possível, pedir às crianças e/ou juvenis que preparem uma lembrança para o/a professor/a convidado;

- organizar um grupo para encenar a parábola da Grande Festa. Criar as cenas dos empregados preparando a festa, saindo às ruas, voltando com más notícias, a busca dos rejeitados etc. No livro Perdidos e Achados de Phyllis Reily e Déa Kerr Affini há uma proposta para a história;

- se possível, preparar um pequeno lanche ou bolo para após o culto.

O PROGRAMA

O Deus que ensina

Chamado à adoração

Dirigente: Através da história Deus tem ensinado seu povo a viver e

orientado sua caminhada de fé.

Seja na grande chuva, nos sonhos de um grande povo e uma terra de fartura, na seca do deserto, nas alegrias e tristezas de um reino dividido. A esse Deus, que ensinou no passado e continua a fazê-lo até hoje, seja a nossa adoração.

Congregação: Que os seus ensinamentos e sua orientação firme sejam o motivo de nossa alegria.

Oração de adoração

Cântico congregacional: “Ao Deus de Abraão” – HE 105

O Deus que perdoa

Litania de arrependimento (baseada em Jeremias 31.3, Salmo 25.1-11 e Êxodo 6.6-7)

Professores e professoras: Senhor, escutamos tua voz em nosso coração e atendemos ao teu chamado para ensinar. Por vezes nos sentimos desanimados e falhamos. É certo, porém, que o teu amor eterno nos envolveu e a tua benignidade nos atraiu. Caminha conosco, Senhor, e capacita-nos para este ministério.

Jovens e juvenis: A ti, Senhor, elevo a minha alma. Faze-me, Senhor, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas.

Dirigente: Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem espero

todo o dia.

Todos: Lembra-te, Senhor, das tuas misericórdias e das tuas bondades que são desde a eternidade.

Adultos: Não te lembres dos meus pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões. Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia, por causa da tua bondade, ó Senhor.

Todos: Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para os que guardam a sua aliança e os seus testemunhos.

Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande.

Silêncio ou orações breves de confissão

Pastor/a: Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido. Tomar-vos-ei por meu povo e então sabereis que eu sou o Senhor o vosso Deus.

Na certeza do perdão de Deus, sigamos alegres no propósito de aprender a viver a vida nova que o seu perdão nos dá.

O Deus da alegria

Leitura bíblica: Salmo 34.1-4

Cânticos congregacionais [Escolher músicas que expressem a alegria de viver e caminhar com Deus]

Gesto simbólico. Chamar o/a professor/a mais antigo/a da comunidade e fazer as perguntas: Como foi que ele/ela começou a ensinar?

Quais eram as dificuldades?

E as alegrias?

Quantos alunos havia em sua classe?

[Chamar o/a aluno/a desse/a professor/a e fazer as perguntas]

Como eram as aulas?

Você se lembra de alguma música daquela época? Poderia cantá-la?

Um fato marcante das aulas do/a professor/a.

[Oferecer ao/a professor/a a lembrança feita pelas crianças ou juvenis]

Oração de gratidão por todos os professores que passaram pela comunidade.

Ouvindo o Deus ensinador

Dirigente: No princípio Deus falou diretamente com seus escolhidos, depois através de juízes e profetas que foram incompreendidos, mal tratados e perseguidos. Deus, então, cumprindo sua promessa,

se torna humano e vem nos ensinar a viver, agir e principalmente a refletir sobre a sua verdadeira vontade.

Reflexão

Apresentação da Parábola da Grande Festa que se encontra em Lucas 14.15-24

- a) Caso haja a apresentação o/a pastor/a poderá refletir de forma bastante breve sobre as sugestões abaixo.
- b) Não havendo a apresentação pedir a alguém para fazer a leitura do texto e em seguida o/a pastor/a poderá fazer a reflexão com base nas sugestões abaixo.

Sugestões para a reflexão:

- a) Jesus era um grande professor, chamado muitas vezes de Mestre.
- b) Jesus ensinava através de histórias simples que falavam sobre coisas do cotidiano do povo.
- c) Que desculpas temos apresentado para não nos colocarmos à disposição para ensinar?
- d) O Deus que chama é o Deus que também capacita.

Cântico congregacional: “A palavra”

Intercessão e envio

[Pedir aos/as professores/as da Escola Dominical que se coloquem em pé. Pedir à comunidade que cada aluno vá de encontro ao seu/sua professor/a e dêem as mãos. Ir organizando a movimentação para que no final haja um grande círculo começando com as crianças depois juvenis, jovens e adultos.]

Cântico: “Canção da caminhada.”

Oração de gratidão pela vida dos/as professores/as da Escola Dominical e também daqueles/as que trabalham no ensino secular.

Oração Dominical

Bênção

Símbolos Natalinos

Emanuel, o Deus conosco, o Deus criança está para chegar e faz anunciar. Uma agitação toma conta da cidade. Tudo fica uma beleza! Há uma grande confusão entre as pessoas; consumismo se confunde com devoção, misturando os interesses comerciais e as coisas da comunidade dos fiéis. Nem tudo é bem elaborado. Muitas vezes, nas luzes da cidade não aparecem os sinais de que esta festa tem um centro definido. O Papai Noel é maior do que o menino Jesus na vitrine que avistamos, na grande fachada do edifício gigante e nos painéis eletrônicos que brilham e fascinam.

Vamos ver agora a origem e os significados de alguns símbolos do Natal.

O GALO

É Natal, o galo aparece para anunciar. O galo que se vê sobre as casas, teria sido o galo que, aos primeiros raios da aurora, anunciou, na manhã feliz da humanidade, que o menino nascera. O galo anuncia o novo dia; seus olhos muito sensíveis motivam seu estribilho à chegada de um novo dia. Naquele dia cantara



anunciando o novo tempo. Canta ainda hoje e, mesmo confundindo holofotes com os raios de sol, canta alegremente a chegada do novo dia. Na sociedade urbana o galo tornou-se tão folclórico quanto os sinos da igreja, os quais cantam fiéis e, no Natal, são brindados com sua figura altaneira nos cartões, nas poesias e nas canções natalinas. Só faltava mesmo ser pintado de verde e amarelo, pois o galo é bem brasileiro.

ANJOS

São figuras ligadas ao grande acontecimento que foi o anúncio da gravidez de Maria, que haveria de ter um filho, Jesus, o anunciado e tão esperado das nações, segundo as profecias. Diz a Bíblia, em Lucas 1.26, o seguinte: “No sexto mês foi o anjo Gabriel enviado da parte de Deus, a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com José... E entrando o anjo onde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida. O Senhor é contigo... Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus.”

Os anjos também estão associados à chegada de um anjo que anunciou aos pastores que viviam nos campos, dizendo-lhes: “Não temais: eis que vos trago novas de grande alegria, que o será para todo o povo. Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas e paz na terra

entre os homens de boa vontade.”

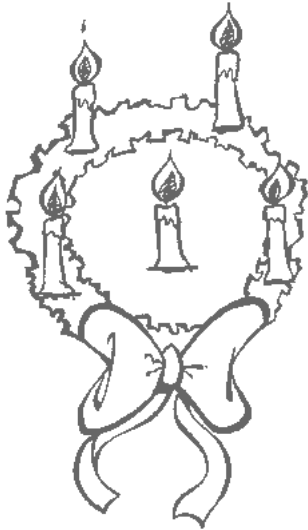
Antes, racistas e louros, mas também agora negros, índios, japoneses, caboclos e caipiras; sem medo de serem do jeito da nossa gente.

OS SINOS

Os sinos fazem parte da velha tradição. Eles aparecem por toda parte, e parecem anunciar a chegada do Deus criança. Enfeitam as torres das igrejas e até mesmo árvores comerciais. Querem, com seus repiques, participar da grande alegria que é a chegada do menino Jesus. Os sinos são símbolos antigos, tão significativos quanto os anjos, que muitas vezes os sustentam nas mãos. Em todos os tempos, dos mais humildes aos mais grandiosos, os sinos lembram a grande data do Natal de Jesus. Carrilhões e sinos repicam em comemoração à noite de Natal. Eles marcam de modo muito especial a festividade. No Natal, seus repiques criam uma nova vida, a alegria está no ar; todos, ao ouvi-lo, se alegram, pois compreendem imediatamente a sua mensagem: CRISTO NASCEU! ALEGRAI-VOS! É NATAL!

COROA DO ADVENTO

A coroa de ramos significa o que cerca, sem limitar. A coroa sempre foi símbolo de honra e glória. Como símbolo de Natal, faz-se uma coroa de ramos de cipreste, com quatro castiçais ao redor. Neles são colocadas quatro velas vermelhas e uma vela branca. No primeiro do-



mingo do Advento, quatro domingos antes do Natal, a igreja (ou a família) acende uma das velas. No segundo domingo, outra vela e assim por diante, até que no dia de Natal todas estejam acesas. Seria interessante que pudéssemos convidar crianças para acender uma das velas, sinalizando a alegria destes tempos; uma mulher grávida, sinalizando a vida que Jesus nos dá, pessoas da terceira idade, sinalizando o amparo e o cuidado de Deus ao longo de nossa existência.

ÁRVORE DE NATAL

Tão difundida, do mais humilde casebre às mansões, palácios, igrejas, invadindo agora os shopping centers, a árvore de Natal, ou pinheirinho, cheia de luzes e enfeites, representa a alegria da maior festa da cristandade – o Natal de Jesus. Há vários relatos sobre a origem da árvore de Natal que se perdem em lindas lendas. Os povos germânicos adoravam as árvores e em determinado dia, eram praticados sacrifícios humanos debaixo de um carvalho sagrado. Conta a lenda que o bispo Bonifácio teria impedido tais sacrifícios e, empunhando um machado de ouro, derrubado aquela árvore. Para espanto de todos, surgiu um pinheirinho em seu lugar. Bonifácio explicou ao povo que o pinheiro era a árvore da vida, daí a representação da vida em Cristo. Os alemães foram os primeiros a enfeitar árvores para o Natal. Usavam anjinhos, estrelas, brinquedos, nozes douradas e do-

ces. E diz-se que Martinho Lutero foi o primeiro a colocar velas no pinheirinho, pois representavam as estrelas no céu. A árvore de Natal é enfeitada com muitas bolas coloridas, imitando frutas nórdicas que resistem ao frio, e bolinhas de isopor ou pedaços de algodão forjando neve, que no Brasil nem mesmo no inverno costuma cair. A árvore é um símbolo da vida que resiste, nasce, sobrevive e protege nossas esperanças. Árvores que podem representar a batalha ecológica de nossos tempos atuais, quando descobrimos mais e mais que a fauna e a flora devem ser protegidas tanto quanto a raça humana. A árvore é a vida da natureza, a qual grita do coração do planeta Terra que, para que o ser humano sobreviva, toda criação deve sobreviver.

VELAS

Antes da era cristã, as velas eram usadas nas saturnálias, festas do Império Romano. Depois do advento de Cristo, os festivais pagãos foram substituídos pela celebração do Natal entre os cristãos. Nestas celebrações eram usadas velas como símbolos da Luz – Jesus!



Três velas de cores diferentes são usadas em honra à Trindade, e são acesas uma na véspera do Natal, outra no dia do Natal, e outra na véspera do ano novo. A vela é, portanto, o símbolo de Jesus Cristo,

“Luz dos povos”. E Jesus é, de fato, a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo (cf. João 1.9). Jesus afirma: “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12; cf. Jo 9.5; 12.46). E aquele que é iluminado pela luz de Jesus tem o compromisso de iluminar o caminho do próximo para ajudá-lo a sair da ignorância, da fome, da opressão, da exploração, do crime, da guerra...

ESTRELA

Outro símbolo de luz usado em toda parte durante o Natal. É lembrança daquela que apareceu no céu quando Jesus nasceu e interpretada pelos magos – sábios do Oriente – que, segundo a Bíblia, teriam perguntado: “Onde está aquele que é nascido Rei dos Judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.” E seguindo-a, encontraram o menino Jesus. Prostrando-se, o adoraram e lhe ofereceram ouro, incenso e mirra. A estrela, como a luz que brilha na escuridão, mostra que a vida brilha nas trevas e que todos os que caminham sem esperança podem encontrar na “gruta de Belém” (casa do pão) e em cada vida que brota na história uma nova razão para viver.

PRESEPIO

Foi introduzido em 1223, por Francisco de Assis, para transmitir, por meio de figuras, o sentido do Natal ao povo que não sabia ler, para que todos pudessem compreender a linda história do nascimento de Jesus. Em vários países, e mesmo no Brasil, fazem-se verdadeiras obras de arte com miniaturas da cena de Belém em materiais diversos.


Conta-se que quando São Francisco de Assis criou o primeiro presépio, era uma simples manjedoura com um boneco depositado sobre as palhas. Ao lado deste presépio, São Francisco e seus irmãos cantaram os primeiros cânticos populares de Natal. Mais tarde, adicionaram à cena animais



vivos que tomavam emprestado da vizinhança. Somente com o passar dos anos os presépios foram se tornando verdadeiras obras de arte. O presépio vai sempre adotando as tradições culturais de cada povo, que veste suas personagens humanas com roupagens típicas, acrescentando ou eliminando espécies de animais.

MÚSICA

A música está sempre associada às festividades ou a algum evento. Assim, o Natal de nosso Senhor Jesus tem milhares de cânticos em seu louvor. A mais famosa composição natalina é “Noite Feliz”, música de Franz Gruber e letra do padre Mohr. Em pouco tempo esta canção se espalhou pela Europa, indo em seguida para os Estados Unidos e daí para o Brasil. Hoje ela é conhecida em todo o mundo. Mas ainda há outras dezenas de canções natalinas de real valor que foram compostas por grandes musicistas. “Eis dos anjos a harmonia”, tão cantada em nossas igrejas, foi composta por Mendelson, com letra de Carlos Wesley, e é o hino de número 11 do Hinário Evangélico. Quem não conhece o famoso “Ó Pí-nheirinho de Natal” (Tanenbaum), “Ah, um anjo proclamou o primeiro Natal”; “Pequena Vila de Belém”, e até o “*Jingle Bells*”, além de uma infinidade de canções. É possível se fazer uma grande lista de canções. Na Bíblia está registrada a primeira canção natalina, que foi entoada por anjos na noite do nascimento de Cristo.



“Noite Feliz” foi escrita em alemão, “Ó, Vinde Fiéis”, em latim, e “O Nosso Menino Nasceu em Belém”, de Villa Lobos, em português.

CARTÕES DE NATAL

Milhões de cartões de Natal, desde os mais simples aos mais criativos e ricos, muitos – até musicais, circulam por todo o mundo cristão, desejando um Natal Feliz, cheio de paz e amor. Nestes cartões estão inseridos os vários símbolos natalinos.

Eles começaram a ser usados há mais de 100 anos. Em 1846, uma companhia londrina enviou os primeiros cartões de Natal aos seus fregueses. Em 1862 estes cartões passaram a ser comercializados.

PRESENTES

O primeiro presente para a humanidade veio de Deus “que amou o mundo de tal maneira que lhe deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna” – Jesus!

Presente significa dádiva, amor, fraternidade. Trocar presentes por ocasião do Natal já é uma tradição bem antiga, porém a forma de dar varia de acordo com os costumes de cada país. Na Holanda e na França, as crianças recebem os presentes nos sapatos, aliás, tradição também no Brasil. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, numa meia pendurada. No México, na piñata.

PAPAI NOEL

A figura tão querida de toda a criançada, sorridente, faces rosadas, com roupas vermelhas, enfeitadas de arminho branco, botas pretas, e que distribui presentes e brinquedos, foi originalmente um bispo da Igreja Cristã na Ásia Menor, chamado São Nicolau. Devido ao seu coração generoso e bom, ele vivia pelas ruas distribuindo presentes e doces às crianças. Criou-se a lenda de que no Natal ele vinha a cavalo, acompanhado de seu servo, Pedro, deixando presentes para as crianças. Com o tempo, no Ocidente, a figura foi se transformando num velhinho gordo, alegre e bondoso, que passou a se chamar *Santa Claus*, para os norte-americanos; *Chriss Kindle*, para os alemães; *Noel*, para os franceses, e Papai Noel, para os brasileiros. Seu meio de transporte também mudou, passando a ser um trenó puxado por renas. Onde quer que Papai Noel apareça ele representa a bondade, a paciência, a compreensão, e o bem para todas as pessoas. Esta é a sua simbologia, embora a ganância comercial venha estragando esta ima-

gem tão bonita, gerando soberba, vaidade e egoísmo, mudando o belo conceito do dar sem receber.

VOTOS DE ANO NOVO

Uma velha tradição de nosso povo são as crianças que visitam as famílias na manhã de 1º de janeiro.

Crianças correndo pelas ruas. Ouvem-se os gritos: “Bom princípio de ano novo”. As famílias visitadas oferecem pequenos presentes. Normalmente, doces, balas e chocolates. Por vezes, pequenos brinquedos. Até dinheiro, algumas vezes; especialmente para os primeiros que chegam. Alegria geral. Um novo ano está começando. As vozes infantis desejando paz em nossos corações parecem ter muito crédito entre todos.

Os votos compõem um elemento importante nesse tempo litúrgico. Parece ser tempo de anúncio de um futuro próspero e de grandes felicitações. Os votos de feliz Natal ou felizes festas são completados pelos votos de feliz ano novo. Tudo pode ser diferente, tudo pode ser renovado, tudo pode ser recriado, pois sendo um novo ano, podemos refazer nossos projetos de vida e deixar muitas coisas ruins para trás. Tudo deve tomar novo rumo e recomeçar, pois para a alegria de todos, Deus vem fortalecer nossa esperança.

Dilson Júlio da Silva, 3ª RE

Bibliografia

BOGAZ, Antônio S. “Natal: festa de luz e alegria”, Paulus, São Paulo, 1996.

NERY, F.C., “A Páscoa e seus símbolos”, Ed. Paulinas, São Paulo, 1990.

RIBEIRO, T., “Origem e significado dos símbolos de Natal”, in: Voz Missionária, São Bernardo do Campo, IV trimestre de 1995.

O Natal está chegando... É tempo de Advento

Advento significa 'retorno' ou 'aniversário'. No Antigo Testamento, está relacionado com o período de espera e expectativa por uma intervenção extraordinária de Deus na história. Aguardava-se a concretização plena das promessas de Deus a Abraão. Na história da Igreja Cristã, é o período de preparação para a celebração do Natal.

PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Isaías 9.1-6 (promessa de novos tempos para os judeus do norte, que viveram um passado de humilhações, conforme 2 Reis 15.29). Os versículos desse texto deverão ser reproduzidos em letras grandes e espalhados em diversos locais do templo e das salas de Escola Dominical.

A primeira vela da coroa do Advento deverá ser acesa por alguém da comunidade. Deve-se escolher, de preferência, alguém ou alguma família que esteja vivendo momentos de expectativa por algo de bom que virá ou que represente algum tipo de esperança para a comunidade.

A primeira vela deve ser acesa em momento solene e permanecer assim durante todo o período devocional. Esse mesmo ritual deverá ser realizado no culto vespertino, com a participação de outras pessoas.

Durante a reflexão, valerá a pena enfatizar que a aflição do povo de Israel, no tempo em que o texto indicado foi escrito, devia-se ao fato de "Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel" terem feito um acordo para atacar Judá em conjunto (cf. Is 7.1ss).

Por causa dessa ameaça e de outras de povos vizinhos, o povo judeu estava com muito medo. Os versículos 3 e 4

do capítulo 9 de Isaías refletem essa realidade. Os alunos da Escola Dominical poderão participar, expressando frases sobre suas principais inquietações nos dias atuais.

SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO

Isaías 10.28-34 (o ataque dos assírios a Israel e a promessa de salvamento por Deus).

Isaías 11.1-9 (a esperança no libertador, descendente do rei Davi). Reproduzir os versículos e proceder conforme indicação para o primeiro domingo.

A primeira e a segunda velas deverão ser acesas por pessoas ou famílias que tenham o perfil descrito no primeiro domingo. Além da coroa, deve-se utilizar um toco grande e aparentemente seco, com um broto forte surgindo do seu interior.

O broto que surge no toco deve simbolizar as diversas formas de esperança que sustentavam os israelitas, atacados pelos assírios, bem como as que animam os que hoje sofrem inquietações diversas.

TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Lucas 1.5-25 (o anúncio do nascimento de João Batista, o precursor de Jesus). Reproduzir a partir do versículo 13 e proceder conforme indicação para o primeiro domingo.

Neste domingo, três velas deverão ser acesas por representantes de classes marginalizadas em nossa sociedade.

Deve-se enfatizar na reflexão o anúncio do nascimento de João Batista no contexto cúltilo. Também ressaltar a participação da idosa Isabel, dando à luz uma criança missionária.

QUARTO DOMINGO DO ADVENTO

Lucas 1.26-56 (o anúncio do nascimento de duas crianças movimenta a família judaica). Reproduzir os versículos e proceder conforme indicação para o primeiro domingo.

As quatro velas devem ser acesas por uma criança, jovem, adulto ou adulta e idoso ou idosa. Deve-se ressaltar na reflexão a importância da participação de todos no ministério de Deus.

Enfatizar as mudanças que o anúncio da chegada do menino Jesus havia provocado: Zacarias, que ficou mudo por não ter acreditado na promessa do anjo; Isabel, grávida apesar da idade avançada; José, assustado por ainda não saber da origem divina da gravidez de sua noiva; a jovem Maria, visitando a anciã Isabel, ambas grávidas e carregadas de esperança para o seu povo e para toda a humanidade.

Explicar que o broto que surge do toco representa as esperanças que brotam da descendência de Davi, que já estava sem ninguém no trono quando se deu o anúncio do nascimento de João Batista e de Jesus.

DOMINGO DE NATAL

Acender a quinta vela

Messias Valverde, 4ª RE



Natal: esperança, alegria, paz e amor

Celebração para os Domingos do Advento

Este roteiro litúrgico poderá ser realizado tanto na Escola Dominical, como adaptado para o culto vespertino.

Fazer a coroa do Advento com as quatro velas no círculo e uma vela no centro representando a luz de Cristo. A quinta vela deverá ser acesa na celebração de Natal. Sugerimos, também, que seja colocada uma manjedoura vazia ao lado da coroa do Advento representando a espera pelo Messias.



1º DOMINGO DO ADVENTO

Natal é Esperança

Leitura de Isaías 9.2-7.

Assim como o profeta Isaías no passado, nós também trazemos para este Natal o sentimento de esperança de que o ato de amor de Deus em favor do ser humano não tenha sido algo que ficou no passado, mas que continua acontecendo hoje entre nós.

Dirigente: Deus vem ao nosso encontro. Neste dia, juntos, entra-

mos no tempo do Advento. Tempo do encontro com aquele que veio morar entre nós. E com todas as pessoas que esperam um mundo em que o amor será mais forte que todos os ódios, em que a unidade de todas as nações reconciliadas em Deus fará com que sejam eliminadas todas as fronteiras que separam e dividem.

Todos/as: Que o Deus da esperança nos encha de alegria e paz, para que saibamos discernir as marcas da sua presença entre nós.

Cântico: “A nova do Evangelho”
– HE 5

Oração

Palavra

Dirigente: Quando a luz de Deus ilumina o coração dos seres humanos, as armas se calam e as fronteiras entre os povos caem por terra. Iluminados, nossos corações estarão prontos para adorar o Deus criador e salvador. Visão do futuro? Não. Promessa para nós, hoje!

Revedo as esperanças e os Sonhos de Amor

Narrador: Hoje trazemos à memória o primeiro Natal. Fatos que nos fazem lembrar as esperanças e os sonhos de um povo que viu no nascimento de Jesus o nascer de um novo tempo de amor.

Entra uma criança carregando um estandarte onde se lê: É TEMPO DE ACORDAR!

Narrador: Sim! É tempo de acordar! É tempo de acordar as esperanças e os sonhos de uma vida nova... de um mundo novo... de gente mais gente. É tempo de acordar para o encontro. O encontro com o menino de Belém, o encontro com a gente mesmo, o encontro com o outro. É tempo de acordar e sair. Sair do egoísmo para formar comunidade: a comunidade do amor, da paz, da fraternidade.

Cântico

Entra uma criança carregando o segundo estandarte, onde se lê: É TEMPO DE LUZ!

Narrador: É TEMPO DE LUZ.

Sim, é tempo de ser luz. Luz que não fica escondida, mas que aparece de longe, e faz com que nossos rumos tornem-se claros, definidos e passem a ser sinais de vida. Luz capaz de acabar com a escuridão gerada pela injustiça, pelo mal, pela doença, pela miséria, pela violência. Luz capaz de fazer o sol brilhar para todos. Luz que espalha justiça, bondade, paz, felicidade a todos os lugares da terra, clareando aquilo que Deus quer para todos: felicidade!

Cântico

Entra uma criança carregando o terceiro estandarte, onde se lê: É TEMPO DE ANUNCIAR!

Narrador: É TEMPO DE ANUNCIAR! Anunciar que o simples e o humilde são valorizados. Anunciar que as boas novas são para todos. Anunciar que a justiça de Deus deve ser estabelecida, pois o reino deve chegar hoje, agora, já.

Cântico

Entra uma criança carregando o quarto estandarte, onde se lê: É TEMPO DE CELEBRAR!

Narrador: É TEMPO DE CELEBRAR! Tempo de celebrar a vida, a alegria, o amor. É tempo de celebrar a boa notícia do amor de Deus. É tempo de buscar a Jesus Cristo e, com ele, trabalhar na construção da nova humanidade.

Cântico

Entra uma criança carregando o quinto estandarte, onde se lê: É TEMPO DE SER FELIZ!

Narrador: SIM, É TEMPO DE SER FELIZ! É tempo de fazer a alegria invadir a vida de todos. É tempo de fazer o bonito acontecer para todos. É tempo de reparar a vida. É tempo de espantar a tristeza para bem longe. É tempo de tornar possível a todos um FELIZ NATAL.

Cântico final

Gesto simbólico

Acende-se, então, a primeira vela da coroa do Advento.

Dirigente: Deus acende entre nós a luz da sua esperança.

Todos/as: Que ela ilumine os nossos corações e nos abra ao amor e à generosidade que os outros esperam de nós.

Bênção

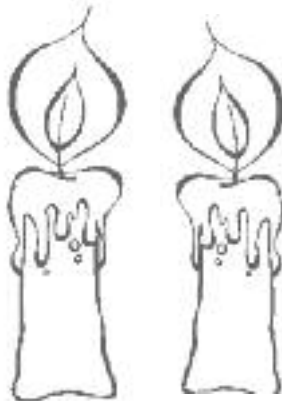
Dirigente: Que o Deus da unidade

nos reúna com todo o seu povo na terra. E que por nossos gestos e palavras o mundo conheça seu amor.

Todos/as: Então nos tornaremos todos a nova criação e viveremos a verdadeira liberdade.

2º DOMINGO DO ADVENTO

Natal é Alegria



Abertura

Leitura de Lucas 2.8-11

Dirigente: Uma das características da celebração do Natal é a alegria. E qual a razão desta alegria? Pode ser porque nos reencontramos como famílias. Pode ser, também, porque nos lembramos de ajudar o nosso próximo necessitado. Ou, quem sabe, porque vemos o sorriso feliz de uma criança ao receber um presente. Talvez... seja por um desses motivos ou outros!

Todos/as: Mas a alegria maior, mesmo, é por causa daquela notícia que o anjo entregou a toda a humanidade: “Hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”. Este é o motivo da alegria! Sim, ALEGRIA!

Oração

Cântico: Natal ou O nascimento de Jesus [HE nº 11 ou nº 19]

Palavra

Litania: “Pois na cidade de Belém nasceu hoje o Salvador”

Dirigente: Foi lá em Belém, numa estrebaria, num lugar humilde e sem luz, que haveria de nascer o Cristo, o Salvador do mundo.

Juvenil: Foi lá em Belém, em meio aos animais, que Maria vê cumprida a promessa de Deus. Nasceu Jesus!

Dirigente: Foi assim que ele se fez um de nós.

Todos/as: Chegou para trazer luz ao mundo e paz aos homens e mulheres de boa vontade.

Mulheres: Ainda hoje, em meio às trevas, numa cidade aberta, incerta, cheia – mas também deserta – com muitas pessoas, e também com muitos solitários e sofredores,

Todos/as: É nesta cidade que Jesus, vindo sem avisar, quer de novo iluminar. Os seus anjos cantam mais uma vez. Eles são, quem sabe, os meninos e meninas, os pobres e também os solitários, pois eles cantam a vida, a esperança, o amor e a paz entre todos os homens e mulheres.

Dirigente: Na verdade, esta sempre será a melodia do Natal, “Noite de paz, noite de amor...”

Nós só temos de aprender a cantar e a viver a esperança destes tempos.

Crianças: Nos só temos de viver a esperança do menino de Belém, do Deus que se fez um de nós... e vive entre nós, em meio às nossas lutas e dores.

Todos/as: Jesus nasceu! É Natal! A salvação é chegada. É tempo de esperança.

Cântico: Adoremos ao Senhor – HE nº 8

Gesto Simbólico

Acende-se, então, a segunda vela da coroa do Advento.

Dirigente: Deus da Esperança, da Alegria, assim como acendemos esta chama, anima em nós a alegria do teu Espírito.

Bênção

Dirigente: Que a alegria do Senhor esteja em nossos corações e seu

regozijo se reflita em nossos atos. Que o poder do Senhor cure nossa fraqueza e sua força reanime nossa coragem.

Todos/as: Deus Santo, Deus Forte, Deus presente, vem fortalecer nossa fé.

3º DOMINGO DO ADVENTO

Natal é Paz



Abertura

Leitura de Lucas 2. 13-14

Dirigente: Já se vão quase 2000 anos, e não parece que a “paz na terra” esteja mais próxima agora do que naquela ocasião. Na terra da Palestina, onde Jesus nasceu, ainda há muitos conflitos e muita guerra. Esse acontecimento levou um jovem a escrever o seguinte:

“O que lhe aconteceria se você nascesse hoje em Israel?
Será que teria ao menos uma estrebaria?
Um silêncio à altura de um recém-nascido?
Creio que não, meu distinto amigo Jesus!
É bem provável que “os grandes” que fazem a guerra, mandassem jogar uma granada onde você estivesse.
Há dois mil anos passados era a espada a arma de guerra, hoje são as granadas e bombas atômicas.

Senhor, você poderia nascer aqui entre estes homens, sentir e pisar de novo na terra governada por eles.

Eles se acham os absolutos donos do mundo...

e porque não querem ser envolvidos por um amor profundo, e lutarem por este amor entre os homens, dê um jeito de você nascer novamente aqui.
Se possível for, em Israel.

Gesto simbólico

Acende-se, então, a terceira vela da coroa do Advento.

Cântico: “Noite de Paz” – HE 7
(cantar suavemente)

Bênção

Tu me abençoa, Senhor!
De ti procede toda a paz,
Pois de ti me vem o desejo de anunciar a paz, de viver a paz de ser instrumento da tua paz.

4º DOMINGO DO ADVENTO

Natal é Amor



Leitura de 1 João 4.7-9

Dirigente: O amor de Deus é dinâmico, pois agiu e age de forma decisiva. O amor de Deus se manifestou entre nós.

Todos/as: O Natal comunica plenamente o grande amor que Deus tem pela humanidade e nos responsabiliza a dedicarmos amor pleno uns para com os outros.

Oração

Cântico: “Jesus Nasceu” HE 12

Palavra: Poesias

Nasce o amor

Hoje nasceu Jesus!
Para nos libertar, ele nasceu
Nasceu do grande desejo de Deus de libertar a humanidade; de salvar todo ser.

Ele nasceu, pois Deus, que é amor, amou sem pedir nada em troca; nos amou primeiro.

Por isso, a única e verdadeira razão do Natal é poder experimentar e compartilhar o amor de Deus.

Dilson Júlio da Silva

Um Novo Dia

É Natal! Um novo dia!
Sinos tocam com alegria,
uma luz nasceu em nós.
De mãos dadas caminhemos
À cidade de Belém,
pois nasceu o Cristo Rei.
Paz, amor e alegria
Hoje e sempre há de reinar,
Ele acaba de chegar.
Venha agora, meu irmão,
sinta e viva esta canção:
Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá...

José Mariano

Gesto simbólico

Acende-se, então, a quarta vela da coroa do Advento.

Cântico: “O amor repartido”

Déa Kerr Affini

Bênção

Tu nos amas, Senhor!
De ti procede o amor, pois de ti nos vem o desejo de ir ao encontro de nossos irmãos com respeito e solidariedade.

*Dilson Júlio da Silva,
Izilda de Castro Neves, 3ª RE*

Advento e Natal, tempo de repartir

Advento

Tempo em que a Igreja se lembra especialmente da promessa de Deus de mandar o Salvador. É o tempo em que a Igreja se prepara para o Natal.

1º DOMINGO DO ADVENTO A PROFECIA

Este é o Primeiro Domingo do Advento. Nele, as crianças devem vivenciar o tempo da esperança que o profeta nos dá. Vai nascer um menino e o Reino de Deus estará sobre seus ombros.

PROGRAMA PARA A ABERTURA DA ESCOLA DOMINICAL

Cântico: HE – 19

Litania:

1º leitor/a: Do trono de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do Senhor.

2º leitor/a: O Espírito de sabedoria e de entendimento...

3º leitor/a: O Espírito de conselho e de fortaleza...

4º leitor/a: O Espírito de conhecimento e de temor ao Senhor.

1º leitor/a: O Senhor mesmo vos dará um sinal. Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel.

2º leitor/a: Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravi-

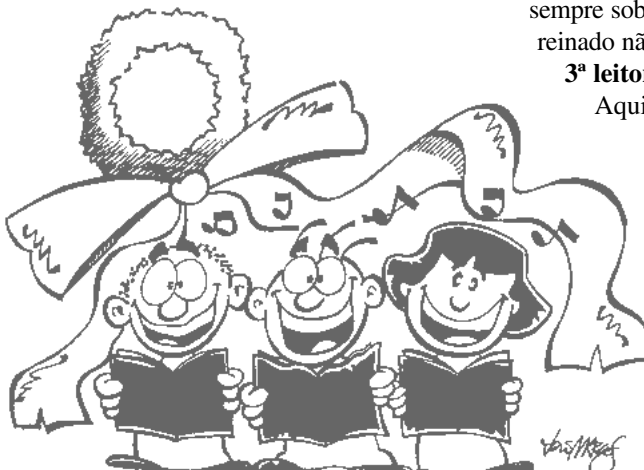
lhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo e venha a paz sem fim...

3º leitor/a: E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti sairá o que há de reinar em Israel e cujas origens são desde os tempos antigos, desde a eternidade.

OFICINA DE CÂNTICOS DE NATAL

Após a abertura da Escola Dominical, realize uma “oficina-ensaio” de músicas de Natal com todas as crianças. Neste domingo, elas não devem ser separadas em classes.

- Hino 19 do HE (1ª e 2ª estrofes)
- Paz na terra
- Jesus nasceu
- Entre o boi e o burrinho
- No firmamento



2º DOMINGO DO ADVENTO A ANUNCIACÃO

Neste segundo Domingo do Advento, as crianças devem vivenciar o anúncio à Maria e descobrir como foi importante ela ter deixado a Palavra de Deus ser cumprida em sua vida.

PROGRAMA PARA A ABERTURA DA ESCOLA DOMINICAL

Litania:

1º leitor/a: Nos dias de Herodes, rei da Judéia... um anjo foi enviado a uma cidade de Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José. A virgem chamava-se Maria.

2º leitor/a: Salve, agraciada! O Senhor é contigo. Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. Eis que dará à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo. Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó e seu reinado não terá fim.

3ª leitora (voz de menina):

Aqui está a serva do Senhor. Cumpra-se em mim segundo a Tua Palavra.



Cântico: Sininhos de Natal, HE – 21

OFICINA DE POEMAS DE NATAL

Após a abertura da Escola Dominical, realize uma “oficina-ensaio” de poemas de Natal. Neste domingo, as crianças devem ser separadas em classes. Lembre-se de escolher poemas para todas as idades e de incluí-los na celebração de Natal. Abaixo, sugerimos uma litania e alguns poemas.

Leitor/a : Pelo maravilhoso nenê que veio para mostrar o seu amor para conosco

Todos/as: Nós te damos graças, ó Deus.

Leitor/a: Pelo nenê que cresceu e tornou-se um homem que nos ajudou a amar e ajudar aos outros

Todos/as: Nós te damos graças, ó Deus.

Leitor/a: Pela alegria de compartilhar com outros as dádivas que teríamos dado a ti...

Todos/as: Nós te damos graças, ó Deus.

Leitor/a: Pelo amor do lar, família e amigos...

Todos/as: Nós te damos graças, ó Deus.

Leitor/a: Que possamos compartilhar a alegria do nascimento de Jesus com aquelas pessoas que estão tristes e sozinhas.

Todos/as: Ajuda-nos, ó Deus. Amém.

3º DOMINGO DO ADVENTO OS PASTORES

Neste terceiro domingo do Advento, as crianças devem vivenciar a chegada de Maria e José a Belém, o nascimento de Jesus e o anúncio aos pastores.

PROGRAMA PARA A ABERTURA DA ESCOLA DOMINICAL

Jogral:

1º leitor/a: Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do Império para recensear-se.

2º leitor/a: José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

3º leitor/a: Estando eles ali, ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

4º leitor/a: Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. E um anjo do Senhor desceu onde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor.

1º leitor/a: Não temais. Eis que vos trago novas de grande alegria, que o será para todo o povo; é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal:

encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura.

2º leitor/a: E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão de anjos, louvando a Deus e cantando.

3º leitor/a: E, ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros...

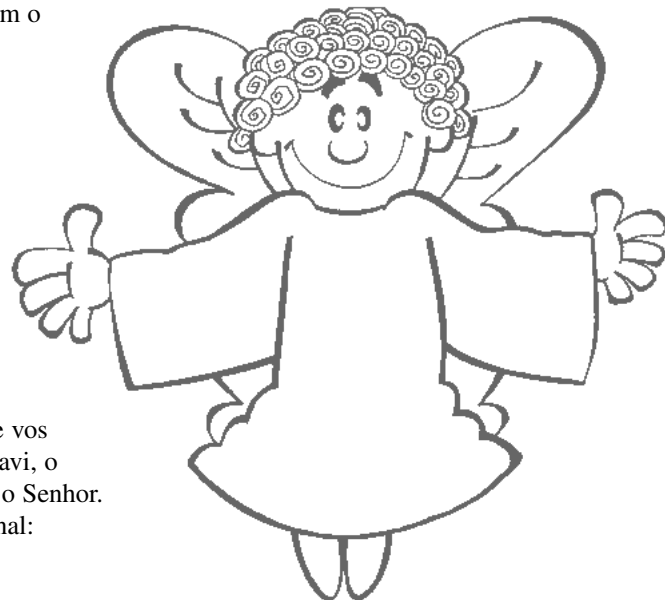
Todos/as: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer.

Cântico: “Paz na terra”

OFICINA DE CONFECÇÃO DE ANJOS

Após a abertura da Escola Dominical, realize “oficinas” para confeccionar com as crianças anjos que serão entregues a todos/as na celebração de Natal. Separe as crianças em classes para esse trabalho.

Amplie à mão ou em xerox o molde dado. Faça um número de cópias suficientes para que todos/as ganhem um. As crianças maiores poderão recortar e enfeitar os anjos com sucatas (papel colorido, botões, algodão). Para as crianças menores, leve os anjos



já recortados e providencie para que elas possam colori-los.

4º DOMINGO DO ADVENTO A MANIFESTAÇÃO AOS SÁBIOS

Neste quarto domingo do Advento, as crianças devem vivenciar a oferta de presentes pelos sábios a Jesus. Providencie para que o jogral seja acompanhado da montagem de uma cena.

PROGRAMA PARA A ABERTURA DA ESCOLA DOMINICAL

Preparando a encenação

Escolha uma criança para representar Maria e outra para representar José. Prepare a manjedoura e um boneco para ser o menino Jesus. Serão necessárias também três crianças para representar os magos. Você deve preparar os presentes que serão ofertados por eles. Vista a todos/as com os panos ou lençóis, como se fossem habitantes da cidade de Belém, à época do nascimento de Jesus.

Litania

1º leitor/a: Tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do oriente à Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-

nascido, rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.

2º leitor/a: Partiram os magos e eis que a estrela que viram no oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se com grande júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram e entregaram a sua oferta: ouro, incenso e mirra.

Cântico: “No firmamento”

Após o cântico, ofereça a Jesus todo o que foi “feito” nos domingos anteriores: as letras das músicas, as letras dos poemas e os anjos. Tudo deverá estar numa caixa bem enfeitada.

OFICINA PARA PREPARAR

A celebração do Natal

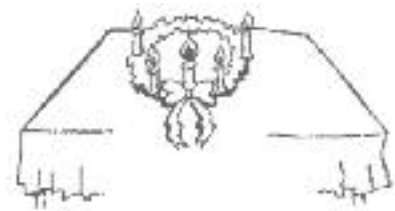
“O que eu posso ofertar!?”

Após a abertura da Escola Dominical, realize uma “oficina” para preparar a celebração de Natal, cujo nome é: “O que eu posso ofertar!?”.

Ensaie com as crianças e providencie tudo o que for necessário.



Celebramos o Deus que escolhe estar entre nós



O propósito desta liturgia é celebrar o Deus que se fez e se faz presente entre nós na forma humana. A lembrança do nascimento de Jesus nos traz à memória que o bebê na manjedoura é o Salvador, é Deus encarnado. É Ele quem nos permite, pela fé, ser filhos e filhas de Deus. A nossa filiação em Cristo nos faz portadores/as de Seu amor às demais pessoas. “O seu amor é, em nós, aperfeiçoado” (1Jo 4.12).

LITURGIA

Prelúdio: “Adoremos ao Senhor”
HE – 8 – música instrumental – na penumbra

Anúncio: Leitura em Is 62.1-11 (durante a leitura do primeiro versículo, acendem-se as luzes da árvore, se a árvore não tiver luzes, acenda as do templo).

Hino Congregacional: Nasce Jesus [HE – 20] (enquanto se canta, o grupo responsável pela decoração da mesa do altar deverá fazer a troca das toalhas; a Bíblia poderá ficar aberta em um dos textos desta celebração ou em Is 9. Por último, acende-se a vela de Natal e, em seguida, todas as luzes do templo).

Leitura de Jo 1.1-9 (feita em forma de antífona, HE – 2).

Acolhemos o Deus que veio para nós
Litania de confissão (cf. Jo 1.10-14)

Leitor/a A: O Verbo estava no mundo; o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu.

Leitor/a B: Em meio aos luminosos dos enfeites e dos anúncios publicitários, não percebemos a Tua luz no irmão e na irmã.

Todos/as: Perdoa-nos, Senhor.

Leitor/a B: Em meio aos papais noéis, renas, duendes, anjos, bonecos de neve... a personagem principal torna-se figurante no cenário comercial.

Todos/as: Perdoa-nos, Senhor.

Leitor/a A: Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Leitor/a B: Em meio à agitação das compras e festividades de fim de ano, a Criança, mais uma vez, fica com o tempo e o espaço que sobram em nossa agenda e em nossa casa.

Todos/as: Perdoa-nos, Senhor.

Leitor/a B: Em meio à festa, às roupas novas, aos presentes e amigos deixamos de acolher a dádiva que Deus quer nos dar.

Todos: Perdoe-nos, Senhor.

Leitor/a B: Em meio aos que esquecem e desconhecem a Jesus, falta a nossa presença, anunciando e lembrando que Cristo nasceu, está entre nós.

Todos/as: Perdoa-nos, Senhor. E acolhe-nos com tua misericórdia. Queremos dar mais espaço para Ti em nossas vidas.

Silêncio para reflexão

Declaração de perdão

Pastor/a: Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem chamados filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos sua glória, glória como do unigênito do Pai.

AGRADECEMOS OS PRESENTES QUE DEUS NOS DÁ

Litania de gratidão

Leitor/a C: Agradecemos a Deus pelo perdão, a misericórdia e a reconciliação em Jesus Cristo.

Todos/as: Primeira estrofe e estribilho do hino ‘A Nova do Evangelho’ (HE – 5)

Leitor/a C: Deus nos presenteia com suas dádivas. Que presentes temos recebido dele? (motivar a comunidade a responder e expor alguns motivos de gratidão, por exemplo: agradecemos a oportunidade do encontro em família, da amizade, da comunhão; agradecemos a saúde, a força e a disposição para o trabalho)

Cântico Congregacional: ‘Natal’
HE – 11

Leitor/a C: (cf. Sl 89, 1-4, 15-17, 26 e 28) Cantaremos para sempre as Tuas misericórdias, ó Senhor; os nossos lábios proclamam a todas as gerações a Tua fidelida-

de... Tu a confirmarás nos céus, dizendo:

Leitor/a A: Fiz aliança com o meu povo escolhido... para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração.

Leitor/a C: Bem-aventurado o povo que conhece os vivas de júbilo, que anda, ó Senhor, na luz da Tua presença.

Todos/as: Em Teu nome, de contínuo nos alegamos e na Tua justiça nos exaltamos, porquanto Tu és a glória de nossa força, no Teu favor avulta o nosso poder.

Leitor/a A: Ele me invocará, dizendo:

Todas/as: Tu és o nosso Pai, nosso Deus e a rocha da nossa salvação.

Leitor/a A: Conservar-lhe-ei para sempre a minha graça e, firme com ele, a minha aliança.

RECEBEMOS A ADOÇÃO DE DEUS

Aclamação da palavra

Responso: Luz do Senhor [Taizé]
Ó Luz do Senhor,
Que vem sobre a terra,
Inunda meu ser,
Permanece em nós.

Leitura Bíblica: 1 João 4.9-15

Mensagem

COMPARTILHAMOS O AMOR DE DEUS

Compromisso

Leitor/a B: Estamos reunidos hoje para juntos partilhar da vida de Deus, Jesus Cristo. O Verbo está entre nós! Reconhecemos sua

persona e abrimos o nosso coração para que ele faça habitação.

Leitor/a C: O seu amor preenche o nosso ser. Sentimo-nos felizes e queremos compartilhar com outras pessoas dessa alegria, dessa paz, desse pão, o Pão descido do céu.

Todos/as: Nós Te pedimos, Senhor, força e coragem para levar adiante o Teu plano de Salvação. Sabemos que, em qualquer sinal de vida, em qualquer sinal de amor, é Jesus que nasce, trazendo a esperança de um mundo sem dor. Com nossa amizade, queremos refletir a Tua luz. Com nossa conversa, desejamos proclamar a salvação. Com nosso carinho, queremos demonstrar o Teu amor. E com o nosso viver, nos comprometemos a anunciar a Tua paz.

Momento de partilha dos pãezinhos doces entre a comunidade:

Que o sabor desse alimento possa expressar a satisfação do convívio mútuo.

Bênção

Cântico Congregacional: 'Jesus Nasceu' HE – 12 (a comunidade poderá cantar enquanto se saúda)

Orientações

- Esta celebração, como o Festival de Advento, deve envolver os diversos segmentos da Igreja. Por isso, os conjuntos musicais podem participar e alguns dos hinos congregacionais podem ser substituídos pela sua participa-



ção, desde que a música tenha sentido semelhante ao dos hinos indicados.

- Os/as leitores/as podem ser adolescentes, crianças e adultos.
- Providenciar um cesto ou travessa com pãezinhos doces, que comporá a decoração da mesa a partir da troca da toalha. Eles expressarão a encarnação: Jesus, a presença concreta de Deus na história. Também cada unidade será partilhada em duplas. Eles poderão ser substituídos por doces ou biscoitos em tamanho suficiente para duas pessoas. E podem ser em forma de símbolos cristãos ou natalinos como: cruz, peixe, estrela, coração. Nossa sugestão é que seja doce.
- Para uma celebração ao anoitecer, não acender as luzes do templo ou acender o necessário para as pessoas procurarem assento.

*Cristiane Capeleti Pereira,
São Paulo, 3ª RE.*

Natal: a nova lei do amor

I – “Glória a Deus nas alturas”
(Lucas 2.14)

1. Preparação

2. Convite à Adoração:

Dirigente: Quando Jesus nasceu, os anjos cantaram hinos de louvor e adoração: “Glória a Deus nas maiores alturas! E paz na terra às pessoas a quem ele quer bem” (Lc 2.14). Hoje, ao celebrarmos mais uma vez o nascimento de Cristo, juntamos a nossa voz àquele santo coro, e sonhamos com um mundo novo onde o amor é a lei suprema e a paz, realidade.

Todos: Que todos os povos te adorem, ó Deus Eterno!
Que todas as pessoas te louvem, ó Verbo encarnado!
Que haja paz na terra agora e para sempre! Amém!

3. **Cântico:** “Adoremos ao Senhor”
– HE –8 ou o cântico abaixo:

“O Esperado” (J. C. Maraschin & Marcfílio Oliveira Filho)

Vem Jesus, nossa esperança,
nossas vidas libertar.
Vem nascer em nós, criança,
Vem o teu poder nos dar.

Vem, liberta os prisioneiros
Da injustiça e da aflição.
Vem, reúne os brasileiros
Em amor e em compreensão.

Vem tecer um mundo novo
Nos caminhos da verdade.
Para que afinal o povo
Viva em plena liberdade.

Vem, Jesus, abre o futuro
Do teu reino de alegria.
Vem, derruba o imenso muro
Que separa a noite e o dia.

4. **Oração de Adoração**
[espontânea]

II – “Não havia lugar para eles na hospedaria” (Lucas 2.7)

1. Convite à Confissão:

Dirigente: José e Maria chegaram a Belém, cansados da viagem, e não encontraram abrigo. O Rei dos reis nasceu numa humilde estrebaria! Hoje a cena se repete. Cristo continua vindo a nós: na criança abandonada, no jovem desorientado, no desempregado e suas angústias, no doente e suas dores, na consciência dos que buscam a justiça e abraçam o seu reino; nas diversas formas de comunicação da boa nova; porém nossa indiferença nos impede de acolhê-lo. Por isso, é preciso confessar a Deus as nossas faltas, especialmente a nossa dificuldade em reconhecê-lo entre os mais humildes irmãos (cf. Mt25.40, 45).

2. **Oração de Confissão silenciosa**

3. **Proclamação de Perdão:** Colossenses 3.12-14



III – “A minha alma engrandece o Senhor” (Lucas 1.46)

1. **Cântico:** “Natal” – HE – 11 ou Nova Canção nº 4: “Dia de Festa”

2. Afirmação de Fé

CREIO em Jesus Cristo e no poder do Evangelho que começou em Belém.

CREIO naquele cujo espírito glorificou uma pequena aldeia e de cuja vinda os pastores deram sinal, e para quem não havia lugar em mansão alguma.

CREIO naquele cuja vida mudou o curso da História e a quem os reis da terra desprezaram e os homens orgulhosos não puderam compreender.

CREIO naquele a quem os pobres, os oprimidos, os tristes, os doentes, os cegos, os leprosos deram as boas-vindas e aceitaram como Senhor e Salvador.

CREIO naquele que, por meio do amor, mudou os corações dos homens soberbos e malvados; que com sua vida lhes mostrou que é mais importante servir do que ser servido e que a maior glória está em dar a vida pelos demais.

CREIO na paz, que não é ausência de guerra, senão justiça entre os homens e nações.

CREIO na reconciliação, no perdão e no poder transformador do Evangelho.

CREIO que o Deus-Conosco é força e poder, e que este mundo pode se transformar se, com humildade e com fé, nos ajoelharmos frente à manjedoura de Belém e seguirmos aquele que, por amor à humanidade, morreu na cruz.

CREIO que eu devo ser o primeiro a fazer isto! AMÉM !

IV – “Os meus olhos já viram a Tua salvação” (Lucas 2.30)

1. **Leitura Bíblica:** Lucas 2.25-35 [ou outro texto à escolha do/a pregador/a]

2. Mensagem

O nascimento de Jesus realiza a esperança dos pobres em Israel, os que permaneceram fiéis ao projeto de Deus. Ele inaugura os tempos messiânicos e uma nova ordem social baseada no amor e na justiça.

V – “Divulgaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino” (Lucas 2.17)

1. **Cântico:** “Não há Amor Maior”
[Canta-se com a melodia “Luar do Sertão”]

Não há, ó gente, ó não/ Amor maior que um Deus irmão! (bis)

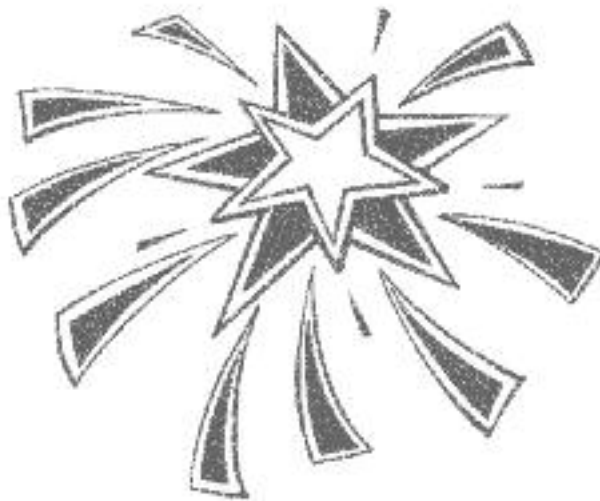
Natal é festa de alegria incomparável
Quando Deus se faz palpável em Jesus, o nosso irmão
Por isso todos irmanados na magia
Desta linda melodia,
repetamos o refrão:

Há muitos tristes,
solitários companheiros
Que não vivem mais fagueiros
porque ignoram este refrão.
Que Deus em Cristo
nos liberta da tristeza
Nós, portanto, com firmeza,
repetimos a canção.

Se estamos juntos
nesta festa de alegria,
Não esqueçamos todavia
do sofrido nosso irmão,
Faminto, nu, cansado,
pobre, perseguido,

Que não pode ver sentido
quando ouve esta canção.

Para mostrarmos nosso amor,
nossa amizade,
Proclamemos de verdade
tal sentido da canção:
Temos um Pai que a todos
ama ternamente



E, ao nosso irmão carente
estendamos nossa mão.

2. Litania de Compromisso: A nova lei

[A pessoa que presidir esse momento poderia ter em mãos a representação simbólica de uma constituição como, por exemplo, as tábuas da lei ou um pergaminho.]

Dirigente: Quando professamos, no meio da luz santa de Natal, a encarnação do Verbo Eterno, Jesus de Nazaré, cremos que Deus está totalmente aqui. Por meio desta Criança, Deus disse definitivamente ao ser humano: “Eu o amo”. Mas Deus deseja que o Natal seja algo mais do que uma simples celebração. Por isso, convidamos os homens e as mulheres de boa vontade a viverem, desde já, segundo a nova Constituição inspirada pelo Natal de Jesus Cristo, em cujo Artigo Primeiro nós lemos:

Todos: É dever de todos promover a paz e uma vida mais humana.

Dirigente: Artigo Segundo:

Leitor: O verdadeiro amor é gratuito, não busca unicamente seus próprios interesses e, sim, o bem do próximo.

Dirigente: Artigo Terceiro:

Leitora: O Natal não é comércio e simples troca de presentes, mas a presença de perdão e solidariedade na vida humana.

Dirigente: Artigo Quarto:

Criança: Natal é tempo de acreditar nas pequenas coisas e nascer de novo.

Dirigente: Artigo Quinto:

Jovem: A partir da presente data fica estipulado que nosso sorriso não tem endereço certo; nossas mãos devem carregar os mais fracos e conduzir aqueles que tateiam no escuro; nossos pés, caminhar em direção do outro para acolhê-lo; nossos olhos, enxergar a criança faminta, o amigo angustiado, a velhice desamparada.

Todos: Ser sal e ser luz!

Dirigente: Artigo Sexto:

Leitor: Natal é Cristo fazendo nascer um coração novo em cada pessoa.

Todos: Aqueles que o acolhem são livres de preconceito e prepotência, de ganância e egoísmo. Vivem unidos na fé e no serviço.

Dirigente: Artigo Sétimo:

Leitora: Fica decretado que ninguém

levantará a voz contra o seu próximo somente porque ele manifesta de forma diferente as suas convicções e a sua fé. Ao contrário, cada qual compreenderá essas diferenças como expressões diversas do mesmo e único Espírito.

Dirigente: Artigo Oitavo:

Jovem: O Natal marca o início de uma nova era na qual a fé, a esperança e o amor são os critérios básicos para se construir um mundo melhor. Já não se aprenderá mais o ofício da guerra nem haverá lembrança da injustiça e da opressão.

Criança: Natal para todos com Cristo: caminho, verdade e vida!

Dirigente: Artigo Nonoo:

Todos: Fica estabelecido que o tempo de Natal é o seguinte: de 24 de dezembro a 24 de dezembro próximo.

Dirigente: Artigo Décimo:

Todos: Esta Constituição entrará em vigor, a partir do momento em que as pessoas se dispuserem a

conhecê-la e a vivenciá-la. Faça-se cumprir e revoguem-se todas as disposições contrárias.

Todos: Feliz Natal! Hoje e sempre!

3. Oração Final

4. Bênção Apostólica

5. Poslúdio

José Carlos de Souza, 3ª RE
A “*Afirmção de Fé*” e a “*Litania de Compromisso*” foram adaptadas de recursos litúrgicos preparados pela Igreja Metodista em 1977.

Celebração de Natal: O que eu posso ofertar!?

O objetivo desta celebração é compartilhar o verdadeiro significado do Natal.

ORIENTAÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO NATAL

Colocar sobre o altar uma vela branca, como símbolo da luz de Cristo. Em frente à vela, poderão ser colocados três presentes, simbolizando o ouro, o incenso e a mirra que os três magos do Oriente ofertaram ao menino Jesus.

Escolher alguém da igreja para ser o narrador(a).

Escolher duas crianças para declamar os poemas.

Escolher um grupo de vozes masculinas, um grupo de vozes femininas, uma pessoa para solo feminino e outra para o solo masculino.

Escolher as crianças que vão entregar os “anjos” para a comunidade.

Preparar um cartaz ou lâmina para o retroprojektor, com as partes do texto que todos/as leram. Se quiser, faça cópias da celebração para todas as pessoas.

O QUE EU POSSO OFERTAR? (CELEBRAÇÃO)

Litania

Narrador/a: Natal, época de grande correria e agitação. O que vamos dar de presente? O que vamos oferecer? O que vamos receber? Essas são as perguntas que ocupam nosso pensamento. Corremos para as lojas a fim de escolher

presentes... Nas lojas, os balconistas ficam à nossa disposição até tarde, para vender a mercadoria que servirá de presente. Mas, o que realmente desejamos receber como presente de Natal?

Todos/as: Presente... presente... qual será o meu presente?

Voz feminina: Uma sandália, um relógio, um anel, um medalhão... qual será o meu presente?

Narrador/a: A propaganda em revistas, jornais, rádio e televisão não nos deixa esquecer o presente. Eis o que diz: (mostrar cartazes contendo propagandas de revistas e jornais). Todavia, tudo isso não consegue sufocar o significado do Natal, pois o vemos expresso nos votos de paz e fraternidade. Esses votos são reflexos da maior de todas as dádivas: Jesus Cristo.

POEMA: NATAL

Neste Natal, lembre-se de Cristo,
Neste Natal, lembre-se de união.
Neste Natal, lembre-se de alegria,
Neste Natal, lembre-se de paz.
Lembre-se da humildade de José,
Da paciência de Maria,
Da estrela que brilhou,
E de uma nova esperança
Que no mundo se plantou.
Lembre-se de Jesus menino...
Neste Natal, dê um novo sorriso,
Enxugue uma lágrima,
E dê um abraço fraternal.
Neste Natal, dê uma palavra amiga:
Fale do imenso amor de Deus,
Que é eterno!

(Rosângela T. da Silva)

JOGRAL

Narrador/a: Naquele tempo, não havia os comerciais cantados pelo rádio e televisão para divulgar a notícia da maior de todas as dádivas. Havia somente o canto dos anjos.

Vozes masculinas: Havia, naquela mesma região, pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite.

Vozes femininas: E um anjo do Senhor desceu onde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse...

Solo feminino: Não temais. Eis que vos trago novas de grande alegria, que o será para todo o povo; é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura.

Vozes masculinas: E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo...

Todos/as: Glória a Deus nas maiores alturas e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem.

Vozes masculinas: E ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer.

Todos/as: Foram apressadamente...

Solo feminino: E acharam Maria...

Solo masculino: E José...

Todos/as: E a criança deitada na manjedoura.

Narrador/a: Mas as vozes dos pastores não podiam relatar a todo o mundo o acontecimento maravilhoso. Então contaram aos seus amigos e a notícia, transmitida oralmente, não se espalhou com rapidez. Não havia telefone nem Internet, mas havia uma estrela que foi notada por sábios, numa terra bem distante da Palestina. E a estrela era um sinal, uma mensagem ao mundo da dádiva de Deus. E foi assim que o mundo chegou até o menino Cristo.

Todos/as: Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes...

Vozes masculinas: Eis que vieram uns magos do Oriente e Jerusalém e perguntavam...

Solo masculino: Onde está o recém-nascido Rei dos Judeus?

Solo feminino: Porque vimos a sua estrela no Oriente...

Solo masculino: E viemos para adorá-lo.

Vozes femininas: Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes e, com ele, toda Jerusalém; então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. E responderam eles...

Vozes masculinas: Em Belém da Judéia, porque assim está escrito por intermédio do profeta...

Solo masculino: E tu, Belém Efrata, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá: porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo, Israel.

Vozes femininas: Com isso, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera e enviando-os a Belém, disse-lhes...

Solo masculino: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino e, quando o tiverdes en-

contrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo.

Vozes femininas: E eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que chegando, parou sobre onde estava o menino. E vindo eles a estrela...

Todos/as: Alegraram-se com grande e intenso júbilo.

Vozes femininas: Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe...

Vozes masculinas: Prostrando-se, adoraram.

Vozes femininas: E, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas...

Solo masculino: Ouro...

Solo feminino: Incenso...

Solo masculino: Mirra.

Narrador/a: E é isso somente que a narrativa das Escrituras nos dá a conhecer a respeito desses homens. Mas surgiu uma lenda que afirma que um era negro, outro moreno e outro branco. O que há de mais importante nessa história é o fato de que cada dádiva tem um significado simbólico. O ouro, símbolo de riqueza e poder, foi dado a esse rei que não possuía coroa.

Todos/as: Podemos, hoje mesmo, dar esse presente e reconhecer Cristo como nosso senhor e rei?

Narrador/a: Incenso, símbolo de louvor e culto, foi ofertado ao Deus encarnado.

Todos/as: Podemos, hoje mesmo, dar esse presente e reconhecer que Cristo é o Deus encarnado?

Narrador/a: Mirra, símbolo de morte e sepultura, foi dado a esse perfeito sacrifício.

Todos/as: Podemos, hoje mesmo, de coração agradecido, oferecer esse presente a Deus, nosso redentor?

Narrador/a: Talvez seja difícil entregar dádivas tão caras como ouro, incenso e mirra, mas cada um de nós deve estar pronto a responder a Cristo com a dádiva de nosso amor. Qual vai ser o presente que oferecerá a Cristo?

RECEITA PARA SE FAZER UM NATAL

Tomar um grupo de irmãos
Ligados pela mesma fé
Unidos numa única esperança
Juntar Cristo a eles
Deixar fermentar
Até nascer a pessoa nova
Servir evangelicamente
A quem tem fome e sede de justiça

A CANTORIA DOS ANJOS

No escuro da noite, só o silêncio havia.
Dormiam carneiros juntos aos pastores.
Brilhavam estrelas, como de costume
Passavam as horas, era quase dia.
Quando, de repente, o céu se abriu
Cores, anjos, sons, música divina
para anunciar a nova: o Filho de Deus
nasceu pequenino e
pobrezinho numa estrebaria
Tudo se fez novo, nada é mais igual
nem escuro, nem silêncio.
Eis a novidade:
glória a Deus nas alturas,
paz na terra entre nós.
O menino envolto em panos
é a nossa alegria.

(Extraído de "Natal, a ameaça de um menino pobre". Frei Beto, Vozes, 1978)



REFLEXÕES

Professores e professoras, fundamentais no processo de aprendizagem

Lembro-me dos meus momentos de infância e início de juventude, quando recebia, na Igreja Metodista Central de São Paulo, todo o carinho, atenção, amor e orientação dos queridos professores e professoras da Escola Dominical. Tais fatos muito contribuíram para o fortalecimento da minha formação, no caminho dos valores cristãos e auto-estima. Louvo ao Senhor por aqueles professores e professoras.

A Escola Dominical exerce papel de grande influência na vida de seus alunos e alunas, especialmente na formação das crianças, juvenis e jovens. Nesse processo de ensino, utilizamos, além da Bíblia, vários recursos: revistas, oração, métodos e meios didáticos, instrumentos tecnológicos e outros. Todavia, o mais importante deles é a figura do professor e da professora.

Creio que a Escola Dominical é um instrumento divino na formação e educação das pessoas, em sua totalidade. Seus alunos e alunas, com suas potencialidades, desafios, contrastes, realidades e necessidades, são o nosso objetivo maior.

Em Tito 2, nos versículos 11 e seguintes, afirma-se que a 'graça divina se manifesta salvadora a todas as pessoas, educando-nos... para vivermos no presente século de forma justa, sensata e piedosa, e para aguardarmos a bendita esperança da volta do Senhor Jesus'. O texto nos mostra que a graça divina é educadora. Portanto, todos os professores e professoras são instrumentos dessa graça.

Temos afirmado nesses últimos anos a importância dos Dons e Minis-

térios. O Ministério do Ensino é um dos mais significativos dentro do Corpo de Cristo. Paulo, em Romanos 12.2-7, afirma: 'o que ensina, esmere-se no fazê-lo'. Jesus, no decorrer de seu ministério, exerceu o papel de mestre na maior parte do tempo.

Na Igreja Primitiva, a preocupação com a formação dos novos convertidos e com a capacitação para participar da Missão estava entre as prioridades. No Antigo Testamento, uma das responsabilidades mais importantes no lar e, a seguir, na sinagoga, era a educação e formação das novas gerações.

Como Igreja Metodista, por meio da Coordenação Nacional de Ação Docente, procuramos não apenas 'reviver' os belos anos da Escola Dominical, mas torná-los uma nova realidade para os nossos dias. Buscando alcançar essa meta, vocês – professores, professoras, coordenadores e coordenadoras da área docente – são pessoas significativas, importantes e fundamentais nesse processo.

Este boletim é mais um instrumento para ajudá-los a desenvolver um ministério fundamental para a vida de cada aluno e aluna e para a Igreja.

Recebam a nossa gratidão pela dedicação de suas vidas ao Ministério do Ensino. Nossa oração para que o Senhor continue a sustentá-los/as e inspirá-los/as.

Com o nosso reconhecimento, gratidão e carinho, o amigo, irmão e pastor,

Nelson Luiz Campos Leite
Bispo honorário da Igreja Metodista

Recriar a Escola Dominical do novo milênio



Há muita motivação para recriar a Escola Dominical como o espaço importante de ensino, que acontece com a participação de todos/as.

- Porque é o lugar, por excelência, das crianças, dos jovens e das mulheres.
- Porque é o lugar apropriado para a igreja, com a comunidade, estudar e aprender em comunhão.
- Para acreditar que a vida é um processo de buscar junto o conhecimento de Deus, do seu reino, das Escrituras, mediado pelo mundo.
- Para buscar alternativas comuns de solidariedade em atos concretos de amor ao próximo.

A ESCOLA DOMINICAL É LUGAR DE PARTICIPAÇÃO E CRESCIMENTO

É aí que os homens, as mulheres, as crianças, os jovens e os adolescentes vão desenvolver formas de expressar, explicar, questionar, avaliar e reforçar a capacidade de buscar mudanças. O Ministério do Ensino promove a capacidade de autocrítica e renovação.

Quem vai à Escola Dominical para aprender, e quem vai para ensinar, participa do estudo, da reflexão e ajuda a apontar as mudanças necessárias.

Recriar a ED é continuar:

- proporcionando aos leigos e às leigas uma leitura da Bíblia que leve em conta o contexto histórico, a realidade de vida, bem como a dimensão do insondável que deve permear a busca e o crescimento pessoal e comunitário;
- preparando pessoas para a tarefa específica da educação cristã.

Recriar a Escola Dominical é incluir a participação de leigos e leigas na elaboração do currículo e na produção de materiais.

A produção do material para a Escola Dominical deve ser realizada coletivamente. O trabalho feito em oficinas permite que os conteúdos sejam elaborados e avaliados por pessoas que vivem deferentes experiências de vida, na casa, na rua e nos diferentes ministérios da igreja. É aí, também, que surgem novas sugestões para enriquecer e orientar o processo de ensino e aprendizagem.

Prepare a Escola Dominical de sua igreja para o novo milênio!

O papel da coordenação da Escola Dominical é:

- Organizar bem o departamento da Escola Dominical;
- Chamar o pastor/a, os/as professores/as e os membros do Ministério do Ensino para uma reunião de avaliação e planejamento:
 - Estabelecer metas com a participação de todos e de todas;
 - Elaborar uma programação incluindo:
 - a) cursos de formação para os/as professores/as, com conteúdo bíblico, pedagógico e de relações humanas;
 - b) organização da biblioteca da Escola Dominical.
 - Estudar as propostas das revistas produzidas para a Escola Dominical e preparar, em equipe, os recursos necessários para o bom desenvolvimento dos estudos.
 - Observar cuidadosamente o calendário litúrgico, as datas das festas e celebrações de nossa Igreja e programar as comemorações, planejando bem as aberturas e os encerramentos da Escola Dominical.

Lúcia Leiga de Oliveira, 4ª RE

Ensinar?! Aprender?!



Este texto deve ser utilizado para estudo com professores e professoras de todas as classes de Escola Dominical.

Ensinar ou aprender: o que é mais importante? Tomara que você encontre a resposta ao final desta reflexão. Pra começar, é claro, é preciso que a gente defina o que uma e outra coisa são.

ENSINAR. VOCÊ JÁ PENSOU NISSO?

Sinal: é um indicativo de algo. Luz vermelha no trânsito: sinal de que é preciso parar. Não se pode colocar o carro em movimento. Mas o vermelho nem sempre significou (signi + ficar = tornar-se um signo, um sinal!) isso. Alguém, no passado, determinou que o vermelho deveria ser sinal de parar; o amarelo, de prestar atenção; o verde, de seguir.

Quando as autoridades inventaram isso, foi preciso que as demais pessoas

entendessem e aceitassem (“aprendessem”) essa determinação; tiveram que ensinar isso ao povo. Só que para comunicar essas idéias, elas tiveram que usar palavras, desenhos, símbolos. Isto é, tiveram que usar outros sinais já conhecidos. Tiveram que “en + sinar”, ou seja, colocar e apresentar sinais que transformassem os pensamentos em formas comunicáveis.

Quando você quer ensinar a um aluno ou aluna uma idéia, você também usa sinais: palavras, desenhos, traços, gestos. Quando Jesus Cristo disse: “Ide... e ensinando...” era isso mesmo que ele queria dizer. Ele mesmo usava sinais para comunicar a boa-nova do amor de Deus: discursos, gestos, atitudes, parábolas, exemplos e curas (no Evangelho de João, por exemplo, seus milagres são sempre chamados de “sinais”).

Como você vê, ensinar é muito importante! Há pessoas que pensam que ninguém ensina nada a outra pessoa. Essa não parece ser a opinião de Jesus. Ele ensinava e mandava ensinar.

É claro que se pode ensinar de vá-

rias formas. Pode-se ensinar bem; pode-se ensinar mal (é o que diferencia um professor ou professora inteligente de outro ou outra deficiente). Pode-se planejar o que se vai ensinar. Ou não. A eficiência de um ensino planejado geralmente é maior do que a de um não planejado.

Quem planeja o que vai ensinar deve fazer a si mesmo várias perguntas:

- A quem vou ensinar? (Quais as suas características? O que provavelmente já sabem? Estão interessados em aprender o que vou ensinar? Têm maturidade suficiente para entender o que vou ensinar?)
- O que desejo ensinar realmente? Que idéias? Que atitudes? Que sentimentos? Quais os meus objetivos?
- Como pretendo ensinar? O que devo dar? Em que ordem devo ensinar? O que deve vir primeiro? De que recursos ou materiais vou precisar? (Só de palavras? Do quadro-de-giz? Gravuras? Um texto para o pessoal ler? Uma projeção? Um vídeo?) Ou seja, que sinais vou usar para ensinar?

Mas será possível ensinar sem planejar? Evidentemente. Ensinamos em todo o tempo, com nosso modo de agir, com nosso jeito de ser. Sem que prestemos atenção a isso, nossos gestos, nossos trejeitos, e até nosso modo de vestir e de nos comportar transmitem significados. Por exemplo, não é preciso que digamos às crianças: “As pessoas devem ser pacientes”. Nosso próprio comportamento paciente ensina esse tipo de comportamento. Sem que o percebamos, vamos ensinando. E atenção: tanto o que é bom quanto o que é mau. Que curto circuito deve dar na cabeça da criança quando alguém que a ensina a

ser meiga e carinhosa é, na verdade, uma pessoa áspera e ríspida?

APRENDER: CONTRAPARTIDA DO ENSINAR

Temos que considerar também o outro lado do ensinar: o aprender. Um é (ou deve ser!) o resultado do outro. Aprendemos o que nos seduz ou nos interessa. Aprendemos o que está ao nosso alcance (quem nunca aprendeu aritmética não pode aprender álgebra!). Aprendemos quando repetimos alguma coisa ou experiência, uma ou várias vezes. Aprendemos quando podemos relacionar o que está sendo ensinado (consciente ou inconscientemente) com alguma coisa que já observamos ou já havíamos aprendido anteriormente (isto é, quando elaboramos a experiência).

Aprendemos melhor as idéias quando elas vêm “embrulhadas” em sinais que nos sejam compreensíveis (uma pessoa, por mais inteligente que seja, não pode aprender uma verdade, por mais importante que seja, se esta for comunicada numa língua que a pessoa não domine). Aprendemos também, de modo mais completo e fácil, quando o ambiente ao nosso redor colabora para esse aprendizado, criando as condições ideais para que isso se dê.

Como se vê, para se aprender algo, é preciso preencher uma série de condições importantes. Muitas vezes, os pais dizem: “Esse menino não aprende nada!”. A razão é que as condições para o aprendizado geralmente não foram preenchidas. Enquanto não o forem, o aprendizado não ocorre.

É preciso que as pessoas também aprendam a partir da própria experiência, e não apenas do que outras lhe ensinam. A capacidade de observar, de relacionar uma coisa com a outra, de induzir, de deduzir, de tirar conclusões, de sentir, de se emocionar, tudo isso são fatores que levam as pessoas a aprender. É claro que, se as pessoas partem de pressuposições falsas, aprendem também idéias falsas ou atitudes equivocadas.

Uma vez, Jesus disse aos discípulos que deviam tomar cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus

(Mt 6). Como eles haviam se esquecido de levar comida na viagem que faziam, pensaram que Jesus estava falando de fermento comum, usado para a fabricação do pão. Foi preciso que o Mestre lhes ensinasse que não se tratava disso, mas sim das idéias errôneas que os fariseus proclamavam. Custaram a aprender isso porque partiram de pressuposições falsas.

Vale a pena lembrar que podemos aprender várias coisas: idéias, hábitos e costumes; sentimentos; a fé. O aprendizado de cada uma dessas coisas depende de fatores diferentes. Uma idéia se aprende pelo ouvir, por meio de uma ilustração, pelo memorizar. Hábitos e costumes são aprendidos pela imitação, pela vivência em meio a uma comunidade (família, igreja, vizinhança). Os sentimentos, além disso, são aprendidos pelo compartilhar dos sentimentos dos outros. Também assim é a fé. A fé é algo que se aprende no meio dos seres humanos com os quais a gente vive. Uma comunidade de fé gera fé nos outros.

Ao mesmo tempo, é preciso sempre verificar se aquilo que se ensina está sendo realmente assimilado (aprendido) pelo outro, a quem se está ensinando. Se isso não acontece, o trabalho é vão. Não é para desanimar, evidentemente. Algumas vezes, a pessoa só aprende algo muitos anos depois de o ter recebido. Só após muito tempo é que ela se torna capaz de fazer as associações de uma coisa com a outra. Vale dizer, de aprender realmente (muitas vezes isso só ocorre depois da morte de quem ensinou).

Que o digam os filhos e filhas ao se recordar de certas coisas que os pais já falecidos lhes tentaram ensinar! O certo, porém, é que quanto mais rapidamente uma verdade é aprendida, tanto mais prontamente ela se torna significativa para o aprendiz. E a velocidade do aprendizado depende, de modo geral, da eficiência do ensino.

ENSINAR... APRENDER...

Não devemos imaginar que o processo de ensinar termina em si mesmo. Tampouco o de aprender. Nossa vida é um processo circular, em que

estamos todos sempre ensinando e sempre aprendendo. Aprender é a contrapartida do ensinar. E vice-versa. Hebreus 5.8 diz que o próprio Jesus aprendeu a obediência. É preciso que cada pessoa que ensina esteja constantemente aberta para aprender. É a abertura para o aprendizado que capacita a pessoa a ser ensinadora.

Como você vê, é difícil dizer o que é mais importante: ensinar ou aprender. Podemos dizer que ambos são importantíssimos. Quem procura desenvolver o ministério do ensino na Igreja precisa ter isso bem claro. Ensinar do melhor modo, da maneira mais eficiente possível. Proporcionar à outra pessoa as melhores condições para aprender. E, sobretudo, estar sempre pronto para aprender.

Sérgio Marcus Pinto Lopes

SUGESTÕES PARA MELHOR APROVEITAMENTO DESTES TEXTOS:

Ler o texto individualmente.

Reunir-se com outras pessoas que também exercem o ministério do ensino e ler o texto em conjunto (em voz alta).

Tomar cada uma das afirmações ou cada um dos parágrafos em separado, e comentar o que lhe parecer mais importante em cada trecho.

Perguntar, em relação a cada trecho destacado: De que modo isso se relaciona com o meu trabalho na igreja? Com o programa de estudos na Escola Dominical? Com o ambiente local em que estamos trabalhando?

Anotar todas essas idéias em uma folha de papel; tirar cópias e distribuir a todos os participantes (e a outros professores e professoras ausentes).

Compartilhar uma cópia com o pastor ou pastora, se ele ou ela não participou da reunião.

A Escola Dominical e a formação espiritual do/da metodista

A espiritualidade de uma comunidade só pode se desenvolver se for reservado um espaço para o estudo bíblico teológico. Uma característica do metodismo nascente foi exatamente esta: estudar. Os primeiros metodistas reservavam tempo para estudo de temas bíblicos e religiosos. Um desses espaços resultou na Escola Dominical.

Todo estudo valioso não pode ser meramente intelectual – ele precisa ser prático, atrativo, envolvente, serviçal. Os cristãos estudavam em outros momentos para, na Escola Dominical, transmitirem o aprendido.

No Brasil, mais especificamente, a Escola Dominical foi o grande instrumento de crescimento da Igreja. Grande parte das pessoas que se tornaram metodistas o fizeram por meio dela. A Escola Dominical é uma importante agência de ensino da Igreja. No contexto dos dons e ministérios, ela vem se reformulando, para melhor atender às necessidades da Igreja.

A ESCOLA DOMINICAL E A EDUCAÇÃO CRISTA

A Escola Dominical é um dos meios pelos quais a igreja cumpre a sua tarefa educativa. “Educação Cristã” é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Es-

pírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras.

A Escola Dominical cumpre seu papel na formação espiritual dos metodistas na medida em que também consegue realizar esse objetivo. Por isso, para a existência da Escola Dominical, se impõe a presença de professores/as bem qualificados/as e sistematicamente preparados/as, tanto pessoalmente como por cursos. O/a professor/a tem que entender o Reino de Deus, a pessoa e o seu mundo para poder orientar a classe de Escola Dominical.

Na Escola Dominical, cada pessoa tem que confrontar sua vida e seu mundo com o Reino. Esse confronto tem que levar a mudanças profundas. Quem vai à Escola Dominical e continua o/a mesmo/a, perdeu seu tempo, pois nele/a não penetrou o evangelho. O evangelho nos leva a mudar de pensamentos e atitudes.

A Escola Dominical perde sua riqueza quando os/as alunos/as participam dela não para aprender, mas para manter o costume. Há alunos/as que estão na Escola Dominical sempre, sem mudar nada, nem no pensamento nem nas atitudes.

A ESCOLA DOMINICAL E A PROMOÇÃO DO REINO

A Escola Dominical perde sua riqueza quando seus/suas professores/as dirigem sua classe sem se preparar adequadamente, sem fazer cursos de aperfeiçoamento, sem fazer leituras complementares, sem buscar novas práticas de vida, sem acreditar que por meio dela estão participando de uma revolução

que visa a promover o Reino de Deus.

Para que a Escola Dominical cumpra o seu objetivo na formação espiritual dos metodistas, ela precisa trabalhar bem a questão da espiritualidade. A Escola Dominical é a agência da Igreja para que o povo metodista participe da construção do Reino de Deus, que é a justiça. Assim, a Escola Dominical é uma das agências da Igreja que motiva, prepara para o exercício dos ministérios e desafia para a missão.

Formar espírito comunitário é um grande desafio da Escola Dominical. Nossos/as alunos/as ouviram e continuam ouvindo instruções de conduta muito diferentes da pregação do Reino de Deus.

O mundo ensina: Leve vantagem! Cuide da sua vida! Primeiro eu! Cada um que se vire! Dê um jeitinho e saia ganhando! Bem sucedido é quem se promove, chega na frente, sai vencedor.

O anúncio do Reino diz: Preste serviço. Somos responsáveis pelo/a irmão/ã. Primeiro o mais necessitado. Juntos caminhamos melhor. Respeite a dignidade das outras pessoas. A grande vitória é tornar o mundo melhor para todos e todas.

ATIVIDADES CONCRETAS QUE ENCAMINHAM À VIVÊNCIA COMUNITÁRIA

Estimular as experiências que proporcionem sentimento de pertencer à coletividade.

Promover campanhas de preservação do que pertence à comunidade (rua, telefone público, jardins). Cuidar para que a campanha não se esgote num período de tempo, mas leve a uma atitude tão permanente quanto possível.

Debater (dramatizar, questionar) as conseqüências das diversas posturas individualistas que deixam as pessoas transformar este mundo num palco de relações agressivas.

Aproveitar as atividades de dinâmica de grupo (jogos de equipe, corridas de revezamento, dança folclórica) para fazer sentir a importância do trabalho de conjunto, da lealdade entre os participantes, da cooperação mútua.

Colocar o/a aluno/a em contato com pessoas da comunidade das quais eles e elas dependem e com as quais precisam ter relações de fraternidade e respeito.

Envolver toda a turma na solidariedade e levar cada aluno/a a considerar o benefício da turma antes de agir.

Criar, na medida do possível, mecanismos que permitam participar ativamente do que diz respeito à Escola Dominical (grêmios, jornal escolar, centros de civismo, comissões de festa).

Fazer descobrir a diversidade de talentos, mostrando como as “diferenças” formam um conjunto.

Cuidar para que cada aluno/a coloque seus dons a serviço dos/as outros/as e aprenda a valorizar os/as colegas em vez de entrar num processo competitivo.

Estimular no/a aluno/a o interesse pelo que acontece na comunidade, do bairro ao país, conforme a idade, ajudando-o/a a fazer um julgamento crítico dos fatos em vista do bem comum

Texto extraído e adaptado da publicação “Cadernos da Religião”, Instituto Teológico João Wesley, 2ª RE

A mensagem da Páscoa

Páscoa significa passagem, travessia, caminhada, salto. Deus, no Egito, livrou os primogênitos israelitas da morte, por meio do sangue derramado sobre as portas de suas casas. Depois, livrou o povo da opressão do Faraó e da própria descrença e desânimo. Deus atravessou as dificuldades com o povo, caminhou com ele. Por isso, eternamente, os israelitas comemorarão a liberdade e a nova vida.

Na Ceia da Páscoa, que Jesus celebrou horas antes de ser preso pelos soldados em Jerusalém, há vários símbolos da vida do povo. Come-se o pão sem fermento, pão da pobreza, para lembrar a pobreza do povo no Egito. A pobreza está à nossa porta e sobre as mesas da gente brasileira, aumentando entre a população empo-

brecida pelas injustiças sociais. Come-se a erva amarga, para lembrar a escravidão, quando a vida é amarga e sem esperança. Come-se, também, um pedaço de carne para lembrar o cordeiro, cujo sangue salvou os primogênitos no Egito. E, nas cerimônias, lembra-se de Jerusalém, reconstruída e indivisível, símbolo da graça de Deus na criação da unidade da vida. Recordar-se, também, do Messias, prometido para ser sinal da salvação de todo o mundo. As orações têm como tema central a questão da liberdade.

Jesus, nosso Mestre e Salvador, chega para cumprir todos os sinais e símbolos. Na sua vida, cumprem-se as cerimônias. As cerimônias transformam-se em práticas de vida para todos os que creem.

Ele é o cordeiro sem pecado. Ele traz luz à vida, como a primavera traz luz à vida, à natureza. Ele é tentado no deserto pelas forças violentas de Satanás e resiste. Ele é o representante da pobreza, pois muitas vezes não tinha onde reclinar a cabeça. Ele provou o amargor do fel na cruz. Ele ofereceu, como cordeiro, luz, vida, seu corpo e seu sangue, a fim de conquistar, para nós, a nova vida! Jesus, de fato, transforma em vida prática todos os símbolos de Israel, garantindo a continuidade da História da Salvação. Aleluia!

O Senhor, de fato, ressuscitou e encontra-se no meio de nós, em todos os lugares. Aleluia!

(Transcrito do Expositor Cristão)

Na Páscoa, sentimos saudades: celebramos o Cristo ressurreto

A Páscoa é uma festa religiosa muito conhecida e celebrada nas diversas comunidades cristãs do mundo. No calendário litúrgico da Igreja Metodista, assim como no de outras igrejas, essa festa tem caráter especial e toda uma estação (ou tempo) litúrgica de celebrações e reflexões.

Páscoa – do hebraico pessach – significa passagem. Relatos do Antigo Testamento contam que, originalmente, essa festa judaica era celebrada no dia 15 de Nisan, lembrando a saída do Egito (Êx 12.1-15). Comemorada em família, era uma espécie de catequese dramatizada que (re)-lembrava os acontecimentos no Egito e a libertação do povo de Deus da es-

cravidão. Toda a família participava dessa dramatização, que passava para os mais novos a história e a fé dos antepassados.

Jesus também celebrou a Páscoa com sua família. Depois de ser morto e sepultado, ele ressuscitou no primeiro dia da semana, durante o período em que era celebrada a Páscoa judaica. A partir de então, a festa assumiu o caráter de passagem da morte para a vida. É o sinal da ressurreição do Messias e esperança de ressurreição para os seres humanos.

O cristianismo fixou o dia da celebração da Páscoa na segunda metade do século I. Até hoje, ela é comemorada no primeiro domingo depois

da primeira lua cheia que segue o equinócio de outono (no ocidente). É a festa principal do ano litúrgico e da celebração dominical.

Celebrar a Páscoa tem caráter de anamnese – recordação do que foi feito. É celebrar a gratidão pela prova de amor que Deus nos deu, e trazer até nós a presença mística do Cristo ressuscitado. Celebramos porque sentimos saudades; saudades da presença concreta do Cristo em nosso meio. Ao sentir saudades, sentimos a ausência de quem amamos. Ao celebrar a Páscoa, o ausente se faz presente.

*Fernando César Paulino
Ana Claudia Figueroa*

Conhecendo melhor a questão indígena



O Brasil é um país enorme. Sua extensão territorial comporta os mais diferentes aspectos de clima, vegetação e raças.

Com relação à sobrevivência dos povos indígenas, devemos zelar por algumas questões básicas:

- reconhecemos que a América, antes da chegada dos europeus, foi espaço de desenvolvimento de diversas civilizações;
- a América foi, também, cenário de um dos mais sangrentos processos de conquista, que causou o genocídio de povos inteiros e a destruição de muitas culturas. No Brasil, havia mais de 5 milhões de índios no ano de 1500 d.C. Hoje são em torno de 300 mil;
- todo esse processo foi acompanhado e legitimado pela omissão das Igrejas Cristãs e, infelizmente, em muitos casos, com participação delas.

Por isso é importante a consciência de que cada povo é sujeito e protagonista de sua história. Afirmar esta autodeterminação dos povos indígenas, no entanto, implica em entender a necessidade da garantia da posse da terra a eles. A terra é garantia de alimentação, saúde, alegria, celebração,

memória das lutas de resistência e esperança dos povos indígenas. Lutar pela terra é lutar pela vida pessoal e comunitária e por um futuro com dignidade.

Nas últimas décadas, os detentores do poder econômico e político investiram na desarticulação dos povos indígenas, no sentido de dominá-los e desapropriá-los de seus direitos, assim como negam-se a demarcar e garantir o pleno usufruto das terras. Devemos ter cuidado para não reproduzir essa mentalidade, muitas vezes apoiada pelos meios de comunicação e por nós mesmos, num processo de reprodução de idéias fruto de nossa falta de conhecimento do assunto.

A riqueza inigualável dos recursos naturais de nosso país, que por milhares de anos serviu de fonte de alimento e garantia de vida a centenas de povos nativos, hoje não somente se desconhece seu valor, como está submetida a um processo sistemático e contínuo de depredação. A riqueza das culturas indígenas de nosso país manifesta em sistemas de vida, nos valores, na medicina, na alimentação, na arte e na música, na história, na organização do espaço, não somente tem sido ignorada, mas tam-

bém combatida até o extermínio.

Aos metodistas, que devem estar comprometidos com a vida e a dignidade humana, é fundamental desenvolver o conhecimento da questão indígena começando por estabelecer maior interesse pelas próprias missões metodistas e pelas reflexões e atitudes que promovam a convivência pacífica, com dignidade para todos.

CONHECENDO MELHOR A MISSÃO METODISTA ENTRE OS POVOS INDÍGENAS

Você sabia que a Igreja Metodista possui uma palavra oficial sobre a questão indigenista? É um documento que se chama Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista. Pois bem, solicite à Sede Geral da Igreja uma cópia, caso você não o conheça.

Basicamente, nós, metodistas, afirmamos que, como criação divina, todas as pessoas têm direito à vida, e somos chamados para preservar toda criação, ou seja, cuidar com amor e inteligência de tudo que há na terra. João Wesley, certa vez, declarou que os “indígenas” tinham vida mais exemplar que os próprios “cristãos”;

ele inspirava-se na atitude dos povos que conheceu em relação a toda obra criada por Deus. A prática de Wesley era de respeito ao próximo dentro das diferentes culturas, na intenção de que todos tivessem direito à vida plena.

A Igreja Metodista no Brasil assume o compromisso de organizar seu esforço ministerial e os meios de que dispõe para que a sociedade como um todo conheça, respeite, valorize e defenda a diversidade dos recursos naturais e do sistema ecológico brasileiro e a diversidade das formas culturais dos indígenas. Reconhece que esta é uma atitude em defesa da vida e, como tal, um compromisso de todos os filhos e filhas do Deus da vida. A riqueza de cada um dos povos é um patrimônio da humanidade e lugar de onde a sabedoria do Espírito de Deus manifesta-se. Pois “o cultuar a Deus se completa no oferecimento da vida em atos de amor e justiça (Ef 6.10-20; Dt 6.4-9; Sl 15)”: Cânones da Igreja Metodista, Plano para a vida e missão da Igreja, item 1, p. 15.

Reconhecendo o desafio da causa dos povos indígenas, principalmente em restituir a eles a dignidade de povos livres, possuidores de uma riqueza cultural singular, fazemo-nos presentes, em missão de solidariedade, junto a vários grupos indígenas no Brasil: Macuxi, RR; Kanamari, AM; Kaiowá / Terena, MS; Tremembé, CE; Pankararu, Krenak, MG; Pataxó, MG; Guarani / Tupiniquim, ES; Suruí, Cinta Larga e Apuriná, RO; Zuruahá, AM. Precisamos conhecer a história dos povos indígenas para que haja verdadeiro respeito por eles e para pôr fim ao preconceito e desrespeito aos indígenas, para que o reino de Deus possa ser vivido por todos os povos.

Sugestões de atividades a desenvolver na Escola Dominical para conhecer e atuar na questão indígena

ATIVIDADES COM CRIANÇAS

- comparar o que as crianças sabem sobre os povos indígenas e o seu dia-a-dia em termos de: alimentação, vestuário, escola, aprendizagem, brincadeiras, habi-

tação, hábitos em grupos, jeito de ser criança. A atividade pode ser realizada oralmente ou por escrito;

- convidar alguém para falar sobre o jeito de viver e de se organizar de algum povo indígena (pequena palestra dialogada). Dar preferência, quando possível, para que os próprios indígenas o façam;
- escolher uma receita de um prato indígena. Fazer de modo que envolva todo o grupo nos diferentes passos (pesquisa, cópia da receita, trazer ingredientes, fazer a comida, comer);
- ver quem, no grupo, já teve contato com indígenas. Conversar sobre a experiência;
- fazer pesquisa para ver se alguém do grupo é indígena ou tem raízes indígenas. A pesquisa pode ser ampliada para espaços maiores (escola, comunidade, município...) e trabalhada no sentido de se valorizar esta cultura.

ATIVIDADES COM JUVENIS, JOVENS E ADULTOS

- realizar estudo sobre as heranças culturais que recebemos dos indígenas (na agricultura, religião, alimentação, habitação);
- conhecer diferentes organizações indígenas (ver de onde são, localizando no mapa, estudar quem faz parte e quais são as prioridades destas organizações);
- analisar a importância dos povos indígenas para preservação da natureza;
- fazer exercício conjunto, dialogando sobre como viviam os povos indígenas, como vivem atualmente e como, na opinião do grupo, viverão num futuro ainda próximo. Ver qual é o compromisso de cada componente do grupo;
- levar reflexões e conclusões para um grupo maior (toda igreja);
- ler e estudar em grupo o documento Diretrizes Pastorais para a Ação Missionária Indigenista;
- escrever uma carta de apoio e enviar para uma organização indígena ou um dos projetos missioná-

os da Igreja com povos indígenas.

RECEITAS

Pão de Mandioca

Ingredientes:

1/2 kg de mandioca cozida em água e sal, amassada, 2 tabletes de fermento para pão, 10 colheres de sopa de açúcar, 1 colher de sopa de sal, 3 ovos, 1 1/2 kg de farinha de trigo (aproximadamente), 1/2 litro de água morna

Preparo: Coloque numa vasilha os tabletes de fermento com a água morna. Junte o açúcar, o sal e os ovos. Misture tudo e deixe descansar por 10 minutos.

Acrescente a mandioca e misture bem. Deixe descansar por mais 10 minutos.

Vá acrescentando a farinha de trigo aos poucos, amassando bem, até que a massa não grude mais na mão. Pegue uma bolinha pequena da massa e coloque num copo com água. Quando a bolinha boiar na água, a massa estará pronta para ser amassada e, em seguida, enrolar os pães.

Coloque os pães na fôrma e deixe crescer num lugar seco e mais quente (o tempo para crescer vai depender do clima: se estiver muito quente ela crescerá mais rápido, se estiver mais frio, demorará para crescer).

Leve ao forno para assar (aproximadamente 40 minutos).

Bolo de Fubá do Tipo Pudim

Ingredientes:

• 1 xícara e 1/2 de fubá, 4 ovos, 1 colher de manteiga, 3 xícaras de açúcar, 4 xícaras de leite, 1 pirete de queijo ralado, 1 colher de fermento “Royal”

Preparo: Bater no liquidificador todos os ingredientes.

Assar em forno quente.

Texto base preparado para a Vigília Nacional em 1996, por Ana Cláudia Figueroa, Zeni de Lima Soares, Meyre Machado e adaptado para o Recriar por Lúcia Leiga de Oliveira

Semana dos Povos Indígenas

Uma reflexão de fé a partir dos povos indígenas do Brasil

O ano de 1999 anuncia os festejos dos 500 anos de Brasil. Festejar? Festejar o quê? A chegada dos europeus às terras dos povos nativos e milenares que aqui habitavam? Festejar o genocídio cometido contra os povos e as culturas que aqui viviam? Festejar o sabor da vitória dos que chegaram com armas de fogo, famintos de ouro, sobre os que habitavam esta terra, livres e sãos?

OLHANDO A REALIDADE DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

“Ao longo dos últimos cinco séculos, os povos indígenas perderam paulatinamente suas terras para as frentes de expansão colonizadora. A perda da terra, o contato com doenças até então desconhecidas, a escravidão e o envolvimento nas guerras de conquististas – malefícios embutidos no projeto de civilização e cristianização

desses povos – impuseram um sistema de opressão que levou a maioria dos povos ao extermínio.

É difícil precisar dados demográficos sobre os povos indígenas no período pré-colonial e colonial. Estima-se que, em 1500, existiam no território brasileiro cerca de 700 povos, compondo uma população de 5 a 10 milhões. Hoje, existem cerca de duas centenas de povos, perfazendo uma população de cerca de 300 mil pessoas.



VEJA ONDE A
IGREJA METODISTA ESTÁ
ATUANDO JUNTO AOS
NOSSOS IRMÃOS E
IRMÃS INDÍGENAS.



TEXTO PARA
MEDITAÇÃO

Marcos 7.24-30
A mulher siro-fenícia

137

O texto de Marcos 7.24-30 relata o acontecimento de uma mulher estrangeira. Por ser mulher e por ser estrangeira, ela era marginalizada. Sua religião, não conhecemos. Com certeza não era judia. Mas, ela creu em Jesus a partir de uma situação de sofrimento (sua filha estava enferma, possessa...).

Como o texto da mulher siro-fenícia pode nos ajudar a pensar a situação dos povos indígenas hoje? Qual foi a atitude de Jesus com relação a esta mulher? Qual deve ser nossa atitude com relação aos povos indígenas hoje, considerando sua situação de diferença (cultural, lingüística e econômica)? A Igreja Metodista desenvolve trabalhos indigenistas junto aos povos: Kaiowá (MS), Kanamari (RO), Krenak (MG), Tremembé (CE), Tupiniki/guarani (ES).

Você conhece o documento da Igreja Metodista: "Diretrizes pastorais para a ação missionária indigenista?" Vale a pena lê-lo.

Em 1787, João Wesley comentou com seu amigo Francis Asbury, através de uma carta, sua preocupação com os índios das Américas: para ele era "desconcertante que talvez não tivesse sobrevivido nem 1% desses índios e com a negligência evangelística entre os mesmos" (Reily, Duncan, Uma pequena história de contatos evangélicos).

À primeira vista, esses números indicam um processo de acentuado extermínio. Entretanto, no início da década de 1960, estima-se que a população indígena era composta apenas por cerca de 70 mil, e que, a partir de então, vários povos como os Guarani, Kaingang, Tikuna e outros iniciaram um processo de recuperação demográfica.

A recuperação demográfica demonstra que estes povos são parte do nosso presente e serão nossos parceiros no futuro. Para vários povos de contato mais antigo com a sociedade colonial, as últimas três décadas constituem importante período de recuperação demográfica e reafirmação étnica. Mas para outros tantos povos, significaram a continuidade do extermínio, pois foi nesse período que sentiram mais intensamente o impacto dos grandes projetos de desenvolvimento e das frentes de colonização do Centro Oeste e Norte do Brasil. A situação entre um povo indígena e outro, quanto ao direito de posse e uso da terra, varia consideravelmente. Na região norte do país,

há vários casos de grupos que lograram a demarcação de terras contínuas e em extensão suficiente para a sua reprodução física e cultural, conforme prevê a Constituição Brasileira. Nessa mesma região, muitos povos ainda não tiveram suas terras demarcadas e grande parte delas está sendo questionada na justiça ou foi invadida por posseiros, madeireiras ou mineradoras.

Nas regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul, a situação é ainda mais grave. Existem muitos povos que formam hoje legiões de "sem-terras", vivem confinados em pequenas áreas, insuficientes para a realização de suas práticas tradicionais".

Texto elaborado por Levi Marques Pereira, na Consulta 'Igreja Metodista e a questão da terra', realizado em Lins, 16-18 outubro/98. Levi é membro da Igreja Metodista e atualmente está em Campinas, SP, concluindo seu mestrado em Antropologia.

*Genilma Boehler
Pastoral da Universidade
Metodista de São Paulo*

A família está em crise?

A família também está em crise. Como todos os outros agrupamentos sociais, a família é afetada pelas tensões, problemas e situações adversas dos tempos modernos.

Faz um bom tempo que vivemos num mundo de mudanças. Os últimos cinquenta anos têm sido de transformações em todos os setores e níveis da vida. Houve grandes alterações, quebra de valores considerados imutáveis. Essas mudanças atingiram a vida das pessoas, das famílias e de toda a sociedade.

A crise – como já temos noção – significa que há vida na pessoa e na sociedade. Crise não é sinal de morte. Ela indica que algo está errado, trazendo perigo à pessoa, à família e à sociedade. Todavia, não é somente isso. Ao mesmo tempo

em que a crise indica perigo, ela também aponta oportunidades.

Quando vivemos a crise de forma adequada, conseguindo interpretar os seus componentes, enfrentando com sabedoria a sua realidade e usando os recursos da graça divina, ela torna-se uma oportunidade de transformação. Há crescimento, amadurecimento e aperfeiçoamento, resultantes da crise.

Assim acontece com a família nos dias de hoje. Há muitos fatores que produzem crise na vida e nos relacionamentos familiares. A família de hoje é bem diferenciada daquelas do passado. Os lugares e papéis das pessoas mudaram. As condições econômicas e sociais levaram a família a tomar novas formas.

O homem e a mulher passaram a ocupar lugares e papéis diferentes dos anteriores. A criança, o jovem, o ancião passam a ter necessidades reconhecidas e específicas, exigindo novas atitudes e comportamentos para com eles. Há grande influência dos meios de comunicação no lar e na vida. Devido às necessidades econômico-financeiras, o homem e a mulher têm dedicado maior tempo para o trabalho do que para a família. Os momentos de vivência e comunhão na vida familiar têm diminuído devido a esse e outros fatores. Há quebra de valores e princípios considerados sagrados. Alguns novos têm surgido, mas o pior é quando nada ocupa o lugar daquilo que nos foi tirado. O lar cristão é afetado também. Crise não significa dissolução da família, mas mudança, transformação.





A Palavra de Deus, a presença da graça de Cristo, a vivência da comunidade da fé nos auxiliam não só a perceber os sinais de crise, mas a avaliá-los e a superá-los, numa reformulação e readaptação da vida familiar. Os textos bíblicos orientam-nos tanto no que diz respeito à família como um todo, como também nos relacionamentos familiares.

A IGREJA E A FAMÍLIA

A Bíblia nos afirma que a família, com Jesus, amplia-se. Há uma família maior: “todos os que fazem a sua vontade”. A Igreja é vista como uma família de Deus, na qual todos/as são filhos/as de Deus, do mesmo Pai, e têm Jesus como o “irmão maior”. Não somente a Igreja é vista como família, mas toda a humanidade.

A Igreja Metodista afirma que a família “expressa as exigências fundamentais da criação divina” (Credo Social, cap. 5, n.º 6). A família é criação divina para a comunhão do seu povo e de toda a sociedade.

Consideramos o núcleo familiar parte do propósito divino para o ser humano e a sociedade. Reconhecemos que a família está sujeita a transformações. Temos que analisar e compreender essas transformações, para poder orientar e ajudar a família a se readaptar e cumprir suas funções nos dias de hoje.

Creemos que a família não está num processo de dissolução, mas sim, de transformação. Compreender e aceitar esse fato, à luz da Palavra de Deus, de sua revelação natural e his-

tórica e à luz da realidade humana pessoal e social são tarefas da Igreja.

Como Igreja, o que nos cabe não é retornar a um estilo de família tradicional, mas sim, analisar, dentro da realidade atual, a vivência familiar e ajudar a família em todos os seus relacionamentos, à luz dos valores e princípios do Reino de Deus.

EM CRISE, MAS NÃO EM EXTINÇÃO

Como cristãos, vemos a família como uma “criação divina”. Ela não está em extinção, mas em transformação. Temos fundamentos bíblicos e cristãos que nos orientam no sentido de reavaliar a vivência familiar e levá-la não somente a readaptar-se aos dias de hoje, mas a ser um elemento de grande importância e valor para a sociedade e a Igreja.

Os textos bíblicos nos falam da transformação do modelo familiar e de como Deus nos usa nesse processo. Não é apenas a mudança do modelo familiar, mas dos relacionamentos na vida das pessoas que vivem no lar. A graça divina, o perdão, o amor e a consideração do valor das pessoas e suas necessidades são fundamentais no aprimoramento dos relacionamentos no lar.

O apóstolo Paulo nos diz: “Não te-

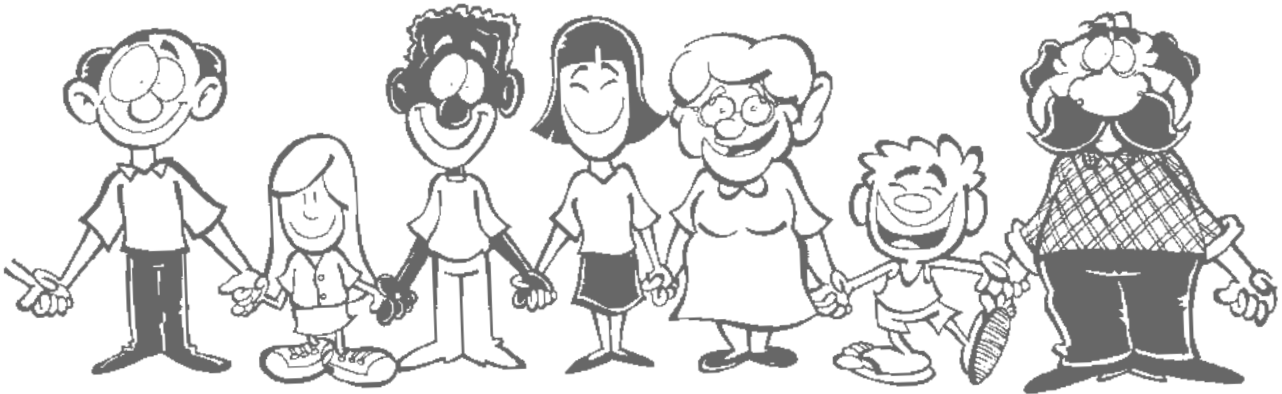
nha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2.4). Esses foram a atitude e o sentimento de Jesus. Esse princípio deve nos levar a valorizar e a enriquecer o relacionamento entre as pessoas que vivem num lar. Qualquer que seja o lar – pai, mãe, filhos, irmãos; mãe, filhos; pai, filhos; avós, tios, sobrinhos; irmãos e avós; lares bem diferenciados e não uniformes – ele é afetado pela palavra divina e enriquecido pela graça de Cristo. Gálatas 6.2 nos guia a “levar os fardos uns dos outros”. Todos cooperam em mutualidade, ajudando uns aos outros, a fim de que a família seja aperfeiçoada em seu relacionamento, transformação, mas não extinta.

Cumpre-nos reconhecer que a superação da crise atual da família implica também agir de forma criativa e dinâmica em tudo aquilo que tem afetado a vivência familiar.

A Igreja, visando à “unidade”, deve atuar tanto na família como na própria sociedade, sendo um instrumento de comunhão, reconciliação e amor, como também um veículo de transformação social, nos termos do Reino de Deus.

Texto extraído da revista ‘Viver em Família’, publicado para a Escola Dominical em 1994

Unidade Cristã



A unidade, a comunhão cristã só é possível quando Cristo está no centro. Quando Cristo não está no centro a discórdia reina entre as pessoas. São tantos pontos de vista, tantos valores, cada um querendo se impor sobre os demais... Sem a unidade que Cristo oferece, o máximo que o ser humano pode conseguir são as conciliações provisórias, tréguas precárias, consensos aparentes e escamoteadores. Sem Cristo reina a inimizade entre Deus e os homens e entre homens e homens. “Cristo é a nossa paz” diz a epístola (Ef 2,14). Sem Cristo não conheceríamos a Deus, não poderíamos invocá-lo nem vir a ele. Sem Cristo não re/conheceríamos no outro o irmão e nem poderíamos ir ter com ele. Sem Cristo o caminho continuaria bloqueado. Cristo desobstruiu o caminho de acesso a Deus e ao irmão e é por isso que devemos valorizar a comunhão.

O outro que vive ao meu lado é meu irmão por causa do que Jesus Cristo fez por nós dois. O ponto em comum que nos une é o ato redentor de Jesus Cristo. O outro se me tornou um

irmão na medida em que, como eu, também aceitou o sacrifício feito por Jesus. É Cristo quem toma as nossas mãos e as enlaça solenemente, declarando que somos irmãos e que fazemos parte da grande família de Deus, nosso Pai. Este ritual solene é realizado por Cristo, e a mim não me é dada nenhuma oportunidade de escolha. Não posso, em hipótese alguma, dizer se aceito ou não o outro como meu irmão. O sacrifício de Jesus Cristo alcançou este irmão da mesma forma que alcançou a mim. O irmão que vive ao meu lado na comunidade cristã é alguém que, como eu, também foi redimido, justificado, chamado à fé e à vida eterna por Cristo. A base da nossa comunhão não consiste no que somos como cristãos e nem na qualidade ou modelo de nossa vida espiritual.

A base da nossa fraternidade é determinada unicamente por aquilo que Cristo fez por nós dois. Cristo escolheu a mim e a ele. Nada posso argumentar contra essa escolha. Minha tarefa é amar e cuidar deste irmão, mesmo que, e principalmente por isso, ele venha a representar para

mim um grande fardo. Esta é a minha tarefa: amar e guardar o meu irmão. Quando o Senhor nos perguntar a respeito do paradeiro do nosso irmão, não poderemos responder como Caím, que disse: “Acaso sou eu guardador, responsável pelo meu irmão?” (Gn 4.9). Nossa resposta deve ser esta: “Amamos e guardamos nossos irmãos porque passamos da morte para a vida” (1 Jo 3.14).

A unidade acontece quando os caminhos que levam a Deus e ao irmão estão desobstruídos. É isso o que diz o poeta: “Procurei a Deus e não achei, procurei o meu irmão e nos encontramos a nós três.” Trata-se de um itinerário recheado de gratidão/reconhecimento. Reconheço que a unidade que estou ajudando a construir nasceu a partir de um determinado gesto de amor feito por Jesus Cristo. Reconheço essa iniciativa de amor e reconheço também que estarei sempre em dívida, e para saldá-la só me resta proclamar que eu e meu irmão devemos ser um em Cristo.

José Carlos Barbosa, 5ª RE

Festa das Semanas ou Pentecostes

(uma visão desde o Antigo Testamento)

DOS NOMES

No mais antigo calendário bíblico de festividades, a Festa das Semanas está relacionada com a segunda celebração (Êx 23, 14-17; 34.18-23). Na verdade, essa festa tem vários nomes:

Festa das Semanas, porque era comemorada durante um período de sete semanas, cujo começo se dava com a colheita da cevada e o término, com a do trigo.

Festa da Colheita ou Segá, porque estava ligada à colheita dos grãos, cevada e trigo.

Dia das Primícias ou Primeiros Frutos, porque fazia parte dessa festa a oferta voluntária dos primeiros frutos a Deus.

Contudo, o nome mais popular dessa festa veio a ser Pentecostes. Era uma festa originalmente agrícola. Portanto, todos seus rituais estavam ligados a motivos agrícolas. Primitivamente, toda a cerimônia era realizada no campo. Posteriormente, foi levada para os lugares de culto. A Bíblia não revela a ordem do culto, mas a cerimônia começava com a peregrinação do povo para o local da festa. Ao contrário da Páscoa, que era uma festa caseira, a Festa da Colheita constituía-se numa autêntica assembleia do povo de Deus.

PRINCIPAIS MOTIVOS DA FESTA

Diferentemente da cerimônia da Páscoa, a Festa da Colheita (das Semanas ou Pentecostes) não tinha o objetivo de lembrar a história passada, isto é, os grandes feitos de Deus em favor do povo, salvando-o do po-

der de Faraó. Primitivamente, essa função de lembrar e reafirmar que Deus libertou e continuava libertando seu povo ocorria durante a Páscoa. Entretanto, isso não quer dizer que a Festa das Colheitas era neutra, sem significado para a fé. Eis alguns dos motivos que ela possuía:

Aprendizado para a fraternidade – Lendo toda a legislação que regulava o ritual da Festa da Colheita, podemos concluir que a comunidade israelita só tinha a se fortalecer e crescer, como povo, ao participar dessa “santa convocação”. O regulamento da festa promovia a união entre os trabalhadores – israelitas, servos e estrangeiros.

Aprendizado para o compromisso – Como comunidade, o povo aprendia a ser responsável com o próximo, e não somente com os irmãos de sangue.

Aprendizado para o repartir – Primitivamente, o povo de Deus vivia sob regulamentos que não lhe causavam tristezas. O regulamento da Festa das Colheitas orientava o povo a oferecer o excedente de sua produção de cevada e de trigo ao Senhor e à comunidade. A pedagogia dessa lei possuía grande sabedoria, pois formava um povo dentro de princípios de igualdade social.

Aprendizado para a gratidão – Ao agradecer a Deus pelo dom da terra para plantar e morar, o povo descobria sua dependência dos favores divinos. É bom dizer que a terra, para o povo, significava a vida, o prazer e a emoção que emanavam da bondade de Deus. Por isso, a Bíblia instrui o povo para que não venda a terra, nem

abandone o seu Deus (Lv 25.23; Êx 20.3).

CONCLUINDO

O povo de Deus, quando agradecia pelos dons da terra e reforçava seu compromisso com aquele que lhe deu toda essa possibilidade de vida abundante, tinha em mente o ciclo da vida: semente, terra, água, sol, fruto e garantia da renovação da vida em forma de semente. Restavam aos crentes duas opções: trabalho e obediência.

Os grupos de agricultores partiam de diferentes partes do país, em longas caminhadas, para o local da festa, acompanhados por cânticos e sons de instrumentos de corda, sopro e percussão. Sob o domínio grego, o povo de Deus deixou de falar hebraico. A Festa da Colheita, então, recebeu o nome de Pentecostes, que quer dizer “cinquenta dias depois” da Páscoa. Daí, a preferência pelo uso desse nome no Novo Testamento.

A importância da celebração dessa festa para os cristãos se deve ao evento relatado no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2: a descida do Espírito Santo sobre os discípulos, o dom das línguas, o discurso do apóstolo Pedro e a formação da igreja cristã. Segundo o livro de Atos dos Apóstolos, esse evento, ocorrido na Festa do Pentecostes, marca o nascimento da Igreja.

*Tércio Machado Siqueira,
professor de Antigo Testamento
na Faculdade de Teologia*

A Terra, nossa casa

5 de Junho • Dia do Meio Ambiente

Sugestão de Atividades para serem desenvolvidas sobre o tema Meio Ambiente

1) Desenvolva trabalho em grupos usando recortes de jornais, revistas ou matérias abordadas em programas de TV sobre o mundo, as belezas naturais, as riquezas e o potencial da terra, enfatizando a responsabilidade do ser humano, como parceiro de Deus, na manutenção e desenvolvimento deste nosso universo.

2) Faça um mutirão de limpeza na propriedade da igreja ou vizinhança, com a participação dos alunos e de seus familiares, aproveitando a oportunidade para conscientizar a comunidade sobre a importância da coleta e da reciclagem do lixo.

3) Promova uma campanha de plantio de árvores ou plantas decorativas nas praças ou locais públicos de sua comunidade. Aproveite o tema para refletir com os alunos sobre as riquezas naturais do nosso país e sobre a importância de preservá-las, identificando com elas formas concretas de fazê-lo.

4) Confeccione, com os alunos, cestas para coleta de lixo para todas as salas da ED, usando material reciclável: latas, caixotes, etc.

5) Peça às crianças que tragam mudas de plantas e organize com elas um canteiro ou pequeno jardim nas dependências da igreja.

A ecologia é, tradicionalmente, compreendida como o estudo das relações dos seres vivos com o seu ambiente natural; mas ela trata também da destruição que o ser humano tem provocado na natureza. Este segundo aspecto está muito ligado à economia, que estuda a ação humana na produção e consumo de riquezas.

O desenvolvimento sustentável



tenta harmonizar o crescimento econômico com a preservação dos bens naturais. A Terra, que recebemos como dádiva de Deus, foi a casa dos nossos antepassados, é a nossa casa e será, certamente, dos nossos descendentes. Não pode ser tratada como propriedade, como posse egoísta, mas como lugar que nos foi entregue para dela cuidarmos e passarmos às próximas gerações. Se todo o mundo habitado, ou seja, o ecumene, decidisse ou pudesse adotar os padrões de consumo e desperdício dos países ricos e dos ricos de nosso país, a natureza seria rapidamente destruída.

Em Gênesis 2.15, nossos pais receberam a missão de “cultivar e guardar” esse jardim, missão esta extensiva a todos nós. Tal responsabilidade deve ser exercida com amor, para que nossos filhos recebam uma Terra com menos males. Romanos 8.19-23 revela que a criação está corrompida, mas “geme e suporta angústias até agora” aguardando a redenção, ou seja, a implantação plena do reino de Deus, tarefa que temos o privilégio de realizar como agentes e obreiros do Senhor Jesus Cristo, até que ele volte, quando fará “novas todas as coisas... novo céu e nova terra” (Apoca-

lipse 21.1-5).

Seres humanos e natureza são partes da criação de Deus, portanto semelhantes neste sentido. À sombra do cristianismo desenvolveram-se civilizações nas quais o homem tem usado a natureza como objeto de consumo, sem atribuir-lhe o valor que ela tem em si mesma. Na Amazônia, “uma página inédita e contemporânea do Gênesis”, o homem entrou como um “intruso impertinente”, como disse Euclides da Cunha. Através de projetos desastrosos, temos acompanhado a destruição da natureza, por exemplo, com a construção de barragens que provocam graves desastres ecológicos e destruição de nações indígenas inteiras, simplesmente para garantir a produção de alumínio e aço para os países ricos. Além dessas perdas, tais projetos formam parte substancial da dívida externa brasileira. Como sensibilizar o povo metodista no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa, enfim, no mundo habitado, para sair da omissão e cumprir sua responsabilidade como guardião da obra de Deus? Está lançado o desafio!

Saulo Baptista,
Igreja Metodista em Belém, PA

Humano sim, pelo caminho das aprendizagens

Este texto deve ser utilizado para estudo com professores e professoras de todas as classes de ED.

Saindo do útero materno, como que desembarcando no planeta Terra, a criança inicia seu processo de fazer-se um ser humano. Chega com estuando potencial genético biológico, mas não sabendo basicamente nada. Claro! Ela possui sistemas de vida que não controla: respiração, circulação sanguínea, digestão e tanto mais. Mas ela ainda não sabe andar, falar, ver com precisão, utilizar símbolos matemáticos, usar o dinheiro, localizar a China no globo terrestre. Como herança, veio com a capacidade de sugar (o seio materno que lhe oferece o precioso líquido ou o próprio dedo) e de agarrar com sua mão algum objeto que for depositado sobre ela. Quanto ao mais, tudo terá que ser aprendido, num encadeamento de estágios que se sucedem e se interpenetram.

No livro 'Construtivismo' (Editora Moderna, 1995), Jiron Matui lembra-nos o exemplo do Menino Selvagem de Aveyron (França, 1799), encontrado na floresta: com aparência rude, cabelos desgrenhados, fugindo desesperadamente e tentando subir numa árvore; não falava. Trazido ao convívio da civilização e estando sob a guarda e orientação de um médico, apresentava dificuldades de percepção, de noções de distância, profundidade, solidez.

Esse exemplo nos lembra que não nascemos acabadamente humanos, mas com potencialidades para nos

tornarmos, no social, seres humanos.

Os animais nascem portadores de mais capacidades, mas com os limites de sua existência enormemente definidos. Por exemplo: o João-de-Barro conseguirá construir sua graciosa morada sem ter ido a uma escola e aprendido lições de cálculos de engenharia. Porém, ele sempre será João-de-Barro. Não terá a oportunidade de aprender com o pica-pau novas habilidades e, assim, optar por mudar seu estilo de vida e residência.

A criança, que nasceu sabendo nada, terá opções, dentro dos limites de sua herança biológica e da alimentação que lhe for proporcionada, bem como dos espaços de influência cultural nos quais conviver. A criança aprenderá, decidirá a partir do que lhe foi proporcionado e das oportunidades que a organização social lhe conceder. Como participante de um grupo sócio-econômico, estará cercada de contingências limitadoras. Mas, com os potenciais que possui para realizar-se como ser humano, terá um universo à sua frente, tendo muito o que saber e aprender. Essa imensa dimensão de abertura formadora é o que ressaltamos agora.

Para que a criança se humanize, destaca-se a importância da família, das escolas, dos grupos sociais, das companhias com as quais convive, da comunidade em que reside, das leituras que pode fazer. No mundo atual, entra aqui também a relevância do que a criança vê na televisão, um poderoso meio de informação. E, no mundo atualíssimo, passou a ter grande relevância se essa criança vai

poder, desde o mais cedo possível, familiarizar-se com computadores, pois isso terá influência em sua criatividade, estudos, aprendizados, capacitação profissional, comunicação com pessoas e com o mundo.

Importa-nos aqui destacar o papel que a comunidade-igreja tem a exercer para que as crianças (e jovens, e adultos) possam se auto-construir como "gente", humanamente. Jesus Cristo declarou que veio para que tenhamos "vida, a vida em plenitude" (Jo 10.10). Cristo nos possibilita aprendizagens. Aprendemos pelos caminhos da fé e também mediante o uso da razão que elabora reflexões, examina tudo e retém o que é bom (1Ts 5.21).

Jesus nos proporciona aprendizagens que nos capacitam como pessoas que (af, sim!) irão espelhar a "imagem e semelhança de Deus" (Gn 1.27), um potencial que recebemos como preciosa herança do Criador. Potencial que precisa ser nutrido com aprendizagens ao longo de cada dia da vida. Aprendizagens que a Igreja tem, como missão, de patrocinar: "Indo... fazei discípulos de todas as nações... ensinando-os". Isto é, ofereci a todas as idades, culturas, talentos, capacidades, desejos, as muitas oportunidades de aprendizagens. "E estou convosco todos os dias" (Mt 28.18-20).

A comunidade-igreja, como pedagoga, possibilita uma diversidade de aprendizagens quando:

Proporciona conhecimentos (de história, doutrina, leitura e interpretação bíblicas).

Permite a expressão artística (cânticos, festas, poesias, uso de ins-

trumentos musicais, dramatização, pintura, fotografia).

Reúne pessoas em equipe e as faz trabalhar em grupo.

Oferece espaço para debates democráticos ao elaborar planos de trabalho.

Chama as pessoas para uma vida na Ética do Espírito Santo, produzindo seus frutos e exercendo seus dons.

Exercita a mentalidade jurídica e a busca de justiça por meio da elaboração e respeito às leis eclesiásticas.

Promove a solidariedade ao apoi-

ar causas beneficentes e socorrer pessoas em momentos de infortúnio.

Envolve-se com os clamores e movimentos sociais em suas lutas por vida melhor e com dignidade.

Aprendizagens não acontecem somente por meio de aulas, mas pelo testemunho de vidas e nas diversas realizações da comunidade.

Em cada época e local, as igrejas dedicam-se a suprir as maiores e mais urgentes necessidades de aprendizagens, da infância à terceira idade. Sem

dúvida, a Igreja é, pode, deve ser, excelente espaço de aprendizagens, colaborando na construção do, sempre e ainda, inacabado ser humano.

“Ainda não se manifestou o que haveremos de ser” (1Jo 3.2).

Helerson Bastos Rodrigues, 3ª RE

Relembrar, Refletir e Recriar

Dia da Escola Dominical

3º DOMINGO DE SETEMBRO

O jornalista inglês Robert Raikes, pensando nas crianças que viviam nas ruas de sua cidade, Gloucester, organizou, em 1780, escolas de civismo e de religião nas ruas, praças e em salas cedidas por seus amigos. Posteriormente, algumas salas de templos foram cedidas para esse fim.

Os maiores vultos da Igreja, dentre os quais, João Wesley, tiveram uma visão clara do futuro da Escola Dominical e o apoiaram. O próprio Wesley havia criado algumas escolas para as crianças pobres. Uma metodista, Anna Ball, fundou a primeira Escola Dominical metodista. Foi em 1769, onze anos antes de Robert Raikes.

Quatro anos após sua fundação, a Escola Dominical congregava 240 mil alunos e alunas em diversas cidades e 400 mil em 1811.

Francis Asbury foi o fundador da primeira Escola Dominical da América do Norte.

No Brasil, o rev. Justin Spaulding, enviado como primeiro missionário metodista para o Rio de Janeiro, em 1836, organizou a primeira Escola Dominical em nosso país.

A Escola Dominical é a instituição mais importante da Igreja Metodista para a educação cristã de seus membros. São mais de 1.150 escolas em todo o Brasil, com cerca de 80 mil alunos e alunas, 5.500 professores e professoras. As crianças, juvenis, jovens, adultos e adultas têm revistas com lições adequadas aos seus interesses e necessidades.

Numa Igreja de Dons e Ministérios, a Escola Dominical deve ser capacitadora de seus membros, para que eles possam ser “comunidade missionária a serviço do povo”.

A Igreja ministerial precisa buscar novas propostas para a Educação Cristã. Todos e todas devem participar das discussões sobre esse papel da Escola Dominical.

Sexualidade e Afetividade

A sexualidade, segundo a Organização Mundial de Saúde, é “uma energia que nos leva a procurar afeto, contato, prazer, ternura e intimidade. A sexualidade influencia nossos pensamentos, sentimentos, ações e interações e, como tal, influi na nossa saúde física e mental.”

A sexualidade é uma dimensão importante da pessoa e faz parte de nós, desde que nascemos até morreremos.

O comportamento sexual, ou seja, a forma como se exerce esta sexualidade varia de acordo com cada fase da vida: infância, adolescência, idade adulta e terceira idade.

Este comportamento tem uma base biológica, mas é aprendido ao longo do tempo, através das pessoas com os quais se convive (pais, professores, profissionais de saúde, etc...). Todos educam, seja de forma or-

ganizada, intencional (como nas escolas), seja de forma incidental, não intencional, como a exercida pelos pais, igrejas, meios de comunicação, etc.

A vivência da nossa sexualidade é influenciada por diversos fatores, entre os quais:

- a forma como as pessoas com as quais convivemos na infância encaram a sexualidade, se têm atitudes positivas frente a ela ou se a consideram algo sujo e pecaminoso.
- os relacionamentos com os pais e outras pessoas significativas, que nos tenham (ou não) ensinado a confiança básica, a afetividade e a expressão de sentimentos, necessários para nossa capacidade de confiar e estabelecer vínculos afetivos.

EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação é preocupação de diversos setores e favorece um conhecimento sobre a sexualidade humana, através de informações claras, objetivas e completas nas áreas biológica, psíquica e social, e também a aquisição de atitudes positivas e comportamento de responsabilidade. A educação sexual previne risco de gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis (a AIDS em especial) e os abusos sexuais.

Valores como compreensão, respeito, auto-estima (saber quando di-

zer sim e não), cuidado consigo e com o/a outro/a nos permitem desenvolver as habilidades para uma prática sexual saudável, segura e responsável.

O PAPEL DA IGREJA

A igreja tem condições favoráveis de criar, nos seus espaços pedagógicos (encontros societários, congressos, encontros com casais e famílias, Escola Dominical), oportunidade para que as pessoas expressem seus sentimentos, dúvidas e preocupações, refletindo e recebendo informações sobre as questões relativas à sexualidade.

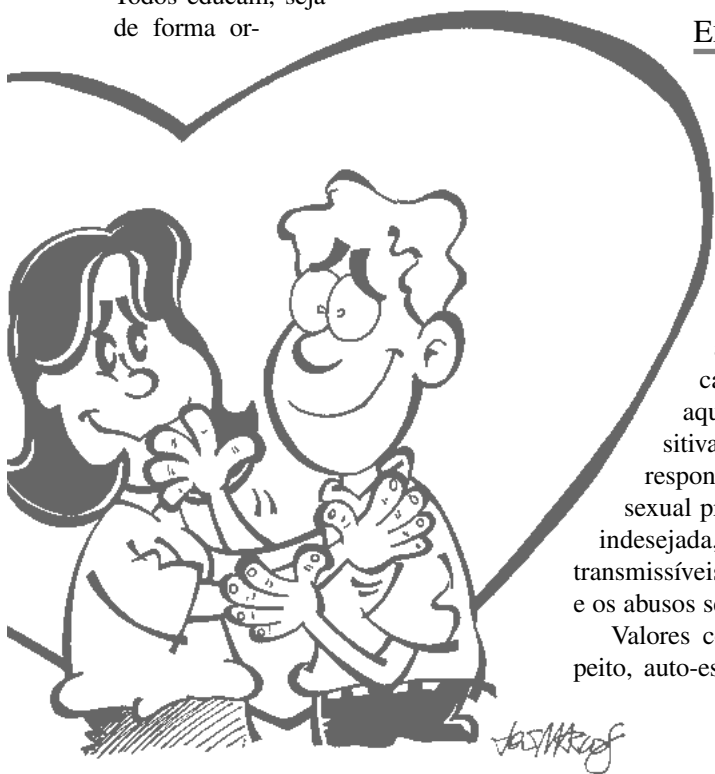
A Escola Dominical é o espaço ideal para se trabalhar atitudes de igualdade, respeito, comunicação, afetividade e amor, tão importantes nos relacionamentos entre as pessoas, especialmente os relacionamentos sexuais.

Portanto, é importante que os/as professores/as de Escola Dominical procurem se capacitar também nesta área, adquirindo conhecimentos básicos sobre a sexualidade, pelo menos das faixas etárias dos alunos de suas classes.

Para aprofundar este tema tão importante, planeje uma reunião de estudo para as/os professoras/es da Escola Dominical, usando, dentre outros, os recursos que a Igreja Metodista já produziu sobre o assunto, tais como:

- *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Sexualidade*
- *Afetividade e Sexualidade*
Almir Linhares

Márcia Rovena de Oliveira
Izabela Hendrix, 4ª RE



Dia da Pessoa Idosa

27 de setembro • Para estudo e reflexão

146

O envelhecimento é um processo natural e deve ser acolhido de braços abertos.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de um milhão de pessoas em todo o mundo estarão completando 60 anos de idade a partir de cada mês do ano 2000. Em comparação com 1980, o número de pessoas em todo o mundo com mais de 80 anos terá aumentado 54%.

Com base nestes dados, o diretor da Unidade de Envelhecimento da ONU, Alexander Sidorenko, adverte que a velhice é uma das principais questões sócio-econômicas a serem enfrentadas no próximo milênio e mesmo neste final de século. Estes dados referem-se, de modo particular, às mulheres, uma vez que 62% da população idosa mundial são do sexo feminino.

No Brasil, de acordo com dados citados pelo pesquisador Luís Ramos, no trabalho intitulado "A Explosão Demográfica da Terceira Idade no Brasil: Uma Questão de Saúde Pública", nos próximos 20 anos o Brasil terá se transformado no sexto país do mundo com mais idosos – cerca de 30 milhões de pessoas com idade acima de 60 anos. E o país não estaria preparado para atender esta faixa da população teoricamente mais sensível às doenças crônicas, diabetes e hipertensão. Também no Brasil, o número de mulheres na terceira idade é superior (62,7 %); de igual modo, os problemas no atendimento às questões de saúde da mulher serão intensificados e dramaticamente não solucionados.



Cada vez mais visíveis, as questões relativas à terceira idade colocam desafios políticos e teóricos, constituindo-se num dos mais significativos fatos sociais no Brasil. Sendo assim, é tarefa coletiva, também das igrejas, desenvolver mecanismos sociais que garantam um envelhecimento com dignidade e participação.

ENVELHECIMENTO: MITOS E POSSIBILIDADES

“Só os países desenvolvidos têm população idosa.”

Não é verdade! No caso do Brasil, o envelhecimento da população é crescente. A melhoria das condições de vida e os avanços da medicina vêm aumentando a expectativa de vida. É preciso garantir também a qualidade de vida e de oportunidades na velhice. Para viver num mundo que está envelhecendo, é preciso: reconhecer que as pessoas idosas consti-

tuem um recurso valioso, e combater o “velhismo”; possibilitar às pessoas idosas uma participação ativa nos processos sociais; proporcionar às pessoas idosas adequada atenção à saúde; promover a solidariedade entre as gerações.

“MULHERES E HOMENS ENVELHECEM DA MESMA MANEIRA.”

Não! As mulheres vivem mais que os homens (uma média de oito a dez anos). Sendo assim, as mulheres vivenciam a velhice e seus limites e alegrias de modo mais intenso. Como por toda a vida, as mulheres idosas sofrem também com a desvantagem social e as restrições patrimoniais e de pensão. Neste sentido, faz-se necessário: estimular os países e as sociedades a reformularem suas estruturas jurídicas para eliminar qualquer forma de discriminação entre homens

e mulheres; animar grupos de mulheres idosas para que formem grupos de defesa, solidariedade e partilha como também de vida comum e apoio no caso de viuvez e abandono; analisar e avaliar as situações considerando as relações sociais de gênero, buscando melhorar a qualidade de vida de mulheres e homens.

“AS PESSOAS IDOSAS SÃO FRÁGEIS”

Não! A população idosa vem envelhecendo cada vez mais com boas condições físicas; é capaz de desenvolver as tarefas do cotidiano e desempenhar papéis fundamentais na vida familiar e comunitária. Esta capacidade deve ser potencializada mantendo uma vida saudável e ativa na velhice, criando políticas e hábitos de saúde e vida por meio da: promoção dos benefícios de estilos de vida saudáveis; legislação sobre venda, consumo e propaganda de álcool, fumo e alimentos nocivos; garantia

de acesso aos serviços de saúde e reabilitação; adaptação do ambiente físico às deficiências existentes.

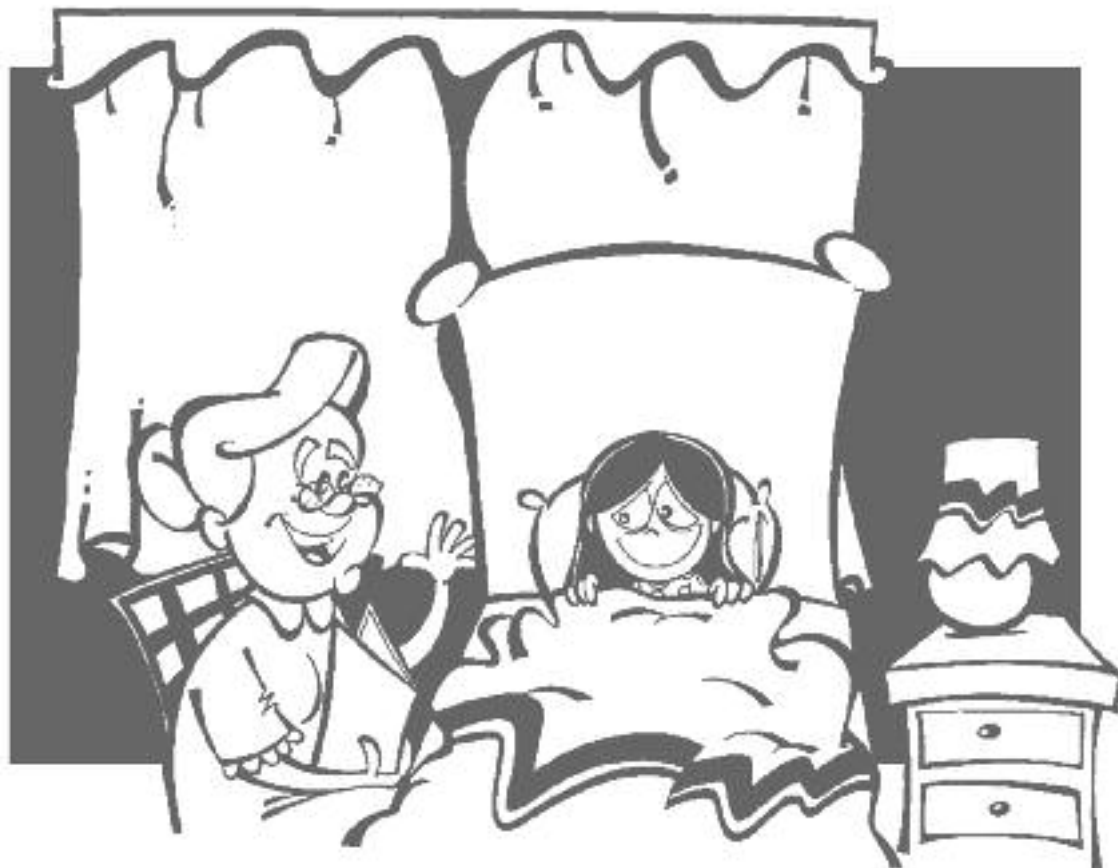
“AS PESSOAS IDOSAS JÁ DERAM SUA CONTRIBUIÇÃO”

Isto não é correto! O trabalho da gente na terceira idade é cada vez mais fundamental para as famílias, sociedades e economias. Mesmo realizando trabalho não remunerado – quase sempre no âmbito doméstico e comunitário, como as mulheres! – as pessoas idosas assumem e desenvolvem tarefas no setor informal. Cada vez mais os grupos sociais dependem destas atividades... ainda que não exista reconhecimento e valorização. É preciso: reconhecer os papéis das pessoas idosas no desenvolvimento de vida social; possibilitar a participação das pessoas idosas em atividades voluntárias; apoiar as contribuições das pessoas idosas no cuidado com crianças, doentes, outras pessoas idosas, natureza; promover oportunidades de aprendizagem por toda a vida; garan-

tir qualidade e condições das pessoas idosas que ainda estão no mercado formal ou informal de trabalho.

“AS PESSOAS IDOSAS SÃO UM PESO ECONÔMICO PARA AS GERAÇÕES MAIS NOVAS”

Certamente não! A maioria das pessoas idosas trabalhou e continua trabalhando, dando significativa contribuição para suas famílias e sociedades. Os sistemas de pensão e aposentadoria devem ser analisados como processo, reconhecendo o tempo que as gerações vêm tornando viáveis os recursos. Estes mecanismos devem ser protegidos, uma vez que representam um enfoque coletivo de repartição das riquezas produzidas. De modo especial, as pessoas idosas empobrecidas devem ter pleno acesso ao direito de pensão social. É preciso: investir em programas de aprendizagem por toda vida, garantindo a possibilidade de participação no mundo do trabalho; eliminar a discriminação por idade no lugar de trabalho; pro-





mover políticas de segurança da renda de pessoas idosas, garantindo esquemas públicos e privados confiáveis e intocáveis de aposentadoria; garantir acesso a uma atenção de saúde adequada para evitar a pobreza por problemas de saúde.

ENVELHECENDO A IGREJA COM DIGNIDADE

“Ensina-me a contar os meus dias e quando eu envelhecer saberei como viver.” (Salmo 90.12)

Então chega um dia em que a gente não se reconhece mais no espelho. Ou então nos chamam de vovó ou vovô. Ou passamos para o nível mais caro do seguro saúde. Ou a aposentadoria vem sem ser chamada. Como é que alguém sabe que entrou na terceira idade?

Para as mulheres poderia ser a menopausa. O corpo avisa que o relógio biológico entrou num outro momento. Alguns meses de adaptação e... clima-tério. Para os homens... como seria? O que muda? Quais os sinais?

As mudanças físicas e biológicas não são os únicos sinais. Os sentimentos, os afetos, a inteligência, a percepção, os instintos... tudo acompanha o processo de envelhecimento de modo proporcionado e harmonioso.

O que nos falta é a idéia do processo, a compreensão de que a vida é uma rota de passagem e que estamos sempre amadurecendo, passando, mudando... até o esgotamento das possibilidades físicas de acompanhar estes ritmos de mudança.

Somos assim porque somos imagem e semelhança de Deus. Deus também é “Eu sou o que está acontecendo”. Este é o nome que Deus revela para Moisés (Êxodo 3.12). Deus está sempre em nossas vidas, nos processos da história como presença sempre renovada, sempre desafiadora.

Desenvolver uma espiritualidade e um estilo de vida na terceira idade é tarefa individual e comunitária. Deve fazer parte do nosso aprendizado desde criança, passando pela juventude e a vida adulta. Estamos em processo, nosso corpo se transforma. Cada momento é precioso na presença de Deus.

As situações de limitação física, que podem marcar o envelhecimento de algumas pessoas, exigindo um atendimento médico, familiar e comunitário constante, devem ser compreendidas dentro de uma perspectiva ampliada que reconhece que muitos outros homens e mulheres, crianças e jovens têm essas limitações por toda a vida e fazem parte da comunidade. Mecanismos de apoio e de adequação

dos espaços físicos, das rotinas e procedimentos devem ser alterados para que se garanta a participação de todas as pessoas. A visão de conjunto das necessidades especiais ajuda a perceber que não há um modelo de corpo e de pessoa mas que há variedade de possibilidades e de necessidades em todos os momentos da vida.

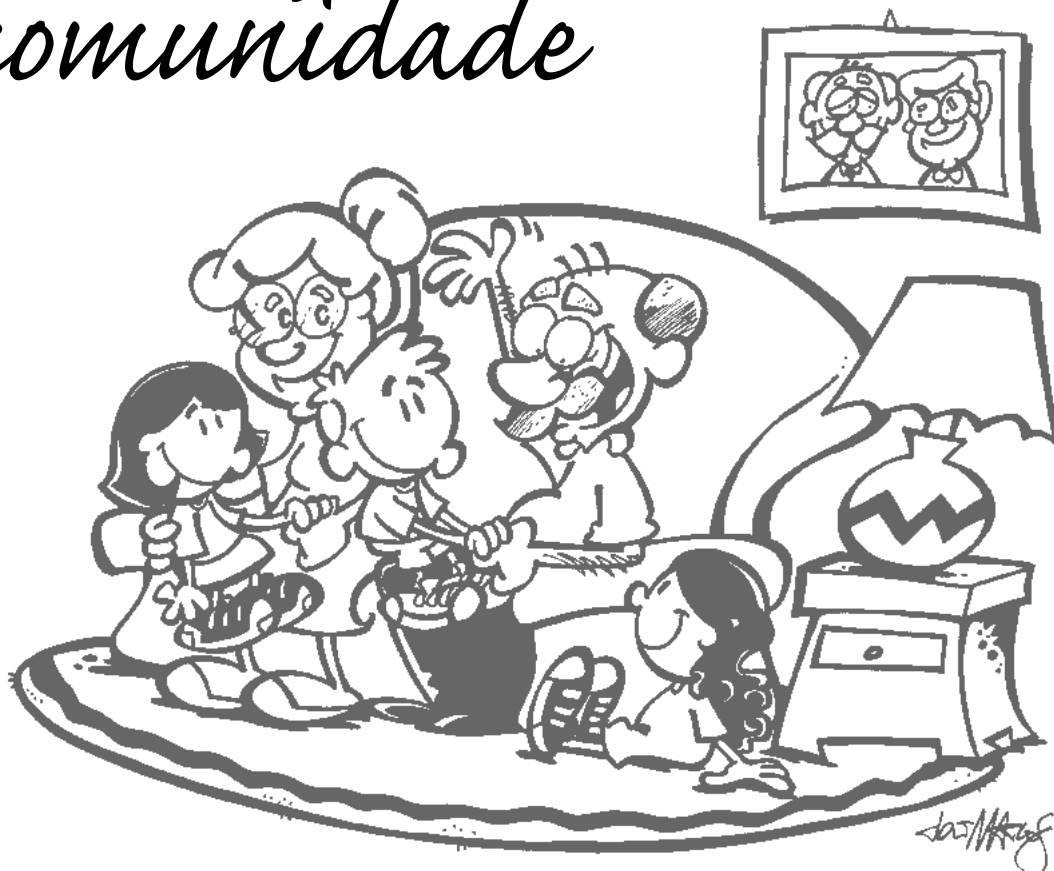
Aprender a planejar e a organizar a vida comunitária desta forma, significa aprender a ser uma comunidade onde caibam todos.

O QUE SUA IGREJA PODE FAZER?

Organizar um ministério de ação com pessoas da terceira idade; entrar em contato com outros grupos e entidades de sua cidade; participar da discussão na sociedade sobre os direitos das pessoas idosas; incluir atividades específicas no planejamento e nas atividades da igreja local/regional/nacional; cuidar para que todas as atividades contemplem a população idosa; garantir atividades com orçamento específico; adaptar os espaços físicos para as diversas necessidades das pessoas idosas e de outras; promover atividades entre as diferentes gerações; manter viva a memória da comunidade, fazendo sempre de novo o exercício de lembrar – fazer história como processo coletivo de todas as pessoas (não só das pessoas idosas!); criar uma vida de celebração e ação de graças pelos momentos de vida de quem envelhece, apoiando o desenvolvimento de uma espiritualidade que envelhece cheia da graça de Deus.

*Produzido pelas Coordenações
Nacionais de Administração,
Ação Docente, Ação Social
e Expansão Missionária*

O Idoso, a família e a comunidade



O ser humano diferencia-se dos animais ao buscar na companhia de outros não só a sobrevivência, segurança ou atendimento das necessidades básicas. Além desses aspectos que o levam à aproximação, há um mais constitutivo: a identidade que se constrói a partir do outro. A família, nesse sentido, assume um caráter ontológico e não apenas social, político, econômico, etc. O que define o ser humano é a coexistência. Estar com o outro não é uma opção isolada; o fundamento do ser humano é “ser-com-o-outro”.

Mais do que discutir os conceitos sobre a família, que se modificam ao longo da história da humanidade (família patriarcal, matriarcal, monogâmica, nuclear, extensa, burguesa, aristocrática, camponesa...), é fundamental vê-la sob esse prisma. A partir da compreensão de seu caráter ontológi-

co é possível questionar-se o discurso de que ela está acabando. A família faz parte da existência humana e, independentemente da forma de sua organização, não acabará. O que ocorre são transformações nas formas do relacionamento humano. Pode-se trazer como exemplo a mudança nas características da família nos modelos aristocrático e camponês. As famílias cuidavam das crianças de forma coletiva. Elas circulavam pelos espaços e tinham contato com toda a comunidade. Com o advento da burguesia, uma nova classe constituiu-se e, na busca pela diferenciação, surgiu o modelo nuclear de família que possui um caráter hegemônico em nossos dias. Nesse modelo, a casa passa a ser um lugar exclusivo. Há uma ênfase na privacidade e as crianças passam a ser confinadas nesse espaço isolado sob

os cuidados exclusivos da mãe. O que era compartilhado com o grupo (a formação da criança) e o contato com as pessoas mais velhas da comunidade passam a ser desvalorizados. Os desdobramentos dessa mudança é perceptível nos dias atuais onde vários pais não são simpáticos à idéia de deixarem seus filhos e filhas sob os cuidados dos avós. Uma análise mais profunda ilumina a compreensão de que essa atitude pode estar associada à falta de confiança no saber dos mais velhos. Sua sabedoria foi substituída pelos manuais e técnicos (psicólogo/a, pedagogo/a, médico/a...) Nessa configuração, os mais velhos perdem seu lugar e sua função social, que é a transmissão da memória do grupo.

No início do texto, apontamos para o aspecto ontológico da convivência humana que têm na família uma

de suas formas de expressão. O que dá sentido de pertença às crianças, que permite a aprendizagem do que são enquanto seres humanos, sua localização no tempo e na história, é a memória do grupo transmitida pelos mais velhos. Sou quem sou à medida que aprendo do outro o que existia antes de mim; com ele/a aprendo a utilização dos instrumentos disponíveis (utensílios), onde estou, quem sou, a linguagem e a comunicar-me. Por isso é que o garfo, o prato, a panela e outros objetos que transmitem algo familiar em nossa sociedade não possuem esse caráter em outras culturas. As tribos indígenas possuem objetos significativos, outra linguagem, outra história, outra relação com o tempo e o espaço.

A quebra desse elo de ligação que era garantido pela memória produz a fragmentação das relações. Hoje assistimos os sintomas desse rompimento na desvalorização dos mais velhos e, em contrapartida, o culto ao novo. É a necessidade de cada dia o mercado oferecer novas coisas para o consumo.

O idoso, que já possuiu um papel social em gerações passadas, é considerado hoje um peso em nossa sociedade. Os jovens e crianças não aprendem a respeitá-los. Os adultos não se sentem à vontade na sua presença pois, olhar para um idoso é ver o reflexo de si num futuro próximo.

Ao isolar o idoso do convívio com os mais jovens impedimos que os elos de ligação sejam tecidos. Não há quem possa trazer às crianças e jovens a história do grupo ao qual pertencem. Não havendo elementos que facilitem a localização dos mais jovens, cria-se um novo modo de viver centrado no presente. Esse modo de relação abre espaço para a onipotência. Entre outros aspectos, é possível reconhecê-la nas queixas que os adultos trazem da ausência de limites em crianças e adolescentes. Essa fala recorrente, muitas vezes interpretada como incapacidade pessoal de dar limites às crianças, tem suas raízes no modo de vida fragmentado que está cada vez maior em nosso cotidiano. A quebra dos vínculos de relaciona-

mento, a ilusão da juventude eterna, impedem que as gerações tenham um diálogo fecundo.

A velhice desvalorizada implica não só no isolamento do idoso, mas na transformação da relação familiar. Não havendo mais quem traga a lembrança de como o bairro era antes ou depois das construções atuais, ou quem conte a história do primeiro tijolo da igreja construída, perdemos a capacidade de aprender com os erros e acertos do passado.

O que possibilita a projeção para o futuro não é o presente. É a compreensão do passado que instrui os atos do presente e abre o futuro como possibilidade. Coloca-se, para o/a educador/a cristão/ã, um desafio: romper com a cultura dominante de desvalorização do idoso. É necessário que ele possa ter seu lugar assegurado em nossas igrejas. Retomar seu papel e função sociais. Não por um ato de bondade do adulto, mas por ser o caminho para que as crianças, jovens e adultos ressignifiquem suas vidas. É a possibilidade de quebrar a prisão do presente, construir a história e tecer elos de ligação mais solidários. A memória não pode ser função do adulto, pois ele encontra-se envolvido no mundo da ocupação (trabalhar, cuidar dos/as filhos/as, etc.). Não pode ser do jovem ou da criança, por esse momento do desenvolvimento humano ser caracterizado pelo preparo para o futuro. Só o idoso pode trazer a memória. Sua função e papel sociais estão na tarefa da lembrança. Através dela, iluminam o presente para que os atos sejam praticados responsabilmente. Cada ação não circunscreve-se apenas ao hoje, desdobra-se em movimentos infinitos atingindo várias gerações.

É fundamental que na reflexão sobre o tema da família retomemos a discussão do lugar do idoso em nossa sociedade.

Aqui foram colocadas algumas preocupações que não se esgotam nessas breves palavras. A proposta é provocar a reflexão a partir dessas indagações: onde estão os avós¹? Quem tem ouvido suas histórias? Elas são

valorizadas por quem as ouve? Qual a importância do idoso na família atual? Qual o lugar que eles ocupam na Igreja Metodista? Procurar respondê-las já é um bom começo.

OBSERVAÇÕES

1 – Sugestão de leitura: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. Cia. da Letras, 4ª ed., 1995.

2 – A título de informação: várias pesquisas estão sendo realizadas sobre a importância do convívio das crianças com os idosos como elemento para facilitar a saúde mental das duas gerações e diminuição da violência doméstica. No Uruguai foi realizada uma pesquisa por uma psiquiatra, com idosos depressivos e crianças com pais ausentes (conceito mais amplo do que abandono, ausência afetiva). Fizeram a integração dos idosos com as crianças, utilizando a biblioteca da cidade. Nesse local, as crianças ficavam sob os cuidados dos mais velhos que contavam histórias, falavam dos livros e da cidade, e liam os livros. Os resultados apontaram para uma melhora no quadro depressivo dos idosos e no relacionamento entre as crianças. Esse trabalho foi apresentado no Congresso de Ética e Cidadania – FLAPIA, São Paulo, maio/98.

3 – Sugestão de trabalho para os/as educadores/as: fazer um levantamento da memória da igreja local. Pode-se utilizar o recurso da entrevista com os idosos. Envolver as crianças e adolescentes nesse trabalho. Pode-se utilizar gravador, vídeo, fotografias, etc. É interessante montar, com o resultado, uma exposição aberta a todos os membros da igreja e comunidade externa. Todo trabalho de memória não envolve um grupo isolado mas atinge todo um bairro, cidade, etc.

¹ Os termos “avô” e “avó” são entendidos, aqui, de forma mais ampla. Não se restringem aos avós biológicos, mas a todo idoso que esteja aberto ao contato com crianças e adolescentes.

*Dagmar Silva Pinto de Castro
Rudge Ramos, 3ª RE*

Dia da criança

12 de outubro

Dia 12 de outubro é o Dia da Criança. Para celebrá-lo, é preciso pensar em atividades e programas especiais para realizar com nossas crianças durante essa semana. Que tal fazer passeios, piqueniques, reuniões sociais, gincanas, teatro de fantoches, ida a cinema, projeção de filmes na igreja, jantar especial para as crianças? Seria bom, também, planejar com o pastor ou pastora, uma Festa do Amor ou Santa Ceia para as crianças.

UMA IGREJA QUE SE PREOCUPA COM AS CRIANÇAS

Uma igreja que se preocupa com as crianças é uma igreja que se importa com o seu presente e que se preocupa com o seu futuro. As crianças são o futuro da Igreja, sim; mas também são o presente da Igreja. Elas adornam, animam e são parte viva do Corpo de Cristo. O louvor da boca dos pequeninos é maravilhoso! Os testemunhos muitas vezes trazem o pai, a mãe e, não raramente, toda a família para Jesus e para a Comunidade do Povo de Deus!

O que ensinamos hoje às nossas crianças — com nossas palavras e, sobretudo, com nossa conduta e testemunho — vai marcar que tipo de pessoas, cristãos e igrejas elas serão. O futuro se constrói agora. E, pelo nosso trabalho e cuidado com nossas crianças, podemos ter uma idéia do tipo de igreja que somos e do tipo que seremos amanhã.

Por isso, é muito importante que nossa Igreja cuide ainda mais de nos-

sas crianças. Cuidar, amando; cuidar, acolhendo; cuidar, educando; cuidar, disciplinando e corrigindo; cuidar, estimulando e apoiando. Ser as mãos de Deus que orientam o crescimento delas, em estatura, sabedoria e graça divinas.

Não só as pertencentes à comunidade da fé, mas a todas as crianças a quem tivermos acesso e às quais, em nome e no poder de Deus, pudermos fazer o bem. Quem sabe começando pelas crianças que vivem na comunidade em que a nossa Igreja está localizado, inserida (ruas próximas, bairro, região, cidade). Precisamos abrir o templo e todas as nossas dependências para prestar serviços à comunidade em nossa volta, a todas as crianças. Esses desafios devem ser do/a pastor/a e da liderança, mas devem, sobretudo, ser desafios de toda a Igreja de Jesus. De cada grupo societário, de cada ministério, de cada pessoa. Ninguém pode afirmar que esse problema não afeta sua área de ação ou que não lhe diz respeito. Todos devem se envolver!

Agindo em favor das crianças e também de sua família, estaremos realmente trabalhando em favor da extensão do Reino de Deus. Assumindo a causa das crianças, estaremos trabalhando em favor de um mundo melhor, em favor da própria Igreja. Estaremos, enfim, assumindo e trabalhando em prol do Reino de Deus, a causa de Cristo.

Ronan Boechat de Amorim, 1ª RE

Dia do Professor/a

É com intensa alegria e fraterna compreensão que celebramos a passagem do dia do/a professor/a. Entendemos que essa tarefa, além de singular, torna-se cada vez mais imprescindível para o processo de formação integral da pessoa. Entretanto, ela se reveste de singelo significado quando desenvolvida no contexto da Escola Dominical, visto que, cada dia que passa o desafio de comunicar a fé exige de nós contínua capacitação no que concerne ao conhecimento do ser humano em suas múltiplas facetas, bem como, a preservação da verdade evangélica num mundo em constante fragmentação dos valores.

Para nós, professores/as da Escola Dominical, o desempenho deste ministério deve sempre passar pelo viés da graça libertadora de Cristo. Isso deve nos levar a uma compreensão de que, antes de tudo, lidamos com a vida e, esta, perpassada pela experiência com o sagrado; mistério impenetrável que nos envolve, desafia, amedronta, mas, sobretudo, é a fonte inefável do nosso amor e esperança. Não podemos jamais prescindir desta dimensão do ato educativo. É por esse motivo que compreendemos que o dia

do/a professor/a deve ser vivenciado em um clima de celebração e solidariedade. É celebrando que atualizamos a memória de Cristo, de nossa herança histórica e, acima de tudo, reafirmamos a presença de Deus na vida humana. Por outro lado, reconhecemos a fragilidade do trabalho que cada um/a de nós desempenha, sob a precariedade do conhecimento que possuímos. Portanto, somos solidários, procurando contribuir com nossas experiências para o aperfeiçoamento da prática docente na vida da igreja.

Reconhecemos as dificuldades que enfrentamos no cotidiano das comunidades locais, mas, as dificuldades não podem sufocar a paixão vocacional que nos impulsiona à Missão. Portanto, celebremos esse dia do/a professor/a na certeza de que, na precariedade de nosso trabalho, estamos contribuindo de maneira efetiva para o desenvolvimento de uma espiritualidade sadia e para o reconhecimento e respeito à dignidade da vida.

Willian de Melo – 3ª Região

Eleições municipais, e daí?



Essa é uma boa pergunta. Estamos num ano em que teremos eleições em todos os municípios do Brasil e todos/as nós, de alguma maneira, estamos envolvidos nisso.

Tem gente que pensa que nós, como cristãos e cristãs, não devemos nos envolver. Essas pessoas repetem o velho chavão: religião e política não se misturam. Acontece que elas mesmas, ao menos pela obrigação de nosso sistema eleitoral, acabam votando. E muitas vezes, por não terem refletido seriamente sobre essa questão, acabam votando errado.

Votando errado? É, tem muitas formas de votar errado. Uma delas é votar em branco. É uma forma de tentar escapar da eleição. Acontece que votar em branco é mais ou menos parecido com assinar um cheque em branco e passar adiante. É um poder que se passa a quem tem mais votos, seja um bom sujeito ou não. Isso porque, ao votarmos em branco, estamos, de fato, desistindo de escolher. Além disso, o voto em branco pode favorecer a corrupção eleitoral, pois quem tem mais poder pode se aproveitar desses votos e passá-los para o seu nome. Talvez hoje isso seja mais difícil por causa da urna eletrônica, mas a gente nunca sabe...

Outra forma de votar mal é votar em quem a gente conhece, seja para “dar uma mãozinha” para o/a ami-

go/a, seja para “garantir favores no futuro”. Por que isso se caracteriza como um “mau voto”? Porque esta é uma forma camuflada de corrupção eleitoral. A eleição não deve ser para resolver problemas individuais deste ou daquele, e nem de nós mesmos, mas para contribuir para o bem de toda a sociedade, através de leis e administrações sérias.

Ainda outra forma de votar mal, e esta é muito séria e difícil, é votar na pessoa sem nos importarmos com o partido a que ela esteja filiada. Essa é uma forma que muita gente tem de querer “proteger” o seu voto, dando-lhe uma certa garantia. Acontece que os políticos sérios são os que estão identificados com seus partidos e que representam projetos de como a sociedade deve ser. Há muita gente boa que defende projetos equivocados, que só fazem as coisas permanecerem como estão ou piorarem. Por isso temos de escolher um partido, ou seja, uma visão de como a sociedade deve ser, e depois escolher, dentro desse partido, um candidato que tenha demonstrado, em sua prática de vida ou de político, seriedade e competência.

E aqueles/as políticos/as que só estão no partido para se eleger mas não defendem suas idéias, não são sérios. Portanto, não devemos votar neles!

É por isso tudo que nós, cristãos e cristãs, temos, sim, de dar impor-

tância às eleições municipais. Temos de desenvolver a nossa cidadania de forma responsável.

Ah! Mas as eleições são só municipais. Isso não muda nada! Importantes são as eleições pra governo estadual ou federal!... Puro engano! As eleições municipais são importantes, sim, porque um país pode começar a mudar se mudarem seus municípios. Ulisses Guimarães já dizia: "Ninguém vive no Estado ou na Nação. Todos nós vivemos em um Município!" Além disso, quem entende um pouco de política sabe que essas eleições municipais do ano 2000 são o lançamento dos alicerces das eleições para governadores e presidente de 2002. Os partidos que crescerem em 2000 estarão muito mais fortes em 2002!

Por fim, alguém ainda pode estar se perguntando: Mas será que é mesmo preciso mudar? E aí eu gostaria de deixar uma pergunta: Será que é preciso mudar um país em que o 1% mais rico da população acumula 13,8% da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres ficam com 13,5% da renda nacional?

É. Nós, cristãos/cristãs, somos mesmos chamados a exercer a nossa cidadania. E com consciência. Lembremos do que disse Jesus: "Se estes se calarem, as pedras clamarão".

Luiz Eduardo Prates da Silva, 2ª RE



Racismo

“Deus criou todos os seres humanos à sua imagem e semelhança.”
(Gênesis 1.26)

Mesmo tendo sido criados à imagem e semelhança de Deus, carregamos características que são heranças étnicas e raciais. Temos olhos, lábios, pele, cabelos que são características próprias e que nos tornam únicos. Ao mesmo tempo, fazemos parte de um grupo que também reflete esta imagem e semelhança de Deus.

Quando pensamos no conceito que fazemos uns dos outros, temos de pensar, também, nos preconceitos que nos cercam. Desde que o mundo é mundo existem grupos que dominam e grupos dominados e o conceito que temos sobre o próximo reflete

muito nossas ações uns para com os outros. Sabemos que o povo brasileiro vem basicamente – mas não somente – de uma herança étnica racial formada por três grupos e a expressão miscigenação está muito presente no nosso cotidiano.

Somos um país mestiço, com um povo composto de vários grupos. Daí a nossa tolerância ou não à idéia de vivermos em uma “democracia racial” na qual, através da miscigenação, somos todos iguais. Mas quando olhamos ao nosso redor, vemos que o conceito de igualdade pregado pela sociedade é bem diferente do nosso conceito de quem somos e de quem somos permitidos ser. É na adolescência que mais precisamos sentir que somos parte de um corpo que

age, pensa, comunica-se de maneira semelhante; e estas experiências também nos deixam vulneráveis a tudo o que nos rodeia, como conceitos e preconceitos básicos.

Quando vemos na Bíblia, em Gálatas 3.2, que “somos todos um em Cristo Jesus,” não podemos facilmente entender o motivo de sermos alvo de tantas limitações, sejam elas pela cor da pele, pelas características físicas, pelo sexo, pelo lugar de origem. A Bíblia não nos ensina a tratar e nem nos deixar tratar de forma diferenciada somente por características externas que nada mais são do que maneiras de identificar o lugar de onde viemos e nossa herança étnica e racial.

A percepção racial que temos de nós está diretamente relacionada às

informações que temos sobre a nossa herança étnica e racial. Podemos nos orgulhar por termos sido criados à imagem e semelhança de Deus. E essa imagem e semelhança assume tons e formas que fazem com que a nossa diversidade seja um ponto de força e não de fraqueza.

Quando pesquisamos a Bíblia, percebemos que ela não é composta por pessoas de uma só nacionalidade ou grupo étnico. Pelo contrário, Jesus em sua caminhada sempre nos ensinou a somar com o próximo, e não diminuir, para formar um só grupo. Na parábola do bom samaritano vemos pessoas diferentes que, apesar de sua diversidade, não deixaram de se dar a chance de viver o principal dos mandamentos bíblicos: o “amar ao próximo”.

O amor ensinado por Jesus não

impõe condições raciais ou étnicas. Ele respeita as diferenças.

A existência de disparidades étnicas nos faz pensar na necessidade de, como Igreja, desenvolvermos ações de combate à discriminação étnica e racial no mercado de trabalho, nas escolas, na vida cotidiana, etc. Ser comunidade missionária a serviço do povo nos faz abrir espaços para aqueles que não vêem a palavra oportunidade como parte do seu viver. Mas como podemos fazer isto?

1. Conhecendo os homens e mulheres da Bíblia e quais deles e delas pertencem a grupos étnicos.
2. Pesquisando a origem étnica e racial de sua comunidade e promovendo momentos de diálogo sobre a herança cultural de cada grupo.
3. Criando um espaço, inclusive na

sua sala de escola dominical, para exposição de fotos, desenhos, gravuras de representantes de vários grupos étnicos e faixas etárias diferentes. Muitas vezes, por não incluirmos a diversidade em nossos murais e painéis, também criamos conceitos negativos.

4. Prestando atenção para não usarmos exemplos com termos pejorativos que criem uma sensação desagradável ao grupo.
5. Estando atentos à exclusão social que muitas vezes é usada como veículo de diferenciação.

Através destas e outras ações estamos vivendo cada dia mais próximos da aceitação da pluralidade cultural de nossa sociedade e sendo comunidade missionária a serviço do povo.

Keila da Silva Guimarães, 1ª Região





O sagrado se fez gente

Não, moço. Não foi uma noite tão feliz. Fazia frio. O vento cortante feria os lábios, ressecava os ossos. Os que vieram recensear-se abrigavam-se como podiam. Não era tanto por maldade que os moradores do lugar não ofereciam hospedagem. É que eles mesmos viviam tão modestamente que era com dificuldade que tampavam as frestas e aninhavam-se em seus casebres. Ademais, era muita gente de uma vez na provinciana e pacata Beth-Lehem.

Eu estava ao relento, sob as estrelas de um céu gelado-escuro, como de costume. Não, não. Não é que eu seja uma criatura soturna, boêmia ou romântica. Sou só um pastor. Isto é, sou sem-teto, sem-terra, sem-educação, sem eira nem beira. Cuido das ovelhas, só isso – esses animais frágeis e melancólicos, quase tanto quanto eu.

A noite era como muitas outras – porque, na verdade, tudo é igual, a gente é que é sempre diferente. Havia estrelas, havia vaga-lumes, havia sons ao longe: mugidos, latidos, choro de criança...

Na mesmice do balanço das árvores, aconteceu alguma coisa diferente aos meus olhos. De repente, as estrelas de sempre pareciam brilhar mais que o normal. Meus ouvidos sintonizaram um choro de recém-nascido. As folhas das árvores pareciam música angelical. Os pirilampos pareciam brilhar gloriosamente. Continuei a caminho do aprisco. As ovelhas, sem perguntarem nada, me seguiam tranquilas e pacientes. O choro de criança ficava mais forte e pude ver de onde vinha.

Uma destas famílias sem nada havia ocupado uma das grutas onde os animais se abrigavam e ali disputava aconchego junto a bois e ovelhas. O pai tinha o rosto sulcado pelo suor, franzido pelo trabalho rude. A mãe parecia mais a irmã do recém-nascido, tão juvenzinha. No rosto, a perplexidade de quem contempla o maior dos mistérios: a vida. Nos lábios, o sorriso tímido. Nos olhos marejados, as gotas salgadas que transbordavam daquelas janelas da alma.

Entrei devagar, quase solene. Tudo era tão igual, mas ao mesmo tem-

po tão radicalmente diferente. Era como se eu não fosse eu. Meus olhos viam o que jamais haviam visto. Meus ouvidos se encantavam com sons tão corriqueiros, como se os ouvisse pela primeira vez.

Ajoelhei-me, porque me dei conta de que estava diante do mistério da vida. Chorei, porque tudo era tão singelamente fantástico. Orei, porque, naquele momento, percebi que estava face a face com o sagrado que habita o cotidiano.

Não. Não foi uma noite tão feliz. Continuava frio. O cheiro de esterco ainda era forte. A palha pinicava o recém-nascido. As roupas da mãe estavam sujas de sangue. Eles, como eu, continuavam sem teto, sem agasalho, sem nada. Choravam sorrindo. Sorriam chorando. Tudo era exatamente igual. A única coisa que já não era igual éramos eu e eles. Porque nossos olhos viam não uma noite feliz no céu, mas o amanhecer de um novo dia de paz na terra.

O Futuro Chegou!



“Ensina-nos a contar os nossos dias para que alcancemos corações sábios.” (Salmo 90.12)

“Não vos conformeis com este século.” (Romanos 12.2)

Todos esperávamos, ansiosos, a passagem para o ano 2000. O ano passou e nós é que ficamos meio passados. Nossa esperança de ver a chegada do futuro ficou no passado. O ano 2000 é como os outros. E o jeito é continuar fazendo “tudo sempre igual”: levantar às seis horas da manhã, sorrir um sorriso pontual, beijar com a boca de hortelã... e sair para o passatempo predileto: trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Agora, a expectativa é quanto à chegada do Terceiro Milênio. Será que desta vez o futuro vai chegar?

Desde menino eu me divirto assistindo à série de desenho animado *Os Jetsons*, cuja ambientação é toda futurista, tecnológica e intergaláctica. O curioso é que o enredo e as personagens têm funções e posturas muito parecidas com as de um outro desenho animado, só que ambientado num contexto histórico completamente oposto: *Os Flintstones*.

Tanto os *Jetsons* quanto os *Flintstones* vivem suas aventuras tendo de enfrentar constantemente os seus che-

fes avarentos e sonhando com promoções profissionais e aumentos salariais. Tanto Jorge quanto Fred vivem o drama de não poder realizar os sonhos de consumo de seus familiares, e por isso acabam se metendo em muitas enrascadas na tentativa desesperada de alcançar o objeto do desejo que, num episódio, pode ser a construção de uma piscina, em outro, a aquisição de um novo eletrodoméstico, e em mais outro, uma roupa ou jóia cara, e assim por diante.

Não obstante o contraste entre o cenário pré-histórico e o futurista, tanto a idade da pedra quanto a era inter-

galáctica parecem ter diferenças apenas cosméticas. Na essência, o mundo do futuro não é diferente do mundo do passado.

A ficção profetizada pelos produtores dos *Jetsons* (*Hannah & Barbera*), assim como a de *George Orwell*, no livro 1984, e de tantos outros retratados em páginas impressas ou em rolos cinematográficos, não se cumpriu. O futuro não é como em *2001, Uma Odisséia no Espaço*. Pois nossa odisséia continua sendo aqui na terra – principalmente porque alguns têm muita terra, enquanto muitos não têm terra alguma.

De fato há mais botões, controles remotos e telas digitais do que há alguns anos, mas o futuro não é tão robótico quanto se esperava. E podemos dizer que não é nem tão cruel, devastador e desumano como em *Mad Max*, mas também não é nada ingênuo e pacífico como nos *Jetsons*.

O futuro é mais ou menos assim: febens e carandirus fervendo como panela de pressão; fumaças cinzentas sobre ruidosos veículos engarrafados; computadores amarrados a uma rede mundial; religiões sem Deus, mas farras de diabos, duendes e milagreiros; prósperos pregadores virtuais que crêem em tudo menos no juízo de Deus; políticos que conquistam seus redutos eleitorais com ameaças, moto-serras e cocaína; morros loteados por policiais

e traficantes; trombadinhas nos sinaleiros; trombadões nas repartições públicas e agências federais; filas intermináveis nos hospitais, nos caixas dos bancos, nas bilheterias dos estádios, nos relógio de ponto e nas agências de (des)empregos; muita cor e ação em *Hollywood*; muitos livros nas estantes e vitrines; muito luxo e obesidade nos *shopping centers*; muito lixo e barriga roncando nas favelas; muita tecnologia e TV globo pra tantos analfabetos sobre o globo; muita riqueza virtual pra tanta miséria real; muita ciência, satélites, aeronaves, transmissores, receptores, interceptadores, luzes, painéis, reatores, turbinas... e a bilionésima criança sobre o planeta, pobre e humilde, de pele morena igualzinha ao Menino Jesus.

É! O futuro chegou!

A te(cn)ologia dos cristãos – homens e mulheres que, como Cristo, não se conformam com o presente século (Romanos 12.2) – é o reino de Deus. Nosso passado é Deus: pois no princípio era o caos e Deus, que estava lá, criou o cosmos (Gênesis 1); e nosso futuro também é Deus: porque quando este céu e esta terra já não existirem, ele será tudo em todos (Apocalipse 21). Mas, talvez o mais importante para nós, agora, é termos consciência de que nosso presente é Deus: “pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17.28). Mais

importante do que saber que Deus é o Senhor do passado e do futuro é perceber que ele é Senhor do presente.

A tecnologia pode estar a serviço do Evangelho: os microfones, os instrumentos musicais, os projetores digitais, a rede mundial de computadores, o satélite, o hipertexto. Mas não podemos nos esquecer de que tudo isso não é muito mais do que cosmética e de que a essência do mundo e da humanidade na era espacial não é, nem será, muito diferente das eras pré-históricas. Nem a concretude da pedra nem a virtualidade digital dão conta de nos tornar mais humanos ou melhores cristãos. Para isso é preciso o toque mágico da graça, vento que vem do futuro, no encontro místico do dedo de Deus com o dedo humano, num gesto que acione os propulsores da fé rumo ao planeta de Deus, que é também o planeta da gente.

Enfim, o futuro coloca sob nossos dedos os botões que são capazes de destruí-lo ou salvá-lo (e esta é uma expressão que se tornou bastante popular com a informática). O maior presente que o terceiro milênio pode nos dar é a consciência de que Deus está presente no presente!

Feliz Novo Milênio!

Luiz Carlos Ramos, 5ª RE